
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
L.A. McGINNIS
IRON
QUEEN
DARKFELL VAMPIRE CLAN: 4

IRON QUEEN

By LA MCGINNIS

DARKFELL VAMPIRE CLAN

BOOK 04 - FINAL

O Clan Darkfell Vampire é governado por uma rainha.

Ela tem que ser forte. Cruel.

Disposta a fazer qualquer coisa para manter sua coroa e sobreviver ao labirinto traiçoeiro da corte real.

Hoje, essa rainha sou eu.
Amanhã...
Quem sabe?

Quando matei Viktor e assumi o trono, pensei em livrar nossa espécie de sua pior ameaça. Mas a piada é minha, porque há um novo inimigo à solta. Ele é mais forte do que qualquer um de nós - sedutor e astuto - e está de olho em mim.

Caím é o pior de nossa espécie e ameaça tudo o que amo, mas terá uma surpresa, porque pretendo ser a última a sobreviver.

PARCERIA





Esta tradução foi feita por fãs e para fãs.

Nós realizamos esta atividade sem fins lucrativos e tem como objetivo incentivar a leitura de autores cujas obras não são traduzidas para o PORTUGUÊS.

O material a seguir não pertence a nenhuma editora NO BRASIL e por ser feito por diversão e amor à literatura, pode conter erros.

NÃO COMPARTILHEM NO INSTAGRAM E TWITTER

Se você tiver a possibilidade, comprem seus livros, QUANDO CHEGAREM EM NOSSO PAÍS.

Esperamos QUE ESTE TRABALHO AGRADE A TODAS. SE NÃO GOSTAREM VENHAM AJUDAR que faremos melhor dá próxima vez.

01
SERAPHINA

— Minha rainha. Que magnânimo de sua parte tirar um tempo de sua agenda lotada e me ver esta noite. A zombaria suave de Caím ecoou pelo corredor aberto enquanto ele deslizava em minha direção como uma divindade de outro mundo. O que ele era.

O pai da nossa raça era lindo de morrer. Letal também.

Mas hoje, alguém deve ter mijado em seu cereal. Seu rosto esculpido não era nada além de planos duros, seus olhos negros como a noite estavam apertados. Mesmo daqui, eu senti o cheiro da raiva descontrolada saindo dele, poder que excedia o de todos na sala.

Inclusive o meu.

Caím fazia questão de jogar seu peso de vez em quando, mas hoje, eu não conseguia lidar com seu drama. Eu estava sentado neste trono desconfortável como o inferno por nove horas e não tinha energia para passar por mais besteiras com ele. Pior, eu tinha o medo sempre presente de que ele usaria nosso encontro como uma oportunidade para empurrar sua verdadeira agenda – o que estava me tornando sua rainha.

Então não está acontecendo.

— Fiz um favor ao encaixar você no Seraphina no fim de um dia atarefado.

Leia: Depois de escurecer, já que ele não tolerava a luz do sol.

—Você está ocupando um tempo valioso. — Era verdade, eu deveria ter terminado o dia. Só porque Caím era o vampiro mais poderoso do mundo não significava que eu o atenderia.

Muito.

Mas falando sério, seus problemas não eram mais importantes do que os de qualquer outra pessoa. Algo que ele se recusou a aprender, apesar das inúmeras oportunidades.

Eu o medi, notando as pequenas mudanças em sua aparência. Apesar da minha promessa de ignorá-lo, fiquei fascinado com a evolução contínua de Caím – de primitivo manchado de sangue a homem elegante – em poucas semanas.

Esta noite, ele usava um terno bem cortado de lã azul que mostrava a largura de seus ombros, uma camisa branca e gravata de seda. Se não me engano, seus sapatos eram feitos à mão. Aos olhos, o vampiro alfa apresentava um pacote civilizado e digno de babar de atratividade masculina máxima.

A meu ver, a roupa sob medida mal escondia o selvagem por baixo.

Membros da corte real se encolheram quando ele passou, o cheiro de brasas e algo muito mais antigo escorrendo de seus poros. Apesar do perigo, a galeria estava completamente cheia. Uma coisa sobre um bando de vampiros que leem mentes, não demorou muito para a notícia de que ele faria uma aparição hoje à noite.

E todos, ao que parecia, queriam um vislumbre de Caím.

As fêmeas esticavam o pescoço para ver melhor, os machos fingiam indiferença, mas nenhum de nós era imune à sua magia.

Interiormente, eu suspirei, esfregando minhas mãos doloridas. Apesar de sua aparência, Caím era um vampiro de dois mil anos com o autocontrole de uma criança e o ego de um imortal que nunca tinha ouvido a palavra não.

E agora, ele era o meu problema.

O que o filho da puta quer? Deston murmurou através do laço, passando os dedos pelo meu pescoço em uma demonstração de possessividade que Caím não perdeu. Você pensaria que ele se cansaria de jogar esses jogos inúteis.

Ele está apenas tentando ver o quão longe ele pode me empurrar. Hoje pode ser o dia em que ele vai longe demais.

Deston ergueu uma sobrancelha e eu balancei minha cabeça. Nada de teatro hoje. Vamos ouvir o que ele tem a dizer e mandá-lo embora.

Concordou. Como companheiros, eu sentia tudo o que Deston sentia, e agora estávamos em perfeito acordo quando se tratava de Caím.

Desarmar. Desviar. Apaziguar.

Caím parou a quatro passos do estrado e inclinou a cabeça, como se desse a mínima para o meu título ou aparências.

E era por isso que eu não podia me dar ao luxo de irritá-lo. Apesar de suas falhas, ele sempre teve o cuidado de me mostrar o maior

respeito em público. O que, por sua vez, mantinha as casas reais na linha porque ninguém em sã consciência ficaria do lado ruim do vampiro mais poderoso que existe.

— Você tem cinco minutos. — Inclinei-me para frente, puxando minhas mangas para baixo até cobrir minhas mãos congeladas. —O que você quer hoje?

Sua boca se apertou quando viu a palma da mão de Deston descansando no meu ombro, e eu rezei para que hoje não fosse o dia em que ele iria empurrar sua verdadeira agenda.

— Cinco minutos? — Seu olhar negro se estreitou na minha inquietação, e deixei minhas mangas sozinhas, cruzando as mãos no colo. —Isso é tudo que você pode poupar?

— Quatro e meio, agora. — Eu segurei aqueles olhos sem profundidade por tempo suficiente para ver as estrelas brilhando neles. — Vá direto ao ponto.

Em resposta, ele sorriu, o flash de presas me fazendo estremecer. Talvez - se eu fosse honesta comigo mesma - eu também estivesse com medo dele. Só um pouco.

— Eu vim para pedir... — Ele balançou a cabeça e fixou um sorriso condescendente em mim. —Não, não é um pedido, estou aqui para informar que comprei sessenta acres de terra adjacente aos terrenos reais e vou construir minha residência... uma casa... assim que o tempo melhorar.

Eu me inclinei para trás em meu assento, perfeitamente relaxado, combinando seu sorriso frio dente por dente.

— Muito bem. Como combinamos, você pode morar onde quiser. Não sei por que você sentiu a necessidade de me incluir em seus planos. Posso recomendar um bom decorador se você quiser?

— Não finja que não saiba por que estou construindo uma casa, Seraphina — sibilou Caím, e a alegria de Deston se transformou em suspeita.

Eu tive que desligar isso rápido. Nenhum dos meus homens sabia das verdadeiras intenções de Caím em relação a mim, e era melhor que não soubessem.

O resultado seria uma guerra total.

Como se Caím visse dentro da minha cabeça, ele recuou. —Estou aqui por cortesia.

Sebastian... seu pai... disse que você não gosta de surpresas e achou melhor eu lhe contar meus planos antes de começarmos.

— Ah sim, como está meu pai traidor? — Forcei um sorriso em meus lábios. —Ele ainda gosta de bancar o seu criado? — No começo, culpei a mudança de opinião de Sebastian na Síndrome de Estocolmo, mas estava ficando cada vez mais claro que meu pai realmente preferia a gerencia de Caím à minha.

— Diga ao meu senhor, eu aprecio o aviso. — Olhei por cima do ombro para nossa plateia extasiada, esticando o pescoço para ouvir o que estávamos discutindo. — Agora, se você me perdoar, eu tenho um reino real para administrar.

02
SERAPHINA

Graças a Deus, isso não se transformou em um desastre.

Sem pensar, estendi a mão para empurrar meu cabelo para trás, uma das minhas mangas escorregou, e a próxima coisa que eu soube, Caím envolveu sua mão em volta do meu pulso em um aperto inquebrável. Atrás de mim, Deston rosnou - o som possessivo e feroz

— Antes que ele enviasse um redemoinho de sombras sobre o trono, nos separando do resto da sala.

— Quem te machucou, Seraphina? — A raiva de Caím fez o ar na sala do trono tremer. —Eu juro por tudo que é sagrado, eu vou…

— Tire suas malditas mãos dela, seu *sauvage sanglant*[1]. — Deston empurrou Caím para longe, mas seus olhos se arregalaram quando ele viu meu braço machucado, o alarme escorrendo pelo nosso vínculo.

— Ele fez isso? — Presas deslizando para baixo, os olhos de Caím dispararam para Deston, e meu companheiro soltou uma risada baixa e maligna, sua magia curvando-se sombriamente ao nosso redor.

— O fato de você ter perguntado mostra o quão pouco você sabe sobre nossa rainha.

Ninguém toca em Seraphina sem sua permissão, e ninguém a machuca. Eu deveria acabar com você, aqui e agora, por sugerir tal coisa.

Sim, essa merda não estava acontecendo.

— Ninguém fez isso comigo — eu disse a Caím, desejando que minha voz permanecesse calma. — Estou anêmica, só isso. — Eu atirei ao meu companheiro um olhar de desculpas. — Acabei de notar os hematomas esta manhã, mas estávamos atrasados e eu… De qualquer forma, não é nada. Eu lidarei com isso.

Agora abaixe suas sombras, amor. Eu disse a ele. Nós temos uma audiência, lembra?

---

[1] *sauvage sanglant- selvagem sangrento.*

A quadra voltou à vista, sua antecipação palpável. Esses sugadores de sangue provavelmente estavam apostando em quem sobreviveu, e eu duvidava que alguém colocasse dinheiro em mim.

Eu esperava que alguém perdesse uma tonelada de dinheiro.

Virei-me para Caím, como se estivéssemos tendo uma conversa educada, não na garganta um do outro. — Há mais alguma coisa em que possamos ajudá-lo hoje? — Eu levantei uma sobrancelha, andando naquela linha tênue entre sarcasmo e polidez.

—Você está mentindo — ele sussurrou sedosamente. Ao meu lado, Deston se aproximou.

—Você está doente. Sinto o cheiro da mácula em seu sangue, Seraphina. A segurança com que ele falou me abalou, mas com os olhos de toda a corte sobre nós, não tive escolha a não ser jogar isso fora.

— Este não é o momento nem o lugar para discutir assuntos pessoais. — Inclinei-me para frente, minhas presas deslizando para baixo, sombras rastejando de mim, manchando o ar ao nosso redor de preto. — Não com todo mundo assistindo.

Você está doente. Senti o cheiro assim que entrei aqui. A voz de Caím rugiu na minha cabeça, como se ele não pudesse se controlar. Me diga o que está errado.

Para os vampiros, um vínculo mental só existia através de um vínculo de acasalamento ou de sangue, mas ser o vampiro mais velho e mais forte do mundo tendia a lhe dar poderes que ninguém mais tinha. Caím foi capaz de ver meus pensamentos desde a primeira vez que nos encontramos.

Infelizmente, Deston também estava sintonizado.

Você sai da cabeça da minha companheira, seu filho da puta, ou eu arrancarei sua cabeça de seus ombros na frente de todos.

Caím se ajeitou. Você é mais do que bem-vindo para tentar, De Rayne.

Ele transformou o sobrenome de Deston em um insulto. Nomeie a hora e o lugar e eu estarei lá. Ou vamos apenas seguir em frente?

Jesus Cristo, a realeza estava se levantando para dar uma olhada melhor em nosso pequeno drama. — Pare com isso. — Eu avisei os dois. —Estou bem. Não há nada de errado comigo, Caím. Hoje é um dia muito importante para mim, e você não vai estragar tudo. Você alega me respeitar? Então, porra, me respeite.

Eu acenei para ele mais perto.

Atrás de mim, Deston ficou tenso, pronto para saltar.

—Não torne minha vida mais difícil do que já é. Não tire mais proveito de algumas contusões do que elas são. Eu balancei a cabeça para o tribunal em espera. — Você sabe como a realeza é sanguinária. Eles não podem ver nenhuma fraqueza em mim. Você entende?

Havia fogo brilhando em seus olhos agora, crepitações de eletricidade traçando sua pele escura. Ele estava perdendo o controle, e meus instintos estavam gritando para eu me afastar dele, mas por fora, eu não vacilei, embora meu rosto estivesse queimado de sol pelo calor que ele estava jogando.

Nós travamos olhares, o dele cheio de estrelas cadentes e nebulosas, o meu com fogo brilhante. Para minha surpresa, Caím recuou, sua pele voltando ao seu tom pálido normal, seus olhos negros de obsidiana mais uma vez.

Ele inclinou a cabeça. —Como quiser, minha rainha.

Ele girou nos calcanhares e foi embora. O público que encheu a sala do trono a capacidade recuou quando passou por eles. Caím exalava uma aura de magia indomável, do tipo que outros vampiros eram incapazes de resistir.

Em um mundo onde toda a nossa existência era baseada na hierarquia de sangue, ele era o maior e pior vampiro que existia.

Eu tinha que mantê-lo como meu aliado porque se Caím se voltasse contra mim... meu reinado terminaria antes mesmo de começar.

E eu ainda tinha muito o que realizar.

03
SERAPHINA

— Você e eu teremos palavras, ma amour [2] — Deston murmurou baixinho enquanto observávamos Caím desaparecer pelas portas. —No exato segundo em que terminarmos com essa bobagem. — Como se quisesse levar o ponto para casa, a marca de acasalamento na parte de trás do meu pescoço queimou com o menor roçar de seus dedos.

— Sim eu sei. Vamos acabar com isso primeiro, vamos?

— Eu deveria ter matado ele naquela noite na clareira, — Deston murmurou distraidamente, seus dedos apertando meu ombro. Estendi a mão e acariciei sua mão.

— Mas você não fez, e agora é do nosso interesse mantê-lo do nosso lado — lembrei Deston suavemente. — Enquanto Caím for nosso aliado, todo mundo fica na fila.

—Claro, mon chérie. — O rosto bonito de Deston estava em branco enquanto ele me estudava, seus olhos negros não perdendo nada, como se ele soubesse exatamente o que eu estava escondendo.

Eu estava exausta ultimamente, culpando meu cansaço pelo excesso de trabalho e por não comer direito. Mas esta manhã, quando eu vi as contusões que cobriam meus braços...

Agora eu não tinha tanta certeza, e a reação exagerada de Caím tinha incerteza agitando meu intestino. Um vazio oco substituiu a agitação enquanto eu repetia a expressão no rosto de Caím. Foi pânico.

Pânico puro e não adulterado.

Mas eu tinha um trabalho a fazer. Quando concordei com esse negócio de rainha, foi com a ingenuidade de uma estudante de medicina do terceiro ano que acabou de descobrir que vampiros existem.

Torção do enredo. Eu era uma.

Eu tinha sido sequestrada e jogada neste mundo sem ideia no que estava me metendo. Então, naturalmente, eu matei o rei anterior - que totalmente merecia -depois a rainha tentando me assassinar —

---

[2] ma amour- Meu amor

também merecia totalmente — e agora eu enfrentava as responsabilidades entorpecentes que vinham com a coroa.

Meu sucesso dependia de manter meu pessoal sob controle. Um mês atrás, metade deles me queria morta, a outra metade queria que eu fosse. Minha lista de aliados era pequena.

Hoje, tudo está diferente.

O apoio percebido de Caím fez crentes do membro mais traidor do Darkfell Clan. Porque Caím era leal a mim, eles obedeceram. Não de boa vontade, mas eles obedeceram. Sem tentativas de assassinato, sem traições, sem ameaças de morte. Eu tinha conseguido mais no mês passado do que qualquer um de nós ousou esperar.

Mas eu queria mais.

Eu pretendia arrastar o Darkfell Clan para o século XXI chutando e gritando, e para isso... eu precisava do apoio público inabalável de Caím.

Mas sua lealdade teve um preço porque Caím só queria uma coisa.

Eu.

Ele nunca me teria porque eu já tinha tudo o que queria. Mas rejeitar Caím de uma vez tinha maiores riscos. Então, por semanas, nós dançamos em torno do assunto, ele fazendo propostas vagas, eu o rejeitando docemente, sem ofendê-lo.

Sua maior fraqueza - sua única fraqueza - resultou de estar preso por quase dois mil anos. Você poderia dizer que ele estava passando por um período de choque cultural agora.

O que significava que tínhamos um breve intervalo para mudar essa sociedade antes de Caím descobrir as complexidades de seu lugar no Novo Mundo. Uma vez que ele fez, todas as apostas foram canceladas. Meu palpite era que, quando Caím percebeu quão tênue minha situação era...

Ele tomaria o reino para si. Se ele o fizesse, eu não poderia impedi-lo.

Mas eu poderia fazer merdas nesse meio tempo.

Raphael e Tessa pararam na minha frente, fizeram uma reverência e eu acenei para eles falarem.

Nossa produção foi toda para mostrar, já que já havíamos resolvido os detalhes ontem à noite com a ajuda de Deston. Tudo o que

tínhamos que fazer era interpretar nossos papéis roteirizados para a corte real atenta.

— Minha rainha. — Raphael piscou, então baixou a cabeça com um sorriso malicioso.

— Concedemos doze bolsas integrais para os alunos que você selecionou. Eles começarão em Tulane no próximo outono.

Rafael encontrou os olhos de Tessa, e ambos sorriram. — Sua iniciativa educacional foi bem recebida e vinte e quatro novos alunos se matricularam na *Ecole de Royale e Trancepts de Darkfell*, as duas escolas particulares. Contessa e eu trabalharemos com eles para garantir que estejam preparados antes do próximo ano letivo.

— Já entrei em contato com as crianças mais velhas. — O sorriso de Tessa ficou brilhante. —Nós os matriculamos em suas aulas do primeiro semestre. — Ela estava tão animada.

Ela estava trabalhando dia e noite, montando esse programa e escolhendo os alunos que mais se beneficiariam.

—Um plano de tutoria para as crianças mais novas já está em andamento. Eles estão trabalhando duro e já estamos vendo progresso.

Essas eram as crianças com as quais eu me preocupava, as mais novas, a maioria das quais tinha sido educada em casa, por necessidade. — Obrigada a ambos por aceitarem este projeto.

Ambos inclinaram a cabeça enquanto um zumbido baixo e raivoso se elevava da corte reunida. Se havia uma coisa que a realeza odiava, era um campo de jogo equilibrado.

E quando eu terminasse, aquele campo seria a coisa mais chata que eles já tinham visto. Talvez eu nunca terminasse meu curso de medicina, mas garantiria que as crianças do clã tivessem a oportunidade de ir para a faculdade.

No mês passado, eu descobri o lado escuro de ser uma vampira.

Para vampiros comuns, a educação era um campo minado. Enviar seu filho para uma escola humana era perigoso, e as duas escolas particulares do clã eram proibitivamente caras. O que significava que um dos pais tinha que ficar em casa e educar seus filhos, o que significava que eles tinham que sobreviver com uma renda, o que significava que permaneciam em um ciclo de quase pobreza por gerações.

— Estou feliz que a iniciativa esteja funcionando. — O zumbido irritado ficou mais alto. A realeza com certeza não gostava de nada que ameaçasse seu status. Bem, eles teriam melhor se acostumar com isso porque eu estava apenas começando. — A educação é a chave para construir uma comunidade mais forte, onde todos irão prosperar.

Eu levantei a mão, e a multidão se aquietou. — Todo mundo, — eu repeti, encontrando seus olhares enfurecidos. — Todos serão educados. Essas crianças serão recebidas nessas escolas de braços abertos. São crianças, todas merecem a mesma chance.

Um pouco da minha magia escapou do meu domínio, e o ar na sala estremeceu, a multidão se aquietou instantaneamente, lembrando por que eu era rainha. Eu o puxei de volta e colei um sorriso no meu rosto enquanto olhava para a multidão reluzente e cheia de joias.

Os privilegiados estavam no poder há muito tempo. Usando esse poder para oprimir os outros, conhecendo muito bem os perigos que uma criança vampira enfrentava no mundo exterior.

O preço da escola bem acima do que qualquer família trabalhadora poderia pagar manteve a educação nas mãos dos ricos.

Como eu era mais rica que todos eles, estava mudando essa dinâmica.

E quando Caím viesse para tomar meu trono, eu moveria céus e terra para garantir que minhas mudanças ficassem. Eu o forçaria a ver que o pensamento antiquado e misógino não tinha lugar no mundo de hoje.

Ele abraçou tudo neste novo mundo. Tinha colocado a realeza em forma e forçou-os a seguir a linha. Eu o convenceria de que isso era a coisa certa a fazer.

Acabe com isso, mon amour, Deston murmurou através do laço, e percebi que estava sentado lá há Deus sabe quanto tempo olhando para o espaço.

—Nosso futuro depende da força mútua. Isso significa os pontos fortes de todos, não apenas os ricos, não apenas os titulares. Todos. Quanto mais fortes nos tornarmos, mais tempo este clã permanecerá intacto.

Olhei por cima das cabeças de Rafael e Tessa na corte reunida. — Tenho certeza de que é algo com o qual todos concordamos.

Eles me encararam enquanto Deston me ajudava a levantar do trono.

Passei meus dedos pela cabeça da fera que formava um dos braços, seu corpo sinuoso enrolado no chão, seu gêmeo do outro lado. Eu não sabia quem tinha feito essa monstruosidade de cadeira, mas era uma obra de arte.

— Caramba, essa coisa é difícil de ficar sentada, a dor nas costas — eu brinquei, me sentindo como se tivesse noventa anos. Eu estava exausta hoje, ainda pior do que ontem. Ficou claro que trabalhar demais estava me alcançando.

— Você está sentada há dez horas seguidas, Seraphina, — Deston apontou calmamente. — E eu quero dar uma olhada mais de perto nessas contusões. Sem argumentos.

— Sem argumentos. — Suspirei. — Sério, não é nada. Eu provavelmente bati meu braço em alguma coisa. Você poderia beijá-lo, — eu sugeri casualmente, batendo os quadris com ele enquanto passávamos pelo pátio silencioso e fervilhante. — Fazer isso se sentir melhor?

Ele passou mais tempo longe nas últimas semanas do que esteve aqui. Eu pretendia desfrutar do meu companheiro enquanto ele estava em casa porque eu nunca sabia quanto tempo isso poderia durar.

— Enquanto eu estou sempre procurando qualquer desculpa para te colocar debaixo de mim, eu acho que você deveria descansar um pouco. Você está terrivelmente pálida, amor. Assim que passamos pela porta, entrei nos braços de Deston. Entramos como fantasmas no quarto, onde um pouco da tensão do dia se esvaiu de mim enquanto o ar quente do verão entrava pela janela aberta.

Afastei uma mecha de cabelo errante de seu rosto e, por um delicioso segundo, bebi a visão do meu companheiro, seu perfume masculino envolvendo-me como uma carícia sedosa.

A aparência pensativa de Deston era dourada com uma aura que apenas os imortais possuíam, sua pele pálida brilhando com poder interno. Entrelacei meus dedos por seu cabelo grosso e preto e tentei evitar seu olhar inquisitivo, que estava salpicado de preocupação.

O silêncio se estendeu entre nós até que eu não aguentei mais. — Você esteve longe por muito tempo. Eu senti sua falta, cara, — eu

murmurei baixinho, observando as estrelas brilharem em seus olhos antes de desaparecer. —Muito muito.

Corri minhas mãos por seu corpo ágil até que minhas palmas descansaram em seu peitoral, seu coração batendo sob minha palma como um tambor. —Você não vai me distrair tão facilmente, *mon amour*, — ele repreendeu, então puxou minha manga para trás e respirou fundo. Eu fiz o mesmo, meus pulmões se sentindo muito apertados.

— Eu juro, eles não estavam tão ruins esta manhã, Deston. — Meu braço estava manchado, coberto de marcas azul-púrpura do tamanho de impressões digitais. — Provavelmente é só...

Eu coloquei a mão no meu estômago enquanto ele apertava com medo.

Antes de me tornar uma vampira, estudei para ser médica. Um hematologista. Eu perdi peso nas últimas semanas, atribuí isso a não comer direito.

Exaustão, por não dormir o suficiente. Sangramentos nasais, quando eu nunca tive um antes. Agora que eu pensava sobre isso, eu estava ficando cada vez mais fraca.

Eu não sabia se vampiros tinham câncer. Na verdade, eu não achava que os vampiros tivessem nada, e foi por isso que eu atribuí isso a anemia. O diagnóstico marcou todas as caixas. Mas adicione os hematomas, e o que quer que estivesse errado comigo... poderia ser algo pior.

— O que? — Deston passou o polegar suavemente sobre meu pulso. —Apenas o quê?

— Apenas... eu não cuidando de mim mesma, — eu disse a ele com um sorriso trêmulo, fechando meus pensamentos e deitando minha cabeça contra seu peito. Eu não poderia estar doente. Eu simplesmente não poderia estar.

Eles não gostaram que eu mudei as regras hoje. — Eu murmurei enquanto Deston inspecionava meu outro braço, seus dedos suavemente roçando minha pele.

— Percebi. Achei que os céus chorariam sangue, apesar de toda a sua fúria interna. — Eu ouvi o sorriso por trás de suas próximas palavras. — Você vai mudar nosso mundo para melhor, Seraphina. Tudo que você precisa é de tempo.

Um calafrio passou por mim, como se ele tivesse acabado de fazer algum tipo de premonição terrível.

Sempre pensei – ingenuamente, talvez – que tinha muito tempo. Que os vampiros eram de alguma forma imunes a doenças. Agora eu não tinha tanta certeza.

— Vamos dar uma olhada em você, Seraphina.

Eu estava meio perdida em meus pensamentos enquanto Deston me levava para o banheiro. Eu desabotoei minha blusa, deixei-a deslizar por mim, então tirei meu jeans. Mas quando eu pulei na penteadeira, meu companheiro assobiou, seus olhos quase pretos.

— Merda. Quando isso começou? — Sua voz era tão baixa que eu mal podia ouvi-lo. — Só esta manhã?

— Foi quando eu notei isso pela primeira vez. — Sob o brilho da iluminação do banheiro, meus braços pareciam terríveis, completamente cobertos de hematomas, um pouco do roxo sangrando um no outro. Apertei uma das marcas. Sem dor.

Deston ficou pálido, seu olhar focado em meus braços antes de me virar e inspecionar minha pele no espelho. — O que você estava prestes a dizer, *mon amour*, mais cedo? O que você acha que é isso?

Eu não estava disposto a expressar meus medos, não quando eles não fossem baseados na ciência.

Além disso, me sinto bem. Não estou doente.

— Não durmo mais de quatro horas por noite há um mês. Eu não tenho comido. — Meus olhos foram até os dele. — Nem tenho me alimentado regularmente.

— Eu posso ver isso. — Seus dedos bateram na minha espinha, e quando ele levantou minha mão, ele resmungou quando viu o quão longe meus ossos do pulso se projetavam. Ele hesitou, então se inclinou e cheirou. Seus dedos segurando meu pulso tremeram. — Você jura, é apenas a contusão, ma chérie? [3]Nenhum outro sintoma?

— Não — eu prometi a ele. — Só os hematomas.

— Assez de ces conneries[4]. Esta agenda insana para agora. Markus mudará suas reuniões duas horas, máximo quatro horas. Você vai comer três refeições por dia.— Seu tom áspero não tolerava

---

[3] ma chérie?- Minha querida

[4] Assez de ces conneries (francês) - Chega dessa merda

desacordo e, na verdade, eu estava feliz que alguém estava estabelecendo alguns limites.

Eu brinquei em encurtar meus dias de trabalho, mas acabei me sentindo culpada. Eu não podia tirar uma folga, não quando havia tantas pessoas lutando para manter a cabeça acima da água.

Eu não ia perder tempo dormindo quando podia ajudá-los.

— Vou começar a tomar ferro. — Inclinei-me para mais perto e pressionei meus lábios em sua garganta, saboreando a sensação de sua pele contra meus lábios, então me afastei, procurando seu rosto. — Ou eu poderia alimentar mais. Sua escolha.

— Como se houvesse uma pergunta ali.

Deston me puxou para frente até que sua pélvis pressionou contra a minha. Acariciei seu pescoço onde a artéria pulsava sob meus lábios e mordi agradecida, gemendo quando seu sangue inundou minha boca. Eu estava sempre morrendo de fome esses dias. Com Cyrus indo para a Irlanda e Luthor ocupado, eu não tinha me alimentado com tanta frequência quanto estava acostumada.

Isso é tudo isso. Não foi nada sério. Eu só estava com fome.

O sangue de Deston me aqueceu de dentro para fora, brilhando como fogo no meu estômago. Com cada puxão, eu me sentia mais forte, meu companheiro acariciando meu cabelo até eu ficar mole, completamente pega no gosto dele. Lambi os furos fechados, e minha boca viajou para cima, roçando sua mandíbula afiada antes de pegar sua boca em um beijo. Levei meu tempo chupando seu lábio inferior em minha boca, perfurando isso também com minhas presas.

Quanto mais profundo eu o beijava, mais sangue eu provava, e eu não conseguia o suficiente.

Os dedos de Deston apertaram meu cabelo e puxaram minha cabeça para trás até que eu o encarei.

— Você não está em condições para isso, mon amour. Mas quando seu olhar viajou pelo meu corpo, seu rosto se apertou com uma fome própria. —Você deveria ir dormir— ele advertiu, mas eu poderia dizer que seu coração não estava nisso.

—Olhe. — Mostrei a ele meu braço. — Eles se foram completamente. — Não havia nem uma mancha rosada onde os hematomas estavam. —Vê? Tudo o que eu precisava fazer era me alimentar.

Por um momento, ele permaneceu indeciso.

— Eu preciso de você, Deston, — eu implorei suavemente, observando seus olhos descongelarem, um breve redemoinho de estrelas aparecendo. —Por favor, eu só quero sentir você contra mim por um tempo.

Fazia tanto tempo desde que nos enroscamos, tanto tempo que meu corpo pulsava com luxúria só de tê-lo tão perto.

—Como posso recusar quando você pede tão gentilmente? — Suas mãos experientes deslizaram sobre mim, segurando meus seios, e eu segurei firmemente a borda da penteadeira enquanto Deston tirava meu sutiã, jogando-o para o lado.

Fiquei desossada quando Deston arrastou as mãos pelo meu corpo, tomando seu tempo, sua língua dançando com a minha, até que seus dedos agarraram minhas coxas com tanta força que deixaram marcas. – Já faz muito tempo, *mon amour.*

— Realmente tem — eu concordei, alargando minhas pernas enquanto uma mão mergulhava entre minhas coxas. —Precisamos fazer algo sobre isso. — Um dedo pressionou em mim, e ele me viu morder meu lábio enquanto ele girava em minhas dobras.

— Tão molhada para mim, minha rainha. Eu posso sentir o seu cheiro. É tudo o que posso fazer para não te virar e foder u corretamente. — Ele riu, o som sombriamente sedutor. — Ou é isso que você quer?

—Ainda há pessoas lá embaixo — eu avisei, minha respiração acelerada.

Sempre havia alguém acordado no palácio, sempre pessoas farfalhando no andar de baixo, entregas e funcionários e a Guarda de Cavaleiro indo e vindo. Eu ainda estava me acostumando com a comoção constante.

—Então é melhor você ficar quieta, companheira — ele advertiu suavemente, acrescentando outro dedo, e meus quadris avançaram. — A menos que você não possa, é claro. Então o castelo inteiro vai ouvir você gritar meu nome quando você vier.

Seu desafio – junto com sua risada provocativa – enviou arrepios de necessidade através de mim.

Minha cabeça girou, desajeitada pela alimentação, faiscando com luxúria da pressão dos dedos de Deston em mim. Seus dentes

capturaram minha clavícula, suas presas pressionando. Apenas aquela pressão deliciosa, juntamente com seu dedo me fodendo, foi quase o suficiente para eu implodir.

Por pouco.

Engoli em seco quando Deston se afastou, maldade escrita em todo o seu rosto. Minha respiração na minha garganta, eu o vi se despir, as luzes brilhantes delineando as veias azuis sob sua pele pálida, a saliência de seu pênis quando ele se aproximou de mim.

— Se você vier, será comigo dentro de você, — Deston rosnou, me puxando para frente, minha bunda rangendo enquanto deslizava ao longo do mármore frio. Ele enrolou um dedo na minha calcinha e a arrancou antes que seu dedo mergulhasse novamente, seu rosto apertado de fome.

— Você está tão molhada para mim, *ma cherie.* — Ele acariciou-se através das minhas dobras, e eu tentei puxá-lo para dentro, mas ele não se mexeu.

—Tão gananciosa, minha rainha, — ele brincou, pressionando a cabeça de seu pênis contra a minha entrada. A marca de acasalamento na parte de trás do meu pescoço esquentou, e eu abri o vínculo entre nós, perdido na onda de emoções que me lavavam, querendo sentir o que meu companheiro sentia.

Ame. Proteção. Fome.

— Por favor, Deston, agora, — eu implorei, oprimida pelo quanto eu o queria.

Ele empurrou lentamente, a pressão aumentando a cada centímetro. Seu polegar roçou meu clitóris, e eu pulei quando seus quadris subiram para frente e ele se dirigiu até o cabo, suas mãos cavando em minha bunda para me segurar no lugar.

Ele estava perdido em mim, o jeito que eu o apertava, o jeito que eu cheirava. Ele queria…

Eu descobri minha garganta. Com um silvo, Deston atacou, suas presas afundando enquanto meus músculos se apertavam sobre ele. Seu gemido me fez sorrir, e então ele estava se movendo, me fodendo enquanto bebia, me segurando firme, minhas mãos segurando seus ombros enquanto ele empurrava para dentro e para fora. Um deslizamento lento e constante que era familiar, mas sempre novo em folha.

Meu corpo ficou apertado, meu clímax pronto para explodir fora de mim, cada golpe duro combinando com os puxões de sua boca, e quando eu gozei, eu o agarrei até que ele gemeu.

Ele se afastou, meu sangue manchando sua boca. —Foda-se, *ma cherie,* você é incrível. — Eu já estava flutuando em turva felicidade pós-coito enquanto Deston me fodia mais forte, uma mão segurando minha bunda, a outra atrás do meu pescoço enquanto ele se alimentava, minhas mãos moles mal conseguindo segurar.

Com um gemido, ele lambeu a mordida fechada e empurrou para dentro mais uma vez, os músculos esticando, enchendo-me até que a semente quente cobriu minhas coxas. Ele riu e desmoronou contra mim, nós dois desossados.

—Fizemos uma bagunça. E nós precisamos ir para aquela cama ali, — eu murmurei, olhando para os seis metros que nos separavam de uma boa noite de sono. —Vamos lembrar disso, da próxima vez que decidirmos fazer amor no banheiro.

Deston me deitou contra o espelho, passou um pano sob água morna e me limpou, cada movimento suave trazendo lágrimas aos meus olhos. Deus, eu tinha perdido esses momentos de ternura, que aconteciam cada vez mais distantes nos dias de hoje.

Quando ele terminou, ele deslizou as mãos por baixo de mim e me carregou para a cama, então me deitou, saciada e cheia e sonolenta. Quando olhei para o meu braço, o hematoma desapareceu completamente, como se nunca tivesse existido.

Eu não precisava de um médico; tudo que eu precisava era do meu companheiro.

Eu estava quase dormindo quando Deston murmurou: — Vou sair da cidade. Há algo que eu tenho que investigar. Dois dias, no máximo. — Ele me puxou contra ele e passou um braço em volta da minha cintura. —Vou fazer arranjos antes de ir, mas quero que você me prometa uma coisa.

Seu tom era diferente. Havia uma ponta de preocupação ali, mas, embora tentasse prestar atenção, estava muito sonolenta.

— O que é isso? — As palavras se misturaram, meus olhos se fecharam. —Não se meta em apuros.

Hmmm. Boa sorte com isso.

04
SERAPHINA

No dia seguinte, Luthor substituiu Deston, e fiquei feliz por isso. Sua presença constante me acalmou, tirou um pouco dos meus nervos, e seu olhar intimidador manteve as reclamações do tribunal ao mínimo.

— Você está pronta, Seraphina?

Exceto por casos raros como hoje, Luthor estava muito ocupado com a Guarda dos Cavaleiros para gastar tempo me protegendo. Mas hoje – apesar do calor do verão – ele estava em traje completo, seu cabelo com mechas prateadas puxado para trás em uma faixa de couro, seu casaco esticando sob seus ombros enormes. Quando ele se inclinou para sussurrar em meu ouvido, não pude deixar de correr minha mão pelo braço dele, sentindo os músculos se contraindo sob meu toque, seu cheiro almiscarado enchendo meus sentidos.

Luthor Fontaine foi meu salvador, meu primeiro amante, minha rocha. E eu mal o tinha visto em um mês.

— Senti sua falta — murmurei antes que ele se afastasse, seu rosto se estabelecendo em linhas duras, como se ele estivesse se preparando para uma luta. — Eu sei que é porque você esteve ocupado, mas você tem tempo para jantar hoje à noite? — Isso fez seus olhos brilharem, e borboletas dançaram brevemente no meu estômago antes de seu olhar voltar para o azul frio.

— Oh, minha rainha, se eu pudesse. Tenho uma dúzia de novos recrutas para testar esta noite. Espero que demore até o amanhecer. Senti como se alguém tivesse jogado água fria em mim. Ele manteve distância por semanas agora, evitando contato a menos que fosse necessário para negócios oficiais, como hoje.

Eu queria saber por quê.

— Tudo o que estou pedindo são algumas horas, Luthor. Ou você está me evitando? — Eu soltei minha mão. — Tire uma noite de folga e jante comigo. Não quero passar a noite sozinha. Deston não estará de volta até amanhã. Ele tinha algo para cuidar.

Agora eu tinha a atenção dele.

Eu bebi na visão dele, seu olhar azul desprotegido, o corte áspero de sua mandíbula, a maneira como ele me firmou apenas por estar perto. Nós dois estávamos exaustos, mas assim que eu lidasse com as crises de hoje, pretendia sentar e desfrutar de uma noite longa e ininterrupta com meu primeiro amor.

— Fora da cidade está noite? — Luthor perguntou lentamente, interesse acendendo em seus olhos. —Acredito que posso poupar algumas horas para jantar com minha rainha favorita.

— Bom. Vejo você às seis. Depois que eu terminar... — Eu acenei minha mão para a realeza reunida e a longa fila que se estendia na entrada da sala do trono. —Tudo isso. Na verdade, se você começasse a selecionar seus recrutas agora, isso nos daria mais tempo hoje à noite.

— Não posso deixar você aqui sozinha, minha rainha. Você conhece os protocolos.

O tom de Luthor era gentil, mas firme. Minha segurança era tudo com que ele se importava, e era por isso que ele estava trabalhando dia e noite para reconstruir a Guarda dos Cavaleiros.

— Acho que a presença de Caím oferece algum espaço para respirar, em termos de segurança. Nenhuma dessas pessoas se moverá contra mim, desde que ele esteja na foto.

Os lábios de Luthor se apertaram e percebi, tarde demais, que poderia ter formulado isso melhor. Ele me protegeu muito a sério, e qualquer um que ultrapassasse sua autoridade, ele via como uma ameaça.

Não que Caím não fosse uma ameaça, mas ele não era... não desse jeito.

— Vamos nos comprometer — eu disse a ele. — Vou chamar Caím, e ele pode passar a tarde brincando de babá. Você vai resolver seus recrutas, e então teremos uma noite de encontro. Eu balancei minhas sobrancelhas sugestivamente. —Você sabe jantar e um filme?

— Seis horas, então. — Seu sorriso genuíno transformou seu rosto em uma obra de arte. —Apenas tu e eu.

Depois de outras cinco horas extenuantes, eu levantei minha bunda do trono e peguei o braço de Caím.

— Posso pegar uma almofada ou algo assim? — Resisti à vontade de esfregar minha bunda no caminho para o nosso público. —O que

essas pessoas ganham sentado aqui o dia todo e me vendo tomar decisões o dia todo?

— Eles formulam contra tramas, descobrem quais são suas fraquezas, decidem como ganhar seu favor. Alguns provavelmente imaginam matar você. — Caím deu de ombros.

— Você sabe, os jogos de tribunal e tramas usuais. — Caím sabia do que estava falando. Seu pai serviu como general do regime anterior, e Caím cresceu como parte desta corte.

—Não há como fazer nossas mudanças sem uma audiência?

—Não, minha rainha, você não pode. É por isso que eles chamam de audiência real. Você deve ter testemunhas, e essas testemunhas devem ter a oportunidade de protestar.

— Exceto que tudo o que eles fazem é reclamar baixinho.

— Isso é porque você é muito poderoso para eles desafiarem.

— Acho que nunca me acostumarei com isso. — Enfiei meu braço no dele e deixei que ele me escoltasse pela multidão. — Pelo menos eles sabem que essas mudanças vêm diretamente de mim, e é melhor que sejam obedecidas.

—Sim, eles fazem. Não houve nenhum sinal de agitação dentro das casas reais, se isso faz você se sentir melhor.

— Sim. Eu tenho que dizer, o medo deles é palpável toda vez que Caím aparece, — eu meditei, sentindo o peso de seus olhares nos seguirem por todo o caminho. — Acho que é um bônus se você quiser olhar dessa maneira.

— Eu odeio dizer isso, mas do ponto de vista da estratégia, Caím é seu melhor impedimento contra a rebelião. Enquanto as casas reais o temerem, nenhuma delas ousa se levantar contra você.

—E nós fazemos merda.

—Exatamente. Achei que a audiência com Tessa e Rafe foi bem.

—Foi. Nenhum dos membros da realeza gostou, mas preciso deles a bordo para que tudo corra bem. — Eu suspirei, meu estômago apertando com o pensamento de precisar do endosso dessas criaturas horríveis. —Espero que a transição das crianças para as novas escolas corra bem. É difícil mudar de escola e sempre há valentões.

— Tessa tem as crianças bem sob controle, minha Rainha, — Caím me assegurou. — Rafael vai garantir que eles estejam bem

preparados e serão monitorados de perto. Deixe-nos nos preocupar com os detalhes, e você se preocupa em dar vida à sua visão.

— Enquanto Luthor cuida da segurança, e Cyrus consegue apoio no exterior, e Deston…

Eu me perguntei novamente onde meu companheiro estava. Ele tinha sido tão vago na noite passada, mas eu também estava meio adormecida. Toda vez que eu descia o laço, ele se sentia abafado, como se eu não conseguisse alcançá-lo.

Caím riu. — E Deston deixa claro para todos os outros clãs que você é poderosa e não deve ser questionada. E o que eles vão perder se esquecerem disso.

— Você faz parecer que eu quase sei o que estou fazendo.

— Estamos todos descobrindo isso à medida que avançamos, Seraphina. — Caím apertou minha mão de forma tranquilizadora, embora eu não sentisse nada. — Não há roteiro para o que você está fazendo, e estamos fadados a cometer erros ao longo do caminho. Não seja muito dura consigo mesma.

— Quero transformar a vida das pessoas. Não espero que aconteça tudo de uma vez, e sei que farei muitos inimigos pelo caminho. — Eu sorri para ele. — Bem, mais inimigos do que eu já tenho. Mas eu quero igualdade. Eu quero progresso. Quero o tipo de reforma que nos ajude a sobreviver nos próximos cem anos.

— Em um mês, você fez mais progresso do que nos últimos trezentos anos.

— O componente de educação é apenas o começo. Avançar na minha iniciativa de pequena empresa é o próximo e será ainda mais difícil.

— Você vai fazer isso, minha rainha, — Caím murmurou. — Você é a única que já tentou.

Chegamos ao saguão e Caím me conduziu até a cozinha. O enorme guerreiro tinha um rosto gentil, seus olhos castanhos cheios de sinceridade. Fiquei grata por ele não ter rido do meu pequeno discurso. Quando pensava em tudo o que queria realizar, ficava dividida entre a determinação e o desânimo.

Eu cresci pobre. Eu sabia o que era passar fome.

Mamãe e Vovó garantiram que eu tivesse um teto sobre minha cabeça, mas nem sempre havia comida na mesa. Foi tão ruim para Made Vampires e Common Born.

Eles eram tratados como uma casta diferente, incapazes de se casar em uma família real, incapazes de obter uma boa educação, incapazes de ir para a faculdade. Suas famílias geralmente eram pobres demais para fazer mais do que colocar aquela comida na mesa e manter aquele teto sobre suas cabeças.

Os empréstimos eram controlados pela família Bouderaux, e eles não davam um centavo a ninguém que não fosse nascido em vampiro ou de uma das casas reais. Era por isso que Markus estava em Nova York, providenciando uma série de empréstimos para pequenas empresas do Clã Andrômeda. Se a rainha Risa concordasse, poderíamos criar uma rede vibrante de pequenos negócios, essas famílias poderiam começar a construir sua própria riqueza.

Não há mais poder nas mãos de poucos. Era hora de todos terem a mesma chance de sucesso.

A mudança foi toda a razão pela qual assumi o trono.

Jurei que nunca seria como as rainhas – ou reis – antes de mim. Essa era uma promessa que eu nunca quebraria.

05
LUTHOR

Apesar de todas as minhas promessas para mim mesma, apesar de saber o quão traiçoeiro isso pode se tornar, eu não conseguia parar de pensar em ter Seraphina para mim por uma noite inteira.

Desde que descobri que Deston estava mentindo para ela, fiz questão de ficar longe.

Porque mesmo que Cyrus tivesse a língua mais solta do mundo, a cada segundo que eu estava perto de Seraphina, eu ansiava por alertá-la contra seu companheiro – convencê-la do engano de Deston, suas mentiras contínuas e venenosas.

Alguma parte primitiva de mim exigia que eu a protegesse da ameaça que estava bem na frente dela. Na verdade, se ela não estivesse tão decidida a salvar o clã deles mesmos, eu a teria levado embora semanas atrás.

Após a primeira semana, tornou-se mais fácil manter distância do que arriscar a verdade explodindo de dentro de mim. Mas meu exílio auto imposto estava causando estragos em meu pau, e eu estava ficando cansado de bater em fantasias da mulher que eu amava, quando a única coisa que me mantinha longe dela era... eu.

Deus, eu senti falta dela.

Sentia falta de beijá-la, alimentá-la, abraçá-la. Eu sentia falta de fodê-la, mas eu ansiava por sua companhia mais do que tudo – os pequenos toques, sua risada, a forma como seus olhos dourados brilhavam quando ela sorria.

Aparentemente, eu estava me transformando em um maldito romântico e escondi meu sorriso de antecipação atrás de uma máscara fria e inflexível enquanto inspecionava o último grupo de recrutas.

Este grupo Seraphinal colocaria a Guarda dos Cavaleiros em cem pessoas. Um número bom e par com o qual eu estava confortável. Pessoal suficiente para fazer quatro turnos no palácio, com um contingente de reforço, caso a guerra eclodisse.

A própria existência de Caím tornava uma necessidade de uma forte defesa – quer Seraphina visse isso ou não. Ela estava dando o

exemplo para o resto deles e permaneceu focada em soluções diplomáticas e comprometer. No momento, Caím estava cooperando.

Mas chegaria um dia em que ele quereria o trono para si.

Quando esse dia chegasse, eu estaria pronto.

— Nome? — Eu lati, parando na frente do primeiro recruta com cara de bebê, seus olhos olhando para frente, seus ombros poderosos firmes. Este era o primo de Caím, e eu estava de olho nele para liderar a equipe de proteção do palácio, liberando Caím e Silas para outras tarefas.

— Marcel Gauthier, senhor.

— Caím disse que você estava no exterior, trabalhando para um empreiteiro como segurança particular?

— Sim senhor. — Ele hesitou. — Dez anos lá, e antes disso, eu estava no Oriente Médio.

O garoto tinha feito praticamente tudo. Correr em armas, ter feito parte de uma equipe de mercenários e ter passado por algumas situações complicadas. Ele tinha uma cabeça fria, de acordo com Caím, mesmo tendo apenas quarenta anos, ele mal parecia ter dezoito.

Ele seria um bom motorista para Seraphina até que ela aprendesse a se desmaterializar.

Passei mais uma hora explicando os regulamentos, depois os entreguei a Silas para o que ele chamou de orientação enquanto eu me preparava para meu encontro. Um banho, roupas limpas e eu me materializei no palácio, o cheiro de mel de Seraphina enchendo o ar.

Um lampejo de nervosismo passou por mim, mas deixei de lado a sensação ridícula enquanto caminhava em direção à cozinha para a mesa longa e arranhada que Seraphina preferia à grande mesa de jantar na sala de banquetes formal.

— Luthor. — Ela se jogou em mim, seus braços envolvendo meu pescoço. Por um segundo, eu me perdi nela, permitindo-me relaxar contra suas curvas, meus músculos afrouxando apenas com seu toque. —Você chegou na hora.

— Como se eu fosse me atrasar — eu provoquei, facilmente caindo em brincadeiras divertidas com ela. Tudo com Seraphina foi fácil, como se tivéssemos sido feitos um para o outro. Como se sem ela, eu estava apenas meio formado.

—Eu só queria saber...— Sua respiração ficou presa com incerteza, seus olhos brilhando enquanto ela me olhava, chupando o lábio inferior em sua boca. Isso quase me matou, bem ali. Se o palácio não estivesse lotado de pessoas, eu a teria espalhado sobre a mesa e a levado naquele momento, que se dane o jantar.

— Estou aqui, Seraphina.

Seus olhos vagaram pelo meu corpo, seu peito subindo e descendo.

— Eu sou todo seu para a noite inteira. — Isso fez isso. Seu pulso acelerou, o cheiro de jasmim encheu o ar quando eu a puxei de volta contra mim.

Talvez devêssemos pular o jantar, Seraphina. Sim, acho que seria prudente.

— Vou foder você está noite, minha rainha — murmurei antes de pressionar minhas presas contra sua pele, forte o suficiente para ela sentir a pressão, mas sem romper a pele. —Vou espalhar você embaixo de mim e fazer você gritar meu nome até ficar rouca.

Um arrepio passou por ela, e seus dedos cravaram em meus ombros, como se ela estivesse se segurando. —Isso soa incrivelmente bom — disse ela sem fôlego.

— Quão faminto você está?

— De jeito nenhum. — Eu estava ocupado saboreando-a, minha língua lambendo sua garganta. Uma mão segurou sua bunda através do vestido fino, e eu apertei minha pélvis contra ela como se eu fosse uma criança recém-saída da escola. — Na verdade, eu não poderia me importar menos com comida agora.

— Então me leve para cima.

Seraphina olhou para a mesa com pesar, e eu peguei o prato de sobremesas antes de nos levar para cima.

— Bem pensado. — Ela olhou para o prato que coloquei na cômoda antes de voltar minha atenção para ela, observando seus olhos brilhantes, suas bochechas rosadas.

— Eu tenho sido um amante terrível — murmurei, deslizando lentamente as alças do vestido de Seraphina em seus ombros, meus dedos traçando seus braços. — Eu tenho negligenciado você por semanas, não é?

— Você realmente tem — ela concordou, sua pele áspera sob meus dedos, o vestido deslizando para baixo até que a curva de seus seios aparecesse. — Talvez você devesse ser punido por um lapso tão terrível de julgamento.

Porra. Quantas vezes eu tinha imaginado meu pau entrando nela por trás, meus dedos cavando em sua bunda cremosa e redonda enquanto eu me jogava nela?

Quantas vezes eu acordei duro e frustrado? Muitas.

Não, eu era tudo que Seraphina tinha desde que seu companheiro era um bastardo traidor.

— Se alguém está punindo esta noite, minha rainha, serei eu. — Eu não sabia de onde vinham as palavras, mas queria Seraphina à minha mercê, indefesa, aberta para que eu fizesse o que quisesse.

Seu cheiro inebriante ficou mais forte, seu peito arfando quando ela pegou o vestido antes que ele a expôs completamente. Eu puxei sua mão, meu pau se contraindo quando a roupa caiu, revelando que ela estava completamente nua por baixo.

Tanta carne cremosa e mamilos rosados e firmes, a umidade entre suas coxas visível daqui.

Ela era a criatura mais linda que eu já tinha visto, e eu estava morrendo de vontade de estar dentro dela, de sentir suas presas na minha garganta. Mas mais do que isso, eu queria fazê-la minha, saber que ela pertencia a mim, e só a mim. Talvez fosse por causa da distância que eu coloquei entre nós, mas algo exigia que eu a reivindicasse esta noite.

— Eu quero amarrar você, Seraphina. — Minha voz era gutural, não soando como eu. — Eu quero suas mãos sobre sua cabeça, e seu corpo é meu para brincar, para reivindicar. Você me permitiria?

Ela balançou contra mim, e eu mergulhei meus dedos entre suas pernas, a encontrei encharcada.

— Sim. — Seus olhos estavam fechados, sua cabeça inclinada para trás. —Eu permitirei isso, comandante.

PARA ONDE MEU LUTHOR FIEL E ESTRANHO FOI, e quem era esse homem perverso que tomou seu lugar? Cada palavra que saiu de sua boca me deixou pingando, e aquele olhar em seus olhos? Ele queria me comer viva.

— Eu quero amarrar você.

Quando Luthor disse essas palavras, meus joelhos quase saíram de debaixo de mim. Eu duvidei dele nas últimas semanas, questionei suas desculpas fabricadas, me perguntei se, talvez, ele estava cansado de mim.

Ele não estava.

Ambas as mãos de Luthor apertaram minha bunda, e ele me levantou contra ele, o cume duro de seu pau esfregando contra minha boceta a cada passo que ele dava em direção à cama. Ele me deixou cair, e eu caí de costas, pernas e braços abertos desajeitadamente enquanto eu tentava me segurar.

— Fique onde está, — ele ordenou naquela voz autoritária e rouca que não tolerava desobediência. O que ele usou com seus recrutas. Seus inimigos.

— Braços sobre sua cabeça, agora, Seraphina.

Eu hesitei quando ele tirou o cinto do meu roupão, então ele agarrou os dois pulsos em uma mão.

—Eu disse agora, e eu quis dizer isso. — O cordão de seda enrolou em meus pulsos antes que ele esticou meus braços sobre minha cabeça, apertou o nó até que não houvesse mais ceder.

Estar preso me fez sentir ainda mais vulnerável e destacou o tamanho imenso de Luthor, o poder enrolado à espreita em seu corpo, a largura de seus ombros largos. Isso deu à minha luxúria uma vantagem perigosa, uma que eu queria explorar mais. Mas nada disso importava quando eu vi aquele brilho voraz que consumia tudo sobre seu olhar azul água-marinha.

Ele se despiu lentamente, como se estivesse me provocando, como se soubesse que cada segundo que eu esperava, aumentava minha luxúria, a umidade encharcando minhas coxas, provavelmente a cama embaixo de mim. O que diabos havia de errado comigo?

Seu tom duro e inflexível era um que eu só o ouvi usar com os outros, mas nunca comigo. A madeira fria da autoridade absoluta fez algo em minhas entranhas que deveria ser ilegal. Seu olhar mergulhou para minhas coxas - esfregando - e o sorriso no rosto de Luthor... tudo dentro de mim parou enquanto ele se aproximava.

— Já faz muito tempo, Seraphina. Seu pênis balançava, a cabeça pingando. — Eu não deveria ter deixado você sozinha por tanto tempo. O que você tem feito para se manter ocupada?

— Eu tenho cuidado de mim mesma — eu disse a ele desafiadoramente, as palavras saindo antes que eu pensasse nelas. — Desde que você está me negligenciando.

Em vez de responder, Luthor colocou uma mão em cada joelho e me abriu, então agarrou meu tornozelo e enrolou algo macio ao redor dele antes que também fosse puxado para cima. Eu tentei fechar minhas pernas, me esconder, mas Luthor riu.

—Não se esconda de mim, minha rainha. Não quando você foi tão má.. negligenciada.

Ele rondou meu corpo, e eu perdi o fôlego em meus pulmões quando ele se apoiou nos cotovelos e se abaixou entre minhas pernas, seus ombros largos me espalhando até meus quadris queimarem. Sua língua quente lambeu minhas dobras, rodou ao redor do meu clitóris, então desceu para me provar mais profundamente, minhas terminações nervosas tremeram de prazer.

Havia algo decadente no que estávamos fazendo, em não poder nos mover, em não ter poder enquanto Luthor tinha tudo. Nunca havíamos jogado esses jogos antes, mas eu adorava a maneira como me sentia agora, como se não estivesse no controle do meu desejo, que aumentou ainda mais.

Ele acrescentou seus dedos à sua língua – um, então dois empurraram em mim – a pressão não era suficiente para me tirar, meus quadris se contorcendo por mais. — Por favor, Luthor.

Mais. Meu apelo carente e choroso ricocheteou nas paredes, e eu mordi meu lábio novamente.

Maldito seja este palácio cheio de pessoas onde não posso gritar o quanto quiser.

—Diga-me o que você quer, Seraphina. Você não virá, não até dizer as palavras.

— Eu quero você, Luthor. — Seu dedo deslizou para dentro e para fora, sua cabeça inclinada para chupar meu clitóris novamente, sua língua passando por ele tão rápido que eu arqueei para fora da cama.

— Eu quero mais também. Diga-me como você quer que eu te foda, esta noite, minha rainha. Ele riu novamente, mas desta vez, foi

um som escuro e selvagem retumbando de seu peito. — Eu quero ouvir você dizer as palavras. Seja muito específica.

Ele fez uma pausa, retirou os dedos, e minha boceta latejou com o vazio repentino. Luthor realmente me faria esperar até que eu dissesse as coisas sujas que eu queria em voz alta.

Tudo bem então.

— Eu quero seu pênis, cada centímetro dele. Eu quero que você me vire e me foda por trás, me segurando na cama para que eu não possa me mover. Eu quero me sentir como estou agora, mas quero você batendo em mim até que eu não consiga respirar. Fechei os olhos, completamente mortificada.

Essas palavras realmente saíram de mim? Puxa, eu pensei essas coisas para mim mesmo, mas nunca tive coragem de dizê-las em voz alta.

Mas eu estava desesperadamente vazia quando precisava estar cheia. Meu corpo inteiro doía por Luthor, e eu não podia usar nada além da minha maldita boca para conseguir o que queria.

Seus olhos brilhavam azuis, seu olhar se transformando em algo negro que parou meu coração de bater. Seu olhar claro e exigente me disse que eu conseguiria tudo o que pedi. E mais.

— Seraphinalmente. — Luthor mergulhou seus dedos em mim novamente, então os puxou para fora e os lambeu, como se meu gozo fosse a coisa mais deliciosa que ele já tinha provado.

— Ela fala o que pensa.

Ele desamarrou meu tornozelo, juntou minhas pernas, então me girou na cama até que eu deitei de bruços, minha mão ainda amarrada. — De joelhos, Seraphina. Eu quero ver sua boceta.

Alavancando os laços, puxei meu corpo para a posição, meu rosto esmagado nos travesseiros, mãos esticadas sobre minha cabeça, meus joelhos separados. Luthor passou as mãos pela minha bunda, pelas costas das minhas coxas. — Linda — ele murmurou tão suavemente que eu mal podia ouvi-lo. —Você é a coisa mais linda que eu já vi.

Meu corpo inteiro tremeu quando ele arrastou seu pau pela minha boceta, então ao longo da minha bunda, então de volta para baixo, parando antes de empurrar em mim, arando mais e mais fundo. Eu estava tão pronta para ele, mas estava inchada, e ele parou, agarrando minhas coxas. — Porra, você é apertada. Eu não quero te machucar.

Em resposta, eu mergulhei para trás, peguei outro centímetro dele antes que ele gemesse e agarrasse meus quadris, batendo em mim, com força. Ele girou os quadris, e agora eu gemi, seu pau esfregando ao longo do meu canal, a pressão crescendo dentro de mim. Luthor se estabeleceu em um ritmo suave, seus golpes longos e lentos, incitando-me para a liberação.

Então, de repente, eu estava lá, meu corpo se contraindo, meus joelhos tremendos quando meu clímax me atravessou, tirando o fôlego de mim.

Luthor me montou duro através do meu orgasmo, seus dedos me agarrando implacavelmente enquanto ele batia em mim cada vez mais forte, procurando por sua própria liberação. O som de nós fodendo – tapa molhado, rosnado feroz de Luthor, meus pequenos gemidos carentes – era quase obsceno, mas então meu corpo se curvou novamente quando outro orgasmo intenso me atingiu do nada.

— Porra, Luthor — eu gritei. Ele se acalmou, então estremeceu antes de se esvaziar em mim, seu pau pulsando dentro de mim, enviando pequenos tremores deliciosos pelo meu corpo.

Eu mal conseguia respirar quando Luthor estendeu a mão, desamarrou minhas mãos e me puxou contra ele. Fiquei ali, mole e satisfeita, imaginando o que deu em Luthor, mas muito feliz por isso.

06
SERAPHINA

Depois de uma noite que nunca esquecerei, enfrentei outro dia tedioso. Mas agora, eu mal me importava com as oito horas de trabalho penoso que se estendiam diante de mim.

Eu me mexi no trono, os olhos de duzentos vampiros em mim enquanto eu esperava que meu próximo público aparecesse, com uma carta manuscrita dobrada esmagada em minha palma suada.

O bilhete que meu pai me enviou era simples. E complicado.

Minha querida Seraphina, gostaria de uma chance de explicar minha decisão de permanecer com Caím. Você me encontraria esta noite? Sozinha?

Seu pai amoroso, Sebastian Ele sabia que eu ficaria tentado pela oferta. Mas eu não podia confiar em meu pai, não quando Caím estava envolvido. Estudei a caligrafia. O papel artesanal cremoso espesso. Pesou a chance de que isso pudesse ser uma armadilha e chegou a 80 a 20 chances de que fosse.

E ainda…

Depois de semanas sem explicação, eu queria ouvir Sebastian justificar suas razões para sair. Justifique servir a um louco, que teve todas as nossas vidas em suas mãos, em vez de ficar ao meu lado e me ajudar a reconstruir este reino, como ele prometeu. Eu queria saber o que havia de tão especial em Caím para que meu pai tivesse escolhido um completo estranho em vez de sua própria filha.

Meu olhar percorreu a multidão ociosa até a figura solitária esperando pacientemente na última fila pela minha resposta.

Eu não tinha reconhecido o vampiro que entregou a nota.

Ele se curvou, me apresentou um problema Seraphinanceiro inócuo, estendeu a mão para apertar minha mão e pressionou a nota na palma da minha mão.

Ele fez isso com tanta habilidade que Markus não percebeu.

Deston ou Luthor teriam, o que significava que eles escolheram este dia propositalmente – mais uma coisa a considerar. Não achei que Caím fosse me prejudicar. Eu esperava que meu pai não fizesse isso,

mas em um mundo onde poder e segredos eram moeda valiosa, eu só confiava no meu círculo íntimo.

O vampiro esperou pacientemente, sentado com a cabeça baixa, sua aparência tão comum que eu já tinha esquecido como ele era. Ninguém mais se lembraria dele também.

Horas depois, ele ainda estava lá. Como se ele sentisse meu olhar inquisitivo, ele levantou a cabeça. Eu balancei a cabeça, apenas uma vez. Em troca, ele abaixou a cabeça e deslizou para fora, deixando-me para terminar minha audiência Seraphinal.

Eu pensei que meus dias de se esgueirar tinham passado. Mas parecia que eu tinha mais uma aventura em mim.

No Seraphinal do dia – nós tínhamos superado o horário mais uma vez – eu subi as escadas até o nosso quarto, sabendo que não haveria ninguém esperando. Eu passaria a noite sozinha, como de costume. Eu tinha essa fantasia ridícula de que uma vez que me tornasse rainha, minha vida se transformaria em um conto de fadas, só eu e meus homens e tempo sem fim para nos divertirmos.

Em vez disso, Cyrus ainda estava na Irlanda, Deston estava sabe Deus onde, e Luthor tinha partido antes do nascer do sol, fazendo questão de estar em outro lugar quando eu acordasse.

Em qualquer outro lugar, parecia, além de mim. No Seraphinal de conto de fadas que eu sonhei.

Parei na soleira do meu quarto, olhando a rosa vermelha deitada no meu travesseiro. Esquisito. Eu esperaria isso mais de alguém como... Caím. Afastando o desconforto de que alguém realmente sabia qual travesseiro era o meu, estendi a mão, peguei a rosa e abri a nota anexada.

Encontre-me fora das proteções. 1h da noite.

Meu corpo inteiro cedeu. Por que tinha que ser esta noite?

Eu estava exausta e mal tive tempo de me vestir. Eu resisti à vontade de esfregar meus braços doloridos. Como se viu, a alimentação de Deston tinha sido apenas uma correção temporária. Os hematomas voltaram com prazer esta manhã, e resolvi fazer um check-up.

Mas para isso, eu precisava de tempo.

Devo ver Marie Laveau, ou um curandeiro vampiro, ou um médico humano que pudesse fazer alguns testes e me dizer o que estava

acontecendo? Eu ainda me qualificava para medicina humana? Ou devo confiar em bruxas e curandeiros para minhas doenças?

Alguma parte cética de mim colocou mais fé em raios-X e ressonâncias magnéticas, mas a magia pode consertar qualquer coisa.

Eu puxei um moletom com capuz, e agulhas de dor perfuraram meus dedos.

Bem, quase tudo.

Logicamente, eu sabia que não havia nada de errado comigo que uma semana de sono não resolvesse. Fui saudável a vida inteira, quase nunca fiquei doente.

Agora que eu era uma vampira, presumi que não morríamos de nada, exceto decapitação.

Mas havia aquela pequena preocupação mesquinha que não iria embora – isso poderia ser sério.

Por enquanto, eu lidaria com meu pai.

Pelo menos eles não me pediram para entrar na cidade porque eu ainda não conseguia desmaterializar. Eu poderia ter que comandar um carro e envolver Luthor, e então, eu não teria ido a lugar nenhum.

Mas com Deston fora e Luthor ocupado, eu poderia fazer a curta caminhada até as alas externas dos terrenos do palácio. Eu duvidava que alguém fosse notar.

Calcei meus tênis e um chapéu, caso estivesse chovendo. Era como se a umidade se multiplicasse a cada noite e se transformasse em garoa, cobrindo tudo de orvalho para a manhã seguinte.

Saí pela entrada lateral, a que fica ao lado da biblioteca na ala oeste abandonada; aquele que ninguém sabia que existia. Atravessando o amplo caminho de cascalho, fui para o campo aberto, o cheiro de grama esmagada fazendo cócegas no meu nariz. Deston e eu corremos por este campo uma vez, mortos -vivos estalando em nossos calcanhares.

Quase morremos aqui.

Mas, em vez disso, usei minha magia para criar um exército de mortos-vivos, salvei a vida de Deston e abri o caminho para eu assumir o trono. Que diferença alguns meses fizeram.

A trezentos pés à frente, as proteções brilhavam com uma combinação azul-branca da magia de Luthor e Marie, entrelaçadas para criar uma barreira defensiva. A ala protetora era um trabalho em

andamento, já que tivemos que começar do zero quando assumi o trono, mas manteve quase tudo do lado de fora.

Exceto Caím, que era imune à nossa magia lamentável, já que ele era o pai de nossa raça.

No meio do campo, olhei para trás e me virei para olhar o palácio iluminado, desejando que ainda estivesse lá dentro, que minha curiosidade pudesse deixar meus problemas papais não resolvidos em paz. Mas não consegui. A floresta formava uma parede sombria à minha direita e, à minha esquerda, o brilho de Nova Orleans iluminava as nuvens baixas.

Eu quase alcancei as proteções quando vi que Sebastian não estava sozinho.

Grande surpresa. E não deveria ter sido. Eu queria me dar um tapa na cabeça. Estávamos nos encontrando no meio da noite porque Caím não podia sair à luz do dia.

Quase me virei naquele momento, mas queria ouvir o que meu pai tinha a dizer. Eu tinha certeza de que Caím faria outra de suas jogadas desajeitadas para o meu afeto, e eu o rejeitaria mais uma vez.

Muito bem, é claro, já que eu precisava dele como aliado.

Olhando para as luzes do palácio, decidi que se gritasse, alguém ouviria. Eu estava segura o suficiente. Se Caím quisesse, ele poderia passar direto, mas em vez disso, ele teve a decência de permanecer do lado de fora. Pequenos passos para se tornar civilizado. Eu escovei minha mão contra a proteção e a magia picou meus dedos antes que a barreira se separasse.

— Gostaria de poder dizer que fiquei surpresa. — Eu olhei para Caím no escuro. — Mas eu não sou.

— Caím disse que você está doente. — O rosnado áspero de Sebastian estava cheio de falsa preocupação. —Quão doente você está, e o que há de errado?

—Nada está errado comigo. Estou exausta de administrar um reino fodido e negligenciado cheio de bebês vampiros chorões que optam por permanecer nos anos 1500. Na verdade, eu poderia estar dormindo agora, mas não estou. Estou de pé no calor e na umidade, falando com você. Você realmente queria falar comigo sobre suas escolhas de vida, ou isso foi apenas um ardil para me trazer aqui para que você pudesse gritar comigo?

Caím não disse uma palavra, e meus instintos ficaram formigando enquanto ele continuava a carrancudo. Eu meio que desejei que ele apenas dissesse alguma coisa, enquanto temia o que poderia sair de sua boca.

— Eu também sinto o cheiro. — A voz preocupada de Sebastian ficou quieta. — Devemos levá-la ao curandeiro. Agora mesmo.

—Eu entendo que isso significa que você não pretende explicar sua decisão de me deixar por … dele. — Eu joguei a mão em Caím.

E pare de me cheirar, isso é assustador.

Estou cansada, não estou comendo direito, e isso é apenas temporário. Assim que o reino começar a funcionar como deveria, pretendo dormir por duas semanas seguidas.

— Ela não sabe, não é? — Sebastian perguntou a Caím, cujos olhos estavam tão cheios de estrelas que brilhavam. Ele balançou sua cabeça. Se havia uma maneira de me irritar, era falar sobre mim como se eu não estivesse presente.

Se havia outra, era mexer dentro da minha cabeça sem permissão.

— Eu acabei por aqui. — Eu escovei meu dedo ao longo da ala, pronta para passar pela fresta de uma abertura quando Caím agarrou meu braço e me puxou de volta.

Instintivamente, enviei uma explosão de magia através dele, e ele soltou meu braço, apertando sua mão como se eu o tivesse queimado. Eu não poderia vencê-lo com minha magia, mas poderia machucá-lo. Algo que ele deveria se lembrar disso.

— Aqui está uma pequena informação que será muito útil. — Sorri friamente com o traço de magia agarrado à sua mão. — Sob nenhuma circunstância você toca uma mulher sem sua permissão expressa.

Eu fiz uma carranca para ele e meu pai concordou. — Boa sorte, pai. Você tem muito trabalho a fazer com sua nova carga. Você pode começar com uma lição sobre misoginia.

O ar fez aquela coisa eletrificada que sempre fazia quando Caím estava prestes a perder a paciência. Mas eu não tinha tempo para sua pequena birra. Olhei para a enorme distância entre mim e o palácio, e meus joelhos vacilaram.

—Você está doente, Seraphina — disse Caím suavemente, uma pitada de urgência em seu tom. — Algo sobre o seu sangue, foi contaminado.

— Porque eu cheiro engraçado, certo? — Eu balancei minha cabeça. — Eu tenho um compromisso, — eu menti. — Um médico na cidade, ele fará um check up completo. Quando eu tiver os resultados de volta, eu deixarei você saber.

— Qual é o nome desse médico? — Caím perguntou friamente, trocando um longo olhar com Sebastian. — Vou levá-la a um curandeiro agora mesmo. Esta noite.

— Eu não iria a lugar nenhum com você. — Eu me virei para meu pai. —Nem você.

Mas eu me perguntava freneticamente se isso poderia ser verdade. Caím poderia realmente sentir o cheiro de um distúrbio sanguíneo? Desde que me tornei uma vampira, todos os meus sentidos foram aguçados. Eu levantei meu braço ao meu nariz e dei uma cheirada. Não achei que cheirasse diferente.

— Você tem — disse Caím. — Deixe-me levá-la a um curandeiro, Seraphina. Antes que isso piore. — Havia um tom quase empático em sua voz normalmente fria de assassino em série.

— Não vou a lugar nenhum com alguém em quem não confio. Eu nem deveria estar falando com você agora.

— Seus machos percebem que você está doente? — Caím ronronou, uma pitada de ameaça em sua voz. — Ou eles são tão tolos que acreditam em suas mentiras?

— Você tem muito tempo para conversar, amigo. — Eu rosnei de volta. —Você não saberia a verdade se pisasse de cara em uma montanha dela.

— E você está vivendo uma mentira. Você sabe que há algo errado. Eu posso provar seu medo daqui. Mas você é muito teimosa para descobrir. Caím estendeu a mão para mim novamente, fez uma pausa, então fechou a mão em punho e a enfiou no bolso do casaco.

Talvez ele fosse treinável, Seraphinal.

— Eu não menti. Sobre falar com você, — Sebastian murmurou. — Eu sei que te machuquei por não voltar. Eu queria explicar minha escolha de ficar com Caím, pelo menos até que ele se acostume com o mundo moderno.

— Mas então isso se transformou em algum tipo de intervenção de saúde?

— Sim, exatamente. — Sebastian esfregou o pescoço. — Só porque eu concordei em ajudar Caím não significa que eu sou seu inimigo, Seraphina. Isso significa que estamos todos do mesmo lado, trabalhando para o mesmo objetivo, apenas fazendo isso de uma maneira diferente.

— Muito bem. Contanto que vocês dois fiquem fora do meu caminho, e eu possa Seraphinalizar minhas iniciativas, então todos nós, nos daremos bem.

— Eu farei um acordo com você. — O rosto de Caím mudou; seus lábios se separaram ligeiramente. — Se eu der meu total apoio a você, publicamente, tornar mais fácil para você fazer suas mudanças, você concorda em ver um curandeiro?

— Eu já te disse…

— Eu vejo cada pensamento em sua cabeça, Seraphina — disse Caím suavemente. — Não tente mentir para mim. Ou você não vai gostar das consequências.

— Não tente me armar com força. Porque eu garanto que você não vai gostar dessas consequências.

— Temos um acordo?

A mera aparência do apoio de Caím tornou as coisas mais fáceis até agora.

Mas se eu tivesse seu endosso público, quanto mais poderia conseguir? Quão mais rápido eu poderia levar minhas iniciativas adiante? Quantas pessoas mais eu poderia ajudar? Uma emoção de excitação correu através de mim. Eu estava planejando ir a um médico, de qualquer maneira.

Concordar tiraria Caím e Sebastian das minhas costas temporariamente, e uma vez que eu tivesse um atestado de saúde, eu poderia colocar essas preocupações ridículas de lado, de uma vez por todas.

— Nós temos um acordo. — Estendi a mão e, após um momento de surpresa, Caím a pegou.

— Não me traia, Caím, — eu avisei quando seus dedos se fecharam ao redor dos meus. — Juro por Deus, se você me trair, vai se arrepender.

— O mesmo vale para você. — Seus olhos ficaram pretos, nenhum traço de estrelas deixado em suas profundezas. Um traço de sorriso

levantou seu lábio, revelando uma longa e curva presa. — Mas você vai se arrepender mais.

Ele provavelmente era a noite.

07
CAÍM

Seraphina afastou a mão da minha rapidamente, como se não suportasse a sensação da minha pele na dela. Então se virou, como se ela pensasse que poderia simplesmente se afastar de mim. Como se houvesse alguma possibilidade de eu deixá-la ir agora que a encontrei.

Todo rei precisa de uma rainha, e ela era minha.

Tínhamos feito um acordo, e eu pretendia manter minha parte, mas ela manteria sua palavra, primeiro.

— Onde você pensa que está indo? — Eu perguntei suavemente, desejando que minha voz ficasse calma. Na minha longa vida, ninguém se atreveu a me dar as costas, mas o fato de que essa mulher o fez, vez após vez, só me confundiu.

— Eu vou para a cama. Dormir. Talvez comer alguma coisa se eu tiver energia.

Cada palavra arrastada que saiu de sua boca era como alguém martelando outro prego no meu coração. Ela não tinha ideia de como estava doente. Eu também não, mas detectei um leve indício de podridão em seu sangue, uma doçura que tinha tudo a ver com a morte e nada a ver com seu perfume floral.

Porra. Eu tinha ao meu alcance tudo o que sempre quis. Minha liberdade, o mundo aos meus pés e a mulher perfeita.

Forte demais para eu quebrar, teimosa demais para eu torcer, gostosa demais para eu não provar. Seraphina era meu par perfeito, e uma vez que esta noite estivesse para trás, eu pretendia quebrar seu pequeno harém e levá-la para mim.

Mas ela não era imortal.

Ela estava morrendo agora, só que ela não sabia disso.

— Você está vendo um curandeiro. Esta noite. — Eu estreitei meus olhos quando ela abriu a boca para protestar. — Um acordo é um acordo, como você disse. Quer meu apoio? Você o tem. Mas você vai manter sua parte no trato primeiro, e então eu manterei o meu.

— Eu não vou primeiro. Não confio em você, Caím.

— Nem você deveria. — Eu sorri para seu rosto feroz e corado, aquela torção determinada de seus lábios carnudos. Eu tive que me dominar antes de puxá-la para mim e provar sua doçura. — Confie em seus instintos, Seraphina, eles nunca vão te enganar.

Se ela soubesse como ela já tinha se infiltrado na minha cabeça. Não houve um momento da minha vida em que eu não estivesse pensando nela. Pensando em fodê-la, saboreá-la, afundar meu pau profundamente nela.

Além da minha luxúria descontrolada, bastaria algumas palavras bem escolhidas, e Seraphina poderia me controlar. O que era uma completa besteira. Eu deveria estar no comando. As pessoas deveriam rastejar diante de mim. Eu não gostei dessa mudança de poder, nem um pouco.

— Eu posso te carregar, — eu ofereci, e meu pau endureceu quando sua boca se apertou em desafio. Então eu acenei para Sebastian. — Ou seu pai pode. Mas veremos alguém esta noite.

Ela olhou mais uma vez para o palácio iluminado, como se as paredes a mantivessem a salvo de mim.

— Você pode correr o quanto quiser,— eu a avisei suavemente enquanto ela puxava seu olhar de volta para mim. —Mas eu sempre te encontrarei. Eu terei meu caminho nisto, Seraphina, então você pode simplesmente ceder.

O pensamento dela capitular à minha demanda fez algo em minhas entranhas, um arrepio de algo ainda mais forte do que luxúria. Apesar de seu aviso anterior, estendi a mão e tracei meu dedo pelo braço dela.

— Você sabe que algo está errado — eu a lembrei, lutando para manter minha voz uniforme. —Você sabe que é verdade, em seu coração. Descubra por que você está doente e conserte.

Ou então você nunca vai reconstruir este reino do jeito que você sonha.

— Uma hora — ela respondeu uniformemente, levantando o queixo. —Uma hora e então você me traz de volta aqui. Mais tempo e eles enviarão um grupo de busca. Mas havia dúvida suficiente em sua voz que eu sabia que também era uma mentira. Uma emoção viciosa passou por mim.

Meu irmão estava falhando em cuidar de sua companheira. Luthor também. Eu tinha ouvido falar que Cyrus estava em algum lugar no exterior, angariando apoio para a nova Rainha Darkfell, mas eu tinha um pressentimento de que havia mais em sua ausência do que deveres reais.

Luthor e Cyrus estavam tramando algo, e uma vez que eu descobrisse o que era, eu usaria isso para criar uma barreira entre os três e Seraphina.

Mas agora, ela estava sozinha e vulnerável. O momento perfeito para eu plantar dúvidas em sua mente.

— Eu irei com meu pai se estiver tudo bem para você.

— Eu não esperava menos. — Eu sorri, mas ele deslizou do meu rosto. Apesar de tudo, eu esperava que ela me escolhesse. Se o curandeiro não pudesse curá-la, se fosse uma daquelas doenças humanas horríveis que matavam pessoas rapidamente em questão de meses, eu poderia curá-la.

Se fosse o que eu temia... eu não sabia o que faria. Incendiar o mundo, embora isso não a trouxesse de volta.

— Para onde vamos exatamente?

— À beira do bairro francês, Dauphine Street.

Ela se aproximou de seu pai, permitindo que Sebastian colocasse os braços ao redor dela enquanto mantinha os dela cruzados sobre o peito.

Ela era muito teimosa para seu próprio bem. Dura como pregos, eu acreditava que a expressão humana era. O pensamento me acalmou de alguma forma. Ela era forte, o que significa que o que quer que fosse, ela lutaria com tudo o que tinha.

Eu balancei a cabeça para Sebastian e então me transformei em névoa. Reformando-se no pavimento rachado em frente ao pequeno chalé de madeira pintado de um horrendo amarelo mostarda, esperei que ele reaparecesse.

Escaneando a rua para quaisquer sinais de uma ameaça, não encontrei nenhuma.

Toda a área estava permeada de magia, que os humanos sentiram, em algum nível, e deram a este bairro um amplo espaço. Cada rua estreita estava cheia de bruxas, magos, alguns trocadores de pele e alguns párias do clã.

Algo que eu não ia contar para Seraphina porque, conhecendo-a, ela vai começar a bater nas portas e perguntar se eles querem ficar no palácio com ela.

Se alguém estava ficando com ela, seria eu, porra.

No segundo que Sebastian reapareceu, ela se afastou, seus braços ainda mais apertados em torno de si. Eu queria alcançá-la, mas ela nunca me permitiu confortá-la. Eu nem tinha certeza se sabia como, mas eu tentaria muito bem, especialmente se isso significasse que eu a teria pressionada contra mim.

Quantas vezes eu repassei a noite em que nos conhecemos? Seus olhos indo para o meu pau, viajando pelo meu corpo, ainda escorregadios com sangue? Eu poderia tê-la levado ali mesmo, mas estava feliz por não ter feito isso.

As regras eram diferentes nos dias de hoje, como eu era constantemente lembrado. Tantas malditas regras que eu não sabia como alguém funcionava.

— Ok, estou aqui. Vamos colocar esse show na estrada.

Presumi que isso significava que ela estava ansiosa para acabar com isso, então eu a conduzi em direção às frágeis portas de persianas do chalé.

— Quem vamos encontrar? — Perguntou Seraphina.

— Sra. Trahan, — Sebastian murmurou. — Liguei antes.

Ele também pediu um favor, e eu esperava que essa mulher soubesse o que estava fazendo. Eu confiava nos contatos de Sebastian, mas sempre havia alguém disposto a trair você pela quantia certa.

Os pés de Seraphina pararam exatamente onde estavam. — Você nunca fez um telefonema. Você sabia totalmente que eu cederia e aceitaria seu acordo, não é?

Os olhos de Sebastian dispararam para os meus. Eu balancei a cabeça.

— Nós sabíamos que você tinha que ver alguém, Seraphina. Esta foi a maneira mais conveniente de obter ajuda. — Sebastian parecia envergonhado ao encarar sua filha.

— Eu não preciso de ajuda, — ela insistiu com veemência, seus pés firmemente plantados na calçada. Uma luz se acendeu dentro do chalé, e meu batimento cardíaco disparou. Se ela recusou, eu não

estava acima de carregá-la chutando e gritando para dentro de casa, mas isso também era provavelmente contra as malditas regras.

— Vou dar todo o meu apoio a você no julgamento, — eu disse a ela rapidamente. — Eu esmagarei qualquer dissidente sob minha bota, dando a você um caminho claro para moldar o clã de acordo com suas especificações. Você fica com a melhor parte desta barganha, minha rainha. Tudo o que quero em troca é ter certeza de que não há nada de errado com você.

Mesmo que houvesse.

Por um minuto interminável, ela refletiu sobre isso. —Muito bem. Espero que este curandeiro funcione rápido.

—Sra. Trahan, — Sebastian lembrou sua filha. — Ela não tem nada a ver como você chegou aqui, então seja educada.

— Eu não preciso de aulas de etiqueta de você — Seraphina sibilou, suas mãos fechadas em punhos. — Se você tivesse ficado perto da mamãe, você saberia disso.

Eu tossi, escondendo meu sorriso. — Claro que sim, ou então...

— Discutir na minha varanda não é maneira de chamar a seu favor, Blackwell — disse a mulher magra, seus olhos escuros pousando em Seraphina. — Entre, antes que os vizinhos ouçam.

— Peço desculpas. — Seraphina avançou, estendeu a mão. A mulher pegou. — Estávamos resolvendo alguns problemas pessoais. Não vai acontecer de novo.

— Espero que não. — A mulher franziu a testa para Sebastian, mas quando seus olhos encontraram os meus, ela empalideceu visivelmente, o som de seu sangue batendo traindo seu exterior calmo. — Caím, eu presumo. Ouvi muito sobre você nas últimas semanas. Meu nome é Fleur Trahan.

Eu estremeci. Não é bom. Era do meu interesse manter minha cabeça baixa, e se ela soubesse sobre mim...

— Esta é uma comunidade fechada. Nós ficamos juntos. Um recém-chegado - especialmente um de seu status - é obrigado a fazer os moradores falarem. Não leia muito sobre isso.

Você não é uma celebridade. Mais uma... curiosidade.

Eu odiava o vernáculo deste século, cheio de eufemismos que me perdiam. Presumi que Fleur estava dizendo que eu não precisava me

preocupar, mas ainda assim, mandaria Sebastian traduzir para mim mais tarde. Agora, tudo o que me importava era Seraphina.

Ela nos levou para a parte de trás do chalé e através de um pátio estreito até a pequena casa de hóspedes. Fleur abriu as portas, revelando paredes de tijolos iluminadas por um banco de velas. O ar cheirava a cera de abelha e sálvia, um traço de fumaça ainda pairando no ar. Eu respirei fundo, instantaneamente me sentindo melhor. Era assim que cheirava o ar adequado, não poluído com fumaça de diesel e miudezas.

— Sebastian disse que você teve alguns hematomas? — O olhar penetrante da mulher passou por Seraphina, parando em suas mãos. — Posso ver?

Hesitante, Seraphina abriu as mangas, revelou seus braços pálidos, e eu mal me impedi de me jogar para a frente com horror. Cada centímetro de sua pele delicada estava coberto de hematomas azuis profundos, mas foram as teias de aranha pretas logo abaixo da superfície que fizeram meu coração parar.

Costumávamos chamá-lo de Venenum Sanguis — ou sangue envenenado. Agora, de acordo com Sebastian, eles chamam de Síndrome de Medullis, mas a doença ainda era tão mortal.

E ainda incurável.

Os olhos de Fleur ficaram vazios quando ela agarrou o pulso de Seraphina, em seguida, levantou-o para um olhar melhor. — Uma doença do sangue, com certeza. — Ela olhou para mim, a pergunta clara em seu rosto. Quanto você quer que eu diga a ela? Nada. Ainda não.

Ela traçou uma das linhas escuras. — Há quanto tempo você está doente?

— Não estou doente. Estou machucada, provavelmente anêmica. Isso começou há poucos dias.

— Está demorando mais do que isso — murmurou Fleur, e os olhos escuros de Seraphina brilharam de medo. Apenas por um segundo, mas eu me aproximei, decoro que se dane. Eu não sabia por que me sentia assim, mas não permitiria que ela recebesse más notícias sem mim ao seu lado.

— Estou pensando que tenho deficiência de ferro, anemia limítrofe. E em que você baseia isso?

— Até alguns meses atrás, eu estava na pré-medicina em Tulane, estudando para ser hematologista. Os sintomas aumentam. — Seraphina puxou a mão. —Ou, pelo menos, acho que sim. — Mas havia uma ponta de dúvida em sua voz agora, como se ela não tivesse certeza.

— Já vi isso antes. Raramente, e apenas sob certas condições. — Quais? — O sussurro fibroso de Seraphina congelou meu coração.

Fleur sorriu e estendeu a mão novamente. — Primeiro, deixe-me dar uma olhada mais de perto. Não posso lhe dar uma resposta com base em um visual. Vou ter que ir mais fundo para fazer um diagnóstico adequado.

Ela correu os dedos levemente sobre as contusões, cantarolando enquanto fazia isso. Eu já tinha visto bruxas trabalhando antes, é claro, a maioria delas charlatães, mas Fleur era o verdadeiro negócio. O poder flutuou dela como um vento fantasma, e quanto mais magia ela invocava, mais o ar da sala pulsava.

Minha própria magia ansiava por combatê-la – algo sobre magia de bruxa sempre trazia o pior de mim — mas eu a empurrei de volta. Nem eu gostava de ver alguém tocar em Seraphina, mas isso não podia ser evitado.

— Algum outro hematoma? — Houve uma breve hesitação antes de Seraphina balançar a cabeça, seu olhar desviando. Levei vários encontros para descobrir o que ela diz. Ela estava obviamente acostumada a mentir, mas seus olhos a denunciavam todas as vezes.

— Mostre a ela, — eu insisti, apesar da hesitação de Seraphina. — Estamos além de esconder segredos. Ela tem que ver tudo para diagnosticá-la corretamente, minha rainha. Assim que usei seu título, as mãos de Fleur caíram para os lados, e ela se afastou, lançando a Sebastian um olhar que prometia dor.

— Você é a nova rainha de Darkfell? — O rosto da bruxa ficou plano, sua voz tremeu. — Você deveria ter me dito quem ela era, Blackwell. Você sabe que estou proibida de falar com ela.

— Ela é minha filha, e você é a melhor. Isso não tem nada a ver com velhas brigas e sangue ruim. Diga-nos o que está errado e como consertá-lo, e seguiremos nosso caminho, sem ninguém saber.

— Eu faria o que ele pede, — eu avisei a bruxa suavemente. — Termine isso, ou você descobrirá um novo significado para sangue ruim.

— Caím, pare com isso, — Seraphina ordenou, e eu fechei minha boca, como se ela tivesse algum poder invisível sobre mim. — Sinto muito, Sra. Trahan. Eu não sabia que eles estavam me trazendo aqui, só que eu estava vendo um curandeiro. E, infelizmente, não sei o suficiente sobre vampiros e bruxas para entender por que você não pode falar comigo.

Seraphina envolveu seus braços finos ao redor de si mesma. — Vou ver Marie em vez disso. Eu pretendia vê-la... quando encontrasse tempo.

Os olhos escuros de Fleur se fixaram em mim, e eu atirei a ela um sorriso cheio de presas, para que ela soubesse que eu não fazia ameaças inúteis.

— Muito bem. Mostre-me, — Fleur estalou, as mãos nos quadris.

Seraphina levantou a camisa, apenas o suficiente para mostrar uma extensão de seu lado, igualmente salpicado de hematomas, atravessado com veias pretas. — Estes são novos, a partir de hoje. Tive rigidez e dores nas articulações. Isso pode ser exaustão, — ela meditou. — Pelo menos, foi disso que me convenci. Até hoje.

— Isso, eu temo, é mais do que exaustão — disse Fleur calmamente. —Conte-me sobre suas habilidades. Que tipo de poder você tem?

— Necromancia, por exemplo.

Meus ouvidos se animaram. Conhecer a magia de Seraphina me daria uma vantagem sobre ela, caso eu precisasse.

— Minha magia inata é baseada no fogo, mas também tenho a magia da Rainha Lyra dentro de mim. Eu absorvi seu poder na noite em que matei Viktor Carpathian.

— A rainha morta. E a magia dela é....?

— Gelo e geada. O meu é fogo. Eu os juntei, e agora eles não são tão... problemáticos quanto antes.

Ah, isso explicava a frieza de sua magia de fogo, a ponta de frio que me repelia sempre que ela a usava contra mim.

— Merda, é incrível que você não estivesse morta meses atrás. — Fleur acenou com a cabeça para o hematoma. — Mesmo assim, você não procurou um médico?

— Eu me sentia bem até recentemente. — Seraphina puxou as mangas de volta para baixo. Seu corpo ficou rígido quando ela murmurou: — Foi rápido demais para ser leucemia.

O medo de Seraphina encheu a sala. Um cheiro azedo e acre que a delatou. Ela sabia que havia algo errado, achava que sua doença era essa... leucemia, o que quer que fosse.

— Isso não é câncer. — A mulher parecia tão certa. Meu coração afundou. Eu poderia curar o câncer. Meu sangue era poderoso o suficiente para erradicar qualquer doença humana. Mas doenças baseadas em magia eram mais complicadas, e nenhuma era mais letal do que está.

Sebastian sabia disso também, pelo olhar em seu rosto.

— Tentando segurar também muita magia dentro de sua forma mortal pode fazer com que seu corpo falhe. Quanto a fundir duas magias opostas... eu teria que falar com alguns membros do coven antes de tomar uma decisão sobre como tratá-la.

Minha pele se arrepiou quando ela mencionou o coven. Eu odiava bruxas, sempre odiei.

Eles pegaram a magia e a usaram para usos não naturais, mas as bruxas eram as melhores curandeiras hoje em dia, e nós precisávamos do melhor.

— Você disse que já tinha visto isso antes — Seraphina interrompeu. — O que você quis dizer?

Fleur olhou para mim e escolheu suas palavras com cuidado. — Se eu tivesse que adivinhar, eu diria que faz um tempo desde que você gastou qualquer magia?

Seraphina assentiu. — Estive ocupado cuidando da papelada e segurando o público.

Há muita coisa que precisa mudar dentro do clã. Já faz um tempo desde que eles tiveram um governante adequado, alguém que se importa com o que acontece com eles.

— Gastar um pouco do seu excesso de magia seria um bom começo. — Fleur acenou para Seraphina. — Posso ver suas costas?

— Só se eles se virarem. — Ela olhou para nós e eu virei as costas, mas não pude deixar de deslizar na cabeça da bruxa.

Seraphina se virou e Fleur ergueu o suéter. As veias pretas eram mais proeminentes em suas costas, algumas tão grossas quanto meu dedo.

Isso é ruim. A doença havia progredido para o estágio Seraphinal. Em mais alguns dias, seria fatal. Se essa bruxa não pudesse curar Seraphina, eu procuraria pelo mundo e encontraria alguém que pudesse.

— Ouvi dizer que você é uma Marvelle, isso é verdade? — A mulher perguntou curiosamente, seus dedos traçando a veia, fazendo-a desaparecer.

— Eu sou. A última Marvelle, por sorte — murmurou Seraphina, com uma pitada de dúvida em sua voz. Ela sabia que isso era ruim, embora não entendesse o que era. Quando a bruxa terminou, ela puxou a camisa para baixo.

— Espero que não literalmente. Ainda não, de qualquer maneira.

Diga a ela que você vai investigar isso. Não diga mais nada a ela.

Os olhos de Fleur brilharam para mim, e seu rosto mudou. Havia tristeza ali agora, substituindo a curiosidade clínica. Ela sabia, tão bem quanto eu, que essa doença era uma sentença de morte, não importa o que ela dissesse em seguida.

— Vou verificar com os outros covens, descobrir o que foi feito no passado para curar está aflição.

Não havia cura.

Nenhuma cura e Seraphina morreria, e não havia nada que qualquer um de nós pudesse fazer a respeito.

— Obrigada. Vou tentar dormir mais. — Sob as velas bruxuleantes, ela estava pálida. Os círculos escuros sob seus lindos olhos a faziam parecer um cadáver, sua boca caída em um sorriso resignado que só me deixou mais irritado.

— Você faz isso — disse Fleur, abrindo as portas.

Fiquei em silêncio enquanto passávamos pelo pátio, as folhas das palmeiras farfalhando no alto, o musgo tornando o tijolo escorregadio. Sebastian também estava em estado de choque, e eu me perguntei se ele me deixaria passar um tempo com sua filha.

Eu poderia sugerir. Tê-lo ao seu lado significava que Seraphina não estaria tão sozinha, e eu teria olhos dentro do palácio. E por que ela estava sozinha? Se ela fosse minha companheira...

Mas ela não era.

— Quando eu tiver respostas, mandarei uma mensagem para você. Você disse que é amiga de Marie Laveau?

— Eu sou.

— Então você deveria ir vê-la. A opinião da Bruxa de Nova Orleans tem mais peso do que a minha. Se eu descobrir algo útil, avisarei a ela. Senti o alívio da mulher, tão feliz que ela não seria a única a pronunciar a sentença de morte.

— Existe algo que você possa fazer para aliviar o sofrimento dela? — Perguntei baixinho quando estávamos dentro do chalé. — Ela disse que está com dor.

— Eu disse que minhas articulações estão rígidas. — Ela bufou, girando e me cutucando no peito com um dedo. — Eu não estou sofrendo.

O dedo de Seraphina afundou na minha carne e foda-se se todo o meu corpo não se contraiu em antecipação. Eu a queria tanto que podia sentir o gosto, mas no momento, seu bem-estar superava todo o resto, até mesmo meu pau latejante.

Eu não sabia como eram as articulações rígidas. Eu não sentia dor, não como a maioria sentia, mas o pensamento de Seraphina machucada fez minha pele ficar tenso de uma maneira que eu não conseguia descrever e não gostava. Amaldiçoei meu irmão por não cuidar melhor dela – aqueles bastardos Fontaine e Cyrus – por abandoná-la enquanto ela estava em perigo. Se dependesse de mim, eu teria...

Mais uma vez, meus pensamentos gaguejaram até parar.

Não dependia de mim. Nunca dependia de mim, e a julgar pelo olhar no rosto de Seraphina, nunca seria.

— Cure-a, tanto quanto você é capaz — eu ordenei, Sebastian murmurando algo sujo. Seu pai levaria isso muito a sério, mas também trabalharia dia e noite, procurando uma cura.

Fleur me olhou, e eu mostrei a ela minhas presas, geralmente a maneira mais eficiente de fazer as coisas. A bruxa cobriu Seraphina com um banho de magia. À medida que afundou em sua pele, os hematomas desbotaram para rosa pálido, e um pouco da cor voltou para seus lábios brancos.

— Obrigada. — Ela estendeu a mão e apertou a mão de Fleur. — Já me sinto melhor.

Tirei algumas notas do meu maço de dinheiro. Um punhado, não que eu me importasse com o quanto esse dinheiro deveria valer. Ouro e joias eram moeda adequada, não este papel fino e fedorento, impresso com o rosto de algum humano morto.

— Eu quero que você me leve de volta ao palácio. — Seraphina me lançou um olhar afiado antes de se virar para o pai. —Você vai para casa, ou volta para o esconderijo, ou onde quer que esteja morando hoje em dia.

Por um segundo, meu cérebro e meu pau estavam em duas páginas diferentes, meu cérebro ficando em branco enquanto todo o sangue corria entre minhas pernas. Então eu juntei meu juízo.

— Você ouviu sua filha. — Eu empurrei Sebastian de lado e olhei para a fêmea que eu pretendia fazer minha.

— Vou levá-la para casa.

Então Seraphina foi pressionada contra mim, os braços cruzados teimosamente sobre o peito. Eu não me importei porque seu cheiro de mel me envolveu, e no segundo em que nos desmaterializamos, eu enterrei meu rosto em seu cabelo sedoso.

08
SERAPHINA

Jurei, quando pousamos fora das alas do palácio real, aquele idiota estava cheirando meu cabelo. Mas é difícil dizer com certeza quando seus átomos estão lutando para se reformar, e quando meus olhos focaram, ele já havia me soltado.

Eu não podia acusá-lo exatamente de nada, quando não tinha certeza.

— Você provavelmente está se perguntando por que mandei meu pai embora e você me trouxe para casa? — Eu mesma não tinha certeza, mas sabia que Sebastian faria qualquer coisa que Caím lhe dissesse.

Eu estava apenas cortando o intermediário.

— Você provavelmente não sabe disso, mas antes de me tornar uma vampira, eu era um estudante universitário na Universidade de Tulane, estudando para ser médica.

Caím esperou, um olhar vazio em seu rosto. Certo, ele não sabia o que era.

— Um médico que trata doenças do sangue humano.

O olhar confuso em seu rosto se transformou em outra coisa.

— Eu sei o que você está pensando. Quais são as chances? Um vampiro hematologista? A piada pobre me trouxe um sorriso fraco em troca.

— Você estava certo — eu admiti, as palavras com gosto amargo na minha boca. — Eu sabia que havia algo errado comigo, mas era mais fácil fingir que não tinha. Eu estava fazendo um trabalho muito bom fingindo até que você me denunciou na frente de Deston.

Eu não conseguia nem começar a descrever o alívio que senti quando Fleur confirmou que não era câncer. Não me pergunte por que, mas essa palavra me transformou em pedra. Algo instintivo, suponho, já que o diagnóstico sempre pareceu uma sentença de morte, mesmo quando não era.

Não que uma doença mágica fosse melhor, mas eu já tinha quebrado maldições em Luthor, Cyrus e Caím, e não havia nenhuma razão para eu não vencer isso como.

Nós vamos.

— Eu... — Caím inclinou a cabeça, olhando para mim como se nunca tivesse me visto antes. —Isso foi imperdoável da minha parte. Eu não estava pensando direito naquele dia. Eu vi os hematomas e apenas... reagi.

Seu pedido de desculpas inesperado não continha um pingo de sarcasmo, o que não apenas me surpreendeu, mas me encorajou a continuar. Minha proposta era a única que fazia sentido a longo prazo e, se ele concordasse, nos daria o que queríamos.

— A questão é que todo o meu futuro – o futuro do clã – está em suas mãos no momento. Eu gostaria que chegássemos a um entendimento sobre isso.

A curiosidade cintilou em seu rosto, apenas para ser substituída por sua habitual fachada impassível. Sua expressão era tão parecida com a de Deston, que parei. Eu não tinha ideia de pôr que Caím me lembrava Deston, quando os dois não poderiam ser mais diferentes.

— Que tipo de entendimento? — Caím parecia hesitante, como se soubesse que não ia gostar do que eu tinha a dizer.

— Meu sonho de ser médica não era sobre dinheiro ou status ou qualquer coisa assim.

Eu queria ajudar as pessoas, encontrar uma cura para melhorar a vida das pessoas. — Suspirei, tentando descobrir como colocar essa próxima parte em palavras para não parecer ridiculamente ingênua.

— Quando aquela vida desmoronou, abracei esta nova porque, apesar das diferenças, percebi que ainda poderia fazer o que sempre quis fazer. Mude o mundo para melhor. Posso não ser capaz de curar as pessoas de suas doenças, mas como rainha, posso dar às pessoas oportunidades e um futuro melhor.

Seu rosto ainda era uma máscara impenetrável, uma que eu sabia que nunca quebraria. Nem estava disposto a mexer dentro de sua cabeça, não quando ele cutucava de volta. Além disso, fui eu quem disse a ele para ficar fora da minha cabeça, então seria muito rude da minha parte violar minha própria regra.

Caím não tinha motivos para me ajudar. Na verdade, com tudo o que ele acabou de aprender, ele seria inteligente em me destronar. O mero rumor de eu ter alguma doença mágica seria suficiente para a realeza se voltar contra mim.

Ele poderia assumir o controle do Darkfell Clan sem levantar um dedo. Ele sabia disso.

Eu sabia.

— Eu ainda quero mudar as coisas para melhor. Mas quando esses sanguessugas descobrirem que estou doente, não posso dar a essas pessoas o futuro que merecem. O que estou pedindo...— Percebi que estava torcendo minhas mãos e as apertei atrás das costas. — É um favor. Peço que não diga nada. Não fazer nada por mais duas semanas. Duas semanas e terei as bases para uma nova sociedade, uma que seja segura e que dê a todos oportunidades iguais.

—Isso é tudo que você quer de mim? — Caím perguntou como se houvesse um problema. — Duas semanas?

— É isso. Não diga uma palavra a ninguém, mantenha meus problemas de saúde em segredo por duas semanas. — A respiração que eu puxei cheirava a brasa e cinzas tocadas com enxofre, e me perguntei se algum dia me acostumaria com aquele cheiro.

Eu já tinha decidido. Assim que eu implementasse o último dos meus programas, eu deixaria o cargo de Rainha e entregaria tudo para Caím.

Mas primeiro, eu queria ver se ele me ajudaria, sem saber que havia algo para ele. Eu tinha que saber que tipo de homem ele era.

Por vários momentos longos e desconfortáveis, nós apenas olhamos um para o outro até o suor escorrer pelas minhas costas por causa do calor, a umidade deixando meu cabelo encaracolado.

Não havia nenhuma razão para ele concordar, nenhuma razão para ele me dar o que eu estava pedindo.

— E quanto ao seu companheiro? E Luthor Fontaine? Cyrus Rayne? Eles sabem o que há de errado com você? — Ele Seraphinalmente perguntou, as pontas de suas presas cutucando abaixo de seu lábio superior cheio, a luz das estrelas refletida nas profundezas de seus olhos escuros.

— Eu direi a eles — eu menti. — Assim que eu tiver tudo no lugar.

Inclinei minha cabeça para trás para vislumbrar o céu noturno acima. A magia de Fleur tinha feito maravilhas. Eu já estava me sentindo melhor. Eu sabia que misturar magia de fogo e gelo tinha um preço, embora não esperasse que tivesse esse tipo de efeito. Mas o corpo humano era uma coisa frágil. Eu deveria ter sido mais cuidadosa.

— E Cyrus? — Caím perguntou cuidadosamente. — Onde ele esteve?

— Cyrus não é da sua conta, — eu disse, embora secretamente, eu estivesse preocupada.

Embora eu nunca tenha tido uma linha do tempo para seu retorno, quanto mais tempo ele estava fora, mais eu sabia que algo mais estava acontecendo.

Algo que Luthor e Deston estavam escondendo de mim.

—Devidamente anotado. Eu vou apoiá-la, Seraphina. Qualquer coisa em meu poder para dar, você terá — concordou Caím.

Examinei seu rosto, procurando o truque por trás de sua fácil aceitação.

—Sem truque — ele murmurou, seu rosto suavizando. —Eu... admiro o que você está tentando fazer e desejo ajudá-lo em sua busca. Agora vá. Eu cuidarei de você até que você esteja dentro. — Ele acenou com a cabeça em direção ao palácio. —Está frio, Seraphina. Você deveria entrar.

Ele estava certo. Eu estava tremendo. Eu não sabia que horas eram, mas eu estava muito atrasada para dormir.

A parte mais estranha desta noite?

Caím nunca pediu nada em troca.

Enquanto caminhava em direção ao palácio, refleti sobre meus sentimentos calorosos e confusos por ele.

Talvez ele estivesse evoluindo. Talvez ele fosse o aliado que eu realmente precisava, e então eu poderia deixar o clã para ele, e eles estariam em boas mãos. Pelo que vi esta noite, ele mostrou empatia genuína, como se realmente se importasse com o que aconteceu comigo.

Caím manteve sua palavra, sua forma escura de pé na colina varrida pelo vento, e ele ainda estava lá quando fechei as portas atrás de mim.

Eu mal tinha me virado quando fui varrido e girado em um círculo.

Uma das minhas botas voou e bateu em um vaso de valor inestimável, que se estilhaçou no chão em lascas de porcelana azul e branca.

— Opa. — Cyrus riu, seus dentes beliscando meus lábios, abrindo-os enquanto ele me beijava. — Isso não deveria acontecer. Espero que seja uma farsa.

— Eu duvido muito. — Eu não me importava se quebrássemos tudo neste lugar. Eu tinha meu melhor amigo de volta, e meu coração estava prestes a explodir.

— Oh meu Deus, — eu meio que gritei, apertando seu rosto entre minhas mãos. — Você Seraphinalmente voltou. Eu só estava pensando…

— Diga-me, minha rainha, o que, exatamente, você estava pensando porquê... — Seu rosto se iluminou, seus olhos verdes tingidos com fogo branco. —Posso dizer o que tenho pensado no último mês.

— E o que foi isso?

— Que eu nunca, nunca, nunca quero ficar longe de você por tanto tempo novamente. Mesmo que tenha sido uma viagem produtiva.

— Quão produtivo? — Eu provoquei, pressionando meu rosto em seu peito para que ele não me visse chorar. Eu sentia tanto a falta dele e não tinha percebido quão solitária eu estava. Agora, eu estava à beira de desmoronar.

— Você tem o apoio da rainha Maeve, assim como da rainha Olivia em Bucareste e da rainha Marta da Espanha. Enquanto todos estavam bastante curiosos sobre você, a rainha Maeve, especialmente, está bastante interessada nas mudanças que você está fazendo.

— Espero que ela não esteja planejando me impedir. — Envolvi meus braços em torno de sua cintura e me apertei mais perto. Enquanto seus braços me apertavam com força, quase chorei.

Fazia tanto tempo desde que alguém tinha acabado de me segurar. Eu quase tinha esquecido como era isso. Como se ele soubesse, Cyrus enviou um pouco de sua magia calmante para mim, e meus joelhos quase saíram de debaixo de mim.

— Pelo contrário. Ela está implementando mudanças lentamente e está ansiosa para ver se você encontrará a mesma resistência.

— Bem, veremos como vão as próximas duas semanas, então você pode enviar a ela um relatório completo.

Espero que não haja obstáculos, mas você sabe o que eles dizem sobre assumir.

— Eu não quero falar sobre a rainha Maeve. Ou qualquer outra rainha, aliás. Cyrus me inclinou para trás e me beijou, e meus olhos se fecharam, saboreando a forma como suas mãos vagavam avidamente pelo meu corpo, o gosto dele em minha boca.

— Eu concordo totalmente. — Eu estava sem fôlego quando ele me soltou. — Além disso, você tem coisas melhores para fazer com esses lábios e essa língua.

Ele riu, me girou em um círculo e, quando me soltou, estávamos no quarto. Eu girei no chão e caí na cama, pintando à vista dele. Ele era tão lindo. Um deus loiro trazido à vida, seus olhos verdes dançando com promessas enquanto ele me estudava estendido nas cobertas.

— Quando é que voltaste?

— Duas horas atrás. Esqueci quão ruim é a umidade durante o verão, então isso levou alguns ajustes. Eu queria vir e encontrá-la imediatamente, mas tive que me reportar a Luthor. Você sabe como ele é. Eu não teria tido um momento de paz se tivesse visto você primeiro.

E eu não estaria aqui. Cyrus teria se perguntado onde eu estava e despertado um ninho de vespas.

—Você diz isso com tanta autoridade— eu brinquei, tirando meu casaco. —É como se você nunca tivesse saído e soubesse como Luthor tem estado ultimamente.

— Depois de algumas centenas de anos, acho que o conheço bem o suficiente. Não quero que ninguém nos interrompa esta noite, Seraphina. Eu tenho grandes, grandes planos para você.

Sim, meus planos mudaram também. O sono saiu pela janela enquanto a saliva se acumulava na minha boca. Eu tinha Cyrus só para mim, e toda a noite – bem, de manhã cedo – diante de nós. Eu não estava perdendo um único segundo.

Eu puxei meu moletom sobre minha cabeça, chutei meus sapatos e abri meu jeans. Então parei, só para ver Cyrus tirar a roupa. Estava mais magro, pálido, como se tivesse passado o mês inteiro dentro de casa e esquecido de comer. O que ele estava fazendo?

— Você perdeu peso, Cyrus, — eu disse a ele enquanto ele olhava meu pescoço com fome. —Você não se alimentou por um mês inteiro?

Ele desabotoou a calça jeans. — Como se eu fosse me alimentar de qualquer pessoa além de você, Seraphina.

Ele mexeu as sobrancelhas sugestivamente antes de ficar sério. —Falando em alimentação, não sou o único que perdeu peso. Luthor e Deston não estão cuidando de você? Seu olhar vagou sobre mim mais profundamente, sua expressão passando de curioso para zangada. — Por que há círculos sob seus olhos, Seraphina? Você está doente?

—Todo mundo está ocupado — eu disse rapidamente. O que era verdade. Isso não era culpa de ninguém, apenas do jeito que as coisas tinham sido. Talvez com Cyrus de volta, todos nós tivéssemos mais tempo para nós mesmos.

— Estive ocupada com coisas de rainha, Deston está trabalhando com Markus para arranjar Seraphinanciamento, e Luthor... bem, ele está tentando construir a Guarda dos Cavaleiros e me manter seguro.

— Isso não é desculpa, Seraphina. E você sabe disso. — Com raiva, ele tirou as calças, e minha boca encheu de água quando vi seu pau, substituindo minha preocupação em suas costelas salientes.

— Não é uma desculpa, apenas a realidade. — Ter Cyrus em casa apenas iluminou o quão ruim as coisas tinham ficado por aqui. — Definitivamente não é culpa de ninguém. Agora que você está de volta, as coisas vão melhorar.

—Tire sua camisa, Seraphina, — Cyrus exigiu, lambendo os lábios. —Quero ver você.

Meus dedos estavam na bainha da minha camisa, prontos para levantar sobre minha cabeça, quando me lembrei do hematoma. — Apenas venha para a cama, Cyrus — eu convidei suavemente, meu olhar devorando-o enquanto ele pairava sobre mim. —Apague as luzes e venha para a cama. Eu quero sentir você contra mim.

No escuro, o segredo era muito mais fácil. Eu não precisava me preocupar com a minha aparência, ou as perguntas inevitáveis de Cyrus, ou minhas respostas meias-mentiras.

Tudo que eu tinha que fazer era correr meus lábios sobre Cyrus, pintando uma imagem dele em minha mente. Eu acariciei cada centímetro dele, lambendo meu estômago até que eu o levei em minha

boca. Corri minha língua ao redor da cabeça de seu pau, e quando seus quadris subiram, ele me empurrou.

— Assim não. — Ele engasgou, me rolando de costas, e então sem prelúdio, ele estava empurrando para dentro de mim, seu pau me esticando. Por um momento, ficamos assim, testas pressionadas, minhas mãos subindo e descendo seus braços, o calor da nossa respiração entre nós.

—Seraphinalmente estou em casa. — A maneira como ele disse isso me fez pensar se ele achava que nunca voltaria.

—Você está em casa, Cyrus. — Eu o puxei para minha boca, tentando colocar todas as minhas emoções naquele beijo. —E você está aqui para ficar. — Se ele tentasse sair de novo, eu lutaria contra essa decisão com tudo o que tinha.

— Sim. — Ele suspirou, movendo-se contra mim, seu corpo uma onda escura que se misturava com as sombras, o brilho prateado de seus olhos a única luz na sala.

—Você deveria se alimentar. — Virei minha cabeça, descobri meu pescoço, meio me perguntando se isso era uma boa ideia. Mas ele estava faminto, e se não fosse eu, de quem ele se alimentaria?

Tudo o que senti foi a pressão molhada de sua língua na minha garganta, as carícias de seu pênis dentro de mim, a maneira lenta e constante que ele me montou, meu orgasmo já subindo.

Quando Cyrus atacou, mal senti seus dentes. Ele era tão gentil, como se soubesse que doçura era o que eu precisava agora, e minhas mãos se enrolaram em seu cabelo, segurando-o enquanto ele bebia de mim.

Ele estava em mim, e eu estava nele. Nós pertencíamos um ao outro, e agora que ele estava de volta, eu estava inteira novamente.

Meu clímax foi profundo e rolante; o tipo que leva você lentamente no início, antes de cair em ondas pesadas. Meus quadris subiram para encontrar os dele, minha respiração instável e áspera quando ele grunhiu, então chegou ao clímax também, enterrando-se profundamente, como se ele quisesse se imprimir em mim de alguma forma.

Cyrus desmoronou em cima de mim, lambeu minha garganta para fechá-la, depois rastejou para longe de mim, como se não tivesse energia para mais nada. eu reúno Eu o segurei no meu peito e apenas

o segurei, apenas se movendo quando ele deslizou para cima, me puxou para seu peito e para sua garganta.

—Agora você, Seraphina. Bebe. Você precisa disso.— Eu tentei ser tão gentil quanto ele, mas ele assobiou levemente quando eu bati, então eu esfreguei a mão em seu peito em movimentos lentos e circulares, meus lábios acariciando sua garganta até que eu o senti relaxar embaixo de mim.

Eu estava lambendo o dele quando congelei.

—Você tem um gosto diferente, de alguma forma. O que mudou?

Suas palavras estavam arrastadas, assim como as minhas quando respondi: —Nada, apenas cansada.

Igual a você. — Dei um tapinha na barriga cheia de Cyrus. —Você conseguiu o suficiente? — Eu perguntei sonolenta. Já me sentia melhor, mais forte depois de me alimentar, como se o sangue do meu macho tivesse poderes medicinais.

— Por enquanto. — Ele se deitou em mim. —Deus, estou feliz por estar de volta.

Ele se aninhou no meu pescoço. —O mês passado foi uma tortura. Eu nunca deixarei você de novo, Seraphina. Seu braço envolveu minha cintura, e meu corpo inteiro ficou mole.

— Não importa o que aconteça a seguir, eu quero que você se lembre disso. Você e eu fomos feitos para ficar juntos.

Eu sabia que ele estava tentando dizer outra coisa – algo importante – mas não consegui segurar as palavras o tempo suficiente para que fizessem sentido antes que o sono me alcançasse.

09
SERAPHINA

— Puta merda. — Engoli em seco quando vi meu reflexo, me virando para dar uma olhada melhor nas minhas costas. Eu estava completamente coberta de hematomas, alguns escuros o suficiente para parecerem veias. Como se cada lugar que Cyrus me tocou tivesse deixado uma marca.

Depois de me alimentar, depois de uma boa noite de sono, acordei revitalizada, pronta para o dia, Seraphinalmente me sentindo quase como nova. Até que eu vi as contusões.

eu não entendi. Com Luthor e Deston, eles foram embora depois que eu me alimentei.

—Isso vai ser um problema sério. — Se Deston ou Luthor vissem isso... mas eles não iriam. Eles não estavam por perto para ver nada.

Isso foi ruim. Eu não me senti doente, mas algo estava terrivelmente errado.

Eu repassei a noite passada na minha cabeça. O medo silencioso na voz de Fleur quando ela viu meu braço. O flash que eu vislumbrei no de Caím, apenas por um segundo. Eu estava mesmo doente, e ninguém teve coragem de me dizer. Eu tinha que ir ver Marie.

Qualquer que seja o feitiço mágico que Fleur tenha feito foi um Band-Aid, mas não mais.

Essa explosão de energia veio da minha alimentação ontem à noite, mas minha pele parecia mirtilos manchados. Havia veias escuras através do hematoma, como se eu tivesse veneno correndo pelo meu corpo.

Acordei sozinha, lembrando que Cyrus havia sussurrado para eu ter um bom dia antes de sair da cama quando ainda estava escuro.

Tentativamente, alcancei Deston através do vínculo e o encontrei imediatamente. Ele estava sentindo uma mistura de frustração e aborrecimento, mas nada mais do que isso.

— Você não chegou em casa ontem à noite? — Eu perguntei gentilmente.

— Ainda estou em Nova York. Dois dos empréstimos comerciais precisam de tratamento especial e os solicitantes não têm crédito para falar.

— Que dois?

— A padaria e a estação de serviço. Houve uma pausa. Lydia Chambers e Trent McCafferty.

— Então tire o dinheiro da minha conta.

Eu conheci os dois, e eles eram afiados, determinados e trabalhadores.

Lydia havia se matriculado na faculdade comunitária, e Trent trabalhava na estação havia dez anos. Em breve, ele seria o proprietário.

Ambas as pessoas podem executar um negócio. Tudo o que eles precisam é o dinheiro para começar.

Escolhi uma camiseta preta macia, coloquei um suéter longo por cima, meia-calça, uma saia lápis e saltos. Praticamente cada centímetro de mim estava coberto, exceto meu rosto e minhas mãos. Eu me inspecionei no espelho. Ninguém saberia que meu corpo parecia uma pilha de mirtilos por baixo. Perfeito.

Você estará de volta hoje à noite, certo?

Possivelmente, se eu consegui arrumar as coisas a tempo. Eu sinto sua falta, companheira.

Eu também sinto sua falta, Deston. Eu escovei meu cabelo e o enrolei em um coque.

Cyrus está de volta. Eu não sabia se você ouviu?

Houve uma longa pausa, nada além de silêncio ecoando pelo laço. Seraphinalmente, ele disse, eu não sabia. Mas estou feliz, Seraphina. Eu sei que ele te faz rir, e porra sabe que você pode usar isso agora.

Eu me estudei no espelho. Algo estava acontecendo. Cyrus não estava em uma missão diplomática. Ele se foi por muito tempo, e agora... Deston estava fazendo um ato de desaparecimento. Era como se todos estivessem disputando uma posição, e eu nem sabia que jogo estávamos jogando.

Deston tinha seus segredos, isso eu sabia. Eu sempre imaginei que quando ele estivesse pronto, ele me diria.

— Seraphina? Você está bem?

Estou bem. Só se preparando para hoje. É um grande dia, Deston. Afastei minhas preocupações. Eu tinha muitas outras coisas para focar, incluindo a lista completa do dia.

— O que é hoje? — Havia uma ponta de preocupação em seus pensamentos agora, e enquanto parte de mim estava feliz, não havia nada a ser ganho - ou corrigido - por ele se preocupar.

Hugh Cormier havia doado vinte acres para meu projeto de construção. Hoje, estávamos inovando. Quarenta casas novas para quarenta famílias, e isso foi só o começo. Imaginei bairros por toda esta área, cheios de membros do Darkfell Clan.

Eu sempre quis morar em um bairro com outras crianças. Um lugar onde eu pudesse ir de bicicleta para a casa do meu amigo, ou dormir na festa, ou dar à luz ai festas.

As crianças que estavam se mudando para essas casas teriam tudo isso.

Estamos fazendo a inovação hoje para o desenvolvimento. Eu esqueci. As palavras foram acompanhadas por uma onda de arrependimento.

Está bem. Markus estará lá, Luthor também. E Cyrus, embora eu não tenha tido a chance de falar muito com ele ontem à noite.

Eu voltarei para casa, Seraphina. Eu poderia estar lá... em algumas horas.

Não, você cuida dos negócios. Use meu dinheiro, entendeu? Não perca mais tempo nos bancos. Vamos reagrupar quando você chegar em casa hoje à noite.

Eu não sabia de onde vinha essa estranha sensação de pavor. Talvez porque o retorno de Cyrus tenha destacado o quão fragmentados nos tornamos. Seja qual for o motivo, eu não conseguia me livrar da minha inquietação – nem durante as audiências matinais, nem durante a cerimônia de inauguração – que foi realizada na chuva porque os céus da Louisiana escolheram aquele exato momento para se abrir.

Markus e eu seguimos pela lama de volta para onde os veículos esperavam. Eu estava encharcada até a pele, meu cabelo pingando, frio, apesar da temperatura lá fora.

—Estou cancelando seus compromissos da tarde, minha rainha— , Markus me disse no segundo em que voltamos para o carro. —Você está exausto. Você precisa tirar um tempo.

—Estou tão perto de terminar isso. — Olhei para ele de lado e vi que ele quis dizer o que disse. —Mesmo com o calor, estou congelando.

—Você está trabalhando até o osso, Seraphina, — Markus repreendeu gentilmente, envolvendo sua jaqueta em volta de mim. — Se Deston ou Luthor se incomodassem em ficar por mais de um minuto, eles já teriam te contido agora.

— Então eu não teria feito nada.

— Você não vai fazer nada se estiver morto— Markus retrucou. — Você já se deu ao trabalho de se olhar no espelho ultimamente? Você já viu as olheiras sob seus olhos? Você precisa se cuidar melhor, minha rainha. Fazer as coisas não é a coisa mais importante do mundo.

— É o que você diz.

Eu me inclinei para trás no assento aquecido, o que tirou um pouco do frio. — Desculpe, isso foi uma merda de dizer. Estou apenas tentando fazer tudo o mais rápido possível, Markus. Antes que Caím faça uma jogada pelo trono, e eu perca minha melhor chance de melhorar a vida dessas pessoas.

— Caím não quer ser rei. — Markus balançou a cabeça. —Você não consegue ver isso? Você tem todo o tempo do mundo, Seraphina. Eu não sei por que você sente que tudo tem que ser feito agora.

— Eu também não, sinceramente. — Meus ombros caíram. — Eu só quero… quero fazer a diferença, e esta é a primeira vez que tenho o poder de fazer exatamente isso.

Uma vez que eu perca esse poder, serei apenas uma pessoa normal, e que chance tenho de mudar o mundo então?

—O que posso fazer para ajudar? — Markus se virou para mim no banco de trás da limusine. —Agora que temos a tarde livre?

—Você pode ver se Marie tem tempo para me ver hoje?

— Eu ligarei para ela. — Markus ergueu os olhos do telefone. — De quanto tempo você vai precisar? E isso é negócio ou prazer?

— Negócios, suponho. — Pensei na noite passada. —Uma hora, talvez? Se ela pode poupar?

Seus dedos dançaram sobre seu telefone, e um segundo depois, ele apitou. — Marie disse, é claro. Duas horas? Isso vai funcionar?

Eu balancei a cabeça. — Isso será perfeito. Posso pedir um favor? Já que você tem a tarde de folga, pode me levar?

— Contanto que você prometa que este não é outro de seus planos clandestinos que me matarão. — Markus concordou. —Porque eu já te disse, não vou mais te enganar.

— Primeiro, isso foi por uma boa causa e, em segundo lugar, não é nada disso — assegurei a ele. —Só tenho algumas perguntas e preciso da experiência dela.

— Deixe-me terminar algumas coisas, e ficarei feliz em levá-la. — Ele estreitou seu olhar para mim. —É melhor você não estar mentindo, Seraphina, — Markus advertiu severamente. —Você sabe que eu faria qualquer coisa para ajudá-la, mas não posso ficar do lado ruim de seus machos.

Eles têm a tendência de socar primeiro e fazer perguntas depois.

MARIE morava em uma grande casa geminada com galerias duplas e as maiores colunas que eu já tinha visto. A casa ficava no Seraphinal de uma rua sem saída, ladeada por dois carvalhos impressionantes.

Era o início de um verão na Louisiana, e eu ainda não conseguia me aquecer. Eu estava tremendo quando Markus nos aterrissou na calçada coberta de mato. —Este lugar parece assombrado — eu disse a ele, olhando para a galeria do segundo andar emoldurada com uma grade ornamentada que tinha pintura descascada.

— Acho que esse é o ponto principal — Markus murmurou, colocando a mão na parte inferior das minhas costas enquanto caminhávamos por entre as sebes cobertas de vegetação e as magnólias salpicadas de flores tardias.

— Seraphina. — Marie esperou na ampla varanda da frente. — Tem sido muito tempo. Ouvi dizer que você está ocupada.

— O clã estava atrasado para a mudança. Não gosto de perder tempo.

— Concordo em ambos os pontos. — Quando me aproximei dela, seu olhar se estreitou no meu rosto. —Você está trabalhando demais. Você é muito parecida com Claire. Você deve aprender a se controlar.

Marie Laveau não era apenas a Rainha das Bruxas de Nova Orleans, mas era minha única ligação restante com minha avó. Um fato pungentemente levado para casa toda vez que ela mencionou ionizou o nome de Gram.

Se Vovó me visse agora, eu só podia imaginar o que ela diria.

Provavelmente para eu me recompor e parar de sentir pena de mim mesma. Ela era boa em coisas inspiradoras como essa.

—Eu preciso de um tempo sozinho com Marie, se estiver tudo bem? — Olhei desculpando-me para Markus. —Coisas de menina. Tenho algumas perguntas que só ela pode responder.

Para o benefício de Marie, ela não perguntou. Ela acabou de preparar Markus com uma xícara de café fumegante e apontou para o corredor. —Vou lhe trazer uma xícara de chá. Minha sala de trabalho fica à direita. Sinta-se à vontade.

Sala de trabalho era um eufemismo, mas era tudo o que eu esperava.

Frascos cuidadosamente rotulados alinhados em armários altos. Uma coruja empoleirada no manto. Mesas cheias de pilhas de ervas secas, cristais coloridos e pilhas de cartas de tarô gastas. Um conjunto de vidência. O forte cheiro de sálvia picou meu nariz, seu aroma terroso mascarando qualquer mistura que estivesse borbulhando na chapa quente.

— Olha Você aqui. — Marie entrou apressada e passou a mão pela mesa para abrir um lugar para colocar o chá. O chá cheirava a limões e gengibre. —Eu me perguntei quando você viria me ver. Eu ouvi os rumores. Não achei que fossem verdade.

Meu coração congelou. — Que rumores são esses? — Pelo jeito que ela disse isso, ela estava preocupada, mas eu bebi o chá com gratidão. Pelo menos, eu me sentia um pouco mais quente agora, embora minhas mãos estivessem doendo novamente.

— Que você não parece bem. Que você e Caím brigaram durante as audiências noturnas. Que ninguém vê Cyrus há mais de um mês, enquanto Luthor e Deston estão escassos. Que você confia mais em Markus do que em seus amantes.

— Você ouviu tudo isso, hein? — Eu perguntei, nervosamente pousando a xícara. —E aqui eu pensei que estava fazendo um bom trabalho em manter tudo junto.

Aparentemente, eu não era a atriz que pensava ser.

Marie se inclinou, pegou minha mão gentilmente, como se estivesse com medo de que eu quebrasse.

— Também conversei com Fleur Trahan ontem à noite. — Marie me fixou com um olhar severo.

— Você deveria ter vindo até mim primeiro. Confio bastante em Fleur, mas o clã tem olhos e ouvidos em todos os lugares. É do interesse deles manter o controle sobre uma nova rainha, especialmente uma que faz mudanças tão radicais.

— Mudanças que precisam ser feitas.

— Concordo plenamente. No entanto, trabalhar até a morte não ajudará seu povo. Não a longo prazo. E é assim que você deve estar pensando, Seraphina.

Longo prazo. Se você se sentar nesse trono por cem anos, um mês... dois meses... até um ano, não importa.

— E se eu não tiver cem anos? Se eu tiver apenas alguns meses? —Você acha que vai morrer?

Eu ri nervosamente. — Não antes de ontem à noite, eu não. — Eu a deixei inspecionar meus dedos inchados, dobrando um dos meus dedos rígidos.

— Antes de falar com Fleur, eu estava mais preocupado com Caím entrando e assumindo. É por isso que estou tentando fazer tudo o mais rápido possível. Quando todos virem que as mudanças estão tornando a vida melhor para todos, espero que elas continuem.

— E depois de ontem à noite?

— Algo está errado comigo, e é ruim o suficiente que Fleur não pudesse me dizer a verdade. Ela deixou isso para você. — Eu balancei minha cabeça. —Eu me convenci de que estava apenas sobrecarregada. Mesmo sabendo que poderia ser algo pior. Mas acho que é mais fácil fingir do que encarar o fato de que você está doente.

—Sua boca no ouvido de Deus.

Ela colocou as mãos nos quadris. —Tudo bem, veremos.— Ela fez sinal para eu me despir. —Sua avó me disse que você estudou para ser médica. Você, de todas as pessoas, deveria saber que algo estava errado.

Coloquei meu casaco sobre a mesa. — E você conhece o velho ditado sobre médicos e enfermeiras serem os piores pacientes de todos os tempos? — Eu perguntei. —Atribua isso a isso. — Eu me despi com eficiência até ficar tremendo de calcinha. Com um movimento do pulso, Marie acendeu o fogo na lareira.

— Isso é um monte de hematomas. — Sua voz baixa ficou sem fôlego. — Fleur não curou você ontem à noite?

— Ela fez. Estes são totalmente novos.

Uma coisa sobre Vovó, ela sempre disse a verdade sem nenhum esforço para adoçar nada. Evidentemente, Marie tinha os mesmos modos de cabeceira.

—Porra. Você está com sérios problemas, garota, — ela murmurou, circulando atrás de mim enquanto meu estômago começava a doer de medo, e meu corpo tremia. —Você perdeu peso, eu vejo. Além do hematoma, há o início de veias pretas sob sua pele.

— Eu sei, e eu nunca vi nada como elas antes. — Eu nervosamente esfreguei os do meu braço. Elas estavam ligeiramente levantadas, quase tão altas quanto minha velha cicatriz, que tinha sido causada por magia corrompida. Isso era a mesma coisa?

— E também não ouvi falar de veias pretas.

—É um sinal de que sua magia está envenenando você, de dentro para fora. A maioria dos seres mágicos tem corpos que foram condicionados desde o nascimento para acomodar a magia. À medida que seu poder evolui ao longo do tempo, seu corpo se adapta às mudanças. Tipo como hormônios e puberdade.

Ela foi até as prateleiras, tirou um pote, mediu uma colher de sopa de pó amarelo e despejou no meu chá. Eu torci meu nariz com o cheiro. Por que coisas úteis sempre têm gosto de merda? Por que eles não poderiam ter gosto de doce? Ou pipoca?

— Mas não foi isso que aconteceu com você. Você não cresceu em seu poder ao longo dos anos. Você entrou em sua magia de uma só vez. Além disso, você também absorveu o poder de Lyra e, embora goste de pensar que está controlando os dois tipos de magia, não se engane, Seraphina. Eles estão travando uma batalha perdida com seu corpo, e sua carne está pagando o preço.

— Quais são minhas opções?

—Esta doença costumava ser chamada de Venenum Sanguis – sangue envenenado – agora nós chamamos de Síndrome de Medullis, — Marie murmurou, sua voz baixa e séria.

— Mas o nome não importa, Seraphina. A única coisa que importa é o que fazemos sobre isso.

Tentei ignorar o fato de que, depois de todos esses meses, esta era a primeira vez que Marie me chamava pelo meu apelido. —O que podemos fazer sobre isso?

— Posso praticamente ver o poder zumbindo abaixo de sua pele, então liberar sua magia diariamente ajudaria a reduzir a tensão em seu corpo. Acho que você passou muito tempo sentada naquele trono e ouvindo os problemas de outras pessoas?

— Sim, isso resume muito bem as últimas quatro semanas.

Marie respirou fundo, e minha pele formigava quando um cobertor de magia me envolveu. Eu não podia mais sentir o calor do fogo, apenas as picadas afiadas de magia zunindo minha pele. Quando ele desapareceu em mim, como se eu estivesse absorvendo o poder de cura, o hematoma desapareceu, as veias pretas desapareceram.

—Saia de casa todos os dias. Expulse o máximo de sua magia que puder. Mas mesmo isso não vai resolver o problema.

—Você tem uma solução permanente?

—Não vejo essa doença há várias vidas. Poderia ter havido avanços desde então. — Ela soltou uma risada seca. —Na verdade, a última vez que vi isso foi um de seus parentes há muito perdidos. Alix Marvelle, logo depois de se tornar rainha, no início de 1700.

Eu já tinha ouvido esse nome antes, mas onde?

— Você conseguiu curá-la?

— Não, mas ela sobreviveu mais cinco anos fazendo exatamente o que eu disse.

Marie empurrou seus dreadlocks para trás e fixou seus olhos castanhos líquidos em mim. —Você vai fazer o mesmo, entende? Se algo acontecer com você, Claire retornará do túmulo e me assombrará. Considere-me totalmente investido em sua sobrevivência.

Depois que Marie me preparou um lote de seu chá especial, nos despedimos, e Markus me levou de avião de volta aos jardins do palácio. No segundo em que pousamos, ele recebeu um telefonema, sua voz baixando enquanto ele falava rápido. Quando ele se virou, eu decidi começar a livrar meu corpo da magia.

Eu enfiei uma onda de magia através das árvores, depois outra. E outra.

Quando terminei, duas das árvores estavam caídas e minhas palmas estavam cheias de bolhas, mas eu não tinha magia rastejando por dentro. Se eu estivesse fazendo isso o tempo todo, estaria neste lugar agora?

Ninguém poderia responder a essa pergunta, e eu estava perdendo meu tempo perguntando. —Vou presumir que a exibição teve algo a ver com a nossa visita à casa de Marie? — Ao ver meu rosto, Markus estendeu a mão. —Você não precisa me dizer o que está acontecendo. Basta dizer, qualquer coisa que você precisar Seraphina, eu estou aqui para você.

— Obrigada.

— O telefonema... Tessa queria saber se você poderia vir jantar hoje à noite? — Havia uma energia nervosa emanando de Markus que estava em desacordo com seu comportamento calmo habitual. —Nós vamos comer às seis, se você puder ir?

— Isso seria... adorável — eu disse, decidindo que não iria planejar os horários de todos os outros pelo menos uma vez, apenas para acabar comendo sozinha, de qualquer maneira.

— Vou pegar o carro. Dessa forma, você pode voltar para Tessa e aproveitar algumas horas da sua tarde de folga. — Comecei a caminhar para o palácio. —Obrigado por me levar hoje. Eu realmente gostei disso.

— Estou feliz em fazê-lo. — Ele se virou, mas enquanto eu observava, ele parou de andar. —Pelo amor de Deus — ele murmurou, uma dureza em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. — Isso não é da minha conta, mas Luthor ou Deston deveriam ter sido com você na inauguração, — ele fervia, faíscas iluminando seus olhos. —Este foi um grande dia. Você sabe disso e eu sei disso. Eles deveriam estar cuidando melhor de você, Seraphina.

— Estamos todos fazendo o melhor que podemos, agora. — Embora parte de mim se perguntasse se isso era verdade. —Além disso, Luthor está ocupado com a Guarda Real e Deston em Nova York, Seraphinalizando os empréstimos. — Markus piscou. — Nova York? — Ele repetiu, sua voz fraca.

— Ele está resolvendo os dois últimos empréstimos. Acho que houve um problema com o banco, então usaremos meu dinheiro. Isso vai funcionar?

Ele inclinou a cabeça lentamente. —Vou ligar para ele, ver se ele precisa de alguma coisa de mim para fazer isso.

— Ele provavelmente apreciaria isso — eu disse a ele, imaginando sua mudança de comportamento. Isso me atingiu então. Eu andava pensando em muitas coisas ultimamente.

—Seus machos precisam fazer melhor — repetiu Markus, deslizando o telefone no bolso. Achei que ele queria dizer mais, mas quando ele olhou para cima, um leve sorriso apareceu em seu rosto. — Posso dizer a Tessa que você estará lá esta noite? Ela sentiu sua falta.

— Absolutamente. Eu estarei lá. E trarei uma garrafa de vinho... ou cinco.

Markus hesitou por só um segundo. —Sim, vinho seria bom. Bem, vejo você mais tarde.

Voltei para um palácio vazio, sem surpresa ali, e um quarto ainda mais vazio, novamente sem surpresa.

Despi-me e prendi a respiração enquanto me inspecionava no espelho. Relaxei quando vi apenas um traço das veias pretas, os hematomas quase completamente desaparecidos.

Boas notícias, exceto que os vampiros se curavam rapidamente – mesmo os cortes mais profundos e os ossos quebrados, em questão de minutos – então eu não deveria ter uma marca em mim.

Mas ainda havia leves manchas azuis em meus braços, minha barriga e minhas coxas. Eu me cobri de volta e decidi que lidaria com isso amanhã. Eu estava ansioso para um bom jantar esta noite e uma companhia ainda melhor.

Talvez realmente rir uma vez.

Quando eram quase seis horas, entrei em contato com Deston. Ele disse que estaria em casa esta noite, e esta noite estava quase no fim. Havia uma mistura difusa e indistinguível de emoções do outro lado do vínculo de acasalamento, mas ele nunca respondeu de volta.

Tentei Cyrus em seguida. Ei, estou indo para o Cormier para jantar. Quer vir com?

Desculpe, Seraphina. Luthor me colocou no treinamento hoje à noite para os novos recrutas. Ele parecia legitimamente arrependido, e um cheiro de arrependimento percorreu o vínculo entre nós. Se eu pudesse, estaria lá em um piscar de olhos.

Tudo bem, tenho certeza que você tem muito o que fazer. Eu senti sua falta o dia todo. Ainda estou pensando na noite passada. O desejo ondulou pelo laço, deixando meus joelhos fracos. Vou tentar chegar em casa mais cedo.

Faça isso, eu disse a ele, mas meu coração não estava nisso. As coisas não eram diferentes.

As coisas eram as mesmas, e eu odiava isso.

Quando cheguei à mansão Cormier, todo o lugar estava iluminado como o Natal. Até os jardins estavam iluminados, fazendo as árvores nuas parecerem sobrenaturais. Lembrei-me da primeira vez que estive aqui, quando Hugh e Lilliana me abrigaram enquanto eu estava fugindo de Viktor.

Eu era um vampiro recém-nascido, sem-teto, sem um centavo no meu nome, e apesar do perigo, eles me acolheram, me fizeram sentir em casa. Me fez sentir segura.

Tessa saiu correndo pelas portas da frente e me encontrou no meio do caminho.

— Oh meu Deus, você está aqui. Já são seis? Diga-me que ainda não são seis. Não estou pronta, o jantar ainda não acabou e ainda estamos arrumando a mesa. Talvez meia hora até comermos?

Eu fiz malabarismos com as garrafas de vinho enquanto Tessa me puxava para um abraço e então, com a mesma rapidez, me soltava.

— Eu não estou pronta — ela repetiu. Seus olhos azuis eram de um brilho maníaco, seu cabelo louro-branco estava preso em um coque torto e seu ar habitual de intensidade caótica estava no auge.

Dei um tapinha em seu braço, esperando diminuir um pouco sua ansiedade. — Eu não me importo quando comemos. Estou feliz por não estar segurando audiências ou tomando decisões. — Fiz uma pausa agradecida na porta, percebendo que era verdade. Eu tive uma noite inteira de folga. Eu estava com meus amigos.

— Faz muito tempo desde que estávamos juntos, e eu trouxe vinho. — Eu brandi as garrafas. — Eu senti falta de vocês. — Ela liderou o caminho para a sala de jantar, que era mais uma sala de família, com sofás em uma extremidade e a mesa enorme na outra.

—Ouvi dizer que você e Caím se envolveram na outra noite. Deston teve que envolver vocês nas sombras para que a corte inteira não visse o que estava acontecendo. Seus olhos brilharam com a ideia

de que ela havia perdido o drama. — Desembucha. Eu quero saber tudo.

— Caím e eu tivemos uma conversa muito civilizada sobre construção de casas. Deston nos envolveu em sombras para que pudéssemos ter alguma privacidade.

Sheesh. O clã era pior do que qualquer pequena cidade do Meio-Oeste. Todo mundo conhecia o negócio de todo mundo, e tudo ficou fora de proporção.

— Se você diz. — Ela ergueu as sobrancelhas. —Eu preferiria que você tivesse Caím de joelhos na sua frente implorando por misericórdia. Que eu teria pago para ver. —Duvido que Caím já tenha ficado de joelhos em qualquer lugar, por alguém. — Eu empurrei o vinho em suas mãos esperando. —Mas não quero falar de trabalho. Eu quero me divertir e rir e esquecer tudo isso.

— Eu sei o que você quer dizer, — ela disse conspiratoriamente. —Mas apenas imaginar Caím de joelhos faz maravilhas para o ego, não é?

Eu balancei minha cabeça. —Você é uma puta de drama sem esperança.

— Merda, você sabe disso. — Ela riu. —Se eu não estivesse tão ocupado ajudando as crianças a se prepararem para a escola, estaria sentado naquela galeria todos os dias com minha caixa de pipoca.

—Eu gostaria que você fizesse. Eu poderia usar um rosto amigável naquela multidão irritada. Seu pai e sua mãe estão se juntando a nós?

Ela colocou as garrafas com cuidado antes de olhar para mim, um olhar preocupado em seu rosto.

— Não... eu pensei que você soubesse? Como Markus ficou aqui para ajudá-lo a administrar as coisas, papai voou para Nova York ontem para Seraphinalizar o restante dos empréstimos para pequenas empresas.

Eu tropecei na borda de um dos tapetes. — Ele está com Deston, então?

— Não, ele foi sozinho. Markus teria ido também, mas ele queria ficar de olho em você. Ele disse que estava preocupado.

— E na semana passada? — Senti como se estivesse prestes a vomitar. —Hugh e Markus foram, ou Deston e Markus?

— Que eu saiba, Deston nunca fez essas viagens de negócios, — Tessa disse lentamente, seus olhos azuis se estreitando quando ela olhou no meu rosto. —Não sei por que ele d. Isso é tudo coisa Seraphinanceira, que está na casa do leme de Markus. Meu senhor apenas foi porque ele tem conexões na cidade que ele precisa manter.

Deston mentiu para mim.

E agora ele nem estava respondendo. Mas por que mentir sobre uma coisa tão simples? Ele tinha que saber que mais cedo ou mais tarde eu descobriria a verdade.

Depois de uma pausa constrangedora, Tessa baixou a cabeça. — Desculpe, Seraphina. Eu não sei o que está acontecendo. — Ela se iluminou. —Mas estou feliz que você veio esta noite. Eu tenho saudade de você. — Ela estava vibrando de excitação, e eu me perguntei se esta noite era especial, de alguma forma. —Faz muito tempo desde que tivemos tempo de garotas.

Peguei o abridor e abri uma das garrafas de vinho tinto que trouxe. — Estou tomando um copo, se você não se importa. Um grande. Acho que devo.

Rafael se aproximou, pegou a garrafa e serviu meu vinho com uma piscadela. — Eu ouvi sobre sua semana. — Ele pressionou o copo em minhas mãos esperando. — Quando você terminar esse, servirei lhe outro.

— Obviamente, eu vou aceitar isso.

As irmãs mais novas de Tessa, Adele e Madison, correram em minha direção, se jogando contra mim em um grande abraço em grupo.

—Ainda podemos chamá-la de Seraphina? Ou temos que usar minha Rainha? — Maddie perguntou conspiratoriamente, então revirou os olhos.

Deus, eu amava esse garoto.

—Mamãe disse minha rainha, mas isso soa tão abafado. Eu disse a ela que você não se importaria se a chamássemos pelo seu primeiro nome.

— Me chame de Seraphina, — eu sussurrei. —Na verdade, estou farta e cansada de ser chamada de rainha.

— Eu te disse, Adele. — Maddie deu uma cotovelada na irmã na lateral. —Eu disse que ela não se importaria.

As meninas e eu nos acomodamos em um sofá, enquanto os homens de Tessa entravam um por um, todos parando para me cumprimentar. Caine estava à mesa, já mastigando um pedaço de pão de alho. Silas pegou pepinos da salada, jogando um para Adele, que pegou na boca na primeira tentativa enquanto todos aplaudiam e assobiavam.

Abaixei minha cabeça e enxuguei minhas lágrimas na manga.

Isso era o que era uma família. Essa camaradagem fácil, ninguém se esgueirando pelas costas de ninguém. Ninguém mentindo e ...

Não, eu não ia pensar nisso.

Tenho certeza de que Deston tinha um bom motivo para me contar o que fez.

— Estão todos aqui? — Markus bateu com a faca na borda do copo e instantaneamente a sala ficou em silêncio. —Seraphina, estamos honrados em tê-la aqui esta noite.

— Você me conhece. Eu nunca deixo de comer uma refeição grátis, — eu brinquei enquanto Caene levantava sua taça de vinho e me saudava.

— Seja como for, estamos honrados em tê-la aqui esta noite. Faz muito tempo desde que você se sentou à nossa mesa de jantar. A sala inteira estava zumbindo com uma corrente de eletricidade, uma energia nervosa que era tão contagiante que meu pé começou a bater.

— Tessa, você gostaria de começar o jantar com um anúncio?

— Eu poderia. — Ela se mexeu na cadeira, estendeu a mão e agarrou a mão de Markus. — Acabamos de descobrir hoje – esta manhã, na verdade...— Tessa olhou para

Markus, depois para todos, com os olhos brilhando de lágrimas. — Estou grávida. Esses caras vão ser pais, meus pais vão ser avós e Seraphina...

Meu corpo inteiro trancou quando ela olhou morta para mim. — Seraphina, eu gostaria que você fosse a madrinha do bebê.

—Eu... uhm... tudo bem.

Nunca me pediram para ser algo assim antes. Eu não tinha certeza se deveria ser responsável por um peixinho dourado, muito menos uma criança, mas ver a expectativa no rosto de Tessa me fez concordar instantaneamente. —É claro. Eu adoraria.

Ela estava tremendo um pouco quando eu a abracei. —Eu estou tão feliz por você. Estou feliz por todos.

— É uma surpresa — confidenciou. — Não é como se estivéssemos tentando ou algo assim. Tenho me sentido mal ultimamente. Fui buscar uma segunda opinião e surpreendi! Eu terei um bebê.

— É meu — Markus insistiu com orgulho.

— É todo nosso, Markus, — Raphael o corrigiu. —Todos nós concordamos, lembra?

— Bem, sim, nós fizemos. Mas... ainda é meu. Seu peito inchou com orgulho masculino, e ele lançou a Rafe um olhar que o desafiava a discordar.

—Eu e Maddie seremos tias, — Adele disse animadamente. — Mesmo que não sejamos muito mais velhos que o bebê.

— Se não comermos, isso vai esfriar —Caene repreendeu baixinho, pegando o prato de macarrão. —E eu estou morrendo de fome, então me perdoe, mas estou começando.

Apenas comer em uma mesa com eles me fez me sentir mais tranquila. Eu não falei muito, deixando a conversa suave tomar conta de mim, esperando que um pouco da felicidade deles fosse apagado. Rafael já estava montando um berçário, Caím estava trabalhando em um berço.

Silas percorreu a lista de nomes de bebês e demos polegares para cima e polegares para baixo. Tessa continuou rindo e chorando, Markus enxugando suas lágrimas. O jantar foi uma montanha-russa emocional, mas boa. Não do tipo que eu estava ultimamente.

Eu queria filhos. Algum dia.

Mas havia algo animador na maneira como eles já estavam se preparando para sua nova adição. A maneira gentil como Markus cuidou de Tessa. A maneira como Caene encheu seu prato com uma segunda porção, dizendo a ela para comer até a última mordida. Fazia muito tempo que eu não comia em uma mesa com minha própria família.

Ainda mais desde que alguém tinha feito questão de cuidar de mim.

— No que você está pensando, Seraphina? — Sussurrou Tessa. — Você não pode chorar, não quando estou fazendo o suficiente para nós duas.

— Não. — Eu dei uma grande mordida na lasanha e colei um sorriso no meu rosto. —Só de pensar em como isso é bom. Vocês fazem isso todas as noites?

—Não todas as noites, mas tentamos jantar pelo menos algumas vezes por semana. Foi ideia da mãe. Ela gosta de se envolver com todo mundo.

— Ela insiste, na verdade — brincou Rafael, mantendo-se fiel à sua palavra e enchendo meu copo de vinho até a borda com outra piscadela travessa. —Você não está dirigindo, então não faz mal.

— É legal, no entanto, ouvir como foi o dia de todos. — Caene bufou, e Silas encolheu os ombros. —O que? Me chame de sentimental, mas na verdade estou ansioso para ver vocês idiotas todos os dias.

Maddie riu em seu guardanapo.

— Bem, eu acho legal. — Eu estava doente e cansada de comer sozinha. De estar sozinha.

Eu esfaqueei minha salada. —Então, o que uma madrinha faz exatamente?

— Ah, você sabe, o de sempre. — O sorriso de Tessa era tão grande que dividiu seu rosto em dois.

— Você será minha babá de plantão e poderá trocar apenas as fraldas mais cocô.

— Aviso justo, eu nunca troquei uma fralda na minha vida. Mas posso aprender. — Sua felicidade era contagiante, e eu sorri de volta para ela. — Quero dizer, quão difícil pode ser, certo?

— Certo? — Tessa concordou. — Isso é o que eu continuo dizendo a eles. Todo mundo faz isso o tempo todo, então não pode ser tão difícil.

— Lembre-se disso quando você acordar às três horas da manhã pelo décimo dia consecutivo, — Caene brincou. — Mas falando sério, você tem muita ajuda, Tessa.

Entre todos nós, Adele e Maddie prometeram contribuir. — E eu. — Eu disse esfregando minha barriga muito cheia. —Será uma boa prática. — A mesa inteira se virou para mim com expectativa.

— Não tão cedo. — Corrigi, percebendo que tinha dado a impressão errada. — Não estou dizendo nunca. Mas tenho muito o que fazer antes de pensar em começar uma família.

Mas não é mentira, isso me incomodou pelo resto da noite. Não tanto a parte do bebê, mas vendo o quão completa minha vida poderia ser.

E não foi.

11

SERAPHINA

Horas depois, me despedi, acariciei com ternura a barriga inexistente de Tessa e entrei no carro, minha cabeça girando.

—Eu realmente não deveria ter bebido aquela terceira taça de vinho—, confidenciei ao motorista, um dos mais novos recrutas de Luthor. Ou eu tinha quatro? —Mas não posso negar que me sinto mais relaxada do que há muito tempo. Qual o seu nome?

— Marcel Gauthier, — ele disse rigidamente. — Minha rainha. — Você é parente de Caím?

— Sou primo, minha rainha. — Ele parecia morrendo de medo de mim.

—Se você disser 'minha rainha' mais uma vez, ficarei muito irritada. Me chame de Seraphina.

— O Comandante Fontaine disse para...

— O comandante Fontaine é um tipo de homem que segue as regras, e é por isso que ele é tão bom no que faz. Sou mais do tipo de garota que se maquia à medida que avança, que é o que me torna uma boa rainha, porque sou completamente imprevisível.

Me chame de Seraphina, e será nosso segredinho, ok? — Sim, senhora.

Suspirei, irritado. Ele provavelmente era mais velho do que eu. Mas eu não estava chateado com ele. Eu estava chateado com Deston. Em Luthor. Em Cyrus. Eu estava chateado por estar sozinho quando lutei tanto para que todos nós estivéssemos juntos.

E como minha abordagem usual para todos os problemas era ficar obcecada com isso, eu tinha uma longa noite pela frente.

Por que Deston mentiu para mim?

Onde Cyrus tinha ido por um mês inteiro?

Eu estava tão perdido em meus pensamentos que só peguei um borrão de movimento com o canto do meu olho antes que o carro virasse bruscamente para a direita. Minha cabeça bateu na janela, e então minha bunda flutuou para fora do assento, minhas pernas jogadas em linha reta

Fora. Levei um segundo para perceber que o carro estava no ar – um minuto longo e doloroso – antes de batermos em algo.

Viramos várias vezes, o som de metal rasgando ao nosso redor, vidro afiado cortando meu rosto, meu pescoço, meus braços. Quando Seraphinalmente paramos, eu só conseguia ficar ali, de cabeça para baixo, meu cérebro estranhamente lamacento. Sangue escorria pelo meu rosto e sobre meus olhos enquanto a fumaça da gasolina picava meu nariz.

Eu esperava não ter sobrevivido ao acidente apenas para queimar até a morte. Isso realmente seria uma droga. Eu me atrapalhei com o cinto de segurança, meus dedos dormentes inúteis.

Houve um grito estridente e o ar frio me atingiu no rosto. —Minha rainha. — Eu reconheci aquela voz. Marcelo. O nome dele é Marcelo.

— Deixe-me cortar você, minha rainha. Segure-se em mim. — Ele puxou uma faca, cortou o cinto de segurança, e eu caí em seus braços com uma chuva de vidro. Meu cabelo estava cheio dele, havia pedaços presos no sangue no meu rosto, e mais tinha caído no meu casaco.

Marcel me arrastou do carro e me carregou até uma árvore enquanto eu tentava empurrar o ar em meus pulmões doloridos. Cada respiração trazia uma pontada de dor no meu lado, e me abaixei para descobrir que estava sangrando lá também.

Pulmão perfurado, possível concussão... Só Deus sabia como era meu rosto.

Marcel estava uma bagunça também, um enorme corte na testa, e ele afundou ao meu lado, movendo-se desajeitadamente enquanto pegava seu celular. O telefone estava tocando quando ouvi o som mais estranho.

Não o estalo de um tiro – mais como uma lufada de ar – e então em câmera lenta, Marcel tombou e caiu bem em cima de mim, seus olhos vazios, seu rosto relaxado. O buraco em sua testa era perfeitamente redondo e bem no centro.

Ele estava morto.

Estávamos no meio do nada, e alguém tinha acabado de atirar nele. Isso não foi um acidente; isso foi um assassinato.

Juntei minha magia ao nosso redor – um patético lampejo de poder desde que eu tinha me esgotado esta tarde, mas foi o suficiente para que o próximo tiro ricocheteasse e fosse assobiando nas árvores.

Tentei sair de baixo de Marcel, mas ele era muito pesado. Algo grande caiu em nossa direção, e eu fechei meus olhos. O lamentável escudo mágico que consegui erguer não resistiria muito, certamente; não impediria um assassino.

Quando outra bala arrancou a casca da árvore atrás da minha cabeça, eu sabia que tinha que fazer algo drástico.

Enviei uma gavinha de magia de fogo em direção ao carro e ao tanque de gasolina exposto. Chamas rugiram para os céus, iluminando o emaranhado de arbustos que me cercavam.

Por favor, deixe alguém ver o fogo. Por favor, não me deixe morrer aqui.

Então alguém estava lá, e era a última pessoa que eu esperava ver.

Caím emergiu do mato, jogando um corpo para o lado, a cabeça do macho quase arrancada de seus ombros. Ele nem diminuiu a velocidade, apenas continuou vindo, um trem de carga de ferocidade que não parou até que ele pegou Marcel e o deitou suavemente no chão.

—Seraphina.— Suas mãos correram sobre mim, e eu me encolhi quando outra forma escura irrompeu das sombras. Sebastião. Meu pai estava aqui.

—Está tudo bem. Estamos aqui, você está segura.

Eu respirei trêmula, lágrimas – ou sangue – pingando do meu nariz. Caím hesitou, então me puxou contra ele, sua respiração quase tão agitada quanto a minha. —Eu tenho você, Seraphina. Não permitirei que nada aconteça com você.

— Eram três, — Sebastian disse, ajoelhando-se ao nosso lado e inspecionando meu rosto. — Todos mortos.

— Descubra quem eles eram — disse Caím calmamente. — Quero nomes.

Eu queria nomes também, mas agora, eu estava tentando descobrir quem seria estúpido o suficiente para venha atrás de mim. —Marcel. — Eu indiquei o macho esticado ao nosso lado. Ele parecia mais velho antes, mas agora... ele parecia uma criança. — O nome dele é Marcel, e temos que fazer alguma coisa... levá-lo para casa.

— Vou cuidar bem dele, minha rainha — Sebastian me assegurou baixinho. —Eu certificarei disso. — Seus olhos encontraram os meus,

as chamas moribundas refletidas neles. —Caím deveria te levar para casa onde é seguro.

— Ok. — Minha voz tremeu tanto que eu mal conseguia pronunciar as palavras. —Mas só se você cuidar de Marcel.

— Eu juro, o levarei para casa — disse Sebastian. — Lamento que ele esteja morto, Seraphina, mas ele cumpriu seu dever. Ele manteve você segura.

— Isso só me faz sentir pior.

Caím me levantou como se eu não pesasse nada, e nos desmaterializamos, pousando no andar de cima no meu quarto felizmente vazio. —Deixe-me ajudá-la a se limpar— ele murmurou, tirando meu casaco e jogando-o no chão. Vidro voou por toda parte, mas com um aceno de sua mão, ele desapareceu.

Fui esfregar meu rosto, mas ele puxou minhas mãos de volta para baixo. —Você só vai se cortar mais— ele advertiu suavemente. —Aqui, permita-me. — Ele correu os dedos pelo meu rosto, e toda a dor desapareceu, até mesmo a rigidez do sangue desaparecendo.

Suas mãos viajaram pelo meu corpo, procurando, e pararam do meu lado onde doía respirar. Minha próxima respiração foi profunda e indolor.

— Você acabou de... — Olhei para o meu rosto limpo e intacto no espelho e inspecionei meu lado. —Você me curou?

— Um feitiço simples, é tudo — ele hesitou, afastando-se. —Você precisa dormir, Seraphina, e não teria vindo, não com tantos cortes. O ar na sala ficou apertado enquanto nos avaliávamos.

— Como você sabia onde eu estava? O que estava acontecendo?

Seus olhos deslizaram para a escuridão. — Eu senti seu medo. Eu rastreei você e cheguei a tempo de ver o motorista tirá-lo dos destroços. Quando ele caiu, percebi que não foi um acidente.

Porra, pobre Marcelo. Eu balancei em meus pés. —Você não deveria estar aqui, Caím. Se Luthor ou Cyrus encontrassem você, eles...

— Eles o quê? Eles não estão aqui, Seraphina. Eles nunca estão com você, parece. Eles deixaram você sozinha para se defender sozinha, — ele rugiu antes de dar um passo para trás e passar a mão pelo cabelo. —Eu sou o único que veio em seu auxílio esta noite. Eu. Talvez seja hora de você começar a se perguntar por que isso acontece?

Eu respirei fundo, e tinha gosto de brasas e cinzas, a magia esfumaçada de Caím entupindo o ar.

— Por que eu sou o único que sentiu que você estava doente? Por que eu era o único lá esta noite quando você estava precisando? Ele se aproximou, os olhos brilhando dentro de seu rosto sombreado. Ele era temível. Intimidador.

Eu deveria ter recuado. Eu deveria, mas não fiz.

— Você não pode julgar minha vida do lado de fora. Você certamente não pode julgar as escolhas dos meus amantes, — eu disse a ele categoricamente. —Obrigado por vir em meu socorro. Eu precisava de ajuda, embora eu geralmente seja muito bom em me defender.

Você não pode irritá-lo estava dando voltas no meu cérebro, mas meu temperamento estava ganhando a corrida.

Eu respirei. — Olhe. Você não deveria estar aqui, Caím. Eu balancei um pouco, e ele pegou meu braço e me firmou. —Eu não posso lidar com uma guerra total esta noite entre você e meus homens. Não agora.

— Você quase morreu esta noite, Seraphina.

— Sim, bem, fiquei feliz por você não estar por perto alguns meses atrás. Eu quase morro o tempo todo.

Eu não conseguia decifrar o olhar em seu rosto. Eu não queria. Eu queria que as coisas permanecessem congeladas entre nós, presas na zona inimiga até o dia em que ele decidisse passar para outra pessoa.

— Eu nunca seguirei em frente com você. Você irá. Você vai ver.

Era tudo que eu podia fazer para colocar o pensamento na minha cabeça. Eu estava tão exausta. Se não fosse por Caím me segurando, eu estaria no chão.

— Por favor. Saia. Ainda tenho que ligar para Markus, explicar o que aconteceu. Conte a Caene sobre seu primo. Porra, eu deveria dar a notícia pessoalmente, não pelo telefone.

Vou informá-los. Irei aos Cormiers e darei a notícia. Sebastian vai cuidar do corpo. Permita-me lidar com isso para você, minha rainha.

Lágrimas picaram meus olhos novamente, e eu abaixei minha cabeça, focando em sua mão em volta do meu braço. Gentil. Ele foi mais gentil do que eu jamais pensei ser possível.

Não só isso, mas ele estava certo. Ele era o único a cuidar de mim.

Não que eu não pudesse cuidar de mim mesma, mas havia algo de reconfortante em alguém te proteger.

— Não sou um selvagem, Seraphina.

— Sim você é. Você é o selvagem que tenta tanto esconder sob suas roupas extravagantes e sua máscara civilizada. Mas acho que estou começando a ver quem você é, Caím.

Ele olhou para mim, seu sorriso triunfante. — Eu cuidarei de tudo. Você dormirá.

Ele me levou para a cama, levantou as cobertas e eu subi obedientemente. Talvez eu devesse ter argumentado, mas foi tudo o que pude fazer para me deitar.

— Eu cuidarei de você, Seraphina. Você não precisa se preocupar, não mais. — Senti a pressão quente de sua palma na minha testa, e então eu me afastei.

12
SERAPHINA

Horas depois, eu deslizei para fora da cama.

Caím pode ter curado meu rosto, consertado meu pulmão perfurado e me colocado para dormir, mas meus músculos estavam pagando o preço de ser jogada por aí como uma boneca de pano. Eu nem queria olhar para mim. Eu tinha certeza que a contusão era espetacular.

Em algum momento, Cyrus veio para a cama e se aconchegou atrás de mim. Eu não queria deixá-lo, não quando ele estava tão quente. Mas alguém tentou me matar esta noite, o que significava que quem quer que fosse, não tinha medo de Caím.

Até que Caím os alcançou e eles perceberam o erro que foi.

De alguma forma, saber que ele tinha minhas costas me deu um impulso de confiança. Peguei meu telefone na mesa de cabeceira e saí do quarto, indo para a cozinha.

Liguei para Markus primeiro, e ele atendeu no primeiro toque. — Seraphina? Você está bem?

— Estou bem. Abalado e começando a ficar chateada, mas bem. — Meu peito ficou apertado quando eu disse: — Diga a Caene... me desculpe. Eu sinto muito por Marcel.

— Eu vou, mas isso não é com você. É sobre quem o atacou esta noite. Ele cobriu o telefone, e houve uma conversa abafada antes que ele voltasse a falar. —Caím e seu senhor cuidaram de tudo. O carro está limpo e Marcel está de volta com sua família.

— Você tem alguma ideia de como isso aconteceu?

— Não. Luthor acabou de chegar, e Caím está contando para ele agora. Sua voz ficou mais baixa. — Ele está em pé de guerra.

Eu estremeci. — Por favor, me diga que Caím ainda não está aí?

— Não. Ele deu uma olhada em Luthor e saiu, levando Sebastian com ele. Mas eu tenho que dizer, se eles não tivessem chegado até você quando o fizeram...

— Sim. Foi por pouco.

— Temos tudo sob controle. Você deveria voltar para a cama. Cyrus deveria estar de olho em você.

— Ele está. Estou voltando para lá. Estou cansada até os ossos. — Eu deveria estar com mais dor do que estava, mas a magia de Caím diminuiu. Eu me perguntei se ele poderia curar essa doença que eu tinha, então descartei a ideia.

Se pudesse, já o teria feito.

— Vamos nos encontrar em algumas horas, e você pode me dar um resumo.

— Vá. Durma um pouco. — Eu desliguei, minha mente girando. Luthor estava com Markus, Cyrus estava me guardando. Onde diabos estava Deston? Ele certamente não estava em Nova York.

Eu poderia ter alcançado através do vínculo, mas se Deston mentisse para mim novamente, isso só tornaria toda essa situação pior. Não, eu tive que esperar que ele reaparecesse. Eu só esperava que ele não partisse meu coração quando o fez.

Desci as escadas, peguei um biscoito e um pouco de leite. Eu não estava com sono, não mais. Não, eu tinha muitas perguntas girando na minha cabeça para voltar a dormir, então fui até a biblioteca. Eu não vinha aqui há semanas, e o livro gigante sobre rainhas de Darkfell ainda estava espalhado sobre a mesa, meu bilhete escrito à mão em cima.

Um mês atrás, um ladrão invadiu aqui.

Eles pegaram três livros, cada um escolhido por um motivo específico.

Martine, Colette e Alix Marvelle tiveram seus diários pessoais roubados, mas nunca descobrimos o porquê. Na época, eu tinha certeza de que era Caím, mas agora não estava convencida. Deston estava escondendo algo, e meu companheiro tinha segredos que nem eu conseguia adivinhar.

Me acomodei no sofá, me cobri com um cobertor e abri o livro pesado. A coisa era tão grande que cobria todo o meu colo. O livro dizia que Alix Marvelle governou por apenas onze anos, cinco anos a mais do que ela teria se Marie não tivesse intervindo.

Descobri mais sobre Venenum Sanguis, ou Síndrome de Medullis, como a chamam hoje, do que jamais quis saber. Sangue envenenado, eles chamavam, mas mesmo depois de todo esse tempo, era incurável.

Uma doença debilitante do sangue que começou com veias pretas e acabou levando a uma morte muito dolorosa. A doença foi causada por muita magia, muito rapidamente, e é por isso que era tão rara. Alix floresceu tarde, depois se tornou uma rainha, abençoada, como eu, com necromancia.

Eu não sabia se esse era o nosso laço comum ou, como Marie disse, o fato de nossa magia aparecer muito rápido. Seja qual for a causa, foi um ponto de partida.

Eu pesquisaria a merda da coisa e encontraria a cura. Foda-se minha antiga vida. Eu poderia fazer a mesma coisa aqui, encontrar uma cura para um distúrbio do sangue. Inferno, eu nasci para isso.

Ergui os olhos do livro, examinei a lista de nomes. Por que esses três diários estavam faltando?

Quem os havia levado?

Quem quer que fosse, eles tiveram uma estreita janela de oportunidade. Uma semana, no máximo, entre eu descobrir a biblioteca e eles invadirem. Havia apenas um punhado de pessoas que sabiam que este lugar existia.

Senti cheiro de enxofre naquele dia. A única pessoa que cheirava a enxofre era Caím, então, apesar de sua aparente preocupação com o meu bem-estar, ele estava no topo da minha lista de suspeitos. Se esses diários continham provas incriminatórias?

Pode apostar que ele os levaria.

Mas Deston estava escondendo algo também.

Luthor tinha segredos. Cyrus tinha saído por um mês inteiro, e eu não comprei sua história de capa por um segundo.

Por outro lado, eu estava doente e escondia isso de todos os outros. Todos nós nos esgueirando como ladrões na noite. Inferno, nesse ritmo, a pessoa mais honesta da minha vida era Caím, e essa foi uma declaração triste.

— Por que você está acordada, Seraphina? — Cyrus estava na porta, bocejando. — Você deveria estar na cama. Onde é seguro. — Suas calças de moletom penduradas em seus quadris, mostrando seu abdômen esculpido. Cyrus e calças de moletom largas eram como Viagra feminino, e quando ele se aproximou, foi preciso um esforço para arrastar meus olhos até seu rosto.

— Porra, eu não posso acreditar que você não está pior. Eu vi o que restou do carro... — Ele colocou um dedo sob meu queixo e inclinou meu rosto para cima, inspecionando de perto.

— Eu deveria ter estado com você na noite passada. Eu deveria ter dito não a Luthor e ido com você. Ele suspirou antes de me prender entre seus braços. —Eu não deixarei você sozinha de novo, então se acostume comigo sendo colado ao seu lado.

— Bom. — Estendi a mão e tracei seu rosto. — Eu senti falta de ter você ao meu lado. Eu tenho estado muito solitária. — Eu não sabia por que eu disse isso. Eu certamente não disse isso para culpar Cyrus, mas seu rosto se fechou, seu corpo ficou rígido.

— Mas agora você está de volta, e eu estou bem. Eu tive sorte ontem à noite, — eu disse a ele rapidamente, ecoando as palavras de Markus. —Isso não é com você, descobriremos quem fez isso, então vamos chutar suas bundas.

— Graças a Deus Caím apareceu. Até Luthor sabe disso, embora ele nunca admita. Cyrus se contorceu e caiu no sofá ao meu lado, então se inclinou para ver o que eu estava lendo. — Uma História das Rainhas de Darkfell. — Cyrus me juntou contra ele. — Parece emocionante.

— Estou mais preocupado com aqueles diários roubados. Você sabe, aqueles que desapareceram logo antes de você partir para a Irlanda. O olhar de Cyrus deslizou para o papel com minha caligrafia.

— Martine, Collette e Alix. — Cyrus leu os nomes, como se estivesse feliz com a distração. — Por que esses três, você acha?

— Eu não sei, mas é isso que eu tenho que descobrir. Pode ter algo a ver com o atentado de hoje à noite contra minha vida. O que quer que estivesse naqueles diários era incriminador o suficiente para alguém se esconder. Mas preciso dos livros para ter certeza.

— Você acha que foi Caím?

— Eu não tenho tanta certeza. — Eu mastiguei meu lábio. — Por que você foi para a Irlanda, Cyrus? — Eu perguntei suavemente, olhando em seus olhos. — Foi realmente para angariar apoio? Ou você foi por outro motivo?

— Eu... Claro, eu estava lá para angariar apoio. Assim como Luthor queria. Cyrus era um péssimo mentiroso. Sua breve hesitação me disse tudo o que eu precisava saber, e eu usaria essa abertura para

alavancar meu caminho para a verdade. Isso estava acontecendo há muito tempo, e eu não estava aguentando mais.

— Por que você foi, Cyrus? Eu tenho que saber o que está acontecendo. Luthor está distante há semanas. Você se foi. E Deston... — Eu balancei minha cabeça. — Deston está escondendo seus próprios segredos.

— O que Deston está escondendo de você agora? — Cyrus perguntou bruscamente.

— Se eu soubesse, não seriam segredos, seriam? Mas... embora eu tenha certeza de que ele tem uma boa razão para seu sigilo, prefiro saber a verdade.

— Você realmente, Seraphina? — Havia algo em seu tom que me fez olhar para cima bruscamente. — Mesmo se a verdade fosse algo horrível?

— O que você sabe, Cyrus? — Fechei o livro e o coloquei de lado. Ele sabia de alguma coisa. Ele estava muito no limite.

— Se eu te contar, Seraphina, você tem que prometer...

— Aí está você. — Luthor entrou na biblioteca, seus olhos semicerrados saltando entre nós. — Eu tenho procurado por todos vocês dois. — Seus penetrantes olhos azuis rastrearam meu corpo e voltaram para o meu rosto, como se procurassem algo fora do lugar. — Depois do que aconteceu, pensei que você dormiria até de manhã. Acho que era esperar demais.

— Como se você se importasse — eu murmurei baixinho. Eu estava com raiva. Mesmo sendo estúpido, tudo o que Caím disse me irritou. Ele estava certo.

Eles não estavam por perto ontem à noite, e eu quase morri. Agora, eles queriam me manter sob seu controle porque ambos se sentiam culpados.

Como se me controlar fosse compensar sua ausência.

Luthor ficou perfeitamente imóvel, então deslizou até mim. — Para sua informação, Seraphina, eu sei onde você está a cada momento de cada dia.

— Não ontem à noite, você não — eu disse a ele causticamente, observando seu rosto se transformar em pedra. — Eu só vejo você uma vez por semana, Luthor. — Eu olhei para ele. — Se eu tiver sorte.

— Eu poderia dizer o mesmo para você, — Luthor jogou de volta com raiva. — Você é a única com uma agenda lotada, você é a única constantemente agendando reuniões, e você é a única que nunca tira uma maldita folga.

Esfreguei minha testa em frustração, mas ele pode estar certo. Talvez eu estivesse culpando Luthor e Cyrus por não estarem por perto quando eu era o único que era impossível estar por perto. — Tudo bem, sim, eu estive ocupado. Todos nós estivemos ocupados. O que mais você quer que eu diga?

— Que você vai tirar um tempo de folga. — Luthor franziu a testa enquanto me olhava, e percebi que o cobertor havia escorregado, expondo minhas pernas, meus braços.

— Que porra é essa, Seraphina? Por que você não chamou um curandeiro quando chegou em casa? Ele rosnou, caindo de joelhos diante de mim. Ele inspecionou minhas panturrilhas, os hematomas escuros que se estendiam até o fundo da minha camisola.

— Seraphina? — Cyrus gentilmente pegou meu braço e o virou para olhar as marcas.

Quando os viu, empalideceu. — Você deveria ter me dito que estava ferida. Olhei quando cheguei na cama, mas juro que não vi nenhuma marca. Achei que você fosse...

— Você fodendo idiota. — Luthor estendeu a mão e agarrou o pulso de Cyrus.

— Disseram-lhe para se certificar de que ela estava bem e, se não estivesse, para providenciar cuidados médicos.

Eu me levantei e me coloquei entre eles.

— Ele não ligou para ninguém porque essas marcas não estavam lá duas horas atrás.

Isso não tem nada a ver com Cyrus, — eu expliquei desesperadamente, uma mão plantada no peito de Luthor, a outra no de Cyrus. — Isso é outra coisa. Eu vi um curandeiro, e então eu fui para Marie. Estou lidando com isso.

— Por que você não disse nada, Seraphina? — Cyrus perguntou suavemente, seu olhar preocupado passando por mim. — E como, exatamente, você está lidando com isso? Parece que alguém bateu em você.

— Sim — eu brinquei. — Você deveria ver o outro cara.

Nem eles sorriram. Tanto para usar o humor para desarmar uma situação tensa.

— Marie disse que tem algo a ver com muita magia muito rapidamente. Além disso, eu tenho a magia de Lyra em mim, então tentar fundir dois poderes diferentes está afetando meu corpo.

Estava na ponta da minha língua contar a eles sobre as veias, mas minha própria maldade me impediu. Se eles estivessem por perto, eles saberiam. Se eu contasse mais a eles, estaria investigando toda a situação de Caím, e já sabia como seria.

— Como eu disse, estou lidando com isso. Marie disse que, desde que eu expulse meu excesso de magia todos os dias, durma um pouco e coma direito, devo ficar bem.

— Bem, não foi exatamente isso que ela disse, mas eu não queria nenhum deles pairando como pássaros sobre mim.

— E é isso? — Ela tinha um nome para essa aflição?

— Não — eu menti. — Só que um dos meus ancestrais também tinha, então pode ser hereditário.

— Eu não me importo de onde veio. — O rosto de Luthor era branco, quase da mesma cor de seus olhos brilhantes. — Você está indo direto para a cama agora. Você vai dormir, e então eu vou alimentá-la de manhã. Cyrus garantirá que você tenha um lugar seguro para expulsar sua magia, e eu quero falar com Marie.

— Isso não será necessário —, eu disse rapidamente. — Ele ia tentar algumas coisas, e ver se havia mais alguma coisa que eu precisava fazer. Eu me sinto bem, — eu assegurei a eles.

— Apenas cansada, e ainda temos que descobrir quem estava por trás do ataque de ontem à noite.

— Eu estou trabalhando nisso. — Luthor rosnou novamente, me levantando em seus braços. — E quando eu tiver certeza, certificarei de que ele nunca mais respire. Agora... para a cama, — Luthor ordenou, nos levando para o andar de cima e me deitando na cama tão gentilmente como se eu fosse uma criança.

E então, pela primeira vez em semanas, eu estava entre Cyrus e Luthor, Cyrus alimentando sua magia calmante em mim até que eu dormisse profundamente.

Esqueci tudo sobre os segredos de Deston e tudo sobre os diários desaparecidos.

13
LUTHOR

No segundo que Seraphina adormeceu, Cyrus e eu saímos da cama e descemos. Nós nos bloqueamos na pequena sala de reuniões, geralmente usada como sala de espera para dignitários.

— O que diabos está errado com Seraphina? — Agarrei o encosto da cadeira com tanta força que desmoronou nas minhas mãos. —Isso parece...

— Eu sei como é, porra. — Cy passou a mão pelo cabelo e começou a andar. —Assim que o sol nascer, vou até a casa de Marie para confirmar.

—Ela poderia ter sido morta na noite passada. Ou morrer dessa doença. Enquanto estávamos perdendo nosso maldito tempo com De Rayne.

—Isso não vai acontecer de novo. — Cyrus jogou o punho contra a parede, rosnou para o buraco, então caminhou em minha direção, suas presas abaixadas, seus olhos brancos brilhando.

— Eu fui, mas você não. Você estava fodendo aqui, Luthor. Você deveria ter notado que Seraphina estava com problemas. Você deveria ter notado, porra.

Porra. Ele estava certo. —Sim. — Meus ombros caíram quando toda a luta saiu de mim. —Sim, eu deveria ter. Você acha que Deston estava por trás do ataque?

—Não. — Ele interrompeu a palavra com segurança. —Meu primo tem seus defeitos, e eu o quero longe de Seraphina, mas ele nunca a mataria.

—Diga-me que você não deixou escapar nada, — eu exigi, bem ciente da falta de habilidade de Cyrus para manter um segredo. Eu concordei com ele sobre Deston. Eu odiava aquele bastardo, e ele tinha que ir, mas ele nunca machucaria Seraphina. Não assim, de qualquer maneira.

— Claro que não deixei nada escapar. Ela não sabe por que eu fui para a Irlanda, — ele retrucou, uma ponta de raiva em sua voz. —Você, por outro lado, tem uma tonelada de merda para responder. O que

aconteceu aqui? Eu saio por um maldito mês, volto e ela é um desastre. Você deveria estar cuidando dela.

Você fez um juramento.

— Eu fiz — eu insisti, mesmo sabendo que não tinha cumprido minha parte do acordo.

— Você não entende como tem sido por aqui. Ela está possuída. Tudo o que ela quer é fazer mudanças o mais rápido que puder. Casas e bolsas de estudo e igualdade para todos.

— Isso soa como um gol muito bom para mim, — Cyrus zombou. — Admite. Você deixou cair a bola. Você estava tão envolvido em pegar Deston que não cuidou dela.

— Porra. — Eu esfreguei meu rosto. —Fiquei perguntando se ela estava bem. Ela continuou me dizendo que era. — Quando levantei meus olhos para Cyrus, eu esperava que ele visse o quanto eu me arrependia do meu erro. Mas se lamentar não mudou o que aconteceu. Ele estava certo. Eu sentia falta dos problemas de saúde de Seraphina.

— Que curandeiro ela viu? — Cyrus se perguntou. — Talvez devêssemos levar Seraphina a um médico humano. Você acha que isso ajudaria?

— Eu não sei que curandeiro ela viu. — Meu intestino apertou. — Eu não a levei, e você não estava aqui para levá-la.

— Então, como ela chegou lá?

— Não sei. — Se um curandeiro tivesse vindo ao palácio, estaria nos meus relatórios. Se Seraphina tivesse pegado o carro, eu saberia. Mas eu não tinha ouvido nem um sussurro sobre isso. O que era um problema.

— Pelo menos ela foi e viu alguém — disse Cyrus diplomaticamente. — Foi ver Maria. Marie sabe mais sobre magia do que ninguém. Mas se isso é Síndrome de Medullis, então ela está com problemas reais.

Sangue envenenado, eles chamavam quando eu era jovem. A doença era rara e afetava tão poucos que nunca foi considerada uma grande ameaça. Até que alguém que você amava conseguiu, e a sentença de morte que veio junto com isso.

Disseram que a doença era incurável. Eu me recusei a acreditar nisso.

— Vá falar com Marie. Eu encontrarei essa misteriosa curandeira que ela visitou. — Eu não conseguia colocar meu dedo nisso, mas Seraphina estava mentindo. Havia mais nisso do que ela estava nos dizendo, e eu queria saber o quão serio era.

E o que ela estava escondendo.

— De volta à minha pergunta original. Você deu alguma coisa, Cyrus? Muita coisa estava acontecendo para ele arruinar nosso plano. Tivemos que cronometrar as coisas com cuidado.

Desacreditar Deston já seria bastante difícil, já que o bastardo escorregadio sempre se livrava de seus problemas. Mas não desta vez. Desta vez eu a pregaria na parede, assim como Viktor fez, mas garantiria que não haveria escapatória.

— Eu te disse, eu não fiz. Conheço o que está em jogo, Luthor. Eu não vou estragar isso.

Quando enviei Cyrus à Irlanda para procurar nos registros da rainha Maeve o que Deston estava escondendo, mal sabia eu o que ele encontraria. De acordo com o conhecimento geral, Deston De Rayne tinha quatrocentos anos. Na verdade, Lilith o ressuscitou dos mortos cerca de mil e duzentos anos atrás, o mais próximo que pudemos dizer.

Deston fundou a Casa Rayne logo após sua ressurreição, com a bênção de Lilith.

Cyrus não era primo de Deston. Ele era seu tataraneto. Eu não conseguia nem começar a imaginar a porra da mente que era.

— Nós colocamos nossa vingança com Deston em banho-maria por enquanto, — eu disse em voz alta. — Nós caçamos quem a machucou. Garantimos que Seraphina tenha os melhores cuidados e grudamos nela como cola.

— Nunca deveria ter chegado a este ponto para começar — Cyrus murmurou acusadoramente. — Eu não posso acreditar que você perdeu de vista o que é realmente importante aqui.

— Eu estava focado em mantê-la segura, garantindo que o palácio fosse impenetrável e as proteções impenetráveis. Eu construí uma nova Guarda Real, cem fortes. — Eu não sabia por que eu sentia que tinha que me justificar para Cyrus, mas eu fiz. —Você, a propósito, demorou mais do que o planejado.

—Voltei quando encontrei a prova que precisávamos. Não vire isso para mim quando você deixou cair a bola. Olha, nós dois fodemos tudo. Cyrus balançou a cabeça.

— Depois de nos certificarmos de que Seraphina está bem, falarei com Marie pela manhã.

— Vou pegar o nome daquele curandeiro. — Quanto mais eu pensava sobre isso, mais estranho era. — Que eu saiba, Seraphina nunca conheceu um dos curandeiros reais. Ela nem teria como entrar em contato com eles.

— Tessa Cormier poderia ter preparado para ela — sugeriu Cyrus. — Vou começar por aí. Você começa com Marie.

— E se isso for…

Eu o cortei. — Nem mesmo diga. Não vamos lá, não até termos certeza. — A síndrome da medula foi fatal em questão de semanas. Mas Seraphina não mencionou nada sobre veias pretas, e eu não tinha visto nenhum, apenas hematomas profundos, que poderiam facilmente ter sido do acidente.

— E quando Seraphina estiver se recuperando?

— Então enterramos Deston de Rayne sob uma montanha de suas próprias mentiras. Encontramos os homens que a atacaram e os matamos. Nós estragamos a merda de Seraphina, e não cometemos os mesmos erros duas vezes.

— Parece um plano para mim. — Cyrus esfregou os dedos já curados. —Nós deveríamos ter matado Deston quando tivemos a chance.

— Não tenho certeza se poderíamos, não quando você considera como ele renasceu.

— Eu me pergunto por que Lilith o ressuscitou dos mortos? Quero dizer, o que há de tão especial nele? — Cyrus meditou enquanto fazíamos nosso caminho de volta para o andar de cima.

—Quem diabos sabe? — Eu não me importava como aquele bastardo surgiu ou por quê. Eu só me importava em manter Seraphina longe dele. Era apenas uma questão de tempo até que ele partisse o coração dela, e quando o fizesse, eu estaria lá para ela.

—Antes de confrontar Deston, devemos descobrir quem ele era antes de Lilith…

Quero dizer, Katarina o ressuscitou dos mortos — murmurou Cyrus. — Tudo o que eu podia dizer dos registros da rainha Maeve era que ele era poderoso – poderoso o suficiente para que ela o quisesse como aliado.

— E quanto ao vínculo da alma? — Eu perguntei. — Se ela o amarrou depois que o ressuscitou dos mortos, isso significa que ela não confiava nele. Mais do que nós.

— Obviamente

disse Cyrus. — Para saber com o que estamos lidando, temos que descobrir quem ele era. Mas a biblioteca de Maeve tinha apenas uma conta, e nenhuma das outras bibliotecas que pesquisei tinha nada.

— Não havia muitos vampiros nos primeiros dias. Não deve ser tão difícil de descobrir.

— Você acha que Deston tem alguma coisa a ver com Caím?

— Por que? — Minha mão parou na porta do quarto. —Você encontrou algo que ligou Deston a ele? — Enquanto eu refletia sobre isso, meus instintos vibraram, como se me dissessem que ele estava no caminho certo.

— Não. Nada por escrito. — Cyrus deu de ombros. — Chame isso de intuição, mas de alguma forma eu sinto que eles estão conectados.

—Deston não ficou surpreso quando viu Caím renascer das cinzas de Katarina. Quase como se ele esperasse.

Foi quando minhas suspeitas começaram.

O resto de nós ficou horrorizado com a transmutação, mas não Deston.

Não, ele assistiu ao renascimento de Caím como se estivesse esperando por isso. Talvez Cyrus estivesse certo. Talvez eles estivessem conectados. Fazia sentido – se Katarina fosse Lilith – porque ela e Caím estavam entrelaçados desde o início.

Só fazia sentido ressuscitar alguém dos mortos se você pudesse usá-lo.

Alguém tão poderoso quanto Caím, alguém quase tão poderoso quanto ela, especialmente se ela pudesse controlá-lo. Amarrar Deston com um vínculo de alma teria garantido esse controle, e eu não gostava de onde isso estava indo.

— Quando eu tiver minha conversa com Marie, perguntarei o que ela sabe sobre ressuscitar os mortos, — Cyrus murmurou. — Ela pode ter alguma ideia.

Cyrus passou por mim e entrou no quarto. — E agora passamos os próximos dois dias cuidando de nossa rainha. Assim como deveríamos ter feito desde o início.

Eu o segui. Mal podia esperar para pegar Seraphina em meus braços, para me assegurar de que ela estava segura. Mesmo que eu devesse ter feito um trabalho melhor protegendo-a em primeiro lugar.

14

SERAPHINA

Abri os olhos e, pela primeira vez, não acordei sozinha. Não, eu tinha meus dois grandes machos de cada lado de mim. Eu estava deliciosamente quente, e ainda estava escuro lá fora, o que significava que tínhamos algumas horas antes que eu tivesse que começar a trabalhar.

— Tomei a liberdade de cancelar todos os seus compromissos hoje— Luthor me disse sonolento, como se lesse minha mente. — Amanhã também. Eu deveria cancelar toda a próxima semana, mas imaginei que teria sorte se você concordasse com os dois dias.

Eu me aproximei deles. Eu estava sempre com tesão de manhã, como se uma boa noite de sono e sonhos sensuais me deixou excitada.

Luthor riu. — Nada disso, minha rainha. Você precisa descansar e se recuperar.

— Eu posso descansar e me recuperar e ainda desfrutar de vocês dois, — eu ofereci, minha mão envolvendo seu pau e acariciando o comprimento aveludado. Luthor tentou mascarar seu gemido, embora não tenha feito nenhum movimento para se afastar. O braço de Cyrus me envolveu por trás, me puxando contra seu peito.

— Eu não acho que isso seja uma boa ideia, Seraphina, — Cyrus avisou baixinho, todo sinal de brincadeira sumindo de sua voz. —Não até que você esteja melhor.

Luthor parecia que estava prestes a se juntar ao protesto, então eu o empurrei de costas e o levei em minha boca, desci até ele, minha língua girando em torno de sua cabeça no meu caminho de volta.

— Foda-se — disse ele, seus olhos rolando para trás em sua cabeça enquanto eu cantarolava em concordância. Eu não ia deixar de viver.

Eu com certeza não desistiria de amar meus machos, não quando eu poderia não ter muito tempo. Eu bani esse pensamento no segundo que apareceu, meus dentes raspando levemente enquanto eu arrastava minha boca de volta para o comprimento de Luthor. Cyrus assistiu com

os olhos brilhando, antecipação em seu rosto quando Luthor veio com um grito, seus quadris balançando para fora da cama.

Lambi meus lábios, saboreando o sal dele, meu olhar fixo em Cyrus.

— Venha aqui, — eu ordenei. Como se ele não pudesse se conter, ele o fez, rastejando pela cama até mim até que ele se agachou de joelhos diante de mim, suas mãos empurrando o cabelo do meu rosto, alisando-o sobre meus ombros, sua magia penetrando em mim, fazendo minha cabeça girar. Eu ri, empurrei-o para trás e subi nele, montei nele e afundei, tomando todo o seu comprimento dentro de mim.

Cyrus nunca tirou os olhos de mim, não quando cheguei ao clímax, não quando ele fez, e não quando eu deitei ao lado dele. Luthor cobriu todos nós, fugindo até que eu estava mais uma vez imprensada entre os dois. Fingi que não vi as lágrimas de Cyrus. Fingi que não sabia o que significavam.

— Nós descobriremos isso, Seraphina, — Luthor murmurou, e meu coração trovejou com seu tom.

Repassei as lágrimas de Cyrus, tentei identificar o tom estranho e oco na voz de Luthor. E logo antes de voltar a dormir, eu fiz.

Temer.

Luthor e Cyrus estavam com medo.

CYRUS e eu enfrentamos o calor lá fora enquanto eu me esvaziei da minha magia, enviando espirais escuras pelas árvores, enviando chuvas de folhas verdes para o chão. Depois, me senti de alguma forma mais leve, como se meus ossos fossem ocos e eu pudesse voar para longe.

— Onde está Luthor esta manhã? — Ele saiu correndo depois do café com alguma desculpa vaga de que precisava encontrar alguém. Fiquei decepcionada, mas esperava.

Apesar de tudo, tinha sido seu modus operandi no último mês, e eu não podia esperar que ele mudasse de uma vez.

— Ele foi falar com Marie esta manhã. — O olhar de Cyrus deslizou para o meu, e a culpa escorreu pelo vínculo entre nós. — Ele só queria ter certeza de que estávamos cuidando de você da melhor maneira possível, — Cyrus ofereceu gentilmente, passando os dedos

sobre as marcas em minhas mãos. Uma borda de veias pretas saiu de debaixo da minha manga, e eu puxei meu braço para longe.

— Eu te disse, estou lidando com isso — eu rebati defensivamente. —Você acha que tem que me seguir?

Enfiei minhas mãos trêmulas nos bolsos.

Merda. Marie os levaria a Fleur, que os levaria a Caím, o que levaria a um milhão de perguntas sobre por que eu estava confraternizando com o inimigo e vagando por Nova Orleans no meio da noite.

Muita sorte eu teria explicando isso para Luthor.

— Nós não estamos seguindo você, Seraphina, — Cyrus insistiu. Ele estendeu a mão para o meu braço novamente, mas eu me afastei.

— Não tente me injetar um monte de sua magia calmante para diminuir meu temperamento. Estou falando sério, Cyrus. Eu estou lidando com isso. Vocês dois me deixaram sozinha. Você se foi, Luthor me deixou como fantasma e Deston está mentindo para mim. Por um mês, a única pessoa em quem eu podia confiar era eu mesma. Fiz o melhor que pude.

—O que você quer dizer, Deston está mentindo para você? — Cyrus perguntou desconfiado. — E o que ele fez, Seraphina?

— Eu... não foi isso que eu quis dizer... — Minha voz sumiu.

—Só quis dizer que tenho feito o melhor que posso. Se você quiser questionar minhas decisões, pergunte a si mesmo quem eu deveria ter consultado? Você? Luthor? Deston?

Para sua informação, eu não tinha ninguém, então tomei minhas próprias malditas decisões.

Cyrus passou as mãos gentilmente para cima e para baixo em meus braços, então suspirou e encostou sua testa na minha. — Lamento não estar aqui para você, Seraphina. Eu não tinha ideia de que as coisas tinham ficado tão ruins. — Ele reuniu me aproximando, e fui até ele, meus olhos ardendo.

—Não tenho o direito de questionar suas decisões, não quando não estava por perto. Eu prometi estar lá para você, e eu quis dizer isso. Eu nunca deveria ter concordado em ir para a porra da Irlanda. Eu deveria ter ficado em casa e cuidado de você.

— Era realmente tão importante ir? — Eu perguntei suavemente. — A rainha Maeve tem o que você estava procurando?

— Ela tinha — disse ele, mas havia um traço de tristeza em sua voz. —Mas você conhece aquele velho ditado de que quanto mais respostas você obtém, mais perguntas você tem?

— Sim, eu sei o que você quer dizer.

— É assim que é. Luthor e eu estamos cuidando de seus melhores interesses.

Eu sei que não parece isso. Eu sei que você sente que está sozinha, mas não está. — Ele escovou meu cabelo para trás, inclinou meu rosto para o dele. — Eu não sairei e nem Luthor. Você quer mudar o mundo? Estaremos ao seu lado a cada passo do caminho.

Ele beijou minha bochecha molhada. — Nós nos deixamos desviar. Não vai acontecer de novo.

— Bom. — Engoli em seco, limpando meu rosto em sua camisa. — Então você pode me ajudar com uma missão paralela. Preciso encontrar os diários perdidos. Não podemos vasculhar o esconderijo de Caím. Mas há outro lugar onde eles podem estar.

Eu respirei rápido, não acreditando no que eu estava prestes a propor. Não que eu acreditasse que Deston pegasse os diários; eu só tinha que confirmar que ele não tinha.

— Você está pensando em ir para Ravenswood, não é?

— Não estou pensando em ir. Eu estou indo. — Eu me afastei e olhei para seu lindo rosto. Seus olhos estavam alinhados com prata, e eu enxuguei suas lágrimas. — Eu sei que estou doente, Cyrus. E estou com medo. Mas o diário de Alix Marvelle está desaparecido e ela morreu de tudo o que eu tenho.

Seu rosto se contraiu de medo, e eu me perguntei se ele sabia mais do que estava deixando transparecer. Mas falar sobre uma doença não a curaria.

— Marie está procurando um remédio, mas eu quero procurar um também. E Deston tem a melhor biblioteca do país. Se houver algo sobre Alix, encontraremos lá.

Não me permiti nem pensar no que faria se os diários estivessem em Ravenswood.

Eles não estão lá porque Deston não os levou, eu me tranquilizei. Eu não vou encontrá-los, e então posso parar de ficar obcecada com esse absurdo.

— Eu irei com você.

— Bom, porque senão eu estou andando. — Enrolei meu braço no dele. —Vamos jantar esta noite, Cyrus. Se Deston voltar, gostaria que pudéssemos deixar tudo de lado por apenas uma noite e comermos juntos. Na verdade, eu gostaria de torná-lo uma coisa semanal. Eu me contentaria com uma hora de união. Seria bom para todos nós.

Eu não perdi o jeito que ele endureceu contra mim. Nem a forma como suas próximas palavras pareciam forçadas.

— Parece uma boa ideia, Seraphina. Você pode contar comigo.

O GLAMOUR que escondia Ravenswood do mundo ainda estava intacto. Espiando através das brumas, o castelo parecia destruído, seu telhado desmoronado, metade das ruínas cobertas de arbustos e ervas daninhas.

Cyrus e eu caminhamos pela grama morta até chegarmos à ala externa. O brilho da magia começou a partir de um muro baixo de pedra, pouco mais que uma pilha de rocha quebrada. A barreira se estendia acima, formando uma enorme bolha protetora sobre o castelo e os terrenos.

A primeira vez que cheguei aqui, estávamos fugindo de Viktor. Vovó tinha acabado de morrer, e eu ainda estava segurando minha vida humana com um aperto de morte. Agora eu era uma rainha vampira, e ainda temia as respostas que este lugar tinha. De alguma forma, eu tive uma sensação terrível de que todo mundo estava em um segredo.

Todos menos eu.

—Espero que eu ainda possa abrir as proteções — eu sussurrei, a baia o nosso redor vazia e silenciosa. Este lugar permaneceu seguro porque era tão remoto, mas os quilômetros de pântano cheio de crocodilos que nos cercavam me davam arrepios.

—E se você não puder?

—Então voltamos para o palácio e esperamos Deston aparecer.

Por favor, abra para mim. Por favor, eu implorei. Se Deston tivesse trocado as proteções e eu não conseguisse entrar, seria outro sinal de que ele me cortaria de sua vida. Estendi a mão e toquei minha marca de acasalamento. Inerte.

Nem frio, nem quente, mas como se não houvesse nada ali.

Alívio me inundou quando um roçar de meus dedos abriu um buraco grande o suficiente para nós passarmos. Então meu alívio desapareceu tão rapidamente quanto apareceu.

O ar lá dentro estava um ameno de setenta e cinco graus. E pesado de umidade, o que era uma coisa boa, porque os jardins exuberantes de Deston estavam em plena floração.

— Que porra é essa? — Cyrus murmurou. — Ele não abandonou este lugar meses atrás?

— Eu pensei assim, — eu murmurei. Não só Deston voltou, ele passou muito tempo aqui. Os jardins foram restaurados à sua perfeição bem cuidada, o cheiro forte de rosas pairava no ar, as luzes brilhavam nas janelas altas de Ravenswood.

Só assim, meus pés pararam de se mover.

Era aqui que ele estava se escondendo o tempo todo? Usando as viagens para Nova York como cobertura? Por que ele simplesmente não me contou?

Cyrus me puxou para frente, e comecei a me mover de novo, completamente perdida em pensamentos.

Por que ele estava ficando longe de mim?

Talvez Deston tenha se arrependido de nosso acasalamento. Eu pensei que ele me queria tanto quanto eu o queria. Mas se eu estivesse errado, se ele se sentisse preso, de alguma forma ..., mas mesmo assim, nós prometemos não ter segredos - nós prometemos.

Com que rapidez essas promessas se desfizeram. Mas a pior parte foi que ele escolheu se esconder de mim. Não me inclua, não confie em mim.

Mas se esconda de mim, como se eu não pudesse ser confiável.

Subimos os degraus, meu coração trovejando no meu peito. Isso era pior do que enfrentar um bando de fantasmas. Pior do que estar doente.

Este era eu esperando meu coração quebrar quando eu já senti a primeira rachadura.

— Seraphina. — Cyrus me virou para ele com mãos gentis. — Eu não sei o que você está procurando, mas você não vai encontrar aqui. Deixe-me levá-lo para casa. Há outras bibliotecas, há Winston, ele tem livros... — A mão de Cyrus serpenteou para baixo e agarrou meu pulso enquanto o ar mudava, Cyrus começando a nos desmaterializar.

— Ainda não. — Eu me afastei de seu aperto. — Eu tenho que saber com certeza. — Minha voz estava áspera, meu corpo inteiro tremendo.

—Não é uma boa ideia, Seraphina, — Cyrus implorou, olhando para as portas. — Você não vai gostar do que encontrar lá dentro. — Seu aperto aumentou, e por um momento, eu pensei que ele me tiraria de lá, meus desejos que se danem.

Eu me libertei. — E se eu não olhar, sempre vou desejar ter visto. — Era verdade.

Eu estive aqui. Se eu saísse agora, nunca saberia. Não com certeza.

Se eu não batesse naquela porta, Deston poderia continuar girando suas mentiras ao meu redor como uma teia. Talvez eu as aceitasse como verdade, para me poupar de mágoa.

Mas isso não era eu.

Eu não iria embora sem respostas, nem mesmo se elas destruíssem meu mundo. Seria melhor do que eu estava vivendo ultimamente, despedaçado pela dúvida.

—Muito bem. — Ele suspirou, pegando minha mão de volta, seu aperto quase inquebrável. —Mas você fica bem ao meu lado.

— Combinado. — Meu coração estava prestes a quebrar. Eu só sabia. Todos os segredos de Deston estavam prestes a ser revelados, e minha vida ficaria em ruínas.

SERAPHINA ESTAVA ASSUSTADA. Com medo do que encontraríamos lá dentro.

Eu também estava.

O que quer que Deston estivesse fazendo – quem quer que Deston realmente fosse – ele estava guardando alguns grandes segredos. Luthor estava focado em denunciá-lo pelo mentiroso que ele era, e tudo voltar ao normal.

Mas Luthor esqueceu uma coisa. Perder Deston partiria o coração de Seraphina.

Não importa como as coisas terminassem, ela seria a única a sofrer. Apesar de suas falhas, Deston era o companheiro de Seraphina. Esse não era um vínculo que pudesse ser cortado de forma limpa.

Mesmo que seu companheiro fosse um pedaço de merda mentiroso e inútil.

Quebrar um vínculo de acasalamento deixou ambas as partes irrevogavelmente quebradas, sombras de seus antigos eu, o que foi motivo suficiente para eu não querer o corte do vínculo.

Melhor aceitar Deston e todos os seus defeitos, e tê-la feliz, do que condenar Seraphina a uma meia-existência.

Com meus dedos em volta de seu pulso, senti seu pulso bater a mil por hora.

Seraphina foi direto para as portas da frente e as abriu, sem hesitação. Pelo menos não até encontrarmos Deston na soleira, bloqueando nosso caminho, seu rosto sombrio de raiva.

Seu pulso vibrava contra meus dedos.

— Seraphina. Primo. — A voz de Deston estava tensa, como se fosse preciso cada grama de controle para manter seu tom uniforme. Mas o ar engrossou, vibrando com magia e raiva. Ele não nos queria aqui.

Nenhum de nós, nem mesmo Seraphina. E ela sentiu seu desagrado tão claramente quanto eu. — Eu gostei do que você fez com o lugar. — Acenei de volta para os jardins. —Você precisa trabalhar em suas proteções, primo. Agora, qualquer um pode entrar aqui. — Fiz questão de colocar ênfase especial na palavra primo, já que tecnicamente, ele era meu pai. Um fato que eu ainda estava tentando entender.

— Eu pensei que você estava em Nova York? — Seraphina perguntou baixinho, nada além de mágoa em sua voz. — Tudo o que você tinha que fazer era me dizer, você sabe. Eu teria entendido se você apenas quisesse fugir.

Deston parecia tão terrível quanto Seraphina. Ele estava pálido, abatido, seu cabelo esfarrapado nas pontas. Sua aparência imaculada de sempre estava amarrotada, como se ele estivesse com as mesmas roupas por dias.

Ele poderia ter dito a Seraphina que estava arrependido. Ou estava mentindo ainda.

O bastardo deveria ter caído de joelhos e implorado por absolvição, e conhecendo Seraphina, ela o ajudaria a se levantar e o perdoaria na hora.

Em vez disso, Deston fez a pior coisa que poderia ter feito.

Ignorando-me completamente, ele deslizou para frente e perguntou: — Mon amour, por que você está aqui?

15

SERAPHINA

Sabe quando você pensa que algo pode ser verdade, mas não se deixa acreditar?

Foi assim que me senti agora.

Eu suspeitava que Deston estava escondendo algo, mas parte de mim – meu orgulho talvez – tinha me convencido de que não era verdade. Ele me amava. Ele nunca mentiria para mim. Porque o que tínhamos era diferente.

Mas aqui estava ele. Ele definitivamente não estava em Nova York. Será que ele já esteve em Nova York?

— Mon amour, por que você está aqui?

Ele nem estava tentando esconder nada, apenas agia como se tudo estivesse normal.

Como se ele não tivesse mentido para mim nas últimas quatro semanas. Como se eu estivesse errada porque vim em busca de respostas. Alcancei através do vínculo e não encontrei nada. Era como se ele tivesse construído um muro de pedra no vínculo. Eu nem sabia que isso era possível, mas ele me cortou.

Nem uma vez eu tinha pensado em fazer isso com ele.

Meu companheiro pode não se lembrar de como dizer a verdade, mas eu me lembrei. —Estou procurando qualquer informação que você possa ter sobre Alix Marvelle. Como o diário dela. — Eu mantive meus olhos fixos em seu rosto, procurando o menor sinal. Ele piscou, então balançou a cabeça lentamente.

— Se você está procurando os diários roubados, Seraphina, eu não os tenho. — Desta vez, havia um lampejo de mágoa em seus olhos também.

Bom. Eu esperava que ele sentisse cada pedacinho de dor que eu senti. Eu esperava que ele se arrependesse de todas as noites que passou longe de mim, de todas as mentiras que ele contou para fazer isso acontecer. Eu esperava que seu coração estivesse partido, exatamente como o meu.

— É por isso que você está aqui? — Ele perguntou suavemente. — Você acha que eu peguei os diários? — Deston balançou a cabeça, ainda bloqueando meu caminho. — Eu não os tenho, Seraphina.

Seus olhos fixos no meu rosto, seu tom afiado quando ele viu minha aparência, seus olhos se estreitando no meu rosto. — O que você está procurando?

— Seja qual for a doença que Alix teve, eu também tenho, aparentemente. Preciso ver se há algum registro de seu distúrbio sanguíneo.

Desta vez, o piscar de Deston não foi para mostrar. —Desordem sanguínea? Você tem um distúrbio sanguíneo?

Minha marca de acasalamento ficou gelada, cada respiração parecia que eu tinha cacos de vidro em meus pulmões. Eu vi a dor nos olhos de Deston. Vi e não me importei. Agora, eu queria que ele se machucasse. Na verdade, eu apreciava sua dor.

Ele derrubou a parede e suas emoções bateram em mim como um aríete, meu peito comprimindo com a força. Ele queria se esconder de mim? Eu empurrei minhas próprias emoções de volta para o outro lado e esperei que ele engasgasse com elas.

Eu deveria enfiá-los em sua garganta.

— Um distúrbio no sangue — eu repeti uniformemente, não deixando minha turbulência interior aparecer no meu rosto. — Evidentemente, Alix teve a mesma coisa, e Marie a tratou. Estou tentando descobrir qual é o distúrbio, para que eu possa fazer algo a respeito.

— Quem te diagnosticou? — Deston se aproximou, e Cyrus apertou meu braço preparando-se para me levar embora.

— Quem te disse isso? — Deston ecoou. Sua voz tinha um tom de histeria agora, um pânico que eu não achava que ele estivesse fingindo.

— Fleur Trahan e Marie Laveau.

— Como você conheceu Fleur Trahan? — Deston exigiu, e Cyrus me colocou atrás dele.

— Porque eu... — Endireitei meus ombros. Eu não lhe devia a verdade.

— Ela é a curandeira que me viu pela primeira vez. Então Marie mencionou que tratou Alix, dando-lhe mais alguns anos.

— Uns anos extra de...— Atrás de mim, Cyrus respirou fundo. — Como Marie chamou isso?

O rosto de Cyrus estava branco, os olhos arregalados. — Como ela chamou isso, Seraphina? Marie deu-lhe um nome? — Ele exigiu, sua voz tremendo, a mão que agarrou meu pulso, tremendo enquanto seus dedos cavavam.

— Ela disse que era Síndrome de Medullis, sangue envenenado — eu sussurrei, e os dois empalideceram. Aí. Finalmente, a verdade foi revelada, e eu pude parar de fingir que estava tudo bem.

— Marie explicou que minha magia está me envenenando. Ela disse que eu não cresci na minha magia da maneira usual, assim como Alix. Mas ela está me ajudando a controlar os sintomas e estou me sentindo melhor. — Parte mentira, parte verdade, e mais do que Deston merecia, agora.

Deston estendeu a mão para mim; Cyrus me puxou para fora de seu alcance.

As presas de Cyrus deslizaram para baixo em advertência, um rosnado retumbando em sua garganta. —Você perdeu o direito de tocá-la quando mentiu para ela e se escondeu, como o covarde que você é.

— E eu arrancarei sua cabeça de seu corpo e deixar você sangrar na minha varanda se você tentar me manter longe da minha companheira. — O poder de Deston encheu o ar com sombras que brilhavam com magia. Um vento negro chicoteou, emaranhando meu cabelo em volta do meu rosto.

— E eu estou bem aqui, porra. Não me trate como se eu fosse um osso a ser disputado. Você mentiu para mim, Deston. Não sei porque, mas você fez. Você mentiu e me machucou e então me cortou da sua vida.

— Seraphina...— Sua voz estava rouca, sua voz falhando quando ele implorou: — Por favor.

— Você perdeu a chance de explicar. Você não pode empilhar mais mentiras em cima das que já contou. Se você tiver alguma informação sobre Alix, dê-me agora. Caso contrário, não quero falar com você.

— Meu amor…

— Não se atreva a falar docemente comigo, — eu cuspi, mesmo que meus olhos queimassem de tanto segurar as lágrimas. Eu estava

sendo dilacerada por dentro. Sangue martelava em meus ouvidos por sua traição, por todas as maneiras que ele me manipulou.

Ainda estava tentando me manipular, mesmo agora.

— Eu preciso resolver meus sentimentos antes de te ver novamente. Se eu não sair agora, direi coisas das quais me arrependerei. Cyrus, leve-me para casa. Agora.

— Seu desejo é uma ordem, minha rainha. — Cyrus lançou ao primo um olhar de triunfo, e eu nem liguei para ele. Deston teve todas as chances de fazer isso direito, e tudo o que ele fez foi piorar.

— Seraphina….

O desespero brilhou nos olhos de Deston, seu rosto uma máscara oca quando ele estendeu a mão para mim novamente, mas apenas passou o braço pelo ar vazio onde estávamos. Eu sabia que imaginaria o olhar em seu rosto por muito, muito tempo. Pelo menos até que as coisas estivessem bem entre nós novamente.

Agora, isso parecia impossível.

16
SERAPHINA

Segundos depois, meu corpo fez aquela dancinha trêmula que fazia quando nos reformamos na entrada do palácio. A umidade pairava pesada na escuridão.

Não só isso, havia um cheiro estranho no ar. Como se alguém estivesse tendo um incêndio.

Me doía até os ossos, e quando olhei para o meu braço onde Cyrus me segurava, o hematoma estava de volta. Assim, a realidade caiu sobre mim.

Deston mentiu. Sobre tudo. E quando eu o peguei, ele tentou encobrir.

O ponto levantado na parte de trás do meu pescoço queimou, e dentro de mim, algo se quebrou. Eu não sabia se era o vínculo de acasalamento ou meu coração, mas a dor correu através de mim, quase me derrubando de joelhos.

Cyrus me segurou de pé, examinando a escuridão. —Tentei nos colocar dentro do palácio, mas não consegui. Há algo de errado com a proteção ao redor do palácio... Cyrus parou quando viu meu rosto.

— Oh merda, Seraphina, me desculpe. — Ele me puxou para ele e, de repente, eu estava soluçando. Minha vida inteira era uma mentira do caralho.

E se não fosse mentira, Deston estava guardando segredos suficientes para que eu me perguntasse quantos mais ele teria. E ele me cortou. Eu nem sabia que isso era possível.

Ele estava escondendo coisas de mim o tempo todo?

Nós dois olhamos para cima quando algo assobiou acima. Um som fino e agudo que era diferente de tudo que eu já tinha ouvido antes. Um flash de luz azul-branca me cegou, e então meus ouvidos ficaram vazios com a explosão, a poucos metros de distância.

A próxima coisa que eu sabia era que eu estava esmagado entre o corpo pesado de Cyrus e o caminho de cascalho, pedras cavando dolorosamente em meu estômago, pedaços de grama queimando caindo ao nosso redor.

Mais projéteis explodiram, levantando relva e terra até parecer que tudo estava pegando fogo.

Tiros ecoaram pelo campo aberto, intercalados com o terrível assobio.

Cyrus me manteve presa, seu corpo recebendo o peso do dano, e quando tentei rastejar debaixo dele, ele me empurrou de volta para baixo. Não consegui ouvir. Eu mal podia ver, cegado pelos flashes brilhantes ao nosso redor.

Botas pesadas rangeram no cascalho, e Silas e Caím correram em nossa direção. Meus ouvidos zumbiram quando Cyrus me puxou para os meus pés. Eu tive que me agarrar ao braço dele para me apoiar.

Caím e Silas nos flanquearam, armas em punho, magia faiscando em seus dedos.

— Eu não tenho mais nenhuma mágica. — Eu não conseguia me ouvir, mas esperava que eles pudessem me ouvir.

— Gastei tudo. — Olhei em volta loucamente, tentando ver onde a próxima bomba cairia.

Cyrus limpou o sangue que escorria do nariz e gritou alguma coisa. Eu ainda não conseguia ouvir, então seus gritos eram mais como uma pressão abafada em meus ouvidos.

Mas Cyrus me levantou em seus braços, e nós desaparecemos antes que outra explosão jogasse cascalho e pedra sobre nós.

Acabamos de pousar do lado de fora da entrada do palácio, e consegui dar uma última olhada por cima do ombro.

Tudo estava em chamas. Os terrenos do palácio estavam em chamas, marcados por crateras profundas e fumegantes. Mesmo enquanto eu observava, o ataque continuou, cada ataque chegando cada vez mais perto do palácio.

Luthor correu bem a tempo para a próxima rajada atingir, e um dos antigos carvalhos caiu com um estrondo ensurdecedor, faíscas voando por toda parte enquanto os galhos se inflamavam com fogo azul. Parei para ficar boquiaberta, e ele me arrastou para dentro e trancou a porta.

— Estamos sob ataque.

Eu finalmente consegui ouvir o rosnado enfurecido de Luthor, e ele era um homem possuído, suas presas para baixo, seus olhos brilhando, tendões se destacando na lateral de seu pescoço. Suas

sombras giravam no ar, e eu sabia que uma vez que ele encontrasse nossos inimigos, ele os destruiria com as próprias mãos.

— Todo mundo está fora do palácio? — Eu perguntei sem fôlego. Se este edifício desabasse, esmagaria todos dentro.

— Somente a Guarda dos Cavaleiros resta. — Luthor rosnou, chamando os recrutas para mais perto. —Os agressores estão escondidos na floresta. Temos que expulsá-los.

Havia nove machos enormes esperando por ordens. Eles pareciam mortais e determinados, um deles inclinando a cabeça para mim, suas presas afiadas em plena exibição. Eu me ressenti de Luthor colocar a Guarda dos Cavaleiros em primeiro lugar, mas caramba, eu estava feliz com isso agora.

— Não temos uma contagem de assaltantes. Materialize-se atrás da linha das árvores e expulse esses filhos da puta da floresta. Luthor entregou uma arma a Cyrus, acenando para

Caene e Silas. —Vocês dois assumem a liderança. Assim que você os colocar em movimento, Cyrus e eu estaremos esperando por eles na beira do campo.

Metade deles desapareceu com Silas e Caene, a outra metade esperou pelo próximo pedido de Luthor.

—Vamos dar-lhes um minuto. Eu ativei as sentinelas. O inimigo não será capaz de se desmaterializar, e há tantos lugares que eles podem se esconder.

Luthor olhou por cima do meu ombro pela janela. — Quem diabos é isso?

Segui a linha de visão de Luthor e instantaneamente reconheci a forma enorme de pé no topo da elevação, o brilho fraco das proteções delineando seu corpo poderoso.

Foi aí que Caene ficou na outra noite, me observando até que eu estivesse em segurança lá dentro.

— É Caím — murmurei. As cabeças de Luthor e Cyrus viraram para mim no segundo em que o nome cruzou meus lábios.

— Nós poderíamos usar a ajuda dele.

— Quem quer que seja, não seria preciso muito para derrubar o palácio, e não quero que ninguém morra esta noite.

—Você quer que nós trabalhemos com ele? — Luthor perguntou. — Quando você sabe que não podemos confiar nele?

— Parece que não posso mais confiar em ninguém. — Minha voz estava dura, e eu dei de ombros, sentindo-me miserável e irritada ao mesmo tempo. —Ele prometeu que me apoiaria publicamente. Isso é o mais público possível. Vamos ver se ele mantém sua palavra.

Abri as portas da frente, olhei diretamente para a forma sombria de Caím. Eu vejo você lá em cima. Nós precisamos da sua ajuda.

Em vez de responder, Caím desapareceu.

— E aí está a sua resposta. — Luthor zombou. — Isso é o que você ganha por confiar em um…

Caím se materializou bem na nossa frente, deu a Luthor um sorriso frio e jogou dois vampiros moribundos aos nossos pés, ambos com a garganta devastada. Eles eram tão grandes quanto os novos recrutas, e ele os tratava como se fossem crianças.

— Bom trabalho. — A voz de Cyrus pingava de sarcasmo. — Teria sido bom se pudéssemos interrogá-los.

— Qualquer coisa que saísse de suas bocas seria uma mentira. — Caím rosnou de volta. — Eles foram enviados por Vane Carpathian. — Ele empurrou a cabeça em direção a Luthor. — Eu olhei em suas cabeças antes de arrancar suas gargantas. Verifique e veja se você não acredita em mim.

Por apenas um segundo, Caím e Luthor se encararam.

— Ele está dizendo a verdade — disse Luthor com firmeza. — Vane os enviou para montar um ataque.

— Não é um grande ataque. — Olhei para as crateras no jardim da frente. — Teria sido pior se você não tivesse aparecido, pensei para Caím. — Obrigada. Novamente.

Eles eram apenas a diversão, Caím pensou para mim.

— Você deveria entrar Seraphina, antes... — Eu me movi.

Não sei exatamente por que, mas me aproximei de Cyrus, e a ação salvou minha vida quando um parafuso de aço atravessou o ar, a meia polegada do meu nariz. Se eu tivesse ficado exatamente onde estava, a flecha teria atravessado meu crânio.

Caím se moveu mais rápido do que qualquer outra pessoa, jogando seu corpo na minha frente, suas mãos em meus ombros, pronto para me jogar no chão.

Um segundo depois, Caím apareceu, arrastando um vampiro lutando, ambos os braços batendo frouxamente.

— Aqui está seu arqueiro. Ele estava camuflado na grama no topo da elevação.

— Caím explicou, jogando-o ao lado dos outros. O vampiro olhou para seus companheiros mortos e cerrou a boca, embora seus olhos mostrassem claramente seu medo.

Eu balancei a cabeça para Caím. —Veja o que ele sabe.

Caím fechou os olhos por meio segundo, então os abriu, seu olhar escuro perfurando no meu.

— Vane Carpathian os contratou para assassiná-la.

Luthor concordou com a cabeça. — Mas isso é tudo que ele sabe. Eles deveriam matar você, e então eles são pagos.

— Caím, veja o que seu pai sabe sobre isso. — Renard Gauthier já foi general de Viktor. E o amigo mais próximo de Vane. Ele jurou fidelidade a mim, mas esta noite, veríamos onde estava sua verdadeira lealdade.

Os novos recrutas da Guarda Real começaram a reaparecer, e em pouco tempo, a pilha de vampiros mortos e moribundos cresceu para mais de quarenta. Esta não era uma equipe de assalto; este era um exército.

A adrenalina zumbiu através de mim como uma droga. Eu estava cansado de ser empurrado pelas pessoas que eu amava. Caçado como um animal pelos meus inimigos.

— Eu digo que devemos fazer uma visita a Vane. Esta noite. Quais são as chances de ele já saber que seus assassinos falharam?

— Minhas vítimas nunca conseguiram obter uma resposta — disse Caím com um sorriso arrogante. Ele olhou para Caím, que olhou de volta. — Quanto ao seu...?

— Eu quebrei seus braços no segundo em que ele soltou o ferrolho. — Caím rosnou, seus olhos ficando tão negros quanto os de Caím. — Sinto muito, minha rainha, eu deveria ter sido mais rápido.

— Você foi rápido o suficiente, meu amigo. E não importa se algum deles reportou de volta. — Inclinei a cabeça em agradecimento. Até agora, todos nós ainda estávamos de pé, e eu pretendia atacar enquanto tivéssemos vantagem. —Nós atingimos Vane primeiro, ver quem mais está envolvido. Tenho certeza de que ele não estava trabalhando sozinho.

Olhei para Caím. — Ao amanhecer, quero meus inimigos mortos ou morrendo. Você pode ajudar com isso?

Por um longo momento, Caím segurou meu olhar, então ele assentiu.

— Quando todos voltarem, nos preparamos. Saia em cinco minutos. — A voz de Luthor tinha um tom frágil, e eu sabia que era porque eu tinha acabado de convidar Caím para a festa. Silas e o resto da Guarda dos Cavaleiros reapareceram ao nosso redor. —Silas, você conhece um caminho para dentro do complexo dos Cárpatos?

— Eu posso passar por qualquer ala — interrompeu Caím, estrelas girando em seus olhos. — Vou levar todos para dentro. Eu manterei Seraphina segura.

— Esse é o meu maldito trabalho — Luthor ameaçou, e antes mesmo que eu o visse se mover, ele tinha uma faca pressionada contra a garganta de Caím. — Como se eu fosse confiar em você com ela, — ele advertiu suavemente, seu braço tenso o suficiente para eu saber que ele estava se segurando. Ele queria enfiar aquela faca na garganta de Caím.

—Você fez um bom trabalho no mês passado — disse Caím — cuidando dela. — Desprezo escorria de cada palavra, e Caím se inclinou para a faca de Luthor, um fio de sangue escorrendo por sua garganta.

Eles estavam cara a cara quando Caím falou lentamente: — Se não fosse por mim, Seraphina nunca teria visitado um curandeiro.

Ah, você deve estar brincando comigo.

— Vamos nos concentrar no problema em questão, — eu disse a Luthor e Cyrus, ignorando seus olhares furiosos. — Hoje à noite, nós limpamos Vane desta terra. Caím vai nos colocar para dentro, Luthor e Cyrus vão questioná-lo, e eu quero ouvir o que aquele bastardo tem a dizer.

— Seria um prazer, minha rainha. — Caím baixou a cabeça para mim, e eu dei a ele meu melhor olhar mortal. Ele sabia que tinha acabado de me revelar para Luthor e Cyrus, tentando causar problemas. Eu não deveria estar surpresa. Ele era um mestre manipulador, quase tão bom quanto Deston.

Pare de tentar irritar todo mundo, eu o avisei. Este não é o momento, e eu não preciso dessa merda esta noite.

Como quiser. Seu sorriso se tornou positivamente perverso. Terei as proteções abertas quando você chegar, minha rainha. Ele desapareceu diante dos meus olhos, aquela expressão convidativa ainda em seu rosto.

— Pronta, Seraphina? — Cyrus abriu os braços e eu entrei, envolvendo meus braços ao redor de sua cintura. O vento gelado açoitou meu rosto antes de meus pés mergulharem na água na altura do joelho.

— Desculpe — Cyrus sussurrou em meu ouvido, me tirando da água. — Nós pousamos do lado de fora da proteção porque dois dos recrutas foram atingidos pelos tiros de Vane.

Atiradores de elite, no segundo em que pousaram dentro do perímetro. Assim que estiver seguro, a levarei para dentro.

Porra. Mais dois mortos.

Se eu tivesse minha magia, poderia ajudar ..., mas não tinha, e não podia.

Em seguida, estávamos voando, pousando no quintal em frente a uma enorme mansão. Luthor estava se preparando para enviar todos quando Caím o parou com uma risada seca. —Permita-me.

Um aceno de sua mão enviou uma parede de magia em direção à mansão. A torrente negra achatou a grama, derrubou as árvores e estourou todas as janelas quando atingiu o prédio. Quando a poeira baixou, não havia uma única coisa entre nós e Vane.

— Agora você pode enviá-los. — Caím cruzou as mãos atrás das costas, mas sua expressão de regozijo enviou uma mensagem clara. Eu sou mais poderoso do que você pode esperar ser.

Em resposta, a raiva de Luthor aumentou. Ele queria arrancar a cabeça de Caím, mas por enquanto, ele se concentrou em nossos inimigos. Silas levou os guardas restantes para dentro e, um minuto depois, sua voz estalou em uma das unidades de comunicação, nos dando tudo certo.

Nós escolhemos nosso caminho para o prédio, desviando de árvores e corpos caídos, um resíduo da magia negra de Caím ainda brilhando em alguns pontos. Ele continuou olhando para mim, seu olhar indecifrável, como se estivesse tentando ler minhas emoções.

Eu estava crua. Uma grande ferida aberta com sal derramado nela. Deston tinha mentido para mim, uma e outra vez. Ele partiu meu coração – e agora estávamos quebrados.

Eu estava quebrada.

Nós éramos amigos, mas agora... eu não sabia o que éramos. Nada, eu suponho.

Eu tive que colocar tudo isso de lado, não importa o quanto eu estivesse com raiva, não importa o quanto eu quisesse me dobrar em uma bola e chorar até ficar sem lágrimas.

Esta noite, eu terminaria essa luta pelo poder com Vane, de uma vez por todas.

Viktor tinha sido um monstro, e ele merecia morrer, mas algo me fez poupar Vane naquela noite. Não foi misericórdia, mais como pena. Mas ele me atacou pela última vez. Eu deveria tê-lo matado quando tive a chance, e agora, três bons homens estavam mortos por causa da minha hesitação.

— Sim, você deveria — concordou Caím suavemente, ainda olhando para mim como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. — Seu coração é muito mole, Seraphina. Muito suave para o seu próprio bem.

Deston tinha dito exatamente isso para mim. Quase palavra por palavra.

— Você tem razão. — Inclinei-me mais perto, querendo que ele ouvisse cada palavra. — Eu tenho um coração mole, Caím. Mas também tenho outro lado. Essa é a Seraphina que você verá esta noite. Não se engane, esta versão de mim não tem um coração mole.

Na verdade, a raiva ardia em meu peito, um desejo de vingança, uma necessidade de punir. Seus olhos piscaram, estrelas explodindo nas profundezas. Havia tanta fome no rosto de Caím, pensei que ele pudesse me atacar, mas mal me importei, tanta raiva ecoou por mim. Eu tinha um alvo para toda a minha mágoa e frustração, e seu nome era Vane Carpathian.

Eu estava me vingando esta noite.

Vingança por Marcel, e todos os outros que Vane machucou ao longo dos anos. Eu eliminaria meus inimigos e, quando terminasse, seria o único que restaria de pé.

Satisfação e uma pitada de prazer vieram sobre mim enquanto eu ponderava como aquela paisagem poderia ser.

O rosto de Caím mudou, como se ele sentisse cada emoção fluindo através de mim. Como se ele entendesse. Você e eu fomos feitos um para o outro, Seraphina, e vou eliminar todos os seus inimigos.

Estou feliz por estares aqui. Eu sorri, antecipação dançando para cima e para baixo na minha espinha.

Agora vamos queimar esse filho da puta e levar cada um dos conspiradores de Vane com ele.

Houve um som de raspagem, e Silas arrastou um Vane Carpathian lutando diante de nós. O vampiro mais velho estava ensanguentado, mas ainda lutando com unhas e dentes contra o aperto de Silas. Seu olhar azul pálido passou por nossos rostos, sem um pingo de medo em seu rosto, não até que seus olhos pousaram em quem estava atrás de mim.

Eu sorri para ele, levantei uma sobrancelha para seu estado desgrenhado, então me agachei até que estávamos cara a cara. Não havia nada além de uma determinação fria e dura me guiando agora enquanto olhava nos olhos do meu inimigo.

— Quem mais? — Eu perguntei suavemente.

Vane sustentou meu olhar por um momento, então um sorriso odioso rastejou em seu rosto.

Você vai morrer, sua vadia inútil. Pela minha mão ou por outra, imundície como você não merece sentar naquele trono.

— Ah, então há outros envolvidos. — Acenei para Luthor, que afundou sua faca no pescoço de Vane. Eu nem pisquei. — Diga-nos quem mais estava envolvido, e Luthor o matará rapidamente, o que é mais do que você merece. Você quer jogar jogos? Ele vai fazer isso devagar. E doloroso.

Observei o rosto de Vane se estabelecer em planos rígidos e sabia que ele não nos diria nada.

Não voluntariamente.

— Da maneira mais difícil, então, — Luthor cantarolou na voz de um carrasco. —Eu não vou mentir.

Estou ansioso para matá-lo há muito tempo. — Ele inclinou a cabeça para mim, e o olhar pálido de Vane o seguiu. —A misericórdia

de Seraphina manteve você vivo por meses, desde que ela matou seu filho de merda. Espero que tenham gostado do tempo extra.

— Mas isso foi um engano, — eu disse, e Vane se acalmou em meu tom frio e deliberado. — Eu cometi um erro ao deixar você viver. Um erro que não cometerei novamente.

Senti surpresa e aprovação de Caím, e fiquei ao lado dele quando Vane começou a gritar.

— O que você conseguiu? — Perguntei com o canto da boca, observando Luthor afundar a faca no peito magro de Vane.

Caím pareceu ofendido, e eu bufei. — Eu sei que você já olhou dentro da cabeça dele, então me diga, — quem mais vamos atrás hoje à noite?

Ele sorriu. — O gêmeo do Dubois mais velho, Octavio, e Lord Dryden Bouderaux.

Isso fazia sentido. Eu humilhei Octavio Dubois no meu baile de coroação, e Dryden tentou – e falhou – tirar o palácio de mim. Eles o chamavam de The Bank, porque ele era muito rico. Bem, eu estava bem mais rica.

— Vane deveria matar você, Luthor, Cyrus, seu companheiro e sua Guarda de Cavaleiros de uma só vez esta noite. Octavio assumiria o trono e os Bouderauxs financiariam seu reinado.

Porra. Deston. Eu tinha que dizer a ele. Não importa o quão bravo eu estivesse, meu companheiro estava em perigo, e eu tinha que avisá-lo.

Eu abaixei o vínculo de acasalamento, mas bati naquela parede novamente, e não importa o quanto eu me batesse contra ela, a barreira não cedeu. Peguei meu telefone e mandei uma mensagem para ele, Caím observando cada toque dos meus dedos na tela.

Sob ataque, fique seguro.

Eu não tinha dúvidas de que Deston poderia enfrentar Vane e vencer, mas ele estava sozinho no meio do pântano. Eu não podia deixar de me preocupar, apesar de quão chateada eu estava.

—Nós temos o que precisamos, — eu disse em voz alta, então acenei para Luthor. —Estaremos esperando lá fora, quando você terminar. — Ignorei a súplica de Vane e inclinei minha cabeça para Cyrus. —Eu suponho que você quer ver isso?

— Sim. — Seu olhar gelado estava fixo no vampiro mais velho. — Eu o vi matar Lyra bem na minha frente. Eu quero que ele pague por isso.

Eu balancei a cabeça sombriamente. Matar... era necessário, mas nenhum de nós gostou. Uma parte brutal deste mundo, e se Vane nunca tivesse vindo atrás de mim, ele teria vivido o resto de seus dias em paz. Mas ele, como os outros, fez sua escolha.

Agora cabia a nós fazê-los pagar.

Eu puxei meu capuz mais apertado. Mesmo com o calor, eu estava com frio, e a casa não tinha janelas. Por causa disso, ouvimos cada um dos gritos de Vane. Mas, eventualmente, os gritos pararam e Luthor saiu da casa, limpando a lâmina na perna da calça.

— O que fica mais perto, o Dubois ou o Bouderaux?

— Dubois, eu acho. Acho que Octavio estava envolvido? Luthor perguntou calmamente. — Diga a eles o que você me disse, Caím.

Ele passou por Luthor e Cyrus, nenhum deles parecendo surpreso.

— Estamos quase fora da escuridão — Luthor apontou. — Talvez mais duas horas. Eu tenho uma nova equipe chegando. Nós nos reagrupamos no palácio, mas eu digo que devemos eliminar os Dubois em seguida.

Olhei para Caím, para o olhar faminto em seu rosto. — Não muito tempo. Estás dentro?

— Estou à sua disposição, minha rainha. — Ele inclinou a cabeça, um brilho de ganância em seus olhos. —Diga-me como posso ser útil.

Foi o que Caím disse em voz alta, soando perfeitamente civilizado. O que Luthor e Cyrus ouviram. Eu já estava me afastando quando ele disse, esta noite acabou de provar que você pertence a mim, Seraphina. Você sabe disso, e eu sei disso.

Eu não sou um homem paciente e cansei de esperar.

17

SERAPHINA

Eu estava me preparando para abrir minha boca para dizer a ele o inferno para o não, quando Luthor me surpreendeu e ofereceu a mão a Caím.

— Obrigado por sua ajuda e por salvar nossa rainha do naufrágio. — Pisquei surpresa.

—Você prossegue sendo útil esta noite. Você não concorda, Seraphina?

Eu certamente não achava isso, mas se protestasse demais, Luthor saberia que algo estava acontecendo, então concordei com relutância. Todos nós voltamos como fantasmas, e eu beijei Luthor quando pousamos. — Obrigada por cuidar de Vane.

— Esperava por isso há muito, muito tempo.

Caím me lançou um olhar de adagas, e eu levei meu tempo plantando outro beijo na bochecha de Luthor. Caím não era meu dono. Ninguém me possuía, e era hora de Caím aprender essa lição e aprendê-la bem.

— Já que temos apenas duas horas, vamos nos separar ou ficar juntos? Acho que devemos atacar Dubois primeiro e depois Bouderaux. Mas a decisão é sua, Luthor. — Concordo. Nós vamos juntos. Cinco minutos e estamos fora daqui.

Caím foi para as portas da frente, e eu o afastei. Não havia nenhuma maneira que eu o deixaria vagar pela minha casa sem controle. — Eu posso te ajudar com alguma coisa?

— Já que tenho cinco minutos, pensei em bisbilhotar um pouco, minha rainha. — Ele sorriu.

Não tem graça, seu idiota pomposo, pensei para ele. Pela milionésima vez, fique fora da minha cabeça e pare de tentar se infiltrar na minha vida.

Está funcionando. Ele indicou nossos arredores, e quando eu olhei para ele, tudo o que ele fez foi piscar de volta.

—Tudo bem, bisbilhote o quanto quiser. — Fui para a cozinha. — Estou pegando algo para comer. — Deixei-o parado no hall da frente, praticamente desafiando-o a olhar ao redor.

—Veja se tem biscoitos, — Cyrus gritou. — Se tem manteiga de amendoim, quero duas. Se forem de chocolate, quero quatro.

— Eu senti sua falta Cyrus, mas não seus hábitos alimentares terríveis — eu gritei de volta. — Você vai escolher os que têm mais gotas de chocolate, certo?

— Claro que eu vou. Alguma vez te decepcionei quando se trata de escolhas de biscoitos? —Nunca — ele gritou no corredor atrás de mim.

No segundo em que virei o corredor para a cozinha, desabei em uma das cadeiras e enterrei meu rosto em minhas mãos. Eu estava com tantos problemas.

Eu estava sob ataque. Eu estava ficando mais doente — minhas articulações doíam, minhas mãos inchavam. Eu escapuli dos terrenos do palácio com Caím - e para ser justa - meu pai, visitei uma curandeira no meio de Nova Orleans e voltei sem Luthor saber.

Como eu poderia explicar tudo isso? Mas um problema de cada vez.

Aparentemente, Caím estava nos ajudando a exterminar nossos inimigos. Luthor, de todas as pessoas, o convidou para nosso círculo íntimo, e uma vez que ele estava lá dentro, tive um mau pressentimento de que teria que arrancá-lo com um pé de cabra. Se Caím conseguisse me apoiar, eu teria que manter minha parte do acordo. E jogar bonito.

Eu não tinha certeza se tinha isso em mim.

— Seraphina? — O grito de Cyrus ecoou pelo corredor. — Estamos prontos.

Peguei um punhado de biscoitos para Cyrus e dois para mim. Eu os joguei para ele e ri quando ele se atrapalhou um pouco. — Aqui está. Você não pode sobreviver apenas com açúcar, você sabe.

— É o que você diz. — Cyrus engoliu seus biscoitos em uma única mordida. — Porra. Estes são tão bons quanto eu me lembro.

—Você acha que Luthor está falando sério? — Eu perguntei antes de sairmos. — Ou ele está jogando algum jogo com Caím?

— Ele é nosso aliado mais forte agora, e acabamos de ser atacados por três de nossos inimigos. Ele é um ativo valioso que não podemos perder. O que você acha?

Caím passou pela porta, seu olhar fixo em mim enquanto fechava o zíper de seu casaco comprido. Como alguém tão malditamente indigno de confiança parecia ter acabado de sair de uma revista?

Só desta vez, prometi a mim mesma.

Ele poderia lutar conosco desta vez, e só isso.

Então ele seguiria o seu caminho, e eu o meu. Qualquer outra coisa, e isso terminaria mal. Eu só sabia. Eu consegui mantê-lo longe dos meus homens por semanas, mas ele deixou perfeitamente claro que não estava esperando mais.

Luthor, Cyrus e Caím juntaram suas cabeças enquanto eu tentava Deston novamente, pelo telefone dessa vez. Direto para o correio de voz. Bom, ele recebeu minha mensagem anterior e estava me ignorando. Isso significava que ele estava seguro.

— Eu quero sua ajuda para caçar Octavio e os machos Dubois. — Luthor acenou para sua Guarda de Cavaleiro e então encontrou os olhos de Caím. — Se servir.

— Seria muito bem. Caçar humanos, eu descobri, não é tão recompensador quanto caçar minha própria espécie.

— Era isso que eu queria ouvir. — Luthor parecia firme como uma rocha, mas ele e Cyrus observaram Caím com cuidado, ambos nervosos. Eles estavam tramando alguma coisa? Ou essa aliança era real?

Esta não poderia ter sido uma situação pior. Depois do que ele acabou de me dizer, colocar Caím perto de Cyrus e Luthor foi um erro. Por tudo que eu sabia, ele os mataria apenas para me ter. Porque ele não era o tipo de ser sutil. Ou paciente.

— Eu estou indo com você. — Limpei o resto da sujeira do meu moletom. — Sabe, só para garantir que todos fiquem seguros.

— Você disse que estava sem magia, Seraphina — disse Cyrus com advertência. —Isso significa que se algo acontecer, você não poderá se proteger.

— Então é uma coisa boa eu ter você, não é? — Enfiei meu braço no dele. — Não devemos desperdiça tempo, cavalheiros. Devemos nos mexer.

— Ouça, — Luthor chamou. — A rainha está nos acompanhando. Todos os olhos nela, e ela dá as ordens. — Luthor sorriu. — Seu show, minha rainha. — Seus olhos brilharam quando ele sorriu, ansioso para chutar o traseiro de algum traidor.

— Vá em frente e proteja o terreno. Estaremos um minuto atrás de você. — Eu murmurei boa sorte para Luthor quando ele desapareceu, então comecei a contagem regressiva na minha cabeça.

— Onde está sua magia? — Caím perguntou na minha cabeça. — Aconteceu alguma coisa com isso? Aconteceu alguma coisa com você?

— Não grite comigo pelo laço, é irritante. Marie sugeriu que eu expulsasse o máximo de magia possível, e está funcionando. Mas estou esgotada, no momento.

Seus olhos procuraram meu rosto, e sua expressão relaxou um pouco. Verdadeiramente? Atravesse meu coração e espero morrer. Bem, não realmente morrer, espero.

Ele balançou sua cabeça. Eu não tenho ideia do que você acabou de dizer.

— Andem, estamos nos movendo. — Eu disse a todos: — Fiquem seguros.

—Sempre, — Cyrus murmurou em meu ouvido, me apertando contra seu peito. Afundei com gratidão, já me preparando contra aquela rajada gelada.

Nos materializamos em frente a uma mansão menor, porém grandiosa. — Esta é a residência de Octavio Dubois. Está na família deles há séculos — sussurrou Cyrus, me puxando para trás quando tentei me mover. — Você vai querer ficar fora do caminho. Luthor está em pé de guerra.

Ele estava. Eu não o via assim há muito tempo. Selvagem e sanguinário, e eu estremeci. Eu estava sentindo retribuição e muita raiva de Luthor, toda a sua raiva alimentada com adrenalina. Minha rocha normalmente firme estava esmagando algumas cabeças esta noite.

— Devidamente anotado.

Olhei bem a tempo de ver Luthor desaparecer na casa. Houve flashes de tiros lá dentro, gritos e berros antes que a porta da frente se abrisse.

Octavio foi jogado na calçada, Luthor perseguindo-o. Ele começou a rastejar em nossa direção até que Caím se materializou atrás dele, colocou a bota entre as omoplatas e o derrubou no asfalto.

— Me aproxime — eu ordenei, e pousamos perto o suficiente para que eu pudesse ver o suor escorrendo na testa de Octavio. Luthor sacou sua faca. Os olhos de Octavio encontraram os meus, o medo brilhando nos dele enquanto eu dava mais um passo.

— Direi a você a mesma coisa que disse aos Cárpatos. Luthor puxou a cabeça de Octavio para cima, sua faca pairando a uma polegada de distância de sua garganta. — A única razão pela qual você ainda está vivo é pela generosidade de sua rainha. Espero que tenham gostado dessas últimas semanas. Eles foram seus últimos.

— Por favor... por favor... Cárpato me fez fazer isso — implorou Octavio. — Vane disse que você estava doente. Uma bruxa disse a ele que você ia morrer. Que não fazia sentido prolongar o inevitável, e tínhamos que nos mudar antes que fosse tarde demais.

O olhar de Luthor encontrou o meu momentaneamente, e eu assenti.

— Dryden Bouderaux... ele também estava envolvido. Ele estava financiando meu regime — balbuciou Octavio, seus olhos selvagens balançando entre nós, procurando um rosto solidário. Não havia um.

— Isso, nós já sabemos. — A voz de Luthor era pouco mais que um silvo sibilante. —Parece que você não vai estar sentado em nenhum trono, Octavio.

Fechei os olhos quando Luthor cortou sua garganta. Havia algo patético em morrer assim. Implorando por sua vida, tentando fazer um acordo – *e não para salvar um ente querido* – mas para salvar sua própria pele.

Nossa parada final foi a de Dryden, e sua mansão era maior até do que o palácio. Com um dedo, Caím derrubou as proteções e aniquilou as patrulhas armadas. Dryden sabia que estávamos vindo. Ele estava preparado, mas nada preparou você contra o pai de nossa raça.

Graças a Deus ele estava do nosso lado.

Apesar dos meus protestos, Luthor entrou primeiro, mas como Cyrus disse, ele tinha muita raiva para expulsar esta noite. Dryden era

um alvo fácil uma vez que seus guardas estavam abaixados, e Luthor o arrastou para fora da casa, Dryden já pleiteando seu caso.

—Minha Rainha... eram apenas negócios. O tipo de negócio que tem sido feito desde o início dos tempos. — Ao meu lado, Caím rosnou baixinho para o magro, vampiro careca. —Nada disso foi pessoal, eu juro, isso foi... — Cala a boca.

Eu me agachei, meus joelhos quase tão trêmulos quanto os de Dryden. — Você é um bastardo ganancioso que nunca terá o suficiente. Você é o que há de errado com toda essa sociedade. — A raiva penetrou em minha voz. — O mundo é melhor sem você.

Eu balancei minha cabeça para Caím. — Pergunte a ele se é assim que as coisas são feitas desde o início, já que foi ele quem fundou nossa raça.

— Por favor... por favor... — Luthor cortou a garganta de Dryden, e mais uma vez, eu não assisti. Caím fez, no entanto.

Seus olhos escuros não perderam nada, catalogando tudo para mais tarde.

Ele entendia como trabalhávamos agora, ele estava em todas as nossas cabeças, e ele usaria esse conhecimento para nos manobrar um contra o outro. Foi a abordagem mais inteligente para nos separar, e Caím foi inteligente.

Ele nos implodiria de dentro para fora. Cabia a mim manter-nos juntos.

Eu empurrei rapidamente, tudo girando enquanto o sangue corria para minha cabeça. Devemos ir para casa... de volta para o ...

O céu se misturou com o chão, as estrelas se transformando em um borrão de luz. O conteúdo do meu estômago subiu e minhas pernas não estavam funcionando corretamente. Eu desabei na varanda, uma mão fechada em punho, meu outro braço preso debaixo de mim. Que diabos de verdade?

— Seraphina. Seraphina? — Cyrus gritou. Ele estava cara a cara comigo, mas eu não conseguia responder. Eu o ouvi, mas minha boca não se moveu. Eu tinha sido ferida? Um aneurisma cerebral?

Então Cyrus desapareceu e eu estava voando, cercado pelo cheiro acre de enxofre. Eu não sabia para onde estava indo, só que parecia levar uma eternidade.

E quando aterrissei, havia bege por toda parte.

Por que você me trouxe aqui?

Porque você está morrendo, e eu serei amaldiçoado se permitir que isso aconteça.

18

SERAPHINA

— Cain. — Tentei me levantar do sofá, mas não consegui.

Meus braços pararam de funcionar. Minha boca estava se recuperando, no entanto. —Você não pode me sequestrar. Não é assim que fazemos as coisas.

— Foi necessário. — Seus olhos escuros pareciam vivos, a luz das estrelas piscando neles, seu rosto ficando cada vez mais escuro até que eu me perguntei se ele se transformaria em sombra.

— Oh, doce Jesus. — Meu pai segurou meu rosto, levantou uma das minhas mãos inertes. — Quando piorou?

— No último dia, eu presumo.

— Eu posso estar tendo problemas com meu corpo, mas meu cérebro e meus ouvidos funcionam muito bem. Você pode chamar isso pelo nome, você sabe.

— Síndrome de Medullis, — Sebastian murmurou, desabotoando minha jaqueta e tirando-a. Como progrediu tão rapidamente? — Ele desabotoou minha camisa.

— Pare com isso, — eu protestei, minhas mãos balançando como um peixe.

— Estou verificando para ver até onde progrediu, Seraphina. Eu não estou machucando você.

Eu não estava preocupada com ele me machucando. Eu estava indefesa e à mercê de Caím, e eu odiava isso.

— Eu nunca te machucaria, Seraphina. Nunca.

— Então me leve de volta para casa. Você sabe que eu não pertenço aqui. Eu pertenço com Luthor e Cyrus.

— E quanto ao seu companheiro, Deston? Você pertence a ele?

— Deston está fora dos limites para discussão.

Ele sorriu levemente. — Eu vejo.

Espero que não tenha visto. Eu mal vejo, eu mesma. Não quando tudo está dando errado ao mesmo tempo, inclusive meu corpo.

— Eu não posso curar isso — disse Sebastian, balançando sobre os calcanhares. —Progrediu demais. — O sorriso desapareceu do rosto

de Caím, e o ar ficou mais pesado, tingido de raiva. — Desculpe... — Os olhos dourados de Sebastian encontraram os meus, e meu sangue gelou quando a verdade bateu em mim.

Eu realmente estava morrendo de uma doença estúpida. Sobrevivi a ataques e ferimentos mágicos e monstros, mas morreria de um distúrbio sanguíneo. Como a vida podia ser tão malditamente injusta?

Caím arregaçou as mangas, sua expressão calma e especulativa. — Então se resume a isso? Ele tomou o lugar de Sebastian, inclinando-se sobre mim, sua mandíbula rangendo.

— Você não pode — meu pai sussurrou, mas não havia força real por trás de suas palavras. — Você sabe que não pode.

— O que você está falando? — Eu perguntei, mas eu mal podia me ouvir já que minha voz não era nada além de um sussurro rouco. — O que você está planejando fazer?

— Seu distúrbio sanguíneo é fatal, Seraphina. Você estaria morta dentro de uma hora se não fizermos algo.

— Você teve a mesma aula de cabeceira que Vovó e Marie tiveram, não é? — Meus lábios estavam ficando dormentes, isso eu registrei. Eu perdi completamente a noção de tudo abaixo do meu pescoço. Era como se minha cabeça estivesse presa a um pedaço de madeira morta.

— Você me deixará te salvar, Seraphina? — Caím perguntou suavemente, encontrando meus olhos, estrelas explodindo nos dele. — Diga sim, e eu lhe devolverei sua vida.

— Qual é o problema? — Eu desabafei, minha garganta começando a fechar. Meus ouvidos estavam tocando como sinos de igreja, os ecos se estilhaçando pelo meu cérebro.

— Não pega. Eu salvo sua vida. — Ele encolheu os ombros. — E então estamos quites. Eu salvei a vida de Caím primeiro, quando ele não era nada mais do que um fantasma.

Talvez... meu cérebro começou a divagar... talvez fosse assim que as coisas deveriam ser. Uma vida por uma vida — eu me lembrava disso de algum lugar. Uma espécie de calma mortal tomou conta de mim, e eu relaxei com gratidão.

Queria dormir, queria não sentir o peso do mundo por apenas alguns minutos. Meus olhos estavam se fechando quando Caím me sacudiu. Eu abri um olho.

— Diga-me sim, Seraphina. Diz. — Claro. Por que não?

— Graças aos malditos deuses. — Eu não tinha certeza se foi Caím ou meu pai quem respondeu, mas não importava. Eu estava me afastando e feliz por estar indo embora.

ALGO QUENTE ENCHEU MINHA BOCA, escorreu pela minha garganta. Senti o líquido escorrer entre meus lábios e escorrer pelo meu rosto.

Tente beber, Seraphina, Caím insistiu. — Por favor.

Quantas vezes eu tinha morrido antes? Duas vezes, pelo menos. Talvez mais, se você contar o que aconteceu com Lyra. Eu realmente tinha que parar de fazer isso. Tentei obedecer à ordem de Caím, mas não consegui. Era como se meu corpo pertencesse a outra pessoa.

— Seraphina. Escute-me. Você foi feita para governar. Você foi feita para conquistar este mundo. Agora beba, ou eu juro por Deus, voltarei a ser um fantasma e assombrá-la pelo resto de seus dias.

Desta vez, eu engoli.

Era como beber fogo líquido e depois tê-lo em minhas artérias. O calor queimou através de mim, com gosto da coisa mais deliciosa do mundo.

Atrás do calor, algo mais esperava, algo escuro e faminto e perigoso.

De repente, todos os meus sentidos ficaram em alerta máximo, como se eu tivesse acabado de ser conectado a uma tomada elétrica. Senti o cheiro de almíscar masculino, selvagem e cru, o sal do suor de Caím, escorrendo pelo meio de suas costas, o cheiro de enxofre tingido de brasas.

O interior da minha boca estava coberto com o sangue de Caím e, instintivamente, meus lábios se fecharam em seu pulso, seus dedos traçando meu couro cabeludo, depois emaranhando em meu cabelo enquanto ele me segurava firme.

Eu ainda não conseguia me mover, mas consegui forçar meus olhos abertos. Caím estava olhando para mim, seus olhos brilhando com a luz das estrelas, o olhar em seu rosto perto de mim.

O arrebatador. Então me ocorreu - eu estava bebendo de Caím. Eu nunca poderia confiar nele, mas estou bebendo dele.

Afastei meus lábios, mas não pude resistir a lambê-los uma última vez, para colocar cada vestígio de seu sangue em minha boca.

Dentro de mim, minha magia subiu, fogo e gelo derretendo e congelando antes que eu pensasse em lidar com isso.

Merda, merda, merda. Falar sobre complicar as coisas entre nós, compartilhar sangue com um inimigo era o maior não... não em todo o mundo dos vampiros.

— O que acabou de acontecer?

— Eu salvei sua vida. — O rosto de Caím não mudou, embora as estrelas tenham desaparecido de seu olhar. — Acho que você disse: — Claro. Por que não? — Ele deu de ombros. — Tomei isso como um sim.

— Ele salvou sua vida, Seraphina. Não se olha a boca de um cavalo que é dado de presente. — Meu pai E suas analogias inúteis. Eu tinha esquecido que ele estava aqui.

— Você se aproveitou da minha situação comprometida. — O que diabos isso significava? Eu tinha o sangue de Caím dentro de mim. E enquanto eu não podia negar que me fazia sentir como uma estrela do rock, eu tinha o sangue de Caím dentro de mim.

— Ainda com todo o bege, hein? — Eu perguntei, enquanto o sentimento voltava aos meus dedos das mãos e dos pés. O que eu tinha feito? À medida que meu corpo voltava a ficar on-line lentamente, meu cérebro elaborou nada menos que mil resultados negativos para essa situação em particular.

— Eu já te disse, estou construindo uma nova casa para nós perto do palácio. Posso assegurar-lhe que não será bege.

— Uh-huh, você não é. Você está construindo uma casa para si mesmo, — eu disse, nem mesmo sabendo por que isso importava. — Estamos quites agora — eu disse com força. — Eu não te devo nada.

Mas não parecia assim.

Eu senti que devia a Caím minha própria existência.

— Agora você sabe como me sinto, desde que voltei — ele murmurou baixinho. Senti seus dedos deslizarem para fora do meu cabelo, a leve pressão no meu couro cabeludo desapareceu quando ele me soltou. — Como eu lhe disse desde o início, não gosto de ter dívidas.

— Homem típico, sempre tentando me superar. — Eu me empurrei para uma posição sentada e, desta vez, meus braços realmente funcionaram. A magia ferveu em meu núcleo, me sentindo estranha, depois de ter estado impotente por tanto tempo. — Eu preciso ir para casa. E eu preciso ir agora.

— Isso é inaceitável.

— Eu tenho que voltar para o palácio. Luthor e Cyrus provavelmente estão planejando um ataque completo a este lugar. Não posso ter um incidente público no centro de Nova Orleans, ou explicarei nossa existência ao prefeito amanhã.

Acenei para meu pai mais perto. — Sebastian, esta noite se transformará em um desastre completo para todos nós se ele não me deixar ir. Está quase amanhecendo, apenas como um lembrete.

Meu pai assentiu. — Ela está certa. Melhor eu levá-la de volta…

— Você não. Vou levá-la para casa. — Ele hesitou, seus olhos escuros procurando os meus, procurando alguma dica de que eu queria ficar. — Se essa é realmente a sua escolha?

— Isso é. — Eu teria parecida mais segura de mim mesma se não tivesse balançado para frente e para trás quando me levantei, mas nem sempre conseguimos o que queremos. —Quero que meu pai me leve para casa.

— Se você pensar por um segundo, eu deixaria de ter você em meus braços, você está iludida. — O sorriso sedoso de Caím se tornou predatório, e eu apontei meu dedo em advertência, sombras surgindo no final dele.

— Sem cheirar meu cabelo. Eu sei que você fez essa merda da última vez.

— Antes que eu leve você de volta. Eu tenho uma pergunta. — O bastardo teve a coragem de sorrir, como se estivesse guardando um segredo. — Sem cordas, lembra?

Seu braço mergulhou em volta das minhas costas, me firmando. — Isso não é uma corda. Esta é uma questão. Quanto você confia em Deston De Rayne? Caím se inclinou para mais perto, e tentei não imaginar o corpo esculpido sob o terno.

— Seu companheiro não é quem ele diz que é. Ele está mentindo para você sobre tudo.

Você não pode confiar nele, Seraphina, apenas pergunte a Cyrus e Luthor. Ambos sabem a verdade.

19

SERAPHINA

As palavras de Caím me envolveram, deixando um rastro de dúvida em seu rastro.

Eu sabia que isso ia acontecer. Caím conhecido nos usaria um contra o outro, alimentando nossas inseguranças, mexendo com nossas cabeças. Droga, não deveria ser tão fácil plantar suspeitas, mas eu já tinha dúvidas suficientes sobre Deston. Isso apenas adicionou combustível ao fogo.

Eu não tinha motivos para confiar em Caím. Na verdade, tudo em nossa história indicava que eu não confiava nele – sob nenhuma circunstância.

— Só porque você diz isso em voz alta, não significa que seja verdade. — Eu balancei minha cabeça.

— Você tem tudo a ganhar semeando desconfiança e dúvida entre mim e meus homens.

— O que eu tenho a ganhar, Seraphina? — Ele perguntou curioso, abrindo as mãos como se estivesse implorando para que eu entendesse sua posição. — Se você não tem intenção de aceitar minhas afeições.

— Já tenho tudo o que quero. E você…

O que eu poderia dizer? Caím era como uma bola de demolição. Acostumado a ter seu próprio caminho. Arrogante ao ponto de ser insuportável. Não é um jogador de equipe, mais como um aniquilador de equipe.

— Como eu disse, tenho tudo o que quero.

Mas isso era realmente verdade? Houve — por algumas semanas — um período tranquilo de felicidade. Então tudo desmoronou, todos nós lutando para proteger nossos segredos.

— O que você quer dizer, Cyrus e Luthor já sabem?

Caím se inclinou para perto. — Pergunta aos teus amantes o que eles têm feito nas últimas semanas. Se eles tiverem coragem, eles confessarão sua decepção. Se não, então volte e eu lhe direi. Mas haverá um custo para a verdade.

Revirei os olhos. — Claro que tem um custo. Com você, há sempre um custo.

Sua principal preocupação é sempre sair na frente. Tenho novidades para você – não é assim que o mundo funciona.

— Funciona assim para mim.

— Bem, bom para você. Espero que você aproveite sua vida sozinho, sempre se preocupando em manter a vantagem e sair por cima.

Eu arregacei minha manga, inspecionei minha pele imaculada. — Espero que haja algum custo oculto nisso também. E espero que me arrependa do dia em que te conheci, quando esse custo chegar.

— Você me decepciona, Seraphina — murmurou Caím. — Parte de você já aceitou que eu não sou o monstro que você pensou que eu era. E talvez se você se permitisse, você pudesse se afeiçoar a mim.

— Nem um pouco.

Ele riu disso, a alegria transformando seu rosto bonito. — Continue dizendo isso a si mesmo, e talvez você possa se convencer de que é verdade.

— Apenas me leve para casa, Caím. Antes que está rua se transforme em uma zona de guerra.

Desta vez, eu estava ciente de todos os lugares em que nossos corpos estavam pressionados juntos, mesmo com as camadas de roupas entre nós. Eu não queria ser atraída por Caím. Mas quanto mais eu estava perto dele, mais minha guarda baixava e um pouco mais dele se infiltrava. E eu não sabia o que fazer sobre isso.

Nada. Isso é o que eu faria. Absolutamente nada. Eu o toleraria, ignoraria suas insinuações e esperaria que a situação não viesse à tona. Exceto que ele já havia colocado a luva.

Eu estou vindo para você.

— Mais um dia, Seraphina — disse Caím, como se estivesse lendo minha mente, e o bastardo provavelmente estava. — Estou cansado de me esconder. Mais um dia e todos saberão quais são minhas intenções.

— Você percebe que isso vai estragar minha vida, não é?

— Estou contando com isso. — Ele envolveu seus braços com mais força, seus músculos do estômago se deslocando contra o meu abdômen. — Pergunte a seus amantes sobre Deston, e se eles não lhe disserem a verdade... você sabe quem o fará.

— De alguma forma, acho que sua versão da verdade só servirá ao seu próprio propósito.

O ar ficou gelado enquanto Caím se preparava para se desmaterializar e, por hábito, segurei-me com mais força. A risada de Caím estava retumbando através de mim quando pousamos, bem no meio de uma operação militar. Procurei Cyrus e Luthor no emaranhado de veículos e pessoal, Finalmente avistando Cyrus no meio da multidão.

Eu balancei minhas mãos no ar. — Oi estou de volta. Não há necessidade de chamar as forças.

— Ela está de volta, — Cyrus gritou, correndo em minha direção. Ele me arrancou do abraço de Caím, não muito rápido.

O punho de Luthor esmagou a lateral do rosto de Caím, jogando sua cabeça para trás com força impressionante. Tudo que Caím fez foi esfregar a mandíbula e olhar com expectativa para Luthor. — Acho que eu merecia isso, Fontaine.

Com um rosnado, Luthor o derrubou no chão, montando nele enquanto seus punhos subiam e desciam, de novo e de novo e de novo. Sangue espirrou até pingar do cabelo de Luthor, cobrindo seu rosto e punhos. Preto sob a lua, todos nós assistindo enquanto o comandante da Guarda dos Cavaleiros batia em Caím até que ele não pudesse levantar o braço novamente.

Luthor saiu de cima dele e ficou ali, peito arfando, olhos fechados.

— Estou aliviado que está fora do caminho — Caím murmurou, sangue borbulhando de sua boca. Eu pensei que ele poderia estar faltando uma presa. —Eu não sei se eu já fui tão duramente atingido.

— Saia — eu assobiei, sombras girando em meus dedos. — Agora mesmo, antes de eu explodir você por aquela ala, de volta para onde você veio.

— Como quiser, minha rainha. — Caím ficou de pé, o rosto brilhando de sangue, suas roupas caras rasgadas e cobertas de gotas. Seu rosto estava arruinado, e ainda assim eu sabia que em uma hora ele voltaria ao normal.

Mas tinha que doer, pensei com alguma satisfação, olhando os dedos machucados de Luthor. Na verdade, eu esperava que doesse como o inferno.

Ele fez. — Estou feliz que isso está fora do caminho. Agora posso falar com o Luthor. Sobre o meu cadáver, você estará falando com Luthor.

— Veremos sobre isso. Posso me tornar o amigo mais próximo de Luthor Fontaine.

— Saia daqui Caím, ou eu juro por Deus, deixarei uma marca em você que não vai sarar da noite para o dia. Eu sorri para ele, permitindo que minha magia manchasse o ar de preto. Minha magia voltou - muito obrigada -, e não hesitarei em usá-la contra você.

Ele se levantou rindo, me olhando com aquele interesse curioso como sempre fazia, como se eu fosse algum tipo de animal de estimação que ele gostaria de colocar uma coleira.

Pergunte a seus amantes sobre seu companheiro. Então venha me ver.

Ele inclinou a cabeça, e ele se foi.

— Você está bem, Seraphina? — Cyrus passou as mãos por mim antes de me puxar em direção ao palácio. — Como você pode ver, Luthor esteve em pé de guerra. Estávamos nos preparando para nos mobilizar quando você apareceu.

— E como você pode ver, estou ilesa. Irritada, mas ilesa. — No segundo em que passamos pelas portas principais, me senti mais segura. Cyrus me conduziu até a cozinha.

—Você desmaiou e não conseguiu falar. Caím sequestrado você, foi embora sem uma palavra. Você se foi há quase uma hora. Ele acenou para o céu brilhante lá fora. — Merda, Seraphina, você estava nos estágios finais da Síndrome de Medullis, você deveria estar…

— Não estou mais doente. — Eu empurrei minha manga para trás para mostrar a ele meu braço, e ele ficou parado. — Caím me curou. Antes de você surtar, ele não me deu muita escolha. De acordo com meu pai, eu estava morrendo.

— O que ele fez? — A pergunta era penetrante, seus olhos se estreitaram quando ele olhou no meu rosto.

— Ele me deu seu sangue, Cyrus. — Eu balancei minha cabeça. Eu ainda não conseguia acreditar que eu os deixaria fazer isso. —Caím me pediu meu consentimento, se isso faz alguma diferença?

— Seu sangue? Não é assim que funciona. — Os dedos gentis de Cyrus traçaram a pele imaculada do meu braço. — Esta doença é…

Cyrus deu um passo para trás e tirou meu moletom. — Eu quero dar uma olhada em você, Seraphina. Quero Marie aqui para uma segunda opinião. Inferno, eu quero uma terceira opinião. Eu não sei o que aquele bastardo está fazendo, mas se ele tentar algo assim de novo, eu vou matá-lo.

— Não tenho certeza se isso é possível, Cyrus. — Vou dar um jeito, confie em mim.

Luthor entrou mancando, com as mãos inchadas, mas os olhos claros. Corri e me joguei contra ele, enterrei meu rosto em sua camisa coberta de sangue. Enruguei o nariz, cheirava a Caím, e não queria cheirar aquele bastardo perto dos meus machos.

— Estou bem, Luthor, estou bem. — Eu segurei seu rosto entre minhas mãos, o forcei a olhar para mim. — Caím me levou para que Sebastian pudesse me curar, mas ele disse que tinha progredido muito, muito rápido. Então Caím... — Luthor ia enlouquecer quando ouvisse isso. — Ele me alimentou com um pouco de seu sangue, e parece ter funcionado. Olhe.

Mostrei a ele meu braço, que estava completamente de volta ao normal.

— Seu sangue? Ele lhe deu o sangue dele? — Luthor se afastou, um pouco da loucura retornando aos seus olhos, mas eu o puxei de volta. Eu não estava escondendo o que acabou de acontecer. Eu colocaria tudo em aberto, e então lidaríamos com as consequências.

— Eu atingi a massa crítica. Depois que desmaiei, não consegui me mexer. Eu mal conseguia falar.

— Não é que eu confie em Sebastian – ou Caím. Mas acredito que eles eram os únicos que poderiam me salvar, Luthor.

Seus olhos azuis eram frios o suficiente para cortar. — Você vai me perdoar se eu quiser uma segunda opinião sobre isso?

— Eu acho que todos nós queremos uma segunda opinião sobre isso, — eu concordei. — Existe alguma maneira de você mandar todos para casa?

Apesar da elevação que o sangue de Caím me deu, apesar da magia rolando dentro de mim, eu estava cansada até os ossos. Quase morrer, depois de exterminar meus inimigos, cobrou seu preço.

— No andar de cima, — Luthor disse a Cyrus. — Vou mandar todos para casa, e então nós três descobriremos se isso muda alguma coisa.

— Só muda as coisas se deixarmos — insisti, mas as palavras pareciam vazias. Claro, isso mudou tudo. Beber o sangue de Caím me ligava a ele de outra maneira, mas, principalmente, me fazia sentir como uma traidora.

Cyrus me pegou em seus braços e me carregou para cima. Ele me colocou na cama e tirou meus tênis encharcados, me despiu até ficar de calcinha, suas mãos incrivelmente gentis. Luthor passou uma toalha quente sobre meu rosto e desceu pela minha garganta. Eu relaxei e deixei que eles cuidassem de mim.

Caím poderia me dar seu sangue, me prometer seu apoio eterno, mas ele nunca poderia me oferecer isso.

Ele era um macho superficial e faminto de poder que era tão leal quanto um gato de rua. Ele só me via como um trampolim para o poder, quando todo o poder do mundo não seria suficiente para satisfazê-lo. Apesar de estar atraída por ele... eu sabia exatamente o que Caím era.

E ele não fazia ideia.

Caím acreditou em cada palavra que ele disse. Ele acreditava que era meu salvador, jurou me proteger, mas em seu núcleo, ele era uma concha vazia de um macho, e ele sempre seria.

É por isso que eu nunca entrei em seu interesse como nada além de um aborrecimento. Luthor e Cyrus tinham profundidades que eu ainda tinha que explorar. Eles eram gentis e ferozmente protetores com seus ossos. Eles me amavam tão ferozmente quanto eu os amava, e nós compartilhávamos um vínculo que Caím nunca entenderia.

Deston era meu companheiro, estávamos unidos pelo vínculo, mas mesmo essa conexão empalideceu com o que eu sentia por ele. A desolação rodou onde o amor uma vez esteve; meu coração se partiu ao meio onde antes estava cheio. Mas ele ainda era meu, assim como Luthor e Cyrus. Nós pertencíamos um ao outro e sempre seria.

—Você parece melhor, Seraphina. — Luthor me empurrou para o travesseiro enquanto derramava água morna sobre meus braços. — Nem uma única marca e nenhuma veia preta.

— Graças a Deus!

— Foi ruim. Quando Fleur me viu pela primeira vez, ela parecia horrorizada.

— Achei que era incurável — admitiu Cyrus. — Nem mesmo o sangue poderia desfazer o veneno.

— Você acha que o sangue de Caím realmente me curou? Ou como a magia de Marie, é apenas uma correção temporária?

— Marie pode responder a essa pergunta. — Cyrus se enrolou ao meu lado. — Tudo o que me importa agora é que você esteja segura e saudável. — Seu calor afundou em mim, sua boca pressionando contra meu ombro.

Eu queria cair no sono e não me preocupar com nada. Mas caramba

Caím por plantar dúvidas na minha cabeça. Maldito seja ele para me manipulando para perguntar.

— Onde você foi, Cyrus? — Meus dedos dançaram em seu pescoço e em seu peito. —Sem mentiras desta vez. Eu preciso saber o que você estava fazendo. — Luthor parou na porta do banheiro, nos observando, seu rosto ilegível.

— Eu vi a rainha Maeve. Eu estava na Irlanda e a convenci a dar seu apoio a você. — Cyrus fez uma pausa antes de olhar para Luthor. — Tudo isso era verdade. Mas havia outro motivo. Luthor pode me ajudar a explicar.

— É tão ruim assim, hein?

Luthor afundou na cama, seus dedos machucados ainda sangrando. — É ruim, Seraphina — ele concordou e deslizou atrás de mim, um braço enorme me amarrando com força.

— Mas não falaremos sobre isso esta noite, não quando você quase morreu.

— Amanhã, contamos tudo. E não importa o que aconteça, não vamos deixar você enfrentar isso sozinha.

20
SERAPHINA

Devo ter cochilado porque, quando acordei, estava esmagada entre dois corpos musculosos. Eu estava muito quente, mas isso parecia além de bom. Segura. Eu não sabia qual era o grande segredo deles, mas até Cyrus disse que era ruim, e ele geralmente adoçava tudo.

Depois de alguns minutos, eu me mexi para fora do calor, abafando um grito quando vi a forma escura sentada nas sombras, olhando para mim com brasas brilhando em seus olhos.

Sou só eu, Seraphina, o murmúrio de Deston ecoou pelo laço. Eu sei que você me disse para ficar longe, mas eu não aguentei. Não por mais um minuto.

Eu deslizei para fora da cama, peguei uma das camisas gigantes de Luthor e a coloquei sobre mim. Era meio da manhã, e eu tinha certeza de que a equipe estava movimentada lá embaixo.

Fiz sinal para Deston sair para o corredor, depois o levei para um quarto vago onde não seríamos ouvidos.

— Você achou que ficar sentado no meu quarto à noite e me ver dormir era uma boa maneira de cumprir meus desejos? — Minhas sombras me envolveram, enrolando em torno de meus pés.

— Não. Você me enviou uma mensagem dizendo que estava sob ataque. Eu tinha que ter certeza de que você estava bem. — Ele passou a mão pelo rosto, e eu tentei não notar o quão magro ele estava. — Nem eu poderia simplesmente deixar as coisas assim. Eu nunca quis te machucar.

—É tarde demais para isso — eu disse, minha voz ecoando a frieza que eu sentia. — É tarde demais para desculpas, é tarde demais para... — Cruzei os braços sobre o peito. — O que você quer de mim, Deston? Por que você veio?

— Estou trabalhando há semanas em um plano para protegê-la, Seraphina. Eu só... não posso explicar para você, não até ter certeza de que isso vai dar certo.

— Claro que não pode. Porque isso exigiria me deixar entrar em sua vida.

— Confiando em mim.

Ele me olhou cautelosamente, seus olhos escurecendo, um flash de medo cruzando seu rosto antes que ele o escondesse de volta em uma dura máscara de indiferença.

— Isso mesmo, — eu ronronei, me sentindo totalmente má, — vá em frente e se esconda. Você faz isso tão bem.

— Quem era? Você se machucou? — Ele me examinou da cabeça aos pés, como se confirmasse que eu estava bem.

— Só Vane Carpathian e seu pequeno grupo malvado de conspiradores. Claro, isso veio logo após a tentativa de assassinato da semana passada, que também, felizmente, falhou. — Eu soava malvada e nem me importava. — Você saberia tudo sobre isso se não tivesse bloqueado nosso vínculo de acasalamento. — Eu respirei com raiva. — Ou você sabe, e simplesmente não se importa?

— Quando Vane atacou? — Seu sussurro baixo zumbiu com raiva mal contida, o que só me incitou.

— Ah você sabe. Esta noite. Talvez você tenha notado as crateras no jardim da frente.

Mas não se preocupe, nós cuidamos da ameaça com uma pequena ajuda de Caím. — Por que eu joguei o nome de Caím lá, eu não sabia. Só porque, de alguma forma, eu sabia que ia ficar irritado com meu companheiro. — Não há necessidade de ajudar a proteger nossa casa. — Ou eu, não adicionei.

— Eu vi a ruína fumegante do quintal. Tentei encontrar você, mas não havia nada do outro lado do nosso vínculo, — ele murmurou, andando para o outro lado da sala, seu corpo vibrando com a magia não gasta. Bom, eu esperava que ele estivesse chateado.

—E agora você sabe como é.— Seus lábios se apertaram, mas ele não discutiu, então fui ainda mais longe. —Ser separado da pessoa que você ama, perceber que ela está fazendo isso de propósito, sabendo que está te machucando.

— Isso foi diferente. — O medo fez sua boca se apertar em uma linha Seraphina quando sua máscara cuidadosamente construída se desfez. — Foi quase... como se você estivesse morrendo.

— Eu suponho... — Eu o observei com os olhos semicerrados. Eu deveria ser gentil, mas ainda estava com tanta raiva dele. Ele mentiu para mim. Ele não merecia gentileza. Ele ia ter que trabalhar para

ganhar minha confiança de volta. — Acho que é porque eu estava morrendo.

Deston soltou um suspiro áspero, como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago e todo o ar tivesse saído de seus pulmões. —O que você quer dizer?

— Eu estive doente. Algo chamado síndrome de medula. Eu balancei minha cabeça.

— É um distúrbio sanguíneo que está ligado à magia. Exagerei ontem à noite. — Eu segurei seu olhar ardente. —Eu me afastei por um momento. Mas agora estou melhor.

— Síndrome de Medullis não é algo que você supera, Seraphina. — Havia pânico total em sua voz, mas eu ainda não estava cedendo. Ele deveria estar em pânico. Ele me deixou totalmente no escuro em um momento em que eu precisava dele e, eu ainda não sabia por quê.

— Estou bem. Fui cuidada.

— Quanto? — Seus olhos ficaram escuros como tinta, nada neles, exceto sombras. Eu sabia que era mesquinho e rancoroso, mas queria que Deston sofresse apenas o suficiente para saber que estava realmente arrependida. Ele poderia muito bem rastejar, e mesmo assim, eu poderia ficar chateada por mais algum tempo.

— Como você curou uma doença que não tem cura? — Ele deu um passo mais perto, e eu me mantive firme, sabendo muito bem quem ele farejaria em mim e, a explosão por trás da descoberta.

Ele respirou fundo, seus olhos se arregalando.

— Porra, Seraphina. Diga-me que você não bebeu daquele bastardo?

— Eu não vou mentir para salvar seus sentimentos. Caím me ofereceu uma escolha, e eu bebi seu sangue para salvar minha vida. Eu bufei, deixando de fora a parte em que eu realmente gostei. — Não morrerei como mártir quando tiver a chance de viver. — Meu olhar deslizou para longe do dele. — As coisas ficaram... ruins.

— Eu deveria ter estado lá, mon amour — ele murmurou, e uma mecha de calor lambeu a marca de acasalamento na parte de trás do meu pescoço. — Eu deveria ter ficado perto.

— Sim. Você devia ter.

Olhei para ele, observando as linhas duras gravadas em seu rosto, e um pouco da minha raiva se esvaiu. — Eu nunca questionei as coisas

que você fez para sobreviver a Katarina. Não ouse questionar minhas escolhas agora.

Ele esfregou o rosto novamente. — Eu não estou questionando... Ok, talvez eu esteja, mas por que Caím, de todas as pessoas?

— Por que não ele? — Eu perguntei, a curiosidade borbulhando à superfície.

Deston estava agindo de forma diferente. Ele derramou todos os sinais de seu verniz frio e calculista. Havia uma qualidade selvagem e frenética em sua linguagem corporal, sua voz embargada de emoção. Como se o que eu tinha feito tivesse alterado todo o seu mundo.

— Deixe-me lembrá-lo, eu fiz o mesmo por você. Após o ataque dos fantasmas, no campo fora do palácio. Mesmo sabendo que haveria consequências, eu te alimentei com meu sangue porque não ia deixar você morrer.

Eu estava tão cansada desses jogos.

Ele tinha que ser pior do que a verdade jamais poderia ser, e ele estavam nos separando.

— O que está acontecendo, Deston? Escondendo de mim... escondendo qualquer que seja esse segredo... não vai resolver nada. — Eu encontrei seu olhar firmemente. — Você causou um dano real. Espero que você entenda isso. Não posso confiar em você, não agora. Talvez nunca.

Algo brilhou nas profundezas de seus olhos. Percepção, talvez, de que eu quis dizer o que disse.

— Se você quer alguma coisa de mim, a primeira coisa que você tem que fazer é me dizer a verdade.

— É complicado. E, francamente, inacreditável. — Deston passou a mão pelo cabelo despenteado. — Você vai precisar de uma mente aberta, Seraphina. E quero dizer isso no verdadeiro sentido da palavra. Porque nada que eu tenha a dizer soará plausível.

— Tente — eu disse a ele. — Quão ruim poderia ser? — Eu processei estranheza suficiente nos últimos meses para durar uma vida inteira. Não deveria me surpreender que houvesse mais esperando no horizonte.

— Caím é perigoso. De maneiras que você não pode entender. — Ele se aproximou, estendeu uma mão. Seus dedos quase roçaram meu rosto antes que ele se afastasse.

— Algumas pessoas nascem más. Eles passam a vida explorando outras pessoas, situações, tudo o que podem para seu benefício. Eles não tentam ser diferentes ou melhores. Eles nunca encontraram nada em sua vida para viver, nada além de si mesmos que valesse a pena proteger.

— Eu estava nessa trilha até conhecer você. Uma vez que percebi que éramos companheiros, eu tinha algo mais importante do que eu para viver. Você me faz querer ser melhor. Você me faz querer ser bom. Você me faz querer coisas ridículas — como amor e uma família e um lar.

Ele balançou sua cabeça. — Caím não sabe como querer nada disso. Ele tem um buraco dentro de si que está tentando preencher, e todo o poder e controle do mundo não vai fazer isso.

Eu disse a mim mesma praticamente a mesma coisa na noite passada.

— Estou bem ciente do que é Caím. Eu o ressuscitei dos mortos, lembra? Eu vivo com esse arrependimento todos os dias, me perguntando que dano ele vai causar, me preocupando com quem ele vai machucar.

— Você não tem ideia do que ele é, Seraphina. — Deston balançou a cabeça. — Nenhum de vocês sabe.

— Mas você sabe, eu suponho? — Eu perguntei. — Ao manter essa informação para si mesmo, você é tão culpado quanto ele se algo acontecer.

— Que é o que estou tentando evitar. Eu não te abandonei, Seraphina. Estou tentando descobrir como ajudá-la a colocar Caím de volta no chão, onde ele pertence.

Eu só podia olhar para o meu companheiro. De todas as maneiras que eu considerei lidar com Caím, colocá-lo de volta naquela cela sessenta metros abaixo da terra não era uma delas. —Você não pode estar falando sério?

— Completamente. O mundo era um lugar melhor sem ele.

Sim, acabei de dizer essas mesmas palavras para Vane e senti total confiança de que eram verdadeiras. Mas isso era terminar uma vida de forma limpa, não enterrar alguém no subsolo para sofrer por toda a eternidade.

— Enquanto eu não suporto a ideia de qualquer criatura ciente trancada em uma jaula.

— E isso, ma petit, é onde seu coração mole entra em jogo. — Seu rosto suavizou, e eu pensei ter vislumbrado lágrimas em seus olhos quando ele estendeu a mão, ou eu imaginei, ter visto tanta saudade em seu rosto que meu coração doeu.

Eu dei um passo para trás.

Eu tinha acabado de ter uma revelação, e não podia ser verdade.

— Você uma vez me disse que essa era a minha melhor característica — murmurei, procurando seu rosto, um buraco oco crescendo em meu estômago. — Onde você aprendeu essa expressão? Sobre ter um coração mole?

— Era algo que minha mãe costumava dizer. — Deston deu de ombros. — Ela achava que pessoas de coração mole eram fracas. Eu sempre pensei que significava algo completamente diferente.

— Sua mãe? — Comecei a notar pequenos detalhes sobre seu rosto que eu nunca tinha notado antes. A forma como seu cabelo preto encaracolado nas pontas, o corte afiado de sua mandíbula, a ligeira inclinação de seus olhos.

Houve um grito, muitos resmungos na porta ao lado, então a porta do meu quarto se abriu com um estrondo. — Seraphina? Onde você está? — Luthor gritou, seus passos pesados pararam, então se aproximaram.

Eu estava muito ocupada medindo Deston para sequer responder. O que eu estava pensando era uma loucura. Não poderia ser verdade.

— Você pode sair agora ou enfrentar Luthor. É a sua escolha. Mas se você ficar, eu aviso, ele não está de bom humor. Ele já derrotou Caím e ficará furioso por você não manter distância.

— Você é minha companheira — Deston rosnou, a primeira explosão de temperamento que eu vi dele esta noite. — Não consigo manter distância de você.

— Bem, tente, — eu retruquei. — Você ainda está mentindo para mim, mesmo agora. Você pode estar tentando descobrir como se livrar de Caím, mas está escondendo outra coisa.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não estou... você é minha companheira, é quase impossível para mim esconder qualquer coisa de você.

Por pouco. Era como se alguém tivesse enrolado os dedos em volta do meu coração e apertado. Cada batida do coração doía, cada respiração que eu dava era difícil. Como eu pude estar tão errada sobre ele? Como eu tinha me convencido de que ele nunca iria me trair, quando é claro que ele iria? Estava em seu sangue.

— É aí que você quer deixar isso? — Eu estava à beira das lágrimas, mas não lhe daria a satisfação de me ver quebrar. Ele não tinha consertado nada vindo aqui.

Ele piorou tudo.

— Meu amor…

— Acho que você deveria ir embora, Deston. Luthor estará aqui a qualquer segundo, e eu não preciso de uma luta arrastada agora. — Minha magia estava gritando para ser usada, para destruir alguma coisa.

Ele zombou. — Eu posso lidar com Fontaine com uma mão amarrada para atrás…

Eu o cortei. — Eu não estou falando sobre Luthor. — Minha garganta estava fechando, e a magia estava aquecendo minhas palmas. — Estou falando de mim.

— Agora saia.

21
SERAPHINA

Quando Luthor irrompeu pela porta, havia um lugar vazio onde Deston estivera.

— Onde ele está? — Luthor rosnou, examinando a sala. — Eu pensei que você disse a ele para ficar longe?

— Você iria? — Dei de ombros, exausta por esse drama sem fim. — Você ficaria longe, Luthor, mesmo se eu dissesse para você ficar?

Ele se mexeu desconfortavelmente em seus pés.

— Ele não cometeu nenhum crime hediondo — expliquei, minha voz soando apática. — Ele veio aqui para conversar. Nós conversamos, agora ele se foi.

— Então este é um bom momento para o que Cyrus e eu temos para lhe dizer. — Cada palavra caiu como uma pedra no meu estômago. Isso tinha algo a ver com Deston. Eu só sabia. E tive a sensação de que Caím estava atiçando as chamas.

Eu não sabia como Caím estava envolvido, mas ele estava envolvido, tinha certeza.

— Você quer fazer isso lá em cima? — Eu perguntei baixinho, — ou lá embaixo na frente da equipe?

O rosto de Luthor ficou imóvel enquanto eu continuava: — Eu sei que Cyrus não foi para a Irlanda para angariar apoio. Ele se foi há um mês, Luthor. Meu palpite é que ele estava cavando a sujeira de Deston. Então, vamos ao que interessa, certo?

Luthor teve a decência de parecer envergonhado. — Sinto muito, Seraphina. Deveríamos ter sido direto com você desde o início.

— Sim, você deveria ter.

Ouviu-se um baque, uma maldição, e então Cyrus entrou cambaleando, puxando a calça jeans.

— Você fez...? — Ele me viu, seus olhos passando por mim rapidamente antes de uma expressão de alívio cruzar seu rosto.

— Ah, bom. Eu ouvi Luthor gritar, e então senti o cheiro do meu primo, e ... — Ele olhou entre meus braços cruzados e Luthor. — Ooooh-kay, estamos tendo essa conversa agora, eu entendo?

Sentei-me em um banco empoeirado e não utilizado. — Continue, me conte tudo o que você desenterrou de Deston. — Eu tinha certeza que havia muito. Ele derrubou impérios, ajudou rainhas a subir ao trono e foi perfeitamente letal quando tinha que ser.

Provavelmente havia um cemitério inteiro de esqueletos em seu armário, e eu não me importava com nenhum deles. Ele era meu companheiro, e de alguma forma, mesmo com suas mentiras, eu sabia o que quer que ele estivesse escondendo, ele estava fazendo isso para me proteger. Isso não me deixou menos chateada, no entanto.

— É complicado, Seraphina. — Luthor ficou perto da porta e encostou o ombro no batente. — E um tanto inacreditável.

Sim, onde eu tinha ouvido isso antes?

Cyrus sentou ao meu lado e colocou o braço em volta dos meus ombros. — Você ficará bem, Seraphina. Vai?

Eu levantei uma sobrancelha para ele. Na minha experiência, esse foi o tipo de coisa que alguém disse antes de tudo definitivamente não estar bem.

— A primeira menção que encontrei de Deston foi há pouco mais de mil e duzentos anos. Ele não era um Vampiro Feito no sentido mais estrito da palavra, mas Katarina o trouxe à vida em uma cerimônia pagã. Tanto quanto posso dizer, ela usou magia e um de seus ossos para ressuscitá-lo dos mortos.

Ok, isso não era... o que eu esperava. Mas explicou tanto.

— Uma das primeiras coisas que Katarina fez foi deixar Deston encontrar sua própria casa.

Que por acaso é a Casa Rayne, então tenho certeza que você pode ver a ironia nisso. — A voz de Cyrus ficou rouca. — Ele não é meu primo, Seraphina, ele é ... meu ancestral.

— Ele governa a Casa Rayne desde então — acrescentou Luthor. — Meu palpite é que seu pai – a família que morreu durante o golpe – eram crianças, não pais. Não encontramos explicação para o fato de ele estar envelhecendo tão lentamente.

Eu esperava histórias sobre chantagem, assassinato, traição. Eu esperava defender meu companheiro, perdoá-lo em alguns dias, e a vida poderia voltar ao normal. Nunca em meus sonhos mais loucos eu pensei que estaria ouvindo isso.

— Você está me dizendo que Deston tem mais de mil e duzentos anos? — Eu pensei sobre isso por um segundo. — Quão confiáveis eram esses registros que você viu?

— Tão confiável quanto possível. Relatos de testemunhas oculares.

— Se o que você diz é verdade, e Katarina ressuscitou Deston dos mortos… — Cada palavra veio lentamente enquanto eu tentava resolver isso na minha cabeça. — Então, quem era ele antes de ela criá-lo? Eu não sabia que a necromancia era poderosa o suficiente para fazer algo assim.

— Você levantou um cemitério inteiro, lembra? — Cyrus resmungou, ainda amargurado com o incidente do esqueleto.

— Eu não os transformei em criaturas vivas que respiram, não é?

— Se Katarina era Lilith, então ela tinha acesso a magias mais sombrias do que qualquer vampiro. Seja qual for a magia pagã que ela usou, de acordo com o relatório, Katarina colocou seu osso em uma pira junto com um sacrifício, lançou o feitiço e, dias depois, Deston rastejou para fora das cinzas. Os olhos de Cyrus se desviaram. — A conta foi bastante gráfica.

— De tudo o que pensei que ouviria hoje, não foi isso. — Eu estava ficando tão cansada dessas mudanças constantes que puxavam o tapete debaixo dos meus pés. — Quem é Deston, então?

— Um poderoso aliado de quando ela era mais jovem? Outro vampiro, ela pensou que poderia ser útil? Luthor mudou para o outro lado do batente da porta. — Deston poderia ser qualquer um. Mas a única outra pessoa que pode saber está morta, e boa sorte para que Deston lhe diga a verdade.

— Como ele manteve o ato? — Estou acostumada. — É muito tempo para fingir. — Ele pode ter se mudado. Duzentos anos em um lugar, duzentos anos em outro.

Luthor suspirou, seu rosto ainda na sombra. A miséria escoou dele, e eu sabia que ele odiava me machucar assim. — Ele faz parte do Darkfell Clan há pelo menos quatrocentos anos. Antes da tecnologia, era mais fácil esconder.

Cyrus me abraçou mais forte, e eu fiquei feliz. — Desculpe Seraphina, mas qualquer que seja a história de Deston, confio no que encontrei na Irlanda.

—Bem, eu não confio em nada, agora. — O que não era, tecnicamente, verdade. Eu confiei em meu instinto, e meu instinto me disse que Deston não estava se escondendo para me punir, mas para me proteger.

Meu instinto também me disse que Caím estava de alguma forma envolvido nesse desastre, porque isso era exatamente o que ele queria.

Nós, em ruínas.

—Vamos considerar a possibilidade de que Deston seja realmente tão velho, e Lilith o ressuscitou dos mortos. — Deitei minha cabeça no ombro de Cyrus, tentei ignorar todas as pequenas coincidências que estavam começando a se somar na minha cabeça.

— Que vampiro existiu oitocentos anos atrás, quem valeria a pena reanimar? — Eu fiz uma pausa. —Isso explicaria o vínculo de alma entre Katarina e Deston. Ela gostaria de controlá-lo, daí o vínculo.

— Pensávamos o mesmo, — murmurou Cyrus.

—Deston mentiu, me disse que estava em Nova York. — Eu não sei por que isso explodiu de mim, talvez porque eu estava cansada de segurar tudo. — Cyrus e eu fomos para Ravenswood para procurar na biblioteca, procurando... — Eu balancei minha cabeça.

—Não importa. Deston estava lá, tentando descobrir como colocar Caím de volta no chão.

Para seu crédito, Luthor não disse uma palavra sobre nossa pequena busca paralela a Ravenswood, mas seu olhar se aprofundou em uma perigosa fervura.

— Eu não me oporia a esse plano — disse Cyrus pensativo. — Quero dizer... nós confiamos em Caím agora, mas em uma semana? — Ele balançou sua cabeça. — Eu não confio naquele bastardo tanto quanto eu poderia julgar.

— Ele salvou Seraphina. — A voz de Luthor estava tensa. — Se não fosse por ele, ela estaria morta.

— Sim, ele a salvou. Mas o que ele espera em troca? — Cyrus cutucou.

— Caím é como Deston. Ele mantém o controle de quem lhe deve favores. E agora Seraphina deve a ele.

Merda, de repente me lembrei que estava com um prazo quando se tratava de Caím.

Talvez fosse hora de eles entenderem o quão alto eram as apostas. Eu duvidava que Caím fosse sutil quando ele fez sua jogada para mim, e eu duvidava que seria capaz de rejeitá-lo sem consequências.

— Eu disse a ele sem compromisso quando concordei com o sangue... coisa. — Evitei o olhar subitamente frio de Luthor. — Mas Cyrus está certo. Caím gosta de marcar pontos, e confie em mim, ele usará salvar minha vida como vantagem contra mim.

— Meu ponto, exatamente, — Cyrus resmungou.

— Por que Deston arriscaria tudo só para se livrar de Caím? — Luthor perguntou curiosamente. Ele estava na sombra da luz do corredor, e eu não conseguia ler a expressão em seu rosto. — Quero dizer, ele está prestes a perder sua companheira. Por que ele colocaria em risco a coisa mais importante de sua vida?

—Não sei. Mas eu descobrirei. — Eu não conseguia parar de imaginar o olhar no rosto de Deston quando ele descobriu que eu bebi o sangue de Caím. Eu atribuí isso ao vínculo de acasalamento, mas seu ciúme parecia ser ... pessoal.

— Uma coisa que todos devemos lembrar. A realeza fica na fila, — Luthor me lembrou suavemente, — só enquanto Caím estiver por perto. Ele vai ser útil.

— Ocasionalmente.

Eu levantei minha sobrancelha.

— O que? Eu vejo o valor em tê-lo por perto. — Luthor deu de ombros, seu enorme torso sombreado pela luz do corredor. — Especialmente quando ele acabou de salvar sua vida.

Ele ajudou a defendê-lo ontem à noite. Não tenho certeza se devemos descartar um aliado tão poderoso.

Eu balancei minha cabeça. Caím de alguma forma havia feito sua mágica em Luthor, e ele era um osso duro de roer. Evidentemente, o caminho para o coração dele era deixá-lo bater em você.

— Ainda estou muito chateada com Deston — esclareci irritada. — Então, estou me dando algumas horas para me refrescar, então discutirei as coisas com ele. Tem que haver uma razão para essa obsessão por Caím, e precisamos saber qual é.

— Você deveria estar na cama. Em repouso. — Cyrus estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você

tem mais um dia de folga. Você deveria gastá-lo descansando e me deixando alimentá-la com uvas.

— Chocolate, — eu o corrigi suavemente, me perdendo naqueles olhos verde-esmeralda.

— Chocolate, então. — Seu sorriso se transformou em pura malícia. — Não precisamos dormir. Poderíamos fazer qualquer outra coisa que você gostaria de fazer, minha rainha. Eu vivo para servir, você sabe.

— Já sei como passarei o meu dia de folga e, embora gostaria muito de passá-lo com você, não será na cama.

— Eu devo estar perdendo meu toque.

Luthor riu. — Eu acho que eles chamam isso de jogo, hoje em dia. — Observando minhas sobrancelhas levantadas, ele deu de ombros. — O que posso dizer? Descobri a internet.

— Bom para você. É um lugar alegre.

Luthor pegou minhas mãos e me puxou para ficar de pé, então me olhou nos olhos.

—Você teve um primeiro mês difícil como rainha. Vamos rezar para que os próximos cem anos sejam mais suaves. — Eu não pude deixar de aninhar meu rosto em seu peito enquanto ele passava os braços em volta de mim.

Cyrus se inclinou, beijou a lateral do meu pescoço e me puxou para longe. — Para a cama com você, minha rainha. Você pode ter mais quatro horas sólidas de sono. — Eu argumentei, mas era apenas para mostrar. No segundo em que minha cabeça bateu no travesseiro, eu estava fora.

22
DESTON

Nunca pretendi viver uma mentira.

No entanto, isso é exatamente o que eu fiz por quase doze séculos.

Fui feliz crescendo com Caím como meu irmão. Uma vida razoavelmente comum até que ele me matou. Talvez trinta bons anos antes de terminar?

Depois disso, flutuei em um abismo de nada por uma eternidade. O tempo não existia ali, nem vales, nem montanhas, nada para me comparar. Apenas escuridão e frio sem fim. Tudo se confundiu em algum tom de cinza normal.

Até o dia em que um cheiro há muito esquecido permeou minha prisão. Fumaça. Cinzas ao vento.

Junto com magia negra, o suficiente para eu engasgar. Ouvi a voz de uma mulher, mas não consegui entendê-la. Seu canto era tão alto que fez meu cérebro chacoalhar no meu crânio.

Sim, pensei enquanto um raio de luz permeou o cinza opaco.

Sim. Seja o que for, tire-me deste lugar vazio.

Então eu estava deitado na lama, coberto de cinzas e cinzas, meu corpo inteiro rígido de frio. Um tipo diferente de congelamento do que eu suportei no vazio. Esse frio espetava agulhas pelo meu corpo, esvaziava meus pulmões, fazia meu corpo tremer.

Eu estava vivo?

—Ali está ele. Você não é uma coisa linda?

Havia ameaça suficiente naquela voz sedutora que me livrei do frio e me agachei, pronta para uma luta. A magia queimou através de mim, algum estranho poder fantasma, e me senti mais forte do que nunca.

Invencível.

Levantei-me, pronto para enfrentar qualquer oponente que me ameaçasse. Eu tive muito tempo para descobrir o que era o vazio. Eu estava preso entre os reinos. Mas eu estava definitivamente de volta à Terra, se a lama pegajosa era alguma indicação.

Diante de mim estava Lilith, a mulher que enganou meu irmão com mentiras e depois o convenceu a me matar. Por que ela estava aqui, por que ela me ressuscitou dos mortos, eu não sabia. Mas ela merecia morrer.

Eu já estava me movendo, com a intenção de quebrar seu pescoço quando uma faixa apertou minha cintura, esmagando minha respiração. Dei mais dois passos, depois caí de joelhos, ofegante, meu próprio ser algemado no lugar por alguma força invisível.

— Você não achou que eu iria ressuscitar você sem um meio de controlá-lo?

Tentei novamente, pés e mãos arranhando a lama fria. Eu não conseguia fazer meu corpo obedecer. Eu era uma marionete e adivinhei quem segurava minhas cordas.

Lilith se agachou até que as pontas de seu cabelo tocaram a lama. —Você está ligado a mim, Abel. O primeiro de seu tipo. Um escravo da alma, e você pertence a mim. Ela era tão gananciosa quanto eu me lembrava, seus olhos escuros me comendo vivo quanto mais ela olhava para mim.

—Você não me quer. Você quer meu irmão. — Minha voz saiu rouca, um som rouco e chocalhando. Ela parecia exatamente como eu me lembrava; um pesadelo ambulante envolto em uma pele bonita, seus longos cabelos brilhantes, olhos faiscando com antecipação predatória.

—Eu me livrei de seu irmão anos atrás. Ele está enterrado em um buraco no chão.

Em algum lugar que ninguém nunca vai encontrá-lo. Desde então, procurei o feitiço que o tiraria do purgatório.

— Caím está morto? — As palavras vieram lentamente, minha cabeça lutando com o rosto que Caím estava morto, e eu fui enganado para não o matar eu mesmo.

—Tão morto quanto um morto poderia estar. — Ela riu, bateu palmas. — E agora eu tenho seu irmão como um escravo, ligado à minha alma por toda a eternidade. — A luxúria se acendeu nas profundezas de seu olhar. Sua língua saiu, e ela lambeu os lábios enquanto um novo tipo de horror me atravessava. — O segundo vampiro mais poderoso que existe. Você cumprirá minhas ordens, Abel. Você obedecerá a todos os meus comandos, ou você morrerá.

Desta vez, não havia como confundir o desejo em seu rosto. — Pensando bem, você também não pode fazer isso sem minha permissão. Fiquei feliz por não ter vivido para ver o monstro que Caím se tornou. Mas seu irmão serviu a seu propósito enquanto ainda estava vivo. Ele criou uma nova raça. E eu serei a rainha deles.

Eu me endireitei em toda a minha altura, examinei as choupanas ao nosso redor, a lama, o medo escrito em todos os rostos dos humanos nos observando.

— Obviamente, você não se lembra muito bem de mim. — Sorri para Lilith, meus dedos coçando para quebrar seu lindo pescoço.

— Porque eu nunca, nunca farei o seu lance. — Eu derramei cada grama de ódio em meu sorriso. — E é melhor você dormir com um olho aberto ou encontrar minhas mãos em volta de sua garganta.

NUNCA QUIS que minha vida se tornasse o que eu era. Mas enquanto o vínculo da alma permanecesse intacto com Katarina, eu não poderia morrer. O que significava que eu tinha me resignado a uma vida sombria e imortal e decidi fazer o melhor possível.

Experimentei breves períodos de liberdade. Eu estabeleci minha própria casa, meu próprio povo.

Serviu a incontáveis rainhas ao longo dos anos, sem saber dando informações a Katarina. Minha vida havia se tornado uma labuta cinzenta e interminável, onde os dias se fundiam e os anos voavam como horas.

E então conheci Seraphina, lembrei-me da primeira vez que a vi. Assustado fora de seu juízo e ainda forte o suficiente para me desafiar. Ela tinha acabado de entrar em sua magia e já era a rainha mais forte que eu já encontrado. Esse foi o dia em que vi minha companheira, e minha vida mudou. Quando percebi que tinha um futuro para olhar para frente.

Katarina quase tirou esse futuro de nós, e eu não permitiria que meu irmão fizesse o mesmo.

Porra, eu me recusei a permitir isso.

Caím transformaria sua vida em um inferno. Ele me erradicaria, depois Luthor e Cyrus, e transformaria Seraphina no que ele quisesse que ela fosse. Ela era forte, teimosa ao extremo, mas nunca resistiria a

décadas com Caím ao seu lado. Eu estava em um frenesi desde que voltei para Ravenswood, desde que cheirei meu irmão nela.

Mas perder o foco só garantiu a vitória de Caím.

Eu me amaldiçoei por dizer a Seraphina que queria prender Caím de volta. Ela ficou horrorizada com a ideia. Mas meu irmão tinha que ser parado antes que ele destruísse minha companheira. Na verdade, eu não descansaria até que ele estivesse no subsolo novamente, onde ele não poderia machucar ninguém.

Não podíamos matá-lo – não sem nos matar – então a prisão era a única solução.

Passei cada hora livre procurando no mundo uma maneira de detê-lo. Achei que tinha feito um bom trabalho equilibrando minhas atividades secretas até ontem. O olhar no rosto de Seraphina quando ela veio para o castelo me tirou o fôlego, a dor que nublou seus olhos tinha esmagado meu coração. Achei que ela odiasse esse lugar.

Minhas mentiras desajeitadas pioraram as coisas, mesmo quando eu disse a mim mesma que eram pelas razões certas - eu nunca permitiria que Caím afundasse suas garras em meu companheiro.

Mesmo que isso significasse que eu a perderia.

Eu não me importava se ela me odiava, eu não me importava se ela pensava que eu era a besta mais baixa da Terra, desde que meu irmão estivesse no subsolo e ela estivesse segura.

Caím usou a doença de Seraphina para se alavancar dentro de sua vida. Eu poderia dizer pela forma como sua voz suavizou quando ela falou sobre ele que sua abordagem estava funcionando. Uma vez que ele se infiltrou no coração dela...

Caím era como uma gota de veneno que te matava lentamente, com o tempo.

Ele era mais do que encantador, um sociopata com o rosto de um deus, e eu o vi manipular e transformar muitos bons homens – e mulheres – em marionetes, torcer tudo o que ele precisava e depois descartá-los como lixo.

Tudo que eu queria era que Seraphina estivesse segura. Inferno, eu nem queria que Luthor e Cyrus sofressem algum mal, embora eu odiasse admitir que os bastardos estavam crescendo em mim.

Por semanas, eu me encontrei com as bruxas, os troca-peles e os feiticeiros, tentando descobrir como colocar Caím de volta no chão.

Visitei o vampiro vivo mais antigo da Europa, bem como o mago mais poderoso de Londres. Ninguém sabia como Katarina havia aprisionado meu irmão em primeiro lugar, e agora que ela estava morta, não haveria como perguntar a ela.

Havia rumores de uma faca sagrada que poderia ser usada contra ele, e eu procurei por semanas por qualquer sinal de tal arma, mas isso também tinha sido um beco sem saída.

Recostei-me na cadeira e pressionei o copo de Bourbon quente na testa. Eu não deveria ter mentido para Seraphina, mas a evasão parecia o meio mais conveniente de seguir minhas pistas, o que me levou por todo o mundo, onde ouvi rumores perturbadores.

Cyrus estava fazendo perguntas sobre mim. Sua missão diplomática na Irlanda foi um encobrimento para vasculhar a biblioteca da rainha Maeve, eu apostaria minha vida nisso.

Seus registros eram mais antigos do que os de qualquer outra pessoa, e eu já sabia o que ele encontraria.

Havia um único relato manuscrito de meu renascimento.

Apenas um, mas seria o suficiente. Uma vez que eles puxassem esse fio, eles descobririam quem eu era e exatamente por que eu queria Caím a sessenta metros de profundidade.

E se isso acontecesse, eu perderia Seraphina, de qualquer maneira.

23

SERAPHINA

Este foi, tecnicamente, meu último dia antes de Caím vir atrás de mim.

Eu não sabia como – ou quando – mas ele parou de esperar, e eu esperava que ele destruísse meu mundo para conseguir o que queria. Eu tinha destruído meu cérebro e não tinha encontrado uma única solução para esse problema.

Eu realmente não sabia por que ele estava se incomodando. Devia haver mil vampiros por aí que ficariam emocionados em aquecer sua cama. Eles ouviam suas piadas idiotas e diziam como ele era ótimo – algo que ele nunca conseguiria de mim.

Eu tinha coisas melhores para fazer.

Eu me recusei a deixá-lo parar meu progresso, e para fazer isso, eu tinha que ser inteligente. Eu tive que manobrá-lo, e para isso, eu precisava de Deston.

Meu companheiro tinha seus defeitos, mas ele conseguia pensar mais do que qualquer um, até mesmo o pai de nossa raça.

No fundo, eu estava com medo de que o que quer que Deston estivesse escondendo nos mudasse para sempre. Com medo de que por trás daquela máscara civilizada, ele fosse algo – alguém – que eu não reconheceria.

Mas eu tinha tomado decisões por medo antes, e elas nunca deram certo.

Eu pedi a ele tantas vezes para confiar em mim, e ele sempre confiou. Agora, gostaria de estender-lhe a mesma cortesia. Deston estava passando pelo inferno, a dor estava escrita em seu rosto, em seus olhos. Ele passou pelo inferno uma vez antes, apenas para me manter segura.

Isso parecia a mesma coisa.

Coloquei uma camiseta leve, não mais preocupada em esconder hematomas ou veias pretas. Minha magia estava em plena capacidade, gelo e fogo guerreando dentro de mim enquanto eu me vestia.

Eu estava pronto. Isso acabou hoje. Deston me contaria o que estava acontecendo, e eu não me contentaria com nada menos do que toda a verdade.

Eu parei no meu caminho quando vi Sebastian vagando no vestíbulo, animando-se quando me viu. — Seraphina. — Eu coloquei minhas mãos em meus quadris, me perguntando por que ele escolheu hoje, de todos os dias, para reaparecer.

— O que você está fazendo aqui, Sebastian? Você não deveria estar servindo ao seu novo mestre?

Apesar de sua carranca, ele respondeu: — Meu mestre, como você o chama, está preocupado com você. Ele me pediu para vir ver você.

— Como você pode ver, estou pronto para ir. Relate isso ao seu chefe. — Então me senti culpado e acrescentei: — Diga a ele obrigado.

— Eu devo. — Sebastian começou a desaparecer e depois se solidificou novamente.

— Não, eu não sairei tão facilmente. — Seus olhos brilharam dourados, lembrando-me novamente de onde eu consegui os meus. — Quero falar com você. Quero que conversemos. — Ele procurou meu rosto. —Eu gostaria de explicar, Seraphina. Eu sei que minha decisão não faz sentido para você, mas quando você ouvir minhas razões, fará.

— Cinco minutos — eu rebati. —Eu tenho lugares para estar hoje.

—Você sempre tem um lugar para estar — ele murmurou, mas me seguiu até a cozinha.

— Cyrus E Luthor, estão por aí? — Ele perguntou casualmente.

— Por que? Não quer nenhuma testemunha? — Eu não sabia por que estava sendo tão espinhosa, mas ainda estava magoada com sua rejeição. Quero dizer, sério - quem muda de lado tão rapidamente?

—Naquele dia na clareira, quando Caím me assumiu, ele não estava me machucando. Ele só queria minha ajuda.

—Então ele disse. Por que ele simplesmente não perguntou?

—Ele fez depois que chegamos à casa segura. — Sebastian bateu um dedo no encosto de uma cadeira, como se decidisse se era bem-vindo para se sentar. — Ele me disse que eu estava livre para sair pela porta naquele exato minuto. Volte para o palácio e sirva você. Eu quase fiz.

— O que mudou sua mente?

— Caím viu minha cabeça. Vi como Deston destruiu minha família. Como ele estava perto de você. — Sebastian se sentou, e eu fiz o mesmo. —Ele me questionou, longamente, sobre seu companheiro. O que ele me disse em seguida foi... esclarecedor.

Minha mão apoiada na cadeira tremia levemente. — O que você quer dizer, destruiu sua família?

— Deston vendeu minha família – sua família – para avançar seu status dentro do clã. Eles não fizeram nada de errado, não traíram ninguém e não tramaram qualquer coisa. Eles eram simplesmente um meio para um fim, e Deston os usou para promover sua carreira, vendendo-os para Katarina.

— Pelo qual você tem todo o direito de odiá-lo, Sebastian. — Eu lutei pelas palavras certas. — Ele fez coisas terríveis. Ele tinha que fazer isso porque Katarina o controlava.

Eu não estou inventando desculpas. Estou relatando fatos. O que posso dizer é que ele se arrepende de tudo o que fez por ela.

—Ele não estava sob o controle de Katarina quando os traiu. Ele estava servindo Lyra.

Eu não poderia dizer a Sebastian que Deston esteve – provavelmente – sob o controle de Katarina por mais de um milênio. Não até que ouvi do próprio Deston. —Como eu disse, você tem todo o direito de odiá-lo. Ele tirou tudo de você.

—Tudo o que eu quero é que você esteja segura e feliz. Deston é perigoso para você, Seraphina. Você é a única que não vê isso. E quando o castelo de cartas dele desmoronar, ele vai arrastar você para baixo com ele.

— Você amava minha mãe, não é?

Ele assentiu, uma onda de emoção cruzando seu rosto antes de escondê-la. —Você não sabe disso, mas eu causei a morte dela.

Ele empurrou para trás em sua cadeira. —Eu nunca soube... você nunca me contou essa história.

— Nós brigamos muito e eu saí correndo de casa. Era meio da noite e eu estava com raiva, mas ainda conhecia as regras. Assim que escurece, você fica dentro de casa, não importa o quê. Um bando de revenantes nos pegou e mamãe - Isabelle - ficou para lutar contra eles, me deu tempo para voltar para casa em segurança.

Ele traçou a mesa com um dedo, sua expressão pensativa. —Você se culpa pela morte dela, não é?

— Se eu não tivesse saído, ela ainda estaria viva. Se eu não tivesse desobedecido as regras e agido impulsivamente, ela poderia estar por perto hoje. — Seu olhar permaneceu fixo no meu rosto enquanto eu continuava: —Seguindo sua linha de lógica, não sou responsável? O que eu fiz não pode ser desfeito.

— O que De Rayne fez foi proposital. Não foi um acidente.

—Espero que não tenha sido. Não estou pedindo para perdoá-lo.

— Então o que você está perguntando?

— Eu acho... estou pedindo um pouco de graça em uma situação terrível. Você não sabe tudo sobre Deston, e o lembrarei de que Caím se beneficia com Deston fora de cena. Não me diga que você não sabe qual é o verdadeiro objetivo dele?

—Caím quer você para sua rainha. — Ele suspirou. —Eu não quero ver você machucada, filha, mas Deston não é quem você pensa que é.

—E Caím não é quem você pensa que é — eu rebati. — Abra os olhos, Sebastian, ele te cegou.

Sebastian não era ele mesmo. Essa lealdade cega não era como meu pai. Caím usou seu passado com Deston para distorcer tudo, ou ele usou magia, ou ele apenas... influenciou meu pai pouco a pouco?

— Caím, pelo menos, tem seus melhores interesses no coração. Quem matou seus assassinos antes que eles pudessem terminar o trabalho? Quem salvou sua vida, Seraphina, quando ninguém mais conseguiu?

—Bem, quando você coloca dessa maneira. — Era hora de eu tentar uma abordagem diferente com meu pai. —Como o sangue dele me salvou? De tudo o que aprendi, essa doença era cem por cento fatal.

— O sangue dele está mais próximo da energia pura do que o de qualquer outro vampiro. Ele deixou você provar o divino, e agora nada pode matá-la.

—Espere... ele me fez imortal? — Eu não queria ser imortal. Nunca tinha sequer considerado isso.

—Tão imortal como ele é. — Sebastian assentiu, uma pitada de reverência em seu rosto.

— Você nunca pode morrer, Seraphina. Você está a salvo de todos que possam tentar prejudicá-lo.

—É por isso que você concordou em ajudá-lo, não é? Porque você acha que ele está me mantendo segura? Puta merda, eu tinha acabado de trocar uma sentença de morte por outra. —Ele usará isso para me controlar. Você tem que ver isso?

—Ele não faria. Ele realmente te ama, Seraphina. E com ele ao seu lado, você governará para sempre.

—Então... eu não sei que tipo de suco mágico de juju você está bebendo, mas Caím não dá a mínima para mim. — Como Sebastian não podia ver através de sua fachada? —Venha ficar aqui por alguns dias, deixe Marie dar uma olhada em você.

Um sorriso astuto e irreconhecível surgiu no rosto do meu pai. — Nós não lidamos com bruxas, a menos que seja absolutamente necessário.

—Você ficou encantado — murmurei, horrorizada com a facilidade com que meu pai foi torcido. — E você nem sabe disso.

— Há outra razão pela qual eu vim hoje. — Sebastian mudou de assunto rapidamente. —Tem algo que...

— Blackwell. — Cyrus parou na porta da cozinha, olhando para meu pai, depois para mim antes de entrar e encostar o quadril no balcão. —Eu não esperava encontrar você aqui. Como está nosso megalomaníaco favorito hoje? Ainda planejando dominar o mundo?

Sebastian olhou para Cyrus. —Caím deu todo o seu apoio à nossa rainha. Você deveria estar agradecido. — Seus olhos brilhavam, e não com o fogo dourado de sempre. Não, eles estavam cheios de estrelas e sombras, como se Caím estivesse na sala conosco.

—Você quer ter cuidado ao me dizer como me sentir. Você perdeu esse direito quando mudou de lado.

—Eu mudei de lado? — Sebastian se levantou da mesa. — Ou vocês dois estão no caminho errado?

— Você tem algo a dizer, cuspa. — Por apenas um segundo, pensei que Sebastian aceitaria Cyrus em seu desafio. Mas em vez disso, ele se levantou, suas próximas palavras misturadas com ameaça.

— Estou aqui para lembrá-la que este é seu último dia. — Atrás de mim, Cyrus endureceu de surpresa, e meu coração afundou. Tanto para o sigilo. — Ele também disse que quando você queria a verdade,

você sabia onde encontrá-lo. Mas imagino que você seja teimosa demais para isso.

— E eu espero que você possa se ver fora. — Excelente. Caím tinha acabado de explodir meu dia inteiro para o inferno. Meu pai assentiu e saiu da sala, deixando-me com Cyrus e suas perguntas.

— O último dia para quê, Seraphina? — Cyrus exigiu, sua voz soando muito até mesmo para ser natural. —O que diabos ele quis dizer?

Corri meu dedo ao longo da borda da mesa. Esta não era a conversa que eu queria entrar agora. Por que Caím tinha que estragar tudo?

— Você sabe que eu amo você e Luthor, certo? — Eu perguntei com cuidado. — E você sabe que eu nunca faria nada para comprometer o que temos?

— Veja, dizer merda como essa só me deixa mais nervoso. Por que Caím lhe deu um prazo?

— Porque ele está operando sob a noção iludida de que eu pertenço a ele. Ou melhor... que pertencemos um ao outro. Confie em mim, tentei dissuadi-lo várias vezes. Mas ele é um bastardo teimoso.

— Eu vejo. — Quanto mais pensava nisso, mais os punhos de Cyrus se fechavam, até que os nós dos dedos ficassem brancos. — E você não pensou em mencionar isso porque você pensou que Luthor e eu iríamos enlouquecer?

— Exatamente. — Fui até ele, me aninhei nele até que suas mãos afrouxaram e seus braços me envolveram, me apertando com força. — Estou confiante de que posso segurá-lo por mais algumas semanas. Quando não puder, pedirei sua ajuda. Não podemos nos dar ao luxo de ir à guerra com ele Cyrus, simplesmente não podemos.

— Quando ele levou você ontem à noite, foi apenas para curá-la? — Seu corpo ficou rígido novamente, e eu alisei uma mão sobre seu peito.

— Apenas me curando. Eu juro. Quando eles viram aquelas veias pretas, Caím e Sebastian ficaram tão assustados quanto eu. Ambos estavam focados em me curar e nada mais.

— Agora que ele te alimentou com seu sangue, ele pode ver em seus pensamentos. — Cyrus me soltou e começou a andar. — Ele pode rastrear sua localização, Seraphina. Isso é um verdadeiro problema.

— Cyrus, eu odeio te dizer isso, mas ele foi capaz de ver minha cabeça desde o começo. — Eu bati meu dedo na mesa, mantendo o tempo com Cyrus. —Achei que ele poderia fazer isso com todo mundo. Eu estava errada?

— Eu com certeza espero que ele não possa ver em minha cabeça porque eu tenho um plano muito detalhado para matá-lo. Quando Luthor descobrir... ele enlouquecerá, Seraphina.

— Falando sobre isso. Temos uma vantagem agora. Suspeito que essa verdade misteriosa que Caím continua balançando diante de mim como uma cenoura tem a ver com as origens de Deston. O que você já descobriu, então não é um grande segredo, afinal.

Caím estava fazendo exatamente o que Katarina havia feito, embora de uma maneira mais inteligente.

Uma vez que ele tirasse Deston da equação, ele descobriria como remover Cyrus e Luthor, e então ele correria para mim.

A única maneira de resistir a Caím era juntar nossas coisas e expor esses segredos, criando uma barreira entre nós.

— Eu preciso ir para Ravenswood. Eu tenho que falar com Deston.

— Eu não sei o que você espera encontrar, Seraphina. Deston foi quem saiu, lembra? Você não pode confiar nele, não mais. — Cyrus balançou a cabeça tristemente.

— O que encontrei foi apenas a ponta do iceberg. Acho que Deston está escondendo algo ainda maior.

— Eu também. E descobrirei o que é.

DESTA VEZ, Deston estava preparado para os visitantes. Corri meus dedos nervosamente sobre a proteção, e nada aconteceu. Tentei de novo, e foi como tocar lâminas de barbear.

Deston, pensei no vínculo, deixe-me entrar. Precisamos conversar.

Imediatamente, uma porta se abriu na proteção, e Cyrus e eu entramos no canto dos pássaros e no cheiro forte de rosas.

— Você quer que eu vá? Ou fique aqui? — Cyrus perguntou baixinho. — Para que conste, eu me sentiria melhor se fosse com você.

— Deston não vai me machucar — eu disse com firmeza, mesmo que meu estômago estivesse se revirando de nervos. — Mas ele não vai falar comigo se você estiver lá.

— Eu não acho que ele te machucará, Seraphina. Tenho medo do que você vai descobrir. Eu não quero seu coração partido. Então eu teria que matá-lo, e tudo ficaria confuso. Bem, mais bagunçado do que já é.

— Vamos não falar sobre matar ninguém agora, vamos? — Eu ri baixinho, apesar do meu nervosismo. — E faremos um voto de manter esta pequena viagem para nós mesmos e dar a Luthor uma pausa na saúde mental, vamos?

— Não sei o que é pior. — Ele ergueu a cabeça e respirou fundo o ar primaveril. — Que eu me permita ser convencido sobre esses seus esquemas, ou que eu realmente goste deles. Estarei na sua cabeça o tempo todo. Primeiro sinal de problema, estou te mandando para casa.

Deixei Cyrus descansando em um banco na umidade enquanto caminhava pelos jardins, subindo as escadas, até as portas da frente.

— Onde está você? — Eu perguntei.

— Na biblioteca, é claro, respondeu Deston. O mesmo lugar que estive por semanas.

— Cyrus ficará do lado de fora, então você não precisa se preocupar em ter uma audiência.

Parei na porta e observei. Meu companheiro estava de pernas cruzadas no chão, cercado por um círculo de livros abertos, parecendo ainda mais exausto do que da última vez que o vi.

— Você esteve ocupado, — eu comentei secamente. Entrando na sala, afundei em uma das cadeiras de couro gastas. — Você fez algum progresso?

— Progresso em quê? — Sua voz estava arrastada de exaustão, seus olhos opacos.

— Trancando Caím de volta em sua cela. — Olhei para todos os livros e balancei a cabeça. — Sinto-me compelida a salientar que, mesmo que você pudesse, eu não o quero lá. Esvaziei aquela prisão porque odiava pensar em qualquer coisa - até mesmo monstros – serem trancados.

Os olhos de Deston ficaram pretos. — Se você soubesse quem ele realmente é, você teria uma perspectiva diferente.

— Então me diga, — eu insisti. —Conte-me tudo e tomaremos a decisão juntos, você, eu, Luthor e Cyrus.

— Mesmo se eu fizesse, você não acreditaria em mim, não com Luthor e Cyrus trabalhando tão duro quanto podem para convencê-la de que eu sou seu inimigo.

Cada pedaço dele era resistente, desde a magia sombria escura girando em torno dele, até a máscara impenetrável que escondia seus sentimentos. Nosso vínculo era aberto e, no entanto, não era. Como se ele tivesse fechado isso também, em uma tentativa de esconder suas emoções.

Eu tinha que saber por quê.

— Você é meu companheiro, não meu inimigo, Deston. Eu me acomodei mais na cadeira, cruzei minhas mãos trêmulas no meu colo. — Só temos uma chance na vida, Deston.

Um. Sem reposições. Sem repetições. — Deus, ele parecia cansado.

— O que significa que temos que fazer valer nosso tempo e ter um pouco de fé um no outro. Diga-me quem é Caím. Diga-me como você sabe. — Eu puxei uma respiração firme e fechei meus dedos com mais força. — E então me diga quem você é Deston. Quero dizer, quem você realmente é, sem mentiras. Eu balancei minha cabeça.

— Porque eu sei que você não é um vampiro de quatrocentos anos nascido na França. — Todo o seu corpo ficou rígido, aquela máscara ainda mais impenetrável.

Quanto a mim, eu endureci meu coração antes de vir aqui, com toda a intenção de fazer Deston sofrer, só um pouco, por me colocar no inferno nas últimas semanas.

Talvez eu devesse ter ficado brava só para provar meu ponto de vista. Mas este era o meu lindo Deston cheio de cicatrizes, e eu não podia segurar minha raiva por muito mais tempo. Ele suportou horrores que eu não podia imaginar, arriscou tudo – até tortura nas mãos de Katarina – para me manter segura. Eu não poderia machucá-lo só porque ele tentou esconder seu passado, um passado do qual ele provavelmente estava envergonhado.

Não, culpe meu coração mole, mas eu ouviria o lado dele, mediria contra o homem que eu conhecia, e aceitar Deston por quem ele era. Eu não queria ninguém diferente.

Eu o queria, com cicatrizes e tudo.

24
DESTON

Eu estava procurando uma saída para essa bagunça por semanas e ainda não tinha encontrado uma.

Eu sabia que a situação com Caím era perigosa, e Seraphina iria se machucar, e eu seria expulso do Darkfell Clan na minha bunda, que era exatamente o que eu merecia.

Eu estava bem com tudo isso.

Exceto por minha companheira se machucar, o que eu estava tentando evitar a todo custo. Ela ainda parecia cansada, pálida e fraca, e eu odiava que ela estivesse doente. Me amaldiçoei por não ver a doença do sangue porque eu estava tão distraído.

Mas ela estava viva, cortesia da porra do meu irmão. Apesar do meu ciúme, ele a salvou, quando ninguém mais poderia. Mesmo meu sangue não tinha as propriedades curativas que Caím tinha, e mesmo que eu o odiasse, eu estava grata por ele ter salvado a vida dela.

— O que são esses, afinal? — Ela cutucou um dos livros de feitiços abertos com o dedo do pé.

— Eles são de Marie, principalmente. — Deixei de lado o que estava lendo. Era inútil, um feitiço de ligação que nunca teria funcionado em alguém tão poderoso quanto meu irmão. — Livros de feitiços, esse tipo de coisa.

— Marie está ajudando você? — Seraphina piscou surpresa. —Eu não esperava isso.

— Marie entende o perigo que Caím representa. Uma luta de poder entre Caím e você seria prejudicial para toda a comunidade mágica.

Melhor manter as coisas em paz, como eram, antes que ele aparecesse.

— Mas não haverá uma luta pelo poder. — Seraphina deu de ombros, sua clavícula se projetando. Ela precisava se alimentar. Meu pau pulou enquanto eu tentava me concentrar em suas próximas palavras. —Se Caím vier para o trono, não vou lutar com ele.

— Você vai, Seraphina. Esse trono pertence a você.

— Não, esse trono pertence a quem for o mais forte. E agora, não sou eu. Em duas semanas, entregarei o trono para Caím.

Eu me encontrei paralisado de horror com o que ela estava propondo, com o que isso significava para toda a nossa raça.

Ela se inclinou mais perto, seu rosto definido em determinação. — Meu verdadeiro legado – o único que importa – são direitos iguais para todos os vampiros. Abolindo o governo dos ricos.

— Garantir que todos estejam seguros, alimentados e educados. Que toda criança tenha a mesma oportunidade de ter sucesso.

— Como você espera fazer isso do lado de fora? — Eu perguntei com cuidado. — Porque no momento em que Caím corre para o trono, o que eu espero nas próximas semanas, terei tudo organizado. Então, tudo o que tenho a fazer é convencer ele para manter minhas mudanças no lugar. Com um pouco de sorte, tudo será implementado. Por que você acha que eu tenho me matado nas últimas semanas?

— Eu me perguntei por que você está com tanta pressa. Eu nunca me perguntei por quê. Eu estava muito distraído tentando descobrir como parar Caím.

Na verdade, minha obsessão por meu irmão havia me consumido completamente. Percebi agora que não tinha visto a floresta pelas árvores. Mas Seraphina tinha.

Ela não só viu o quadro maior, ela fez tudo o que podia para estar pronta quando o pior acontecesse.

Mas ela estava errada sobre uma coisa.

A força era apenas um componente de governar esta espécie. Meu irmão não era tão forte quanto ela, mas ela não via isso. Ele era, no entanto, mais implacável.

Durante nossa conversa no cemitério, ele jogou a luva. Ele acabaria com Seraphina, e o resto de nós morreria.

— Tenho trabalhado contra o relógio desde que Caím apareceu.

— Ele é uma criança megalomaníaca que não aceita um não como resposta. Ele não iria para a Europa quando eu ofereci, o que significa que ele ficaria aqui. — Seraphina fez uma pausa. — Ele não vai esperar muito mais. Achei que quanto mais eu conseguisse, melhor.

— Quão perto você está de terminar? — O que quer que fosse feito, eu largaria tudo e me certificaria de que ela estava pronta quando Caím a desafiasse.

Porque ela estava certa. Caím não se contentou em ficar em segundo plano. Ele nunca tinha sido.

— Perto. O programa de bolsas está em vigor, o terreno foi aberto para o novo empreendimento e começamos a conceder empréstimos para pequenas empresas. Mais uma semana, talvez?

— Como posso ajudar? — Levantei-me, minhas costas estalando.

— Está ficando velho — ela brincou, dando um tapinha na cadeira ao lado dela, seu nariz enrugando quando cheguei mais perto. — Há quanto tempo você vem fazendo isso? Porque você cheira ruim.

— Sinceramente? — Eu balancei minha cabeça. — Perdi a noção do tempo. Dias, suponho. Eu cheirava terrível, e acenei com a mão sobre mim mesmo, minha magia tomando o lugar de um banho quente. Mas, em vez de dividir a cadeira, ajoelhei-me a seus pés, examinando seu rosto. Ela estava cansada, as linhas ao lado de sua boca eram mais pronunciadas e ela havia perdido peso. Luthor e Cyrus deveriam estar cuidando melhor dela.

Eu empurrei aquele pensamento de raiva e autossatisfação da minha cabeça.

Eu deveria ter cuidado melhor dela.

Ela estava doente, sob ataque, quase morreu. Eu não estava por perto para nada disso, focado em meu irmão quando deveria estar com minha companheira.

— Nós temos outro problema, Deston. Um que eu não sei como resolver. Eu estava esperando pegar seu cérebro inteligente e ver se você pode ter uma solução.

— Nada. — Estendi a mão e peguei suas mãos, esfreguei meu polegar sobre sua palma. Era bom tocá-la, mesmo que por um momento. Tê-la aqui me fez perceber o quão instável eu me tornei. Se eu não me recompusesse, perderia meu companheiro.

— Desde o início, Caím deixou algo muito claro para mim. Ele decidiu que ele e eu pertencemos um ao outro. Fiz tudo o que pude para dissuadi-lo dessa fantasia, mas até agora não tive sucesso.

— Isso é porque ele não sabe o que a palavra não significa. — Obviamente. — Ela bufou. — Ele me deu um prazo.

— E deixe-me adivinhar. O prazo está quase acabando?

Assim como meu irmão. Coloque alguém em uma situação impossível e, em seguida, force-o a tomar uma decisão. Tornar-se um

vampiro só aumentou sua necessidade de poder e controle. E agora, parecia, essa necessidade de controle estava focada em minha companheira.

— Hoje é o último dia. — Seraphina não parecia assustada.

Não, ela estava apenas tentando descobrir qual seria seu próximo passo. Alguma parte fria do meu coração derreteu. Ela veio até mim para ajudá-la. Apesar de eu tê-la excluído, ela veio até mim.

— Ele salvou minha vida. Ele disse que o presente veio sem compromisso, mas eu não acredito nele. Meu palpite é que ele usará minha culpa como alavanca. Pelo que sei, ele poderia tirar seu presente e me deixar para morrer.

Ouvir essas palavras saindo de sua boca me fez congelar. Caím faria exatamente isso, para conseguir o que queria.

— Para eu enganá-lo, preciso saber quem ele é, Deston. O que significa que você tem que me contar tudo. Não importa o quão contundente, eu tenho que ouvir você dizer isso.

— Qualquer coisa menos do que a verdade absoluta nos coloca em desvantagem.

Ela estava certa. Ela nunca soube realmente com o que estava lidando. E eu estava com muito medo de perdê-la para dizer a verdade.

Mas se Caím fizesse o que ela temia - se ele recuperasse o dom da vida - então eu a perderia completamente. E eu preferiria que ela andasse por aí, odiando minhas entranhas, do que nunca mais poder falar com ela novamente.

— Eu te contarei tudo, — eu prometi. — Então você terá uma decisão a tomar sobre Caím. — Eu hesitei. — E sobre mim.

Meu polegar parou de esfregar o topo de sua mão quando ela ficou perfeitamente imóvel.

— Eu não vou decidir nada sobre você, Deston. Estamos corrigindo essa brecha entre nós, e então tomaremos uma decisão em grupo. Isso é o que uma família faz. Não sei por que vocês três têm tantos problemas com a comunicação.

— Pode ter algo a ver com testosterona, — eu brinquei debilmente. — Já que os homens são as criaturas menos verbais do planeta. — Mas ela estava certa. Nós três tendíamos a nos afastar quando as coisas iam mal, ou quando tentávamos proteger Seraphina e acabamos sufocando-a.

Quando Seraphina descobriu quem eu era, eu esperava que ela fosse embora. Se eu tivesse chegado a Caím primeiro, eu não estaria enfrentando essa escolha agora. Minha vida seria perfeita, e ele estaria exatamente onde pertencia.

Apodrecendo na sujeira.

— Cyrus ainda está lá fora, correto? — Eu soltei sua mão e fui ficar perto do fogo. —Se você quiser ir, tudo que você tem a fazer é ligar para ele. — Eu queria que minha companheira soubesse que ela poderia sair a qualquer hora que ela desejasse. Afaste-se para sempre se é isso que ela queria.

— Eu não vou a lugar nenhum, eu já te disse isso. Eu vim aqui para obter respostas. Tenho certeza de que não vou gostar deles, mas eles são o que são.

— Eu não tenho quatrocentos anos. E apesar do que Cyrus desenterrou na Irlanda, eu também não tenho mil e duzentos anos.

— Como você sabia onde Cyrus estava? Seus olhos se estreitaram com suspeita.

— Porque ele se foi por muito tempo. Porque a rainha Marve tem o único registro escrito do meu renascimento. — Cada palavra me custou, e meus olhos nunca deixaram seu rosto, procurando a primeira pista de que ela estava planejando fugir.

Se ela fizesse, eu a deixaria ir. Mas não para sempre.

— Tenho mais de dois mil anos. — O choque a percorreu, seus olhos se arregalaram, sua boca se abriu. Não havia como suavizar o golpe, não mais do que eu poderia mudar meu próprio passado. — Eu sou tão velho quanto Caím e Lilith.

— Eu... eu não esperava ouvir isso. — Ela mal respirava, suas palavras eram um sussurro. — Eu pensei... talvez algo horrível, mas não isso.

— Eu nunca quis que você soubesse. Meu passado é algo que eu queria manter em segredo. Não é apenas história antiga, mas nada disso importa, não mais. — Até o bastardo do meu irmão decidiu ressuscitar dos mortos e foder completamente a minha vida.

— Existem outros? — Ela perguntou curiosamente, com as mãos ainda no colo. —Alguém mais velho como você?

— Não. Há um punhado de anciões espalhados pela Europa, mas o mais velho tem pouco mais de mil anos, e ele... não é confiável hoje

em dia, como descobri recentemente. Mas desde que Katarina se foi, ninguém é mais velho que Caím.

— Você acabou de dizer que era…

— Eu nasci humano em um lugar sem nome. Eu desfrutei de uma existência simples e nômade até morrer.

Seraphina apenas me observou, seus olhos escuros me encarando e encarando, como se ela estivesse tentando espiar dentro de mim. Mesmo daqui, eu ouvi seu batimento cardíaco - muito rápido

— E sua respiração rápida e frenética.

— Eu fui morto com uma pedra, eu acredito. Eu não vi isso chegando, e realmente não matéria. Depois que morri, fiquei preso em algum lugar… Purgatório, talvez. Fiquei preso no vazio por muito tempo. Fiquei preso lá até que Katarina me ressuscitou dos mortos.

— Esta parte eu me lembrei em detalhes horríveis.

Eu não pude evitar. Sentei-me na cadeira ao lado dela, puxei-a para o meu colo e quase gemi quando ela afundou contra mim. Sua curva quente se encaixava perfeitamente em mim, sua cabeça descansando no meu peito, seu cheiro me envolvendo.

Esta poderia ser a última vez que eu segurei minha companheira. A última vez que eu a cheirei. Porque enquanto ela pensava que estava pronta para a verdade, ela não estava.

— Katarina me ressuscitou dos mortos como um vampiro. Ela sempre alegou que combinou um antigo feitiço pagão, magia negra e alguns dos meus ossos, mas não sei se isso é verdade. Ou possível. Seraphina.

A falta de surpresa me disse que Cyrus já a havia informado do que descobrira na biblioteca da rainha Maeve. Um vislumbre de esperança passou por mim. Talvez ela não me julgasse muito duramente. Talvez eu pudesse contar tudo a ela e não a perder afinal.

—Juntamente com o feitiço, ela criou o vínculo da alma e o usou para me controlar.

Caso contrário, eu teria matado aquela cadela malvada assim que recuperei a consciência.

Sua mão se apertou mais na minha camisa. — Você a conhecia, quando você era humano?

— Ah, eu a conhecia, mas não como Katarina. Eu a conhecia como Lilith. — Ela agarrou minha camisa com mais força.

— E eu teria reconhecido Lilith em qualquer lugar. Você vê, antes de Caím me matar com aquela pedra, Lilith era sua amante. E eu nunca esqueço um rosto.

LEVOU um segundo para que as palavras de Deston fossem absorvidas.

Mas de alguma forma, eu já sabia a verdade. Não é à toa que eu subconscientemente notei as semelhanças entre ele e Caím. Não admira que ele tenha mascarado os flashes de estrelas em seus olhos com sombras.

Eles estavam relacionados. Irmãos.

— Você é … Abel? — Eu me afastei para ver sua reação.

Meu coração ficou preso na garganta quando ele inclinou a cabeça. Caralho. Eu não poderia começar a envolver minha cabeça em torno disso. Ele tinha mais de dois mil anos.

— Mas como? — Um pensamento terrível me ocorreu. — Ou talvez uma pergunta melhor seja… por quê?

— Quando Katarina me ressuscitou dos mortos, Caím já estava trancado em sua masmorra. Ela me disse que o matou, e eu acreditei em sua palavra.

— Em retrospecto, eu deveria ter cavado mais fundo. Mas desde que eu renasci, não houve sequer uma menção a ele. Suponho que até as memórias dos vampiros sejam curtas.

Durante minhas primeiras semanas, aprendi a verdade – meu irmão havia fundado uma nova espécie – baseada na hierarquia sanguínea. E Katarina era a vampira mais forte que restou.

— Então, ela prendeu Caím, e ela ressuscitou você dos mortos. — Eu balancei minha cabeça, ponderando sobre a insanidade disso. — Qual era o ponto?

— Acho que ela ficou encantada por ter poder sobre mim. Sobre nós dois. Caím, trancado em uma cela como seu prisioneiro, eu, controlado pelo vínculo da alma, pouco mais que seu escravo. Minha força era apenas inferior à dela, e Lilith adorava me usar para acertar contas e destruir seus inimigos, embora ela tenha se cansado e me mandado embora.

— Mas ela sempre ligava para você de volta, não é? — Sempre.

— Caím sabe quem você é?

— Ele sabe. — Pela primeira vez, Deston tremeu debaixo dela. — Eu tenho feito tudo ao meu alcance para mantê-lo longe de você, Seraphina. Ele deixou claro que pretende tirar você de mim. De nós — ele emendou.

— Ele não me levará a lugar nenhum. — Eu bufei. — Ele está atrasado e está prestes a descobrir como isso vai funcionar para ele.

Um leve sorriso dançou nos lábios de Deston. — Não posso negar que gostei de ver você colocá-lo em seu lugar nas últimas semanas, Seraphina. Mas você não o conhece.

Ele é capaz de dobrar até mesmo mentes fortes à sua vontade.

— Ele é já fiz isso com Sebastian, — eu murmurei, minha respiração abanando o pescoço de Deston. — Ele não é ele mesmo.

— Não estou surpreso —, disse Deston.

Fechei os olhos enquanto seus lábios roçavam meu cabelo. Parecia celestial ser segurada por ele.

— Acho que ele tentou torcer você também, sempre que ele está perto de você.

Eu refleti sobre isso. Toda vez que eu estava perto dele, eu amolecia um pouco mais. Eu pensei que estava vendo um outro lado dele, mas e se ele estivesse me manipulando o tempo todo?

— Eu o vi fazer coisas terríveis com as pessoas, — Deston murmurou.

— Katarina aprendeu a crueldade com meu irmão, e a dela era uma versão pobre e diluída da barbárie de que ele é capaz.

— Nós precisamos superá-lo. Não me sinto confortável em enterrá-lo novamente, mas se ele é tão perigoso quanto você diz que é ... talvez seja a única solução. Eu vi o que ele fez com meu pai. Era como se o Sebastian que eu conhecia tivesse ido embora.

— Ele está ali, em algum lugar. Provavelmente horrorizado com todas as coisas que Caím o está forçando a fazer.

Deus, era verdade? Sebastian estava lutando para se libertar, mesmo agora? Por que não pensei nisso, tentei ajudá-lo? — Então descobriremos como prendê-lo novamente, — eu decidi, apesar das minhas dúvidas. — Alguma ideia de como Katarina... Lilith... fez isso?

— Nenhum. Há uma lenda de uma arma de poder que pode cortar a magia de um hospedeiro, mas eu persegui essa liderança até o inevitável beco sem saída.

— Isso soa como uma coisa útil para se ter.

— Mesmo juntos, não somos fortes o suficiente para prendê-lo.

— Eu sei, e é por isso que vai se resumir à esperteza. — Suspirei. — Quando ele perceber que não tenho interesse nele – que não estou apenas bancando o difícil – tenho um mau pressentimento de que ele não será tão razoável.

—Ele queimaria o mundo em cinzas apenas para conseguir o que queria.

— Eu sei que ele faria. Mas ele é muito bom em influenciar as pessoas. Ele convenceu Sebastian de que ele é nosso salvador, e até Luthor parece ter sucumbido à sua influência.

— Ah, Fontaine lutou com meu irmão, não foi? — Ele o esmurrou na cara.

— Caím provavelmente usou isso como uma oportunidade para entrar na cabeça de Luthor. Você ficaria surpreso com o que reorganizar algumas memórias pode realizar. —Ele mexeu com a cabeça de Luthor?

— Pelos sons disso, sim. Luthor teria chegado tão perto dele, por um período tão longo de tempo?

Senti como se alguém tivesse me dado um soco no estômago.

— Que bastardo esperto, — Deston disse, — Ele conhecia Luthor bem o suficiente para manobrá-lo para isso.

— Há algo que Sebastian acabou de me dizer, e eu tenho que saber... você tem mais conhecimento do que qualquer um, então me diga... beber o sangue de Caím me faria imortal?

Abaixo de mim, o corpo inteiro de Deston ficou imóvel.

— Eu não quero ser imortal. Não tenho utilidade em viver para sempre. — Meus dedos apertaram sua camisa. — Eu sempre pensei que você sobreviveria a mim. Quanto mais penso nisso ... me chame de covarde, mas não quero viver sem você.

Eu não achava que Deston estava nem respirando, e como contar segredos era sempre mais fácil quando você não tinha que fazer contato visual, eu mantive meu rosto enterrado em seu peito.

—Eu não me importo com quem você começou. Eu não me importo com nada disso, exceto que eu gostaria de poder tirar o que você suportou nas mãos de Katarina. Eu só sei que você é meu companheiro, e tudo que você faz é para me manter segura.

—Quero minha família de volta. Eu o quero tanto, que quando ele se for - quando você se for - eu tenho um grande buraco dentro de mim. Eu quero bebês e uma vida e um futuro. Eu quero tantas coisas, e ainda assim, quando estou aqui com você... isso é tudo que eu preciso.

— Estou perdoado, então?

— Você será sempre perdoado. Mas ainda estou com raiva de como você lidou com isso, Deston. Fizemos promessas um ao outro, e você as quebrou.

— Você poderia ter me contado tudo isso, sabe— eu disse em voz alta. — Ocultar as coisas só piora tudo.

— E você poderia ter me contado sobre as intenções de Caím. E ainda assim você não o fez.

Deston balançou a cabeça, me cortando. —Eu sei porque. Eu sei que Luthor e Cyrus teriam ido atrás dele. O que teria terminado mal.

—É por isso que eu não disse nada.

—Eu sei, Seraphina. Já brinquei em matar meu irmão mais vezes do que posso contar. Mas toda vez que eu passava o cenário na minha cabeça, não terminava bem.

— Então o que fazemos agora?

— Quanto do sangue dele você bebeu? Deston perguntou em vez disso.

— Muito. Eu estava morrendo e não estava exatamente consciente. Mas parecia muito. — Ao dar a você o presente de seu sangue, ele acha que fez de você sua rainha.

Eu bufei. — Ele está prestes a ter um rude despertar nessa frente.

— No entanto, Katarina viveu quase dois milênios. Você poderia fazer o mesmo. — Não o que eu queria.

— Ok, vamos para toda a conversa eu-posso-ser-imortal e se concentre em Caím. A única maneira de termos uma chance contra ele é juntos. — Eu aproveitei estar em seus braços, seu coração batendo abaixo da minha orelha, seus lábios agora enterrados no meu cabelo.

— Onde Luthor e Cyrus estão? — O tom de Deston dizia que ele sabia muito bem onde eles estavam. — Eles não vão aceitar meu passado como você é...

— Eles vão, assim que ouvirem que Caím está jogando todos nós uns contra os outros, nos enfraquecendo de dentro para fora. — Eu caí contra ele, apenas imaginando a luta que estava à nossa frente. — Uma

vez que eles entendam isso, eles farão tudo ao seu alcance para detê-lo.

— Acho que você tem um plano, companheira?

—Eu sempre tenho um plano — murmurei, desejando que pudéssemos ficar aqui, assim. —Não que vocês vão gostar, mas desta vez, meu plano vai funcionar.

Deston lábios pararam sua exploração cuidadosa da minha boca. — Como você sabe?

— Porque estou disposto a dar a Caím tudo o que ele quer. Ele só não sabe ainda.

Quando chegamos aos jardins exuberantes, Cyrus apertou a mão de Deston – após uma longa pausa, completa com presas e postura masculina – e então ele me levou de volta ao palácio, Deston nos nossos calcanhares.

25
SERAPHINA

— E é aí que estamos. O prazo de Caím, pelo que sei, termina à meia-noite. O que não nos dá muito tempo. — Olhei meus machos, avaliando as chances de que eles realmente ouvissem o que eu tinha acabado de dizer.

Nós somos uma família, e as famílias eram confusas e complicadas e repletas de grandes personalidades e egos ainda maiores. E era por isso que estávamos fazendo isso do lado de fora, perto da floresta, longe de olhares indiscretos.

No caso de punhos começarem a voar.

No momento, Luthor vibrava com raiva mal contida, enquanto Cyrus olhava para Deston, faca na mão, como se decidisse por onde começar a cortar. Eu expus a verdade, tão concisa e calmamente quanto pude, rezando para que ambos fossem os machos que eu acreditava que fossem.

— Longa história. Qualquer que seja o plano de Caím, começa amanhã. Ele poderia passar meses tramando pelas nossas costas ou simplesmente vir amanhã e assumir o controle. — Dei de ombros. — Mas uma coisa é certa. Ele está sem paciência, e eu não acho que Sebastian esteja de acordo com isso.

— Ele está verdadeiramente encantado por Caím? E você acredita que Caím alterou meus pensamentos, quando eu estava batendo na bunda dele? Ao meu aceno, o rosto de Luthor escureceu.

— Eu não vejo como manter esse bastardo mentiroso em nosso meio nos ajuda? — O tom de Cyrus ficou mais gelado a cada minuto. — Outro dia, outra traição, certo primo?

— Apresentar uma frente unida fará com que Caím duvide. Especialmente quando ele descobre que conhecemos o segredo de Deston, que também é dele. — Olhei para meus dois machos obstinados e suspirei. — Ele está tentando nos separar. Você realmente quer dar a ele o que ele deseja?

— E quem pode dizer que De Rayne não está jogando o mesmo jogo? — Luthor bufou. — Prefiro saber quem são meus inimigos, então

fingir que são aliados quando estão esperando para me esfaquear pelas costas.

— Deston é nosso aliado, — eu insisti. — Quer você veja ou não.

— Por que esconder isso? — Cyrus perguntou de repente. — Por que simplesmente não admite que fundou a Casa Rayne? Que Lilith ressuscitou você dos mortos? Que você é irmão de Caím?

Cada palavra gotejava com intenção viciosa. — Se alguma coisa, esse status faria você parecer mais forte. Dando-lhe uma vantagem. Eu não posso ver você passando isso, primo, — acrescentou Cyrus sarcasticamente.

— Admitir que fui um escravo? Admitir que eu era impotente contra ela? Admitir que toda vez que ela puxasse essa porra do vínculo, eu faria o que ela quisesse que eu fizesse? Assassinar inocentes, trair meus aliados, queimar aldeias?

Os olhos do meu companheiro brilhavam com fogo acumulado, atravessado pela luz das estrelas.

— Eu matei vampiros por ela. Montanhas deles. Dilacerou famílias, destruiu reputações. Machuquei mais pessoas do que eu gostaria de contar. Esse foi o meu legado. Eu não era nada além de seu carrasco, um fantoche de cordas para ela controlar.

Ele parou de mascarar as estrelas em seus olhos. Mas eu percebi que a escuridão que eu muitas vezes tinha vislumbrado em suas profundezas era outro disfarce, e me perguntei se algum dia descobriria todos os segredos de Deston.

Todos nós tínhamos segredos. Eu, Luthor e Cyrus.

Talvez não precisássemos saber tudo, apenas saber que estávamos destinados a ficar juntos. Para honrar a lealdade que nos uniu.

— De alguma forma, Primo, duvido que isso me desse a aparência de força, — Deston disse, um traço de escárnio em seu tom. — Não. Melhor fingir que eu era outra pessoa, do que deixar esses sanguessugas saberem que eu era um escravo.

— Assumindo que você pode superar o modo como Deston renasceu no mundo, eu gostaria de lembrá-lo que Caím virá. Conhecendo-o, provavelmente à meia-noite.

Luthor consultou o relógio. — Isso nos dá menos de cinco horas.

— E como ele não pode se movimentar à luz do dia, meu palpite é que ele não vai esperar.

— Nós poderíamos ir para Ravenswood, — Deston sugeriu. Luthor balançou a cabeça e Cyrus zombou. — Então nos dê outra opção, — Deston retrucou. — Ou guarde suas opiniões para vocês mesmos.

—Você é muito arrogante para um bastardo mentiroso. — Luthor rosnou, sacando ambas as facas.

— Olhe para você e suas armas lamentáveis. — Deston zombou, magia sombria reunindo-se em seus dedos. — Você quer lutar contra isso, Fontaine? Estou pronto.

— Enquanto vocês dois cortam um ao outro em tiras, Caím vai passear aqui e roubar o reino, bem debaixo de nossos narizes. — No pensamento, sombras driblaram dos meus dedos antes de puxá-los de volta.

— Ela está certa. — Cyrus olhou para os dois e sua mão caiu do punho da faca. — Isso é exatamente o que ele quer. Nós na garganta um do outro, deixando Seraphina desprotegida.

— Minha magia está de volta, e eu posso me proteger, — eu apontei. — Embora minha magia não o detenha, ainda posso machucá-lo. — Eu me animei quando Luthor embainhou suas facas. —Você está sempre me dizendo para não ser tão impulsiva, então estou sendo inteligente sobre isso. Eu descobri o que Caím realmente quer, e uma vez que eu der isso a ele, ele nos deixará em paz.

— Eu queria uma família, como a de Tessa. Eu queria filhos – eventualmente – mas ainda mais do que isso, eu queria jantares ao redor da mesa. Eu queria viajar e conhecer o mundo. Eu queria muito mais do que sentar em um maldito trono e tomar decisões.

— Há algo mais a considerar, — Deston disse sombriamente. — Meu irmão a curou. Vocês deveriam se perguntar o que acontece com Seraphina se Caím retirar sua magia.

Eu poderia dizer por seus rostos que eles não tinham considerado isso.

— Se ele fizer isso, eu ainda terei Marie. E a magia de Fleur me curou temporariamente.

— A síndrome da medula não é curável. — O rosto de Deston estava imóvel como um túmulo. — E eu te prometo isso. Se Caím

ameaçar a vida de Seraphina, eu daria a ele tudo o que tenho para salvá-la.

— Enquanto eu vou lutar até meu último suspiro. — Luthor rosnou.

—Você não pode vencê-lo, Fontaine. Não pela força. Superá-lo é o melhor que podemos esperar. Mas você não conhece meu irmão como eu. Ele não será negado. Ele pega o que quer. E ele usa todos os métodos que precisa.

Seus olhos permaneceram em mim por apenas um segundo. — Incluindo destruir o que ele mais deseja, para que ninguém mais possa tê-lo.

26
SERAPHINA

Duas horas depois, eu me afastei de Luthor, dei um beijo em sua bochecha e disse a ele que tudo ficaria bem.

Mentiras eram como gotas de limão, elas tinham um sabor doce o suficiente por fora, e você só esperava que elas não ficassem muito azedas no final.

— Este não é um bom plano, Seraphina. — Luthor rosnou, tão agitado que não conseguia ficar parado. — Tem que haver outra maneira. Nós deveríamos entrar lá com você.

— Ele não vai me machucar. — Pelo menos, eu esperava que ele não o fizesse. Enquanto Caím acreditasse que havia uma chance de eu concordar com suas exigências, ele me deixaria intocada. Meus machos eram uma história totalmente diferente, e se ele derramasse seu sangue, então eu iria para a guerra com o bastardo.

Mesmo que fosse inútil.

— Se Caím fosse acabar no trono de qualquer maneira, eu farei isso do meu jeito. Nem uma gota de sangue derramada, nem um fio de cabelo ferido na cabeça de ninguém. Na verdade, eu não dou a mínima para quem estava sentado naquele trono. Se Caím quisesse ficar sentado o dia todo e ouvir as pessoas reclamarem, mais poder para ele. Eu construiria meu novo mundo, e ele poderia bater sal.

— Pense nisso, Luthor. — Já passamos por isso uma centena de vezes. — Ele não vai me machucar. Não enquanto ele achar que há uma chance de me conquistar. E prefiro fazer isso aqui, do que no palácio. Lembra como ele dizimou a propriedade dos Cárpatos com um aceno de mão? Se ele quer ter um acesso de raiva e queimar sua própria casa, que assim seja. Pelo menos não será a nossa casa que ele está destruindo.

Luthor me puxou de volta contra ele. — Só porque é lógico, não significa que será assim. Você mantém o vínculo bem aberto. Juro por Deus, se eu sentir um vislumbre de medo vindo de você, cortarei a cabeça daquele idiota de seus ombros.

— Como se isso fosse matá-lo, — Deston disse secamente, saindo das sombras.

— Preparada, Seraphina? Atenha-se ao roteiro, como planejamos. Mas Luthor está certo. Ao primeiro sinal de problema, nós três estaremos lá, lutando.

— Daí a razão pela qual estou indo sozinha.

— Sebastian estará lá. — Cyrus agarrou meu ombro e apertou. — Use-o como um maldito escudo se for preciso.

— Não estou usando meu pai como escudo. Isso seria um movimento de merda, e vergonha para você por sugerir isso.

Cyrus pareceu envergonhado, então me fez um bico com a boca com uma piscadela. —Deston ficará na frente. Cyrus e eu vamos por trás. — Ele já sabe que estamos aqui, então não se arrisque.

Toquei a campainha do portão novinho em folha, esperando que nosso ataque preventivo nos desse uma vantagem. Faltava uma hora para a meia-noite e, do jeito que imaginamos, avançar na agenda de Caím seria uma boa maneira de perturbá-lo.

— É Seraphina. Me deixar entrar.

Houve uma longa pausa antes que a voz metálica do meu pai saísse do alto-falante. —Estou deixando você entrar. Não derreta o maldito portão, acabei de substituí-lo.

— Deixe-me entrar e eu não precisarei. — Olhei para o metal derretido ainda embutido entre as lajes. Embora eu tivesse perdido a paciência naquela noite, hoje definitivamente seria outro teste para minha paciência.

Houve um clique, e abri o portão, desci a calçada e subi os degraus até a varanda. Bati meus dedos na porta, espiando através do vidro de chumbo, mas estava escuro como breu por dentro.

Sebastian respondeu, ainda abotoando a camisa. — O que diabos você está fazendo aqui? — Ele assobiou. —Você tem um desejo de morte?

— Eu só achei que acabaria com isso. Não faz sentido prolongar o inevitável, certo?

— Uma hora, — Sebastian assobiou. — Mais uma hora e ele teria ido até você. Agora ele está com raiva.

— Bom. — Eu entrei. — Então nós dois estamos na mesma porra da página. — Eu queria Caím desequilibrado porque ele cometeria erros, erros que seriam a minha vantagem.

— Ainda muito simples — observei baixinho. Para sua morada temporária, Caím havia requisitado uma mansão bem conhecida no centro de Nova Orleans. Este lugar tinha sido redecorado em algum momento no final dos anos noventa, e tudo era da mesma cor neutra e insípida.

Meu pai murmurou alguma coisa sobre esperar, e eu virei rapidamente para a sala de estar, o lugar onde Caím e eu tivemos nossa última conversa franca, há mais de um mês. Peguei um livro e me acomodei.

Ele me manteve esfriando meus calcanhares até meia-noite, o maníaco por controle.

Ele deslizou para dentro, deixando um rastro de magia negra atrás dele, sombras se curvando ao redor de seus pés. A raiva reprimida fervia nele, faíscas vermelhas escuras rastejando pelos braços musculosos até o pescoço musculoso. Eu não olhei para cima do meu livro, lentamente virando as páginas enquanto ele olhava para mim.

Vê? Dois poderiam jogar neste jogo.

— Seraphina. Você arruinou minha grande entrada.

— Pensei em poupar uma viagem para você. — Eu finalmente olhei para cima, e sua presença quase me tirou o fôlego. O macho era seriamente uma força da natureza.

Caím estava vestido imaculadamente — calça preta, camisa preta com as mangas arregaçadas até os cotovelos, cabelo comprido penteado para trás — parecia um implacável chefe da máfia. Seus olhos salpicados de estrelas deslizaram sobre mim, desgosto apertando sua boca quando viu como eu estava vestida.

— Hoje foi meu dia de folga. Decidi que preferia estar confortável do que estar na moda.

Eu estava com calças de ioga enfiadas em botas de combate, um suéter azul e minha jaqueta jogada ao acaso sobre as costas da cadeira. Eu ainda nem tinha olhado para o meu cabelo hoje e discretamente escovei os dentes com as costas do meu dedo, antes de fazer o teste do bafômetro.

Eu mal passei.

A única coisa que Caím não viu foi a faca enfiada na minha bota. Uma adição de última hora de Luthor. Rezei para não precisar disso.

— Você veio antes que o tempo acabasse. Eu não esperava isso.

— É exatamente por isso que estou aqui. — Fechei o livro. Era em italiano de qualquer maneira, e tudo tinha sido apenas para disfarça, mas eu suspeitava que Caím sabia disso também.

— E seus homens?

— Sei que você sabe que eles estão esperando do lado de fora, prontos para atacar ao menor sinal de problema. Vamos tentar evitar isso, certo?

— Isso tudo depende de você, Seraphina.

— Tudo bem. Então vamos ao que interessa. — Eu deslizei da minha cadeira, minha bunda equilibrada na beirada. Caím arrastou outra cadeira, sentando-se à minha frente.

—Você disse que sabia o segredo de Deston. Que se Luthor e Cyrus não me dissessem, você contaria. Então fale.

— Suponho que eles lhe contaram parte disso, mas não a parte mais importante?

— Eles me contaram tudo o que sabiam. Mas tenho a sensação de que há mais.

Firmei todas as minhas defesas internas, e Deston e Cyrus envolveram uma barreira de magia ao redor do meu cérebro. Eu esperava que Caím não conseguisse passar. Ele sorriu sombriamente, e eu senti uma sensação arrepiante, como alguém correndo as unhas sobre meu cérebro exposto. Mas depois parou.

— Tomando precauções. Isso é muito sábio.

— Achei que precisava. — Dei de ombros. — Já que você não tem autocontrole suficiente para ficar fora da minha cabeça.

Ele se eriçou. — Eu tenho autocontrole suficiente.

— Então prove e fique fora da minha cabeça. — Eu sorri docemente. — Não é educado bisbilhotar as memórias de alguém.

Etapa um realizado.

—Você disse que se eu quisesse a verdade, você me daria. Estou aqui e estou perguntando. Diga-me o que sabe sobre Deston.

— E se eu te contar tudo. E então?

— Não sei. Depende da verdade. É realmente tão terrível, que eu quebraria nosso vínculo de acasalamento por causa disso? — Eu me

perguntei em voz alta. — Entenda isso. Nossa conexão vai além do vínculo. Eu não sei se você pode entender isso, mas eu o amo. Eu confio nele.

Caím riu, deslizando para mais perto. — Permita-me mudar de ideia.

Ele tinha tanta certeza que eu iria me desligar de Deston. Acha que eu era tão superficial, que descobrir sobre seu passado negaria tudo o que eu sentia por ele. Caím não sabia o que era o perdão, mas eu estava prestes a mostrar a ele.

Deston tinha feito o melhor de uma situação ruim. Como eu tinha. Como Luthor e Cyrus fizeram.

Éramos um bando de sobreviventes, e todos carregamos as cicatrizes disso. Atribuindo falha, ver como as pessoas superavam o pior que a vida tinha a oferecer era como atirar a primeira pedra, uma analogia que Caím poderia realmente entender.

— Seu companheiro não é quem ele diz que é. Ele está mentindo para você, Seraphina, desde o dia em que você o conheceu. E ele mentirá para você até o dia de sua morte.

Havia uma intensidade quase maníaca em Caím, como se revelar a verdade do passado de Deston fosse mudar tudo. Ele não tinha ideia do que eram emoções reais. Ele não entendia a confiança e a honestidade e a velha afeição.

Não, ele não entendia nada além de poder.

— Seu companheiro tem mais de dois mil anos. Ele tem sido um vampiro por apenas metade desses anos, e todo esse tempo, ele estava ligado a Katarina. Como seu escravo. — Há tanto escárnio em sua voz que apertei meus lábios.

— Ele não era forte o suficiente para se libertar e fraco demais para desafiá-la. — Ele se aproximou o suficiente para que nossos joelhos se tocassem. Eu deveria ter me sentido encurralada, mas em vez disso... eu quase senti pena de Caím. Ele estava prestes a receber uma lição de humildade, tudo porque era viciado em poder.

Mas ele quereria o que eu tinha para lhe oferecer em vez disso.

— Seu amante? Cyrus? Ele é um dos descendentes de Deston, não um primo, como ele afirma. Caím se inclinou para trás e cruzou os braços, um olhar de autossatisfação no rosto. —Você merece alguém forte como companheiro, Seraphina. Alguém que pode proteger você.

Alguém que vai esmagar seus inimigos. Não alguém que passou toda a sua existência fascinada por alguém como Lilith.

— Katarina? Ou Lilith? Por quem, exatamente, Deston estava encantado?

Ele fez uma careta, chateado que eu o peguei em um detalhe técnico. — Katarina e Lilith são iguais.

— Você quer dizer, a mulher que o enganou e o manteve trancado em uma cela por quase dois mil anos? Não conheço Caím. Parece que você não se saiu melhor do que meu companheiro. A magia rodou pelo chão, envolvendo meus tornozelos em um abraço gelado.

— Antes de menosprezar a vida de outra pessoa, dê uma olhada na sua própria. — Eu olhei para os meus pés. — E diminua sua magia. Você está me congelando até a morte.

— Seu companheiro é fraco, — Caím assobiou. — Sou mais forte em todos os sentidos. Mais esperto. Mais implacável.

— E você acha que é isso que eu estou procurando em um homem? — Eu reduzi meu temperamento. Nada seria realizado se eu dissesse o que realmente estava pensando.

—Você não sabe nada sobre mim, Caím, — eu disse suavemente. — Não é o que eu valorizo, não porque eu amo. Mesmo que tudo o que você diga seja verdade, isso só prova que Deston aprendeu a sobreviver. E estou feliz que ele tenha feito isso, ou nunca teríamos nos encontrado.

— Você não pode admirar um macho tão fraco. — Caím recostou-se, as mãos apoiadas nos joelhos. Havia choque escrito em todo o seu rosto, descrença de que eu não estava caindo em seus braços, como uma heroína que precisava ser salva. — Estou lhe oferecendo o mundo, Seraphina. O universo. — Sua testa franziu. —Vamos governar lado a lado, você será minha rainha e todos se curvarão diante de você.

— Eu não quero o universo, — eu rebati. — Prefiro melhorar meu cantinho do mundo, com minha família ao meu lado, do que viver a vida que você está descrevendo.

— Não entendo. — Ele estendeu as mãos em um apelo, mas o ar ficou perigoso, algo escuro e pesado zumbindo ao meu redor. — Você é uma rainha.

Você deveria querer mais.

— E ainda assim, eu não. — Eu estava usando isso como um momento de ensino. —Ter mais não preenche esse buraco dentro de você, Caím. Aceite quem você é, defeitos e tudo, então tente fazer melhor. É isso que preenche o buraco.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não tenho um buraco dentro de mim. Não há nada de errado comigo.

— Não estou dizendo que há algo de errado com você. Estou dizendo que você está fazendo as coisas da maneira errada. Você já foi feliz? — Eu perguntei. — Quero dizer, contente com sua vida, com quem você é?

— Nunca —, disse ele, uma vibração profunda começando em seu peito.

— Pergunte a si mesmo por que isso acontece. Apesar de ser um deus, por que você não pode ser feliz? — Eu quase agarrei sua mão, mas enrolei meus dedos para longe. Ele não era meu amigo, e eu tinha um ponto a fazer. —Todo mundo foi feliz em algum momento de suas vidas, Caím.

Por que você não estava?

— Porque... — A magia de Caím rodou contra meu rosto, deixando um rastro de faíscas em meus lábios. — A felicidade é uma fraqueza. A fraqueza leva ao fracasso. Eu não falho, eu conquisto. — Seu sorriso suavizou em algo sinistro. — Conquistar é o que eu faço de melhor.

— Então você nunca vai me entender, Caím. Eu me levantei da cadeira e dei a volta nele. — Mas você não tem que me entender. Podemos ser parceiros, apesar de nossas diferenças.

— Parceiros?

— Parceiros de negócios, por enquanto. Você prometeu dar seu apoio a mim.

Agora mesmo, eu preciso disso. Tenho muito a realizar nestas próximas semanas. Se você me ajudar a fazer isso, então eu lhe darei o que você mais deseja.

Seus olhos brilharam em antecipação, e o ar na sala ficou eletrificado. — O que você acha que eu mais quero, Seraphina?

— O trono, — eu disse calmamente. —Você me ajuda a conseguir o que eu quero. E eu te dou tudo o que você quer.

Ele rugiu em protesto, e eu sorri.

— Você acha que me deseja, Caím. Você pode ter se convencido disso. Mas você não me quer, você quer o que eu represento. Você precisa de poder, e estou disposto a entregar o trono a você livremente. Tudo o que peço em troca é manter minhas mudanças no lugar, uma vez que você assume o trono.

— Essas mudanças... elas significam muito para você? E o trono não significa nada? —O trono é um meio para um fim. Mas sim, o que estou tentando realizar significa mais para mim do que o trono.

— Escolas? — Ele perguntou, uma borda perigosa e sedosa em sua voz. —Casas? Negócios?

Eu balancei a cabeça fracamente.

— Isso significa mais para você do que poder? — O estrondo ficou perigosamente alto, como se estivesse vindo de tudo ao meu redor. — Isso é pensamento fraco, Seraphina.

O coçar começou na minha cabeça novamente. — Talvez, apesar de seu poder... você seja fraco.

— A força assume diferentes formas, Caím. Eu não espero que você reconheça isso.

Sua pele tinha escurecido, e o olhar em seu rosto... me assustou. — Estou lhe oferecendo o trono.

— Um trono não substitui uma rainha, e pretendo ter os dois.

Eu fiquei tensa. —Pelo que eu vi durante sua última aparição no tribunal, você pode escolher qualquer mulher que quiser. Na verdade, espero que elas se joguem na sua cama, então sim, aproveite.

— Por que você está me negando? — A malícia espreitava sob a confusão, cercada por um tipo cru de desespero que me lembrava uma fera encurralada e selvagem. Ou um homem que não conseguiu o que queria e era muito teimoso para desistir.

—Porque eu nunca quis poder em primeiro lugar. A única coisa boa para isso é melhorar a vida das pessoas. Não tenho absolutamente nenhum desejo de governar os outros. Se alguma coisa, eu acho que é uma noção ridícula.

—Achei que você fosse forte. Sua magia é como nada que eu já provei.

— O poder só dá às pessoas duas coisas. Influência e autonomia. Usei meu tempo como rainha para criar mudanças porque, finalmente, tive o poder de fazê-lo. Mas é só para isso que serve.

— Eu poderia governar o mundo inteiro se estivesse em seu lugar. Use minha magia para fazê-los obedecer. Faça-os se curvarem.

— Não tenho essas aspirações.

Ele soltou uma risada amarga. — Achei que você fosse diferente dos outros. Achei que você fosse digna de mim. Do meu presente. Mas você não é nenhuma dessas coisas. Você é fraca, como meu irmão.

Eu me afastei da cadeira, colocando alguma distância entre nós. — Não faz diferença o que você pensa de mim. Eu sei que você pode ser razoável, Caím, e estou disposto a lhe dar o que você quer.

— Eu poderia ter tomado o trono quando quisesse. Mas seu pai aconselhou paciência. Caím rosnou, mas não havia nada de vampiro no som. Não, isso era bestial, primitivo, de algum lugar fora deste mundo. — Quero o que não posso ter. Quero você.

Todo o seu comportamento havia mudado. O selvagem estava em plena exibição, sem nenhuma tentativa de se conter. Eu tinha calculado mal. Eu tinha tanta certeza de que Caím aproveitaria a chance de governar um reino, tinha tanta certeza de que sua atração por mim era puramente superficial.

Minhas palmas ficaram suadas. — E paciência é o que estou pedindo agora.

Ele balançou a cabeça, nunca tirando os olhos de mim. — Não. — Ele se levantou, elevando-se sobre mim. — És fraca. Vane Carpathian estava certo. Você nunca mereceu o trono.

— Talvez não, — eu murmurei, uma pitada de temperamento em minhas palavras. —E, no entanto, aqui estou eu, Rainha do clã Darkfell.

— Eles estavam certos — murmurou Caím, deixando de lado toda pretensão de controle.

Sombras flutuavam sob sua pele, salpicadas de faíscas alaranjadas. Os pelos dos meus braços se arrepiaram quando o ar faiscou com eletricidade.

— Achei que você fosse igual a mim. — Ele se inclinou para mais perto, e eu me levantei da cadeira, colocando-a entre nós, embora eu soubesse o quão ridículo isso era.

—Você não merece o sangue que te dei. Você está mais perto dos humanos do que de sua própria espécie.

—Isso é porque eu já fui humana. — Atravessei a sala, colocando distância entre nós, lutando para manter meu tom razoável calmo, tentando salvar uma situação que estava saindo do controle. Eu deveria ter prestado mais atenção ao plano de Deston de prender Caím, não perdido tempo com soluções diplomáticas.

Caím nunca poderia se sentar no trono. Eu o vi se transformar nas últimas semanas, mas fui enganada, ou talvez, só vi o que queria ver.

Ou como meu pai, ele me encantou, e eu vi exatamente o que ele queria que eu visse, e cai, mudanças estavam apenas na superfície. No fundo, ele era um selvagem sanguinário e, se tivesse a chance, destruiria o clã.

Ao pensar nisso, uma frieza viciosa encheu meus ossos. Este era meu povo, minha responsabilidade. Um gosto amargo encheu minha boca com o pensamento de que eu quase os entreguei a outro monstro.

— Vou tomar o trono. E eu terei você, mesmo que eu tenha que torcer sua mente para fazer isso. Garras arranharam meu cérebro, os pontos afundando em minha massa cinzenta, prontos para rasgar minha mente.

— Nós iremos, boa sorte com isso, — eu cuspi, envolvendo minha magia em volta de mim como uma segunda pele. Foda-se isso, e foda-se ele. — Deixe-me deixar isso perfeitamente claro, para que não haja mal-entendidos. Eu não quero você. Eu nunca vou querer você. E eu mudei de ideia.

Eu sorri. —Você não merece o trono. — A magia fluiu através de mim como uma corrente carregada, reunindo-se em meu núcleo, pronta para ser chamada.

— Fraca e um mentirosa. Eu deveria saber. — Ele rosnou, o ar ficando escuro e pesado. As sombras que cobriam o chão se separaram diante de Caím enquanto ele se aproximava de mim.

A dor atravessou minha cabeça quando Caím arrancou todas as memórias que eu já tive, tão facilmente como se fossem papel de seda.

De todos os cenários que eu imaginei, não era um semideus tendo um colapso emocional porque ele foi rejeitado.

Mas aqui estávamos.

27

SERAPHINA

Com as mãos na cabeça, tentei rastejar para longe, mas Caím rasgou meu cérebro como uma cebola, procurando alguma afirmação de que eu tinha sentimentos por ele. Ou eu não era fraca. Ou o que quer que ele estivesse atualmente fixado.

Ele não o encontraria.

Infelizmente, ele encontrou outra coisa.

—Você cadela traidora. Você está mentindo para mim. — Caím plantou sua mão entre meus ombros e me derrubou no chão. —Você já sabia quem era meu irmão. Antes de você vir aqui esta noite.

Aparentemente, minhas barreiras mentais não resistiram.

A primeira vez que conheci Caím, ele ergueu um escudo de magia ao nosso redor com paredes tão grossas que nada – nem mesmo som – podia entrar. Pela pressão contra meus ouvidos, eu sabia que ele tinha acabado de fazer a mesma coisa.

O ar ficou sufocado com ozônio, enxofre picando meu nariz. — Você veio aqui para me manipular. Você veio para me enganar.

O coçar dentro da minha cabeça desapareceu o suficiente para que eu fosse capaz de arremessar um orbe de magia em direção a ele. Ele parou no ar, a luminosidade lançando sombras duras em seu rosto.

Ele não parecia humano.

Eu não sabia se era minha imaginação, mas ele parecia ter ficado maior, mais escuro, seu rosto mais cruel, as presas escorrendo de sua boca mais afiadas.

A escuridão iluminada pelas estrelas dançava ao nosso redor enquanto minha magia empurrava suas costas, o suficiente para que eu engolisse ar fresco. Eu não conseguia ver nada fora do brilho lançado pelo meu orbe, a coisa girando e girando entre nós.

Tentei alcançar meus homens através do vínculo, mas não consegui nada. Ele me cortou, e eu não podia contar com a ajuda de ninguém.

— Eu sou o Maldito, — ele sussurrou, e o ar ao nosso redor gemeu com cada palavra que ecoava. — Você teria sido minha rainha. Mas

você mentiu. Assim como uma mulher para mentir, mas eu pensei que você fosse diferente.

—Voltando a usar os títulos extravagantes, não é? Cansado de ser o velho Caím?

Minha magia estava enrolada em meu núcleo, mas eu sabia que estava em desvantagem. Melhor me proteger e esperar por uma oportunidade. Eu me cobri com um escudo protetor, então fiquei de pé. A última vez que Caím tentou superar isso, ele foi queimado. Eu só podia esperar que o escudo desta noite tivesse o mesmo efeito.

— Eu me lembro bem do meu nome, Seraphina. — Seu sorriso causou arrepios na minha espinha.

Eu não tinha ilusões aqui. Ele poderia me esmagar. Transforme-me em cinzas com um estalar de dedos. Ele poderia arrasar toda esta cidade ao nosso redor, e eu me amaldiçoei por ter vindo para a cidade e colocar pessoas inocentes em perigo.

Apesar da minha magia, apesar de qualquer coisa que eu fizesse para me proteger, ele era Golias, eu era uma formiga, e nada mudaria isso.

—Você pode me dobrar. Você pode tirar minha mente. — Eu balancei minha cabeça, dando um passo para longe. — Mas saiba disso, você nunca me terá de verdade. Eu nunca poderia te amar porque você não é capaz de ser amado.

Enquanto eu falava, coloquei mais magia. — Você gerou uma espécie inteira. Mas enquanto você estava preso no subsolo, nós evoluímos. Não somos selvagens estúpidos, bêbados de poder. Não mais.

—Você disfarçara-se com roupas bonitas e maneiras ainda mais bonitas. Ele zombou. — Mas nada muda o que somos no coração. Somos todos selvagens, Seraphina, nunca se esqueça disso.

Houve um som de trituração na minha cabeça, e quando eu pisquei, Caím estava diante de mim, despido de seu verniz de civilização, seu corpo coberto por uma pele grossa e grisalha. Ele era assustador, nenhum traço de humanidade em seu rosto, apenas fome insaciável queimando vermelho fogo em seus olhos.

Ele era como um fantasma, exceto que ninguém o transformou em um monstro. Ele era um monstro.

— Veja-me pelo que sou. Plantei uma bela imagem em sua cabeça, e farei de novo. Você acreditará que é o que eu escolher.

Eu nunca pensei que fosse facilmente enganada. Que eu vi através de subterfúgios e mentiras. Senti uma humildade esmagadora, sabendo que estava errada.

— Eu escolho você para ser minha. — Caím avançou mais um passo. — Apesar de suas fraquezas, você se sairá bem como minha rainha. Até que eu encontre outra. — Ele estava me caçando, um coelho para seu lobo, avançando lentamente, desfrutando do meu medo. Eu respirei calmamente, meus ombros cedendo, meu estômago ficando macio.

Eu estava com medo além da crença, mas não me acovardaria diante dele. Ele nunca teria essa satisfação.

— Eu escolhi você, e você me recusou. — Ele balançou a cabeça como se eu fosse uma criança errante. — Ninguém me recusa, Seraphina. Ninguém. Nem mesmo Lilith.

— Considere-se recusado, idiota.

Mergulhei fundo, desenterrei a magia de Lyra das profundezas. Seu poder gélido brilhou com a geada, e eu envolvi meu fogo através dele até que a combinação queimou com o calor branco-azulado.

— Eu nunca quis lutar com você, Caím. Eu estava disposto a lhe dar o que você queria, então me afastar.

Deixei a magia percorrer meus braços até meus dedos, iluminando brilhantemente o espaço fechado, afugentando as sombras de Caím até que vi o globo grosso nos envolvendo.

— Mas isso não foi suficiente para você, foi? Você não está feliz até ter tudo. Eles deveriam chamá-lo de O Destruidor, Caím, porque é isso que você faz. Você destrói tudo. Você matou seu irmão.

Eu joguei um punhado de magia nele, uma supernova de poder, e ela o atingiu com força total antes de deslizar pelo lado de seu rosto, sua carne empolando em seu rastro.

O cheiro de carne carbonizada substituiu o enxofre, mas me mantive firme. —Você matou Katarina. E se eu deixar você vai me matar.

Antes que ele pudesse reagir, eu puxei tudo que eu tinha, as dragas de magia das profundezas de mim. A raiva fez minha magia brilhar mais forte. Soltei uma corrente de plasma, quente o suficiente

para queimar a carne de seus ossos. Até mesmo Caím teve que consolidar sua magia, e o escudo ao nosso redor desapareceu quando a sala pegou fogo.

As chamas subiram pelas paredes, o papel de parede se enrolou antes de enviar pedaços de papel em espiral pelo ar. Mesas, cadeiras, sofás pegaram fogo até que um inferno se alastrou ao nosso redor.

Eu não me importei.

Eu não me importava se eu queimasse até a morte, contanto que levasse Caím comigo.

Tinha sido um erro oferecer-lhe qualquer coisa. Um erro pensar que eu poderia oferecer a ele o trono e não destruir as mesmas pessoas que ele criou.

Distantemente, ouvi gritos. Vozes masculinas, mas não tirei os olhos do meu oponente. Tudo o que vi foram as chamas refletidas nos olhos avermelhados de Caím, junto com o ódio e a necessidade de dominar. Presas longas o suficiente para me rasgar em pedaços deslizou mais para baixo, sua língua lambendo seus lábios até que eles brilhassem.

A magia explodiu de mim, e eu a enviei em direção a ele. Novamente. E de novo. Chamas azuis bateram contra as paredes até que o próprio ar estava em chamas.

Suas roupas haviam sumido, sua pele cinzenta estava cheia de bolhas, mas ele ainda estava de pé, e minhas mãos penduradas ao lado do corpo, frouxas.

— Eu mudei de ideia. Você quer o trono? — Eu empurrei cada pedacinho de mal que eu tinha em meu sorriso. —Venha e tire isso de mim, se puder.

Ele correspondeu ao meu sorriso, dente por dente. —Vou tomar seu trono e tudo mais que você ama. Foi um erro você me negar, Seraphina.

— É meu dever de negá-lo. — Abaixei-me e tirei a faca da minha bota. —Você é uma ameaça, e Deston estava certo. Você deveria ter ficado enterrado.

Ele me perseguiu lentamente, estava a menos de um metro de distância. A magia saiu dele como fumaça oleosa, manchando o ar de preto, o cheiro sulfuroso me sufocando enquanto eu segurava a faca, o cabo pressionado na palma da minha mão.

Ele ainda estava avançando quando sua mão serpenteou para fora, dedos alcançando minha garganta, mas eu não estava lá. Eu já tinha circulado atrás dele, a ponta da faca pressionada entre suas vértebras, e enfiei a lâmina o mais fundo que pude, até o cabo.

Ele se virou, sua mão indo para a parte de trás de seu pescoço, olhando com horror para a lâmina de prata manchada de sangue na minha mão.

Então seu rosto mudou, um lampejo de alívio fez seu rosto voltar a ter linhas duras.

Fosse o que fosse que ele tinha medo, ele não estava mais com medo. Mas ele deve estar incapacitado. A lâmina cortou sua medula espinhal, e até vampiros tinham isso.

—Você não pode me machucar, Seraphina. Eu não posso morrer. Eu sou mais forte do que você, mais forte do que qualquer outra pessoa viva. Acho que é hora de você aprender o que isso significa.

Eu agarrei o punho ainda mais apertado enquanto circulamos um ao outro, o fogo rugindo no alto, e um pedaço do teto caiu. Ele evitou, voltando ao alcance.

Passei a lâmina em seu peito, deixando um corte arqueado em seu peitoral.

Ele apenas riu e olhou incisivamente para a faca na minha mão. A próxima coisa que eu sabia, meus dedos estavam em chamas, a faca derretendo em uma poça no chão.

— Vá em frente então. — Eu me mantive firme e me preparei para o ataque dele. — Me mate, assim como você matou todo mundo. A única coisa que você sabe fazer é matar. Espero que você seja bastante bom nisso.

— Você está realmente tão ansioso para morrer? — Caím sibilou. — Todo esse esforço gasto para salvar sua vida, apenas para terminá-la agora.

— Eu não quero morrer, seu idiota. Mas não consigo ver outro resultado.

Outro enorme pedaço de teto caiu, lançando um jato de faíscas e detritos. Eu levantei meu braço para proteger meu rosto, e a próxima coisa que eu soube foi que ele me pegou, uma mão em volta da minha garganta, a outra em volta da minha cintura. Eu me debati e chutei, mas ele nem mesmo afrouxou o aperto.

—Você acha que tudo que eu sei fazer é matar? Eu salvei sua vida, Seraphina. Salvei e não pedi nada em troca.

— Provavelmente a única coisa altruísta que você já fez. — Eu engasguei contra a pressão de seus dedos apertando minha garganta.

— Na verdade, foi — ele murmurou em meu ouvido. — E veja como você me paga? Enfiando uma adaga no meu pescoço.

— Eu recompensei você oferecendo a você o trono. Não torça isso para se adequar aos seus propósitos. — Eu chutei, queria sorrir quando minha bota afundou profundamente na virilha, e ele perdeu o fôlego.

28

SERAPHINA

Caím me deixou cair e, eu caí no chão, ofegante. Tudo estava pegando fogo agora; o rugido era ensurdecedor.

— Espero que essa porra de lugar queime até o chão, — eu cuspi, ficando de joelhos. — Espero que tudo o que você já teve queime. Mesmo que eu não viva para ver isso, espero que você nunca tenha um momento de paz em sua maldita vida eterna.

Eu ri, sangue borbulhando entre meus lábios. — Na verdade, estou feliz que você seja imortal. — Olhei para o monstro, seus olhos cheios de chamas presos em mim. — Isso significa apenas que seu sofrimento nunca terminará. Eu morrerei aqui esta noite, mas você nunca vai. Aproveite o resto de sua vida de merda, idiota.

— Como você ousa me amaldiçoar? — Sua voz sacudiu a sala. — Como você ousa pronunciar julgamento sobre mim.

Ele balançou o braço em um arco, e eu pensei que ele iria me pegar, quebrar meu pescoço.

Em vez disso, ele apagou o fogo, a imponente sala de estar bege reaparecendo enquanto a fumaça e as cinzas desapareciam.

Exceto pelo meu pescoço latejante e o fato de que Caím ainda estava ardendo, eu quase podia acreditar que os últimos quinze minutos nunca tinham acontecido.

Seu corpo inteiro estava queimado, a maior parte de seu cabelo estava faltando, sua pele borbulhava com bolhas, fumaça ainda subindo de seus ombros. Estendi a mão, toquei o lado do meu rosto e puxei minha mão. Ele não se preocupou em restaurar nenhum de nós.

— Seus machos estão lá fora — cantou Caím. —Vamos deixá-los entrar?

— Não. Não, não os deixe entrar.

Procurei algo que pudesse usar como arma, mas não havia nada, apenas um livro inútil e alguns vasos. Eu poderia quebrar um vaso, usar o caco para...

Houve um movimento rápido, a magia girou pela sala, e uma faca passou voando pela cabeça de Caím, cravando-se no papel de parede de seda. Eu conhecia aquela faca.

Era de prata, esculpida em uma das cruzes de Notre Dame e uma taça de comunhão do século XII.

Eu arrastei meu olhar da arma sacrílega do meu pai para o próprio Sebastian, seus olhos selvagens enquanto ele me examinava em busca de ferimentos. De alguma forma, ele deve ter quebrado o domínio de Caím sobre sua mente.

— Afaste-se da minha filha.

Caím inclinou a cabeça para o lado, como se não conseguisse lembrar quem era Sebastian, então sorriu para mim.

— Diga adeus ao seu pai, Seraphina. Ele pensou que poderia salvá-la ficando aqui e me vigiando. Os honestos são sempre tão tolos, não são?

— Saia daqui, Sebastian, vá...

Caím puxou o pé para trás, me chutou bem no estômago, me jogando no chão.

Meu pai gritou, avançando em nossa direção. Caím o atirou para longe como uma boneca de pano, e quando ele pousou, sua cabeça estava inclinada em um ângulo não natural contra a parede. Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia me mexer. Tudo que eu podia fazer era olhar e olhar para meu pai, seus olhos bem abertos, seu corpo quebrado.

— Assassino, — sussurrei, mantendo meus olhos em Caím enquanto me levantava. —É bom matar, Caím? Isso faz você se sentir poderoso? — Eu firmei meus joelhos vacilantes e endireitou minha coluna. — Isso te deixa duro, porra, quando você mata? Aposto que sim. Aposto que a única coisa que você ainda sente é aquela adrenalina que você sente depois de acabar com uma vida.

Eu ri, saliva e sangue espirrando por toda parte.

—Você é fraco, Caím. Você pode negar o quanto quiser, mas você não passa de um homem impotente que sempre estará vazio por dentro. — Olhei para meu pai, e minha alma uivou por vingança. — Fazer. Você. Ouvir. Eu? Sempre.

— Vazio.

Olhei enquanto Deston e Luthor enchiam a porta, seus olhos indo de mim, para Caím, para o corpo de Sebastian. Estávamos presos e tentei reordenar meus pensamentos, meu corpo gritando de dor.

Eu não sabia como nos salvar.

— Porra, deixe-a ir. — Luthor avançou lentamente, facas em suas mãos, seu corpo poderoso pronto para saltar. Quando o fez, ele foi mais rápido do que qualquer coisa que eu já tinha visto, e ainda assim, Caím o pegou com uma chave de braço, torcendo sua cabeça para o lado.

Seu sorriso vicioso implorou a pergunta que ele estava gritando na minha cabeça, — devo matá-lo agora, Seraphina, ou você vai cumprir meus desejos?

— Pare. — Minhas palavras foram incrivelmente dolorosas. — Não o machuque, por favor.

— Saiam. — Eu implorei a esses machos que eu amava. Saiam, ou vamos todos morrer aqui.

Senti uma mão acariciar meus ombros, minha marca de acasalamento aqueceu, e uma onda de magia de cura passou por mim, minha pele se unindo novamente.

— Mon amour, você não aprendeu nada? Nós nunca vamos deixar você.

Então Deston se colocou entre mim e Caím, bloqueando minha visão.

—Você quer lutar, irmão? Luta comigo. — Magia escura e sombria saiu dele, ofegando a sala escura.

Luthor foi descartado, jogado a seis metros, colidindo com o sofá coberto de cinza, estilhaçando-o em pedaços. Ele ainda era capaz de levantar a cabeça o suficiente para ver Deston enfrentar Caím. Fora de todos nós, Deston tinha a magia mais forte e o conhecimento para deter seu irmão, mas todos nós sabíamos que ele não poderia matá-lo.

— Faz muito tempo desde que lutamos. Espero que eu possa lhe dar uma corrida pelo seu dinheiro.

— Vai, Seraphina, Deston assobiou o vínculo. Pegue Luthor e Cyrus e saia daqui.

Eu não vou embora. Como você disse, nós ficamos juntos, não importa o que aconteça.

Enquanto Deston amaldiçoava o vínculo, Luthor e eu trocamos olhares, nós dois em total acordo. Eu me agachei, flexionei minhas

mãos e me aproximei da parede, posicionando-me logo abaixo de onde a faca de meu pai se projetava da parede.

Cyrus entrou na sala e se posicionou à direita de Caím. Com um aceno de cabeça, ele se aproximou, uma arma em uma mão, uma faca na outra.

Nós terminamos isso aqui, esta noite.

Era uma promessa vazia. Eu estava sem magia. Todos sabíamos que esta era uma batalha perdida. Mas eu encontrei os olhos de Luthor e fiz um juramento à minha família.

Eu amo todos vocês, e eu os teria amado para sempre. Mas se sairemos, vamos lutar.

— Comecemos. — A voz de Caím era fria de assassino em série, seu corpo tenso, suas pernas abertas. O poder de Deston colidiu com o de Caím, o impacto derrubando Cyrus e eu no chão.

A magia dos irmãos era a mesma – negra e pesada e tingida de luz das estrelas – e o impacto enviou sombras girando pela sala. Caím ergueu um dedo e arremessou o piano na direção de Deston, que o derrubou no ar com um sorriso frio.

— Lembro-me bem de todos os seus truques, irmão. — Deston moveu um dedo, e o tapete se transformou em trepadeiras, agarrando a perna de Caím e puxando-o para o chão. —Uma coisa sobre a liberdade, me permitiu desenvolver novas habilidades.

Meu um segundo de esperança foi esmagado quando a magia negra foi lançada em direção ao meu companheiro.

Até agora, Caím estava apenas brincando conosco. Sua magia esmagou Deston na parede com painéis enquanto meu companheiro lutava para se libertar.

— A esperteza não compensa a força bruta. — Caím se regozijou, olhando do meu companheiro lutando para mim. O olhar em seus olhos... era prazer, puro e simples, e tudo dentro de mim se acalmou. Ele ia provar que era tudo o que eu o acusava.

Ele ia matar Deston.

— Não. Eu me levantei em um movimento suave, puxei a faca do meu pai da parede e corri em direção a Caím. Eu bati nele de frente, minha mão direita varrendo para cima, a faca afundando em seu estômago. — Não toque nele, porra.

Ele me puxou pelos cabelos, puxando a adaga. Seu sangue espirrou em mim enquanto eu lutava para me libertar. Deston estava lutando também, os pés de Cyrus haviam deixado o chão quando ele saltou em nossa direção, e Luthor estava avançando pelo chão, as presas à mostra.

Então tudo simplesmente... parou.

Caím os congelou - talvez congelou o próprio tempo, eu não poderia dizer - e me puxou para perto o suficiente para eu engasgar com as cinzas saindo de sua boca, vislumbrando a loucura em seus olhos.

Olhei meus homens, parei no ar, partículas de poeira pararam no lugar. Tudo o que ouvi foi a respiração áspera de Caím, a picada de faíscas na minha pele. Eu estava sozinho, preso nesta realidade alternativa criada por um louco.

—Você está certa. Eu gosto de matar. — A expressão de Caím se tornou calculista. —Retomo meu dom da vida. Eu não vou te matar, não de cara, mas você vai morrer. E seus machos testemunharão cada segundo agonizante disso.

Ele sorriu. — Quem você acha que ensinou Katarina a ser cruel? Uma vez, ela era como você. Fraca. Coração mole. Eu a transformei em um monstro. Fiquei feliz por não ser imortal, ou vocês quatro sofreriam para sempre.

Ele se inclinou, passou a língua na minha bochecha, e como se alguém tivesse puxado o plugue, toda a minha força foi drenada de mim.

— Você nunca mereceu minha magia. E você nunca vai.

29

SERAPHINA

Caím deixou cair meu corpo desossado em uma pilha no chão. Jurei que os ossos se partiram, caí com tanta força.

— Eu teria lhe dado o mundo, Seraphina. — Ele balançou a cabeça, como se estivesse realmente arrependido. — E você recusou. Com um movimento dos dedos, o tempo acelerou novamente. Luthor se lançou em nossa direção, Deston escorregou da parede, seus joelhos dobrando quando ele caiu no chão.

A faca Cyrus girou de ponta a ponta, e Caím a derrubou no ar como se fosse uma mosca. — Pegue-a e vá embora.

Então éramos apenas nós quatro, Deston me levantando do chão e me embalando em seus braços, enquanto Cyrus e Luthor verificavam o corredor, depois o resto da casa.

— Ele se foi. O bastardo se foi.

Meu corpo era uma casca oca e machucada, sem energia para dobrar um dedo, mas meus olhos rolaram para a forma amassada a poucos metros de distância.

— Sebastian, — eu sussurrei. —Verifique... meu pai... ele está vivo? — Eu sabia que ele não estava. Eu ouvi seu pescoço estalar, mas às vezes os vampiros se curavam. Às vezes eles voltavam. Sebastian vivera muito tempo; ele era forte. Se alguém pudesse sobreviver a Caím, ele o faria.

Cyrus o rolou para longe da parede, verificou seu pulso, seus dedos pressionados contra o pescoço grosso de meu pai por tempo suficiente para eu saber que ele não encontrou nada. Tudo o que restou foi uma concha vazia.

Tudo que eu conseguia pensar era nos meses que eu tinha perdido desde que eu descobri que tinha um pai. Nas últimas semanas, eu me agarrei ao meu ressentimento e ciúme como uma capa, envolvendo-os em volta de mim, excluindo Sebastian.

Nós teríamos anos para se conhecerem. Eu poderia ter aprendido sobre minha mãe, ouvido suas histórias sobre ela, e agora...

Agora eu nunca saberia.

— Luthor, leve-a.— Deston me transferiu cuidadosamente para os braços de Luthor. Eu não conseguia me mover, não conseguia dizer uma palavra. — Leve-a para Marie, agora mesmo. Ela não tem muito tempo de sobra.

— O que você vai fazer?

— Vou caçar meu irmão. Quando eu o encontrar, vou matá-lo.

— Nós iremos levar Seraphina para a casa de Marie. Senti os braços abaixo de mim tremerem. — Vamos chegar a tempo.

— Espere, Seraphina. Espere. — Deston assentiu e então estávamos voando. Desta vez, o frio era cortante como pingentes de gelo espetando minha pele, o frio afundando profundamente.

Quando pousamos, o solavanco sacudiu meus ossos.

Cyrus nos materializou, batendo na porta de Marie, o baque ecoando para cima e para baixo na rua vazia. Algumas luzes da varanda se acenderam, e uma porta de tela rangeu quando alguém olhou para fora para ver qual era a perturbação.

— Cyrus Rayne. Eu pensei que você tivesse boas maneiras... — O que quer que Marie fosse dizer a seguir foi cortada quando ela viu Luthor me segurando, seu rosto branco como um fantasma.

— Leve-a para dentro, — Marie sibilou. —Você não pode estar nas ruas, não é seguro.

—Você tem que ajudá-la, ela está morrendo, — Luthor murmurou, e Marie nos fez sinal. Nós a seguimos até sua sala de trabalho, o cheiro denso de canela no ar. Com um braço, ela varreu tudo da mesa, e Luthor me deitou, nunca soltando minha mão.

— O que aconteceu? — Ela perguntou, arrancando os restos da minha roupa queimada de mim, revelando a pele roxa e manchada. — Achei que ela estava curada.

— O bastardo pegou de volta. — Luthor rosnou. — Qualquer parte da magia que estava em seu sangue se foi.

Minha pele se arrepiou quando a magia de Marie se instalou sobre mim e então esquentou quando afundou em minha pele, me curando de dentro para fora. Meus ossos pareciam menos como vidro quebrado e mais como galhos quebradiços, mas pelo menos eu não senti a morte batendo na porta.

— Isso vai segurá-la por algumas horas e ajudar a curar as queimaduras. — Marie vasculhou suas prateleiras, puxando recipiente

após recipiente. —Vou fazer uma poção para você, algo que ela possa beber todos os dias. O tônico retardará sua deterioração, mas não a impedirá.

Ela fez uma pausa, fixando Luthor e Cyrus com aquele olhar sem sentido. —Vocês dois precisam entender isso. Eu não posso salvá-la.

— Apenas ajude-a, é tudo o que estamos pedindo.

—Vamos limpá-la primeiro. — Marie deslizou uma panela de água fumegante e uma toalha para Luthor, e ele torceu, olhando para mim, tentando decidir onde iniciar. Ele limpou tanta fuligem e sangue de mim, o pano branco rapidamente manchado de vermelho escuro.

Com cada golpe, eu o sentia mudar. De esperançoso a assustado.

— Tem pomada para queimaduras, ali. — Ela indicou o grande armário. —É feito para neutralizar a magia, e é o melhor que posso fazer agora, já que o corpo dela está tão esgotado. — Por alguns minutos, todos trabalharam em silêncio, Luthor me enxugando com movimentos longos e suaves, Cyrus me cobrindo com um cobertor, esfregando minhas mãos para fazer a circulação.

Eu ainda estava processando o que aconteceu.

Todo esse tempo, pensei que Caím era razoável o suficiente para negociar com ele. Todo mundo tinha me avisado, mas eu não tinha ouvido. Meu coração mole me colocou em perigo, e se eu não tomasse cuidado, isso me mataria.

Observei Marie despejar uma mistura de ervas no pilão. Quem eu estava enganando?

Já tinha me matado. Agora era apenas uma questão de tempo eu duraria.

— O que aconteceu? — Maria perguntou. — Ouvi dizer que houve um incêndio perto do cemitério de Lafayette. Chamas através do telhado, e depois desapareceu.

— Seraphina tentou argumentar com Caím, — Luthor explicou suavemente, segurando minhas mãos. — E teria funcionado se ele não fosse um lunático.

— Ele me encantou. Era como se uma venda tivesse sido arrancada e eu o estivesse vendo pela primeira vez. — Tentei afastar essa horrível sensação de fracasso. — Ele me enganou, e eu nem vi.

— Ele é o ser mais poderoso da terra. Acho que você pode se dar um tempo. — Marie começou a moer as ervas com gosto. —Depois de

assumir o controle do clã, Caím entrará em guerra com as bruxas. Ele tentará nos eliminar, assim como fez há dois mil anos.

— Caím e os convéns têm uma história? — Cyrus perguntou curioso, estendendo a mão e pegando o pano que Luthor jogou para ele. — É a primeira vez que ouço falar disso.

— Ele sabe que somos uma ameaça, por isso tentou nos exterminar. Desde que Caím reapareceu, estamos nos preparando para a guerra. — A voz de Marie ficou frágil. — É muito ruim. Você estava no caminho certo, Seraphina. Você poderia ter conduzido sua espécie para o século XXI, e eles teriam prosperado.

Poderia ter havido paz real entre nós. — Ela balançou a cabeça.

— Caím quer domínio sobre todos nós, e nada mais. Seu companheiro queria prendê-lo de volta no chão, e eu tentei fazer de tudo para que isso acontecesse, mas ficamos sem tempo.

— Não conte comigo ainda. — Tentei sorrir, mas meu rosto não funcionava direito. —Estou apenas começando.

Tentei imaginar como seria a ofensiva de Caím, e não foi bom. Ele permaneceria fiel às minhas expectativas e não faria prisioneiros. Caím era um aríete, batendo-se contra o mundo, fazendo-o submeter-se.

O que quer que não se submetesse, ele o quebraria em pedaços.

Cyrus terminou de me limpar, então aplicou uma pomada, o creme instantaneamente anestesiando a queimação. Quando ele terminou, ele colocou o cobertor em volta de mim e beijou minha bochecha. — Pronto, amor, melhor?

— Muito — eu disse a ele, embora isso pouco importasse.

—Você disse que você tratou Alix cinco anos extras, — eu murmurei. — Quais são minhas chances?

Marie não ergueu os olhos de seu trabalho, mas seu rosto se contraiu. —Talvez dois anos. — Ela finalmente acrescentou: — O caso de Alix não foi tão grave quanto o seu, e você já teve dois episódios agudos. Mas farei o meu melhor, Seraphina.

Uma faísca de esperança queimou em meu peito e então rapidamente se desfez. Mesmo se ela me arranjasse mais um ano, como seria isso?

Um ano passado encolhido em um porão, em algum lugar?

Ou estaríamos lutando todos os dias apenas para sobreviver? Ambas eram opções de merda, se você me perguntasse.

A moagem parou, e Marie despejou o conteúdo do pilão em um frasco, fechou-o e entregou-o a Cyrus.

— Três vezes ao dia. — Marie olhou para ele atentamente. — Não perca uma única dose. Não a deixe fora de sua vista. E irei ao palácio a cada dois dias para infundir magia nela.

— Olhe para você, fazendo atendimento domiciliares —, eu brinquei debilmente. — Eu não posso acreditar que a conta vai ser quando eu finalmente conseguir.

— Fique viva, espertinha, — Marie brincou de volta. — Estou apenas me acostumando a ter você por perto, estragando minha vida regularmente.

— Mesmo aqui.

Estremeci quando Luthor deslizou seus braços por baixo de mim e me levantou da mesa. Não discuti porque sabia que minhas pernas nunca me apoiariam. Uma estranha paralisia afetou todo o meu corpo; meus membros doíam de frio.

Luthor acenou com a cabeça em direção à porta. —Vou levar Seraphina para casa. Cyrus, encontre Deston, diga a ele para voltar ao palácio e traga Sebastian também. Ele pressionou seus lábios na minha testa. — Seraphina precisa saber que seu pai está em algum lugar seguro.

Luthor nos colocou diretamente no quarto, procurando no espaço escuro antes de me colocar na cama. — Este não é o lugar mais seguro para você, Seraphina, mas procurarei algumas opções quando Cyrus voltar para cuidar de você.

— Eu não preciso de uma babá —, argumentei, mas era principalmente por hábito. Eu queria muito uma babá porque não conseguia andar, muito menos me alimentar.

— Eu colocarei você na cama, e você ficará lá, — Luthor repreendeu gentilmente, afastando o cobertor e me colocando entre lençóis de seda, embora eu ainda cheirasse levemente a fogo.

Luthor brincou com a colcha, emoção brilhando em seus olhos azuis elétricos enquanto debatia suas próximas palavras. — Você fez uma coisa corajosa, Seraphina, — ele disse suavemente, seu rosto queimando de orgulho.

—Você tentou fazer isso direito, sem violência. Essa é a marca de um verdadeiro líder.

— A bravura não teve nada a ver com isso. — Eu balancei minha cabeça. — O oposto de bravura, talvez. Eu sou uma covarde, Luthor. Não quero que ninguém se machuque, então ofereci tudo a Caím para evitar a guerra. Mesmo que não tenha dado certo, eu faria de novo.

— Não haverá próxima vez, Seraphina. — Luthor olhou para a porta, como se esperasse reforços. — É isso. — Ele tirou a camisa rasgada, revelando hematomas em seu torso musculoso. Ouvi o baque quando suas botas bateram no chão.

— Eu sei. — Eu apreciei ele não encobrir nossas chances. Eu falhei, e agora estávamos à beira de perder tudo pelo que lutamos tanto. — Nós estávamos perto, no entanto, não estávamos?

Apesar de tudo, eu sorri quando Luthor caiu na cama comigo. Eu sabia que ele queria checar Cyrus, organizar uma defesa, caçar Caím ele mesmo.

Ele ansiava por fazer alguma coisa, não ficar à margem.

Mas em vez disso, ele me escolheu. Ele me puxou para sua garganta, me permitiu me alimentar, lamber as perfurações fechadas, então adormecer em seu peito, exausto demais para sequer sonhar.

Nós éramos uma família, e foi isso que Luthor escolheu.

30
DESTON

Do andar de baixo, ouvi Luthor sair da cama, deixando minha companheira dormindo.

Eu sabia que Seraphina estava estável, que Marie a havia curado, que ela estava segura. O pensamento endireitou minha espinha. Eu persegui meu irmão o suficiente para ele não conseguir voltar antes do amanhecer, o que significava que ele teria que se esconder em algum lugar durante o dia, nos dando algumas horas de espaço para respirar.

Tempo, talvez, para consertar o que estava quebrado entre nós.

Houve um baque surdo quando meu primo se materializou no corredor de onde eu estava sentado. Não que Cyrus fosse – tecnicamente – meu primo, mas eu o chamava assim há tanto tempo que não via sentido em mudar.

Eu sabia que ele seguiria meu cheiro até onde eu estava esparramado no sofá da biblioteca. Ouvi o zumbido baixo da conversa quando Luthor se juntou a ele, seus passos pararam do lado de fora da porta, me observando com antecipação faminta.

Eles estavam prontos para uma luta. Eu não estava.

— Movimento inteligente, Fontaine, enviar meu primo para a Irlanda. Eu não quebrei meu olhar enquanto eles se aproximavam de mim. — Fico feliz em ver que você finalmente está pensando como um comandante da Guarda de Cavaleiro adequado.

Luthor parou a alguns metros de distância, suas mãos fechadas em punhos. —Apenas para expulsar a serpente em nosso meio.

— Considere-me exausto. — Meu olhar se fixou em seu rosto. — Não funcionou — eu disse baixinho, sabendo que Luthor estava prestes a me levar para o chão e me esmurrar até que eu estivesse uma bagunça sangrenta.

Eu queria fazer o mesmo com ele, honestamente. Ele poderia ter me confrontado diretamente, e ainda assim, ele optou por ir pelas minhas costas e manchar minha reputação com Seraphina. Minha maldita companheira.

Então eu me lembrei por que eu estava aqui.

— Vou dizer de novo, o que eu disse antes. — Minha respiração estava menos estável do que eu gostaria. — Eu protegerei Seraphina com minha vida. Eu nunca vou traí-la.

Nunca. — Eu mordi a última palavra com veneno suficiente que até Luthor deu um passo para trás. — Você escondeu quem você era dela. Eu diria que foi uma grande traição.

— Meu passado não é relevante, — eu rebati.

— Eu diria que é muito relevante, dado o reaparecimento do seu irmão.

— Meu passado, — eu esclareci, — não tem influência no meu relacionamento com Seraphina.

Tudo mudou quando percebi que ela era minha companheira. E você deveria estar feliz.

Eu sou o único que conhece as táticas do meu irmão.

— Ou você pode trair todos nós para nos alinharmos com seu irmão, que você diz odiar, — Cyrus apontou secamente.

— A gente nunca sabe com você, não é … primo?

Agora isso nem merecia uma resposta.

— Farei tudo que estiver ao meu alcance para proteger minha companheira. — Obriguei-me a manter a calma. —Incluindo protegê-la do meu passado. Eu fiz coisas terríveis, — eu disse a eles com sinceridade. — Coisas que ela não entenderia. Eu não perderei Seraphina.

Não para você, não para meu irmão – e certamente não para a morte.

Eu não pretendia dizer tudo isso, mas as palavras vibraram entre nós. Uma verdade que eu esperava que eles, de todas as pessoas, entendessem.

— Eu sei que você sente o mesmo.

Porque mesmo que consigamos prender meu irmão, nossa rainha está morrendo. — Até que isso acontecesse, seríamos o que Seraphina queria que fôssemos.

A Família dela.

Talvez com o tempo, todos nós nos sentíssemos confortáveis com isso, mas por enquanto, eu me contentaria com uma trégua.

— Você pode perder mais tempo e energia descobrindo como se livrar de mim, ou podemos chegar a um acordo.

— Prossiga. — Os olhos aguçados de Luthor escanearam meu rosto para a mentira, e eu deixei cair minha máscara, pela primeira vez com ele e Cyrus. Deixei a verdade brilhar em meu rosto, embora o desconforto deslizou pela minha espinha ao mostrar vulnerabilidade.

—Eu contei tudo a Seraphina, mas vou poupá-la da triste história e ir direto ao ponto. Fiz o meu melhor para navegar na vida que me foi dada. Fiz coisas que gostaria de poder mudar, disse coisas que gostaria de poder retirar. Mas eu não posso.

Meu primo observava Fontaine e eu, sua mente perspicaz procurando cada palavra pela mentira. — Seu passado é o que molda você. Depois de tudo que você fez... Cyrus balançou a cabeça. — Nós nunca podemos confiar em você.

—Eu não espero que você faça isso. — Embora eu precise, caramba. — Meu irmão representa uma ameaça nenhum de nós pode parar. Ele não descansará até que ela esteja morta.

O horror que senti no fundo se refletiu em ambos os rostos.

— Meu irmão conhece magia arcana que foi esquecida por todos no planeta. Ele não hesitará em escravizá-la, não hesitará em transformá-la em uma escrava, desde que possa apreciá-la. Uma onda de desgosto passou por mim, mas eu segui em frente.

— Caím representa algo que você nunca enfrentou antes. Um inimigo imbatível capaz de arrebatar Seraphina de nosso meio e fazer dela sua marionete. Uma vez que ele o faça, nenhum de nós pode salvá-la, e ela nunca vai quebrar seu domínio sobre ela - ele é muito poderoso.

Eu fiz uma pausa. Eles precisavam ouvir está próxima parte. Acredite.

— Caím transformará Seraphina em uma escrava. Aprisionara em sua própria mente, em um lugar horrível onde ela só pode assistir suas atrocidades. Ela suportará horrores que você não pode imaginar, e nunca seremos capazes de salvá-la. — Engoli o ar, de repente sentindo como se não pudesse respirar.

— Ele se deleitará em seu controle sobre ela. Ele vai machucá-la. Ela não será capaz de pará-lo.

Luthor empalideceu, mas olhou para mim com um novo olhar.

— Seraphina sabia da possibilidade, que Caím iria retirar sua magia, e deixá-la morrer... — Eu tive que limpar minha garganta

enquanto imaginava meu irmão tão perto dela. — Mas ela não sabe o que ele fará com ela, se ele colocar as mãos nela.

Medo – do mesmo tipo que eu senti – brilhou nos olhos de Luthor enquanto eu prosseguia. — Ela está enfraquecendo, e é nosso trabalho mantê-la forte.

Cyrus assentiu levemente com a cabeça, e eu o ataquei.

— A única coisa que importa agora é nossa rainha. Você tentou me desacreditar, você falhou. — Acenei com a mão no ar, mas tive um prazer perverso na forma como o rosto de Luthor se apertou de raiva. —No que me diz respeito, está no passado.

Eu me levantei, ofereci minha mão a Luthor. — Vamos para a frente, não para trás. Protegemos a Rainha que amamos, custe o que custar. Procuramos uma cura e adiamos Caím o máximo que podemos.

Levou um minuto inteiro para Luthor, mas ele finalmente agarrou minha mão com cautela.

— Eu nunca tive a intenção de compartilhar Seraphina com ninguém,— eu admiti, sabendo que estava entrando em território perigoso. — Mas suponho que posso suportar isso, desde que sejam apenas vocês dois bastardos.

— Nenhum de nós queria compartilhar, — Cyrus apontou, pegando minha mão estendida. — Mas se isso faz Seraphina feliz... eu acreditarei em sua palavra. — Mas o brilho em seus olhos enviou uma mensagem bastante clara: machuque-a e eu acabarei com você.

— Manteremos Seraphina segura, — Luthor concordou. — Ela está falhando mais rápido. Ela terá que se alimentar, — Luthor apontou, sua voz rouca. — Nós a alimentamos, a mantemos segura, mantemos ela feliz.

31

SERAPHINA

Passou uma semana, e embora eu nunca pensei que sentiria falta das audiências reais, eu estava errada.

Apesar de me sentir atropelada, decidi continuar meus deveres de rainha, até o momento em que Caím tomasse o trono ou eu morresse. O clã precisava de estabilidade agora, liderança calma e firme em que pudessem confiar, especialmente quando todos sabíamos que Caím estava pronto para atacar.

Nós realizamos um memorial privado para meu pai, apenas alguns de nós presentes, e choveu o tempo todo, como se os céus chorassem por ele.

Eu sei que fiz.

Eu chorei e chorei, e de vez em quando, eu ainda chorava. Como todo o resto, pensei que teria mais tempo. Achei que o tempo se acomodaria aos, meus desejos e vontades;

Como tudo neste mundo, não foi. Eu quase me entreguei a Caím naquela noite.

Quase me ofereci a ele para salvar meus homens, para impedir o que estava por vir. Mas mesmo esse sacrifício era um sonho arrogante. Agora eu sabia a verdade. Se Caím tivesse aceitado, ele teria me torcido em algo horrível. Algo ainda pior do que Katarina.

Talvez seja por isso que ela o trancou em primeiro lugar. Ele a transformou em algo horrível, e ela encontrou uma saída. Eu tinha que admirá-la só um pouco por isso.

No lado positivo, meus homens estavam de volta. Na verdade, eles pareciam ter chegado a algum tipo de trégua, e eu estava feliz. Caím havia desaparecido, em algum lugar que nem mesmo Deston conseguiu encontrá-lo. Eu decidi que essa era outra maneira de ele brincar conosco, enquanto ele planejava seu próximo passo.

Continuei me lembrando de como Caím havia matado a realeza na clareira, naquela primeira noite em que ele ressuscitou. Sem aviso, sem ameaças. Apenas uma sugestão de sombra antes de caírem no chão, mortos.

Se Caím quisesse nos matar, estaríamos igualmente mortos. Bem, não eu, porque ele queria que eu sofresse, mas o resto do clã era um jogo justo.

Nós tínhamos decretado um toque de recolher, com a Guarda Real postada em bairros específicos e em ambas as escolas particulares. A realeza havia contratado mercenários para proteção extra, Caím supervisionando esse esforço, Renard Gauthier pedindo quase todos os favores que ele tinha.

O vampiro ancião estava provando ser inestimável, e a rainha Maeve também havia enviado reforços, seus soldados assimilando-se perfeitamente às nossas tropas.

Quase fizemos tudo o que podíamos, e ainda assim, eu sabia que quando Caím atacasse, ele nos dizimaria.

Houve uma vantagem.

O Darkfell Clan estava tão unido como nunca esteve.

Casas reais que foram inimigas por séculos estavam trabalhando juntas.

Renard observou que nunca pensou que tal coisa fosse possível. Brooks Dubois, irmão de Octavio, havia jurado fidelidade à nossa causa e até agora estava fornecendo informações das centenas de espiões que ele havia plantado ao redor do mundo.

Até os Cárpatos sobreviventes ofereceram seu apoio, e eu aceitei, sem compromisso.

As casas europeias estenderam a mão, ofereceram ajuda, embora com cuidado para manter distância, não querendo se tornar alvo da ira de Caím.

Do jeito que estava, eu tinha tropas, dinheiro, armas — tudo o que precisava para fazer a guerra. Sem ninguém contra quem lutar.

Mas onde quer que ele estivesse escondido, eu sabia que ele estava perto.

Ajeitei a almofada embaixo da bunda, coloquei meus tênis no banquinho que Raphael me trouxera e observei a quadra quase silenciosa.

— Obrigada por todos terem vindo. — Quase todas as partes do meu corpo doíam, e embora Marie viesse mais tarde esta tarde para outro tratamento mágico, nada parecia estar ajudando.

—Como você sabe, meu companheiro está caçando Caím. Mas mesmo que o encontremos, eu queria que todos vocês soubessem da situação.

Nós tivemos uma grande discussão sobre isso ontem à noite, e mesmo tendo vencido, odiei o que estava prestes a dizer. Mas eles mereciam saber a verdade. Mentiras não nos levariam a lugar nenhum, não quando as apostas eram tão altas.

—Nós temos o apoio da rainha Maeve, da rainha Isabella e da rainha Marta. — Olhei para Renard, e ele avançou até que todos os olhos na sala do trono estivessem sobre ele. — Se alguém sentir que precisa de mais proteção, por favor, fale com

General Gauthier e ele providenciará. Se você deseja sair, faça-o. Se você não sente que seus filhos estão seguros nas escolas, retire-os. Vocês fazem tudo o que podem para proteger suas famílias, e eu farei tudo o que puder para protegê-los.

Renard acenou para mim antes de dar um passo à frente.

— A rainha Seraphina foi generosa o suficiente para oferecer financiamento para qualquer membro da família que deseje deixar a área. Você pode me ver em particular depois da audiência para fazer arranjos.

Ele hesitou antes de falar, sua voz suave e áspera. — Nascemos da violência. Ainda podemos ser selvagens, às vezes. Mas nós evoluímos. Caím é diferente de tudo que já conhecemos em nossa vida, e pode não haver uma maneira de derrotá-lo. — Seus olhos brilharam quando ele se virou para mim.

— Nossa Rainha é jovem, mas seu coração – e sua vontade – é forte. Ela lutará até o fim para proteger este clã e as pessoas nele. Espero que todos vocês lutem com a mesma intensidade. Caím representa os velhos hábitos que deixamos para trás, mas Seraphina representa nosso futuro. É por isso que estamos lutando. Não o passado, mas o que está por vir.

Ainda estava claro quando a corte se esvaiu, os cortesãos ansiosos para chegar em casa e trancados antes que a escuridão caísse. Virei-me para Renard. — O que mais podemos fazer? — Eu perguntei suavemente. —E por que eu sinto que somos todos alvos fáceis?

—Há Segurança em números, mas não há segurança de alguém como Caím. — Renard fez uma pausa, como se estivesse escolhendo as palavras. — Meu instinto me diz que ele vai atacar. Em breve.

— O meu me diz o mesmo, — eu disse baixinho, observando os últimos membros desaparecerem pela porta.

— Deston acha que está perto, — eu disse a Renard. — Permanecer na área. Assim como você disse.

— Apesar de toda a sua postura, ele não conhece este mundo. — Seus olhos escureceram.

— Sem seu pai para guiá-lo, ele ficará em um ambiente familiar. Mas isso é uma fraqueza, em si. Em sua incerteza, Caím precisará de uma demonstração de poder para se convencer de que ainda é forte.

— Você não acha que ele vai atingir o palácio? — Perguntei enquanto Renard ponderava sobre isso.

— Não, ele escolherá algo público, mas atacará o clã em seu ponto mais fraco. Talvez uma das casas. Os Cormiers, talvez? Eles são seus aliados mais próximos.

— E as escolas? — Eu perguntei calmamente. Caím não tinha consideração pela vida, e eu duvidava que ele fizesse uma distinção entre adultos e crianças. Ele não tinha consciência suficiente para fazer isso. — Você acha que há uma chance de ele atacar uma das escolas?

— Se ele é tão depravado quanto você acredita que ele seja, então sim, é exatamente isso que ele faria.

— Desmaterialize as crianças. Não quero que ele os veja partir. Avise-me quando os prédios estiverem vazios. Quero funcionários e zeladores, todos fora, entende?

— Sim, minha rainha. Será tratado imediatamente.

Renard desapareceu, deixando-me sozinha. Não era o meu próprio destino que me preocupava. Era o destino de uma espécie inteira que estava em jogo.

Eu vivi com pavor cada momento da semana passada. Eu estava cansada disso.

Este jogo de espera era miserável, agonizando sobre onde Caím iria atacar e quando ele iria atacar e quem iria se machucar - o tempo todo sabendo que eu não poderia detê-lo.

Tracei o braço do trono, a cabeça da fera com presas sob meus dedos. Quando ele ainda era um espectro, Caím sentou-se neste mesmo trono disfarçado de Deston, jogando seus joguinhos comigo.

Mesmo assim, uma parte de mim sabia o quão mau ele era, enquanto outra parte de mim não queria reconhecê-lo.

Não, eu tinha visto tudo bem, mas não queria acreditar. Era minha maldição acreditar no melhor das pessoas, e essa maldição iria nos matar.

Não podíamos matar Caím. Ele tinha que ser preso, como Katarina tinha feito.

Mas como?

O que ela tinha, que nós não tínhamos?

Prendê-lo ia contra tudo o que eu acreditava. Recusei a ideia, embora deixá-lo livre significasse que minha espécie existiria em uma pseudo da escravidão, controlada por um louco megalomaníaco, cem vezes mais cruel que Viktor e mais depravado que Katarina.

Uma vez que ele terminou na América, ele voltou suas atenções para a Europa, e as outras rainhas sabiam disso. Eles estavam jogando dinheiro, armas e homens para nós, em um esforço para manter a guerra neste continente.

Mas eles sabiam que a guerra acabaria por chegar até eles. E quando isso acontecesse, suas escolhas seriam as mesmas que as nossas.

Morrer ou obedecer.

32

SERAPHINA

Eu não sabia quanto tempo fiquei ali sentada, tentando encontrar uma solução para essa situação impossível.

Havia uma outra possibilidade.

A rainha Maeve nos ofereceu santuário.

Eu estava prestes a aceitar. Mover um povo inteiro através do oceano para uma terra completamente diferente tinha seus desafios. Mas se eu pudesse salvá-los, eu faria isso.

Eu estava me levantando do trono, meus ossos cantando de dor quando os fossos de poeira congelaram no ar. Caím saiu das sombras, minha espinha travando ao vê-lo.

— Seraphina. — Sua voz era como um cordão de seda pronto para serpentear em volta da minha garganta e me sufocar. — Ainda viva, eu vejo. Talvez eu mate a bruxa e veja quanto tempo você dura então.

Meu coração gelou com a ameaça suave. Marie estava tomando precauções, mas eu não a considerava um alvo difícil, e deveria ter.

— Você parece que está dormindo em um pasto de vacas. — Lutei para manter minha respiração estável. — Muito longe da grande casa que você estava planejando construir.

— Por que ter todo esse problema quando estarei no palácio no final do mês?

— Você continue pensando isso. — Enfiei a mão dentro de mim e encontrei o menor lampejo de magia. Apenas o suficiente para acender uma vela, não o suficiente para o que eu estava considerando. Caím sorriu.

Um calafrio percorreu minha espinha. Eu estava tão perto de ser humano como quando eu era humano.

Nem um pedaço de magia para me proteger e nenhuma arma, também. Agarrei o braço do trono, rezando para ficar de pé até que ele me matasse.

— Eu não estou aqui para matar você, Seraphina. Estou aqui para ver como os poderosos caíram. Você é tão fraca. — Ele zombou, chegando um passo mais perto. — Tão patética.

Era tudo que eu podia fazer para segurar seu olhar e não piscar. Meus joelhos tremeram, mas mantive minha coluna reta como um javali, enquanto derramava cada gota de ódio que sentia em meus olhos.

— Olhe para você, pensando que pode me matar com um olhar. — Ele riu, o som ondulando pelas cadeiras vazias, ecoando no teto alto. — Não, eu sou o único que vai matar daqui em diante.

Ele estava imundo, sua camisa pendurada em farrapos, revelando seu corpo poderoso, seu rosto riscado com o que parecia ser sujeira preta. Um leve cheiro de fogo pairava ao redor dele, tingido de enxofre. — Onde está seu companheiro, Seraphina? — Ele perguntou suavemente. — Procurando por mim, eu presumo?

Seu sorriso só o fez parecer desequilibrado. — Ou ele? Talvez ele tenha me encontrado e eu o matei. Talvez eu o tenha amarrado para morrer lentamente, sua única conexão é o vínculo de acasalamento, e você nunca mais o veria, mas sentiria cada pedacinho de sua dor.

Tentei não deixar o medo aparecer no meu rosto, mas algo deve ter escapado porque o sorriso de Caím se transformou em um sorriso alegre.

— Você só achava que Katarina era cruel. Ela não tinha a profundidade que eu tenho, nem a previsão. Matei Abel num acesso de raiva. Mas todas as mortes desde então foram cuidadosamente pensadas, destinadas a arrancar o máximo de agonia que eu pudesse da minha vítima.

Tentei alcançar meu companheiro e só consegui aquele silêncio horrível e ecoante. Minha cabeça ficou leve, meu estômago revirando com as imagens terríveis que passavam pela minha cabeça.

Sempre achei que tinha coragem. Eu nunca me considerei uma covarde, mas eu era um covarde agora.

— Onde está Deston? — Eu perguntei suavemente, meus lábios secos. — O que você fez com ele?

— Pobre pequena Seraphina, sentindo falta de seu companheiro. — O rosto de Caím brilhou de prazer. — E quanto a Luthor e Cyrus? Tanto a perder, minha pobre Rainha Darkfell.

Meu aperto no trono aumentou, o ferro aquecendo sob minha palma. Houve um formigamento, e algo fluiu em mim.

Eu não sabia se era mágica ou uma invenção da minha imaginação, mas um pouco da minha dor diminuiu, e o pequeno lampejo de poder na minha barriga acendeu.

De alguma forma, o trono me devolveu um pouco de magia, e agarrei os braços com mais força.

O tempo ainda estava congelado, e não me escapou que alguém que pudesse congelar o tempo pudesse fazer qualquer coisa.

Eu me endireitei, fixando uma expressão imperiosa no meu rosto. Eu poderia ser impotente, e eu poderia estar morrendo, mas ele estava certo. Eu era a porra da Rainha.

— É assim que você planeja passar a eternidade, Caím?— Minha risada alta e zombeteira ecoou pela sala do trono, e o olhar de Caím se estreitou.

— Correndo no escuro, intimidando as pessoas, tentando obter uma reação? Seu ego é realmente tão frágil que você precisa de reforço constante?

Minha risada sacudiu meus lados. — Meu Deus, você sabe, não é? Você não suporta ficar sozinho, sentar em silêncio com seu ego frágil, sem ninguém para lhe dizer o quão incrível você é? Caím, o valentão do pátio da escola, tão inseguro que você nem consegue ficar sozinho.

—Talvez eu devesse apenas matar você, afinal.

— Onde estaria a diversão nisso? — Eu zombei suavemente. — Mesmo que nós dois saibamos que é a única coisa em que você é bom.

Reafirmei meu aperto no trono, e a fraca faísca em meu núcleo acendeu. Não o efeito completo da minha magia, mas o suficiente para que eu a envolvesse como um escudo, uma ação que Caím não perdeu.

— Impossível, — ele sussurrou. —Sua magia se foi.

— Eu sei que isso será um choque para você, mas você está errado.

Forcei um sorriso confiante e rancoroso em meu rosto. — Você acha que tirou de mim. Você acha que estou à sua mercê. Eu não estou. Não se engane, Caím, eu posso te machucar e eu vou.

Eu mantive minhas palavras calmas e quietas, nunca quebrando nosso olhar. Eu senti aquela sensação assustadora na minha cabeça, sabia que ele estava procurando por pistas. Abri as comportas para

minha magia, escondendo minha própria surpresa quando o poder corria em minhas veias.

Ele realmente deu um passo para trás, um lampejo de descrença alterando seu rosto antes que ele o escondesse.

— Talvez eu tire tudo de você primeiro, — ele disse pensativo. — Você acha que não tem mais nada a perder. Mas você tem muito. Seus homens. Seu companheiro. Suas preciosas melhorias que você vem fazendo.

Ele enxugou o rosto, deixando uma longa mancha preta.

— Por onde devo começar, você acha? — Ele ficou lá, antigo como a própria escuridão, decidindo a melhor forma de me machucar. — Seu companheiro está me caçando, Seraphina. — Seu sorriso se tornou selvagem. — Talvez eu comece a caçá-lo, em vez disso.

Pisquei e ele se foi, as lâmpadas dos candelabros zumbindo, uma brisa fraca soprando enxofre pela câmara.

Deston, chamei urgentemente através do vínculo, está na hora. Chegue em casa. Vá para casa agora.

33

SERAPHINA

Não foi até que Deston estava de volta em meus braços que eu finalmente relaxei. Ele estava na Geórgia quando ouviu meu chamado.

Luthor e Cyrus voltaram também, e agora os três estavam me guardando como se Caím pudesse aparecer a qualquer momento. O que era perfeitamente possível.

Eu expliquei o que ele tinha feito – o próprio tempo congelado – e nenhum deles sequer agiu surpreso.

De alguma forma, porém, percebi que aquele pequeno truque era apenas para mim.

Outra maneira de ele provar seu poder sobre mim. Eu suponho que teria que me resignar a ele entrando e saindo da minha vida. Provavelmente nos piores momentos possíveis.

— Ele tentou me chocar, e não funcionou.

A magia emprestada me deixou no segundo em que soltei o trono. Como se eu tivesse sido ligado em algum rio mágico que só corria em um sentido. Eu não tinha explicação para isso, nem nunca tinha sentido nada parecido antes, mas desde que tinha sacudido Caím de volta, eu estava feliz por isso.

— Renard disse que você evacuou as escolas. — Deston passou a mão pelas minhas costas e me apertou mais contra ele, como se pudesse me proteger do mundo.

— Eu só tenho a sensação… de que ele pode ir atrás das crianças.

Luthor e Cyrus trocaram um olhar, um que eu não consegui decifrar, mas claramente me disse que algo estava acontecendo.

— O que? — Eu perguntei, o pânico martelando no meu peito. — Ele fez, não foi? Ele foi para as escolas? Por favor, me diga que foi depois que os evacuamos.

De repente, percebi que Caím cheirava a fogo, e a sujeira em seu rosto era na verdade fuligem.

— Uma hora atrás. Logo antes de ele falar com você, — Deston murmurou em meu ouvido, não me deixando ir. —O prédio se foi, mas estava vazio. Graças a você, não houve vítimas.

— Renard cuidou das evacuações, mas se não tivéssemos pensado nisso, se nem nos tivesse ocorrido que Caím poderia atacar lá...

Eu balancei minha cabeça entorpecida. — Talvez eu devesse aceitar a oferta da rainha Maeve. — Meu corpo inteiro parecia pesado, como se meus músculos não pudessem me segurar.

— Isso é tudo culpa minha, você sabe. Eu gostaria de nunca ter aberto aquela cela. Eu gostaria de nunca ter tido a ideia maluca de alimentar Katarina para ele. Ele ainda poderia ser um espectro, e nada disso estaria acontecendo.

— Pare de se preocupar em mudar o passado, e se preocupe consigo mesma para variar, Seraphina, — Deston murmurou, um pouco de temperamento em suas palavras.

Provisoriamente, eu alcancei através do vínculo, e ele estava queimando de raiva. — Se você quiser repetir o passado várias vezes, não vai adiantar nada. Nada disso é com você, tudo isso é com meu irmão. Ele gosta de ter a vantagem, então o fato de você ter superado ele nas escolas vai irritá-lo sem fim.

Bom, eu pensei presunçosamente. Espero que isso machuque a bunda dele. Considere sua bunda completamente irritada.

— Caine e Renard estão apresentando uma lista de alvos em potencial, — Luthor apontou. — Vamos priorizá-los e fechá-los para os membros do clã.

— Marie, — eu disse rapidamente. — Ele ameaçou Marie especificamente.

Olhei para Cyrus, e ele desapareceu, então reapareceu um momento depois, segurando a bruxa em seus braços.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Ela balbuciou. — Eu estava no meio de um encantamento, pelo amor de Deus.

— Caím ameaçou você — eu disse a ela. — Ou, pelo menos, ele pensa que tirar você da equação vai me fazer morrer mais rápido.

— Ele não está errado sobre isso, você sabe, — Marie disse sarcasticamente, me lembrando tanto de Vovó que eu quase sorri. — Mas ele ainda não chegou a mim, e eu pretendo mantê-lo viva enquanto eu puder.

— E por isso serei eternamente grato.

—Você ainda não recebeu minha conta, — ela brincou, mas havia pouco humor no seu tom. — Confie em mim, quando você fizer isso, sua música vai mudar.

Tentei sorrir de volta, mas não tinha energia. — Há alguma coisa que sobrou da escola? — Eu perguntei. — Algo que podemos salvar?

Luthor balançou a cabeça. — Um buraco no chão, é tudo. — Ele olhou de lado para Deston. — Mas seu companheiro sugeriu que ele poderia reconstruí-lo.

— Você ainda tem magia suficiente? — Eu perguntei suavemente.

Minha doença teve outro efeito colateral inesperado, como descobrimos recentemente. Eu me alimentei dos meus homens, e eles se alimentaram de mim. Nós reforçamos a magia, energia, e poder. Sem mim para se alimentar, eles estavam ficando perigosamente sem magia, e mais cedo ou mais tarde, eles atingiriam o fundo do poço.

Nós estávamos indo para a maior luta de nossas vidas, quando todos nós estávamos muito fracos.

— Basta — disse Deston, mas sua máscara caiu o suficiente para eu ver a mentira. — Estamos bem, Seraphina. Isso não se resume a um duelo na rua. Não é assim que vamos vencê-lo. Temos que prendê-lo de volta naquela prisão.

— Você precisa se alimentar, — eu disse esfregando minha cabeça. — Vocês três, ou então Caím vai limpar o chão com a gente.

Mesmo enquanto eu dizia isso, Marie tocou seus dedos no meu braço, e sua magia penetrou em mim, aliviando essa fraqueza constante que eu lutava.

— Seraphina está certa. Vocês três precisam se alimentar, — Marie disse com força. — Deixe seu orgulho masculino de lado, vá para a cidade e pegue seu veneno. Há muito disso para escolher.

Deston torceu o nariz em desgosto, e Luthor já estava balançando a cabeça.

— Fique longe dos turistas. — Suspirei. — Temos o suficiente com que nos preocupar sem envolver os humanos. — Eu ri e balancei a cabeça. — E pensar que, não muito tempo atrás, eu nem saberia que isso estava acontecendo.

— Ouvi um relato de um ataque brutal, no Bairro Francês, bem a céu aberto.

—Você acha que foi Caím?

— Meu palpite é que foi. — Marie olhou para mim e tirou as mãos. Suspirei quando sua magia desapareceu. — Aconteceu logo após o ataque à escola. Se ele está queimando seu poder, ele precisa de uma recarga, e ele não é exatamente discreto.

— Eu quero ver a escola, — eu decidi. — Quero ver o que ele fez.

— Não, — os três disseram juntos, Marie me lançando um olhar irônico.

— Amanhã, durante o dia, você pode procurar o quanto quiser, — explicou Luthor. — Ninguém sai à noite. Você sabe disso, Seraphina.

Eu sabia disso. Eu quebrei essa regra uma vez e custei a vida de minha mãe. Eu não faria isso de novo.

— Amanhã, então. — Virei-me para Marie — Vou colocar você na sala dos dignitários visitantes. — Atirei-lhe um sorriso. — Já que você é tão importante, e tudo mais.

— Eu deixei o fogo queimando na minha oficina, você sabe, — disse ela, balançando a cabeça com tristeza. — Se Caím não queimar minha casa para mim, talvez eu mesmo faça isso.

Cyrus desapareceu, voltou um momento depois. — Cuidado.

— Agora que você está sem desculpas, você tem que ficar. — Eu liderei o caminho para o quarto dela, esperando até que estivéssemos fora do alcance dos meus homens. — Eu tenho uma pergunta para você. Um objeto inanimado pode armazenar magia por longos períodos de tempo?

Eu observei seu rosto enquanto ela pensava nisso. — Eu não quero dizer um livro ou qualquer coisa assim, — eu esclareci. — Quero dizer algo de metal, algo antigo. — Se eu soubesse qual era o item, poderia lhe dar uma resposta.

Respirei fundo e disse: — O trono me deu magia hoje. O suficiente para poder usá-lo na frente de Caím. O suficiente para plantar uma semente de dúvida em sua cabeça sobre meus poderes, ou a falta deles.

Ela fixou aquele olhar calculista em mim olhando para mim, seus lábios em uma linha fina.

— Muitas rainhas E um rei se sentaram naquele trono, Seraphina. Empunhando sua magia, conforme o caso. Você está sentada naquele trono por tempo suficiente para que um pouco de sua magia esteja imbuído nele. Eu vi o trono. Quem fez isso foi um artesão habilidoso e, meu palpite, um abjurista habilidoso.

— Então, você está dizendo que é algum tipo de depósito mágico?

— Pelo que você acabou de me dizer, é. — Marie balançou a cabeça. — E graças a Deus por isso. — Ela caminhou até a cama, saltou no colchão para testá-lo. — Isso vai servir. Eu adoraria ver o olhar no rosto de Caím quando você usou sua magia. Aposto que isso o abalou.

— Ele definitivamente tinha suas dúvidas. — Mais uma ferramenta à minha disposição. Fiquei acordada naquela noite pensando nisso na minha cabeça. Talvez eu não fosse impotente, afinal. Talvez entre todos nós, pudéssemos descobrir como prender o monstro em sua cela, mantê-lo lá por outra eternidade. Até que alguém tão tolo quanto eu decidi libertá-lo novamente.

Meus homens seguiram o conselho de Marie e se alimentaram. Eles voltaram, explodindo de poder, cor em seus rostos, seus olhos brilhando. Não perguntei aonde tinham ido ou de quem tinham se alimentado.

Pouco importava, não quando parecia que estávamos todos no tempo emprestado. Ajeitei o travesseiro sob minha cabeça, observando Deston se despir antes de escorregar na cama, Cyrus me abraçando por trás.

Luthor desapareceu, mas ouvi um farfalhar no corredor. Ele dormiria do lado de fora esta noite, desconfortável e com frio, só para ter certeza de que eu – todos nós – estávamos seguros.

34

SERAPHINA

Começamos no dia seguinte na escola, que era pouco mais que uma cratera fumegante, detritos espalhados pelo perímetro.

— Parece que Caím ficou no meio e enviou a explosão para todos os lados para o dano máximo, — observou Cyrus, levantando-se de sua posição agachada. — Não é à toa que ele precisou se alimentar depois disso.

Sim, não era de admirar. Ele havia achatado uma área do tamanho de dois campos de futebol, cada prédio, cada árvore, cada folha de grama destruída.

Olhei para o meu companheiro. — Você está pronto? — A alegria vingativa dançou em meu coração com o pensamento de desfazer toda a destruição de Caím, mesmo sabendo que ele iria retaliar. Provavelmente voltar e destruir o trabalho de Deston. Ainda assim, a restauração era uma demonstração de desafio, e eu ansiava por retaliar.

Deston me lançou um sorriso atrevido - ele estava ansioso por isso tanto quanto eu - antes de sua magia chicotear pelo terreno arruinado. — É uma coisa boa eu ter construído está escola em primeiro lugar. Eu sei para onde vai cada janela e porta de tijolos. — Ele riu. — Vou fazer algumas melhorias ao longo do caminho. É o mínimo que posso fazer.

Eu sabia do que Deston era capaz, mas nunca tinha visto isso. Ele criou tijolos e argamassa, janelas e portas do nada, o prédio tomando forma diante dos meus olhos, cada centímetro dele criado pela magia de Deston.

Eu sabia há muito tempo que Deston adorava construir, mas observar seu rosto, o brilho em seus olhos, a excitação que transformou seu corpo em um belo instrumento... me fez apaixonar um pouco mais.

Uma hora depois, examinamos a escola reconstruída, os enormes carvalhos pingando de folhas, a grama espessa e verde.

Nesse momento, desejei que Caím pudesse sair à luz do dia.

Desejei que ele pudesse ter visto Deston construir algo, em vez de derrubá-lo. Mas ele era um monstro, e os monstros mereciam a escuridão.

O ar brilhou, e Caene apareceu bem na nossa frente. Seu olhar aguçado passou por todos nós, finalmente parando em Deston, depois em mim.

— Vocês precisam vir o desenvolvimento, — Caene disse, seu rosto sombrio. — Nós temos um problema.

— Caím? — Eu perguntei.

— Sim. — Caene acenou com a cabeça em aprovação para a escola recém-reconstruída. —Mas nada disso. Pior.

Entrei nos braços de Deston e nos desmaterializamos, seguindo Caene, imaginando que novo inferno nos esperava. Aterrissamos fora do desenvolvimento adequado, meus olhos se arregalando na cena diante de nós.

— O que é isto? — Eu perguntei sem fôlego, meu cérebro tentando entender o que eu estava vendo.

Luthor já estava aqui, andando ao longo da linha de demarcação. Aquele entre a exuberante floresta da Louisiana e.... Fosse o que fosse.

— Algum tipo de magia primitiva, eu espero, — Caene murmurou com raiva. —Isso é o que meu pai pensou. Luthor? Deston? O que é isso e como podemos pará-lo?

Deston examinou o canteiro de obras, quase vinte acres limpos de arbustos e arvores, onde uma rua de concreto intocada serpenteava pelo centro do espaço aberto, calçadas saindo como raios de bicicleta, levando aos esqueletos de casas inacabadas.

A rua estava sendo engolida pelo que pareciam raízes de árvores negras, retorcidas e cinzentas enquanto se entrelaçavam em uma esteira grossa. Enquanto observávamos, eles deslizaram pelo chão, engolindo retroescavadeiras, pilhas de materiais de construção, engolindo tudo em seu caminho.

Deston estendeu as mãos e as raízes mais próximas de nós murcharam e pararam de crescer. Os maiores não pararam de jeito nenhum; eles se contorciam como cobras enormes.

No pouco tempo que ficamos ali, eles ultrapassaram uma casa, depois a esmagaram sob seu peso, o som de tábuas se quebrando misturado com o silvo das videiras deslizando.

Deston tentou de novo, e desta vez as videiras murcharam em raízes pretas e retorcidas, algumas tão grossas quanto meu torso. Eu estava com lama até os tornozelos, presa no barro enjoativo.

— Vai levar todo o dia de hoje para controlar isso — meu companheiro murmurou. — Então eu terei que fazer outra viagem para a cidade hoje à noite porque isso vai levar cada grama de magia que eu tenho.

Minha fúria rapidamente se transformou em outra coisa. Era assim que passaríamos os próximos meses?

Reconstruindo, apenas para que Caím destrua tudo, uma e outra vez?

Se isso era apenas o começo, quanto tempo antes de ele se formar de propriedade para pessoas? Até que corpos estivessem em seu rastro, e nós estivéssemos pegando nossos mortos – e humanos – das ruas?

Eu assisti meu companheiro usar cada gota de sua magia para desfazer o dano que Caím tinha feito com um aceno de sua mão. Quando a última videira murchou e morreu, Deston cambaleou. Enrolei meu braço no dele, e o deixei se inclinar para mim.

Meu estômago revirou, olhando para os destroços deixados para trás. Mesmo com a magia de Deston, o empreendimento estava em ruínas. As equipes levariam semanas para limpar as raízes retorcidas do local, mais um mês para obter suprimentos suficientes para começar a reconstrução.

— Devemos queimá-los? — Eu perguntei suavemente. — As videiras? Eles podem ser queimados?

— Eles têm que ser queimados, — Deston disse tão suavemente. — É a única maneira de destruir os últimos vestígios da magia de Caím. Caso contrário, toda esta propriedade ficará inutilizável.

— Concordo. — Luthor olhou ao redor com pesar. — Vou dizer à Guarda Real para acender o fogo enquanto ainda está claro.

Deston deu um leve aceno de cabeça. — Voltarei amanhã e verei quanta reconstrução consigo fazer.

Os próximos dias foram os mesmos. Durante o dia, consertamos a destruição de Caím, apenas para que ele escolhesse outro local para destruir. O único ponto brilhante foi que nosso povo foi deixado intocado enquanto Caím desfazia o trabalho de Deston.

Meu companheiro estava ficando exausto. Seria apenas uma questão de tempo até que Caím voltasse sua atenção para as casas reais, e várias famílias já haviam partido, aceitando a oferta de santuário da rainha Maeve.

Eu não os culpo.

Eu pedi para Tessa ir, mas ela se recusou a deixar seus homens e sua família em casa. Eu tentei usar o bebê como uma razão, mas ela apenas olhou para mim e riu.

— Que tipo de mãe eu seria, Seraphina, se me encolhesse em segurança enquanto meus amigos lutavam minhas batalhas?

Seu sorriso tinha sido triste, mas determinado. —Isso não é quem eu sou. Isso também não é quem você é.

35

SERAPHINA

Era muito cedo para estar acordada – muito menos do lado de fora – mas respirei um pouco de ar pútrido e, com a mesma rapidez, soltei-o. Olhei para Deston, seu rosto tenso de raiva.

— Isso não é nem o pior de tudo, — Caene murmurou enquanto examinamos o que estava além da ala protetora do palácio, que uma vez tinha sido quilômetros de terras agrícolas intocadas. — Olhe para lá.

Nós seguimos seu dedo indicador, procurando na paisagem por qualquer indício de vida, e não encontrou nada além de campos negros e doentes.

Caím finalmente atacou o palácio, e foi da maneira mais passiva-agressiva de todos os tempos.

Apertei os olhos para o sol da manhã e tentei ignorar o suor escorrendo pela minha espinha. O verão finalmente chegou à Louisiana, o ar espesso e úmido levantando nuvens de mosquitos da água parada, e eu afastei um mosquito do meu braço, deixando uma mancha de sangue vermelho.

Limpei no meu jeans, examinando a cena de pesadelo na nossa frente. Mesmo com a parede de pedra e a proteção entre mim e qualquer que seja a magia negra que cercava o palácio, uma sensação estranha e formigante percorreu minha espinha, levantando os cabelos do meu pescoço.

Meus instintos, me avisando como era perigoso do outro lado da barreira protetora.

— Tanto quanto podemos dizer, isso começou há dois dias, no meio da floresta — explicou Caene, apontando para a floresta densa que margeava os terrenos do palácio.

— Até agora, a barreira está mantendo a contaminação do lado de fora, mas se ela entrar, você terá que evacuar, minha rainha.

O crescimento parecia uma espécie de câncer de cinzas, e a infestação ia até onde eu podia ver, por todo o terreno do palácio. Como

Caene apontou fora, até então, permanecia fora da barreira. Mas se entrar, ele estava certo. Nós evacuamos.

O campo aberto estava coberto por uma camada de mofo preto e viscoso, tão grosso que brilhava em alguns pontos. O lodo pingava como alcatrão das árvores, caindo em barulhentos e molhados respingos no chão da floresta.

A contaminação fedia a enxofre, o cheiro característico de Caím, e eu estava feliz que a proteção estava entre mim e ela, ou então a fumaça estaria sufocando.

— Nós temos tentado várias coisas - fogo, gelo, diferentes tipos de magia - mas nada parece funcionar.

—Vou ver o que posso fazer, mas estou ficando perigosamente sem energia, — Deston murmurou baixinho em meu ouvido. — Talvez devêssemos abandonar o palácio, Seraphina. Temos outras opções.

— Ele não me levará da minha casa, Deston.

Eu quis dizer as palavras, eu fiz, mas tinha sido apenas uma semana, e eu já estava cansada de lutar em uma guerra sem vitórias.

— Faça o que puder, — eu disse a ele, um sentimento de desesperança se misturando com a minha exaustão. — Se passar pelas alas, decidiremos o que fazer a seguir. Pelo menos não está se movendo muito rápido.

Se Caím realmente quisesse, ele poderia ter plantado essa doença dentro do próprio palácio.

Ao fazer isso…

Olhei para a substância preta de alcatrão sufocando os botões das árvores, a grama nova espreitando.

Caím estava brincando comigo. Esses jogos intermináveis estavam me desgastando, e eu estava ficando mais fraca a cada dia. Não que mais alguém soubesse, mas eu não seria capaz de esconder minha enfermidade por muito mais tempo.

Assistiria ao fim desta guerra do meu leito de morte.

Ou... eu poderia terminar isso agora enquanto ainda era capaz de lutar, enquanto Luthor e Cyrus e Deston ainda tinham sua magia. Enquanto o Darkfell Clan ainda estava unido, antes de Caím começar a nos pegar, um de cada vez.

—Nós temos que colocar Caím de volta no chão, — eu finalmente disse. Deston não discutiu.

Ninguém fez. Todos nós sabíamos o que tinha que acontecer; nós simplesmente não sabíamos como fazer isso acontecer.

Deston me beijou rapidamente, olhando para mim como se tivesse acabado de tomar uma decisão.

— Nós precisamos de um meio para prendê-lo. Eu falarei com Marie, e então...— Ele também olhou outra vez para a terra infestada, suas mãos apertando as minhas. — Eu estarei fora por dois dias. Ouça Luthor e Cyrus. Não se arrisque, e eu quero dizer nem uma única vez, Seraphina. Estamos quase sem tempo, e Caím estará procurando uma oportunidade para explorar sua fraqueza. Não dê uma a ele.

— Onde você está indo?

Seu rosto ficou tenso. — Você não quer saber. O que eu tenho que fazer, pode ser feito em dois dias. Se eu for bem-sucedido, teremos uma maneira de enterrar meu irmão para sempre.

36
SERAPHINA

Marie estava atrasada.

Olhei para o relógio, embora não tivesse mudado. Já era meio da tarde, e ela prometeu estar aqui pela manhã.

Cada minuto adicional que ela não estava, me lembrava que Caím estava caçando ela também.

Estremeci, imaginando se hoje seria o dia em que Caím começaria a matar meus amigos.

Até agora, o palácio estava seguro. A praga permaneceu fora da barreira, embora se expandisse a cada dia. Luthor tinha desistido de tentar controlar a propagação.

Em vez disso, nós o monitoramos, para sabermos quando fugir. Mais uma coisa em que desperdiçamos mão de obra preciosa.

Tentei ligar para ela novamente e foi direto para o correio de voz, assim como minhas três últimas ligações.

Dei a ela mais uma hora antes de procurar Luthor. Ele estava enterrado em problemas. Além da infestação de Caím, havia relatos de membros do clã não agindo... certo.

Todos nós sabíamos o que isso significava.

Quando Viktor era rei, seu hobby favorito era transformar vampiros não cooperativos em fantasmas. Máquinas de matar sem mente, mutantes além da crença com grossas peles cinzentas, dentes longos e garras para combinar.

Quem sabia do que Caím era capaz?

Ele certamente poderia fazer escravos – servos obrigados a cumprir suas ordens – mas ele era capaz de criar monstros ainda mais perigosos.

Caím fez Viktor parecer um gato doméstico. Alguns dias, era difícil para mim acreditar que uma vez eu considerava Viktor Cárpato perigoso, mas lá estava você. Prova de que um monstro maior sempre esteve lá fora.

— Marie apareceu hoje.

Luthor olhou para mim bruscamente. —Talvez ela tenha um cliente e esteja atrasada?

— Isso é o que tenho dito a mim mesma. — Eu balancei minha cabeça. — Ela está quase cinco horas atrasada, Luthor. Ela não está atendendo o telefone. — Olhei por cima da mesa, transbordando de mapas e relatórios.

— Você pode ter alguém para verificar ela, por favor? Eu sei que você está ocupado, eu sei que todo mundo está amarrado, mas eu tenho que saber que ela está bem.

— Vou enviar Silas e um dos novos recrutas. E nem peça para ir.

Luthor disse, apontando-me para uma cadeira próxima. —Na verdade, sente-se, você parece exausta.

— Este foi um dia longo, — eu disse com desdém, não querendo despejar mais nada sobre ele.

— É mais que isso. Você tem aquele olhar vazio, de novo, Seraphina. Ele parou o que estava fazendo e atravessou a sala com uma graça fluida, depois apoiou as duas mãos na cadeira, me prendendo, onde não tive opção a não ser contar a verdade.

— Fiquei sem tônico — admiti, percebendo que ele provavelmente deveria saber, apesar de seu prato estar cheio até transbordar. — Isso é o que Marie estava trazendo hoje, mais do tônico, e eu esperava outro tratamento mágico.

— Você não acabou de pegar um? — Luthor se agachou na minha frente. — Sim. Mas eu preciso de outro.

— Por que você não disse isso? — Luthor disse, sua voz ficando apertada. — Você sabe que tem que tomar o tônico três vezes ao dia. Se você não seguir o regime, Seraphina, você entrará em colapso.

Eu sabia disso.

Eu tinha uma suspeita de que Caím sabia disso também. Apenas outra maneira de me enfraquecer o mais rápido possível – mas não me matar – para que ele pudesse levar este jogo até o amargo fim.

— Você pode apenas dar uma olhada nela e ter certeza de que ela está bem?

Um músculo se contraiu na bochecha de Luthor, seus olhos aguçados não perdendo nada. — Claro que vamos. Vou pedir a Silas que lhe dê o tônico também.

— Isso provavelmente seria uma boa ideia. — Encontrei seus olhos e balancei a cabeça, nem mesmo capaz de dar um sorriso. — Preciso do tônico e das correções mágicas de Marie com mais frequência hoje em dia.

Tentei não parecer muito preocupada quando expliquei: — Eu estava esperando por um ano, Luthor. Mas do jeito que isso está indo, estou pensando que talvez mais alguns meses. Se Caím não nos matar primeiro, é isso.

Ele agarrou minhas mãos nas suas, seu rosto assumindo uma expressão severa e inflexível.

— Você não vai morrer em alguns meses. Você me escuta? Você está vivendo uma vida longa. Vamos ficar todos juntos, faremos amor, discutir e às vezes brigar, mas é assim que vai ser.

—Eu preciso de algo para tirar minha mente de tudo isso, — eu disse a ele, olhando para a forma como suas mãos enroladas em torno das minhas. —Meus nervos estão me afetando. Pelo menos o público diário impedia que minha mente se preocupasse com tudo. Metade do clã está espalhado pelo mundo. Os que têm dinheiro, de qualquer maneira.

— Fique feliz que eles ouviram a razão, Seraphina, — Luthor me lembrou. —Menos danos colaterais, caso Caím volte os olhos para o clã.

—Estou feliz. — Eu dei um aperto nas mãos de Luthor. —Mas ainda há muitos aqui. Mais do que eu gostaria.

Tessa, especialmente.

— Eu não consegui fazer Tessa ir embora, — eu disse a Luthor baixinho. — Passei uma hora no telefone com ela esta manhã. Ela está grávida e deve estar longe daqui.

— Ela deveria. — Sua boca se curvou em um sorriso raro. —Talvez a madrinha do bebê pudesse colocar algum juízo em sua melhor amiga, se ela tentasse novamente.

— Vou tentar de novo. Estou realmente ansiosa para ser madrinha, sabe. — Eu sorri também, apesar das circunstâncias de merda.

— Por enquanto, vá para a biblioteca, Seraphina, — Luthor pediu, acenando para a ala oeste. — Leia por algumas horas, relaxe, tire sua mente disso.

— Eu deixarei você saber no segundo que Silas se reportar.

Ele estava certo. Não havia nada que eu pudesse fazer aqui, não até que eu soubesse que Marie estava bem ou recebi a notícia de que ela não estava. Na verdade, eu não servia para ninguém. Minha magia era inexistente. Inferno, metade do tempo minhas pernas não me sustentavam. Agora, eu era uma responsabilidade até que consegui algum tônico no estômago e uma dose da magia de cura de Marie.

Soltei a proteção que selava a biblioteca.

Tive o cuidado de usar o escudo mágico toda vez que saí, desde que Caím invadiu aqui e roubou os diários.

Assim que cruzei a soleira, tropecei, depois fiz meu caminho até o sofá e quase caí nele, enrolando o cobertor em volta de mim, tentando evitar o frio.

Apenas desengatar a proteção havia me drenado até a última gota.

Não estava frio na biblioteca, mas eu estava sempre congelando esses dias. Eu adoraria um fogo na lareira, mas não consegui nem mesmo reunir uma faísca.

Toda vez que eu estava aqui, eu me perguntava a mesma coisa. Por que Caím roubou os diários em primeiro lugar? O que eles continham de tão importante?

Se ele fosse esperto, ele os teria queimado, mas de alguma forma, eu duvidava.

Não, Caím iria segurá-los, apenas no caso de serem úteis algum dia, porque não importa o quanto eles representassem uma ameaça para ele, ele pensaria que estava acima de qualquer tipo de perigo.

Mas se as informações nesses diários pudessem ser usadas para ferir Caím, então eram armas, e precisávamos de tantas armas quanto pudéssemos conseguir.

O esconderijo de Caím tinha sido - em um ponto - protegido pelos feitiços de um mago local, Winston Newcastle. Embora eu soubesse que Sebastian havia fortalecido as proteções ele mesmo, meu pai estava morto, o que significava que essas proteções morreram com ele.

Quais eram as chances de entrarmos naquela casa e encontrar aqueles diários? Quais eram as chances de haver algo neles que fosse útil?

Dei ao primeiro cinco por cento de chance de sucesso, e quanto aos diários contendo algo que poderíamos usar? Isso foi cem por cento — sim.

Nós tínhamos que ir à noite. E teríamos que fazer isso rápido. E havia uma boa chance de sermos pegos. Mas fazer alguma coisa — qualquer coisa — era melhor do que esperar o machado cair.

Suspirei e peguei o enorme livro History of the Darkfell Queens. Eu puxei o gigante para o meu colo e folheei as páginas, olhando para ver se alguma coisa chamou minha atenção.

Voltei atrás, passando por Alix, por Colette, até Martine Marvelle, nascida em 1180, na época em que West Francia estava começando a subir ao poder.

Martine só conseguiu manter o trono por quatro anos, assassinada por uma rainha Bouderaux, que, por sua vez, foi assassinada por uma rainha Fontaine, um ano depois.

A rainha Clementia Fontaine tinha 21 anos quando planejou a morte da rainha anterior e subiu ao trono. Mais surpreendentemente, ela governou por mais de duzentos anos, sobreviveu a quatorze reis franceses, duas rodadas da Peste Negra, navegou por mais de vinte guerras humanas e inúmeras escaramuças sem nome.

Ela também sobreviveu a três tentativas de assassinato e quatro consortes reais.

Mas foi sua entrada final e enigmática – uma citação pouco antes de sua morte – que reli várias vezes.

— Agora que descobri onde o Pai das Trevas está sepultado, acredito que o plano de Martine de transferir poder entre dois vampiros teria funcionado, se eu tivesse encontrado o athame de Lilith a tempo. O poder do Dark One é infinito, mas é inútil, enterrado tão longe abaixo da terra. E embora eu tenha procurado por toda parte, não consigo encontrar a ferramenta de Lilith.

Eu encarei e encarei aquelas palavras.

Martine, ao que parecia, havia descoberto como transferir o poder. Ela estava falando sobre transferir o poder de Caím para ela?

A rainha Clementia sabia que Caím estava preso nas masmorras. Ela brincou com desenterrá-lo e tomar seu poder, mas ela não tinha a ferramenta certa.

Parecia que eu tinha minha resposta para o porquê de Caím ter roubado os diários. E o que eles podem conter.

Então, o que diabos era um athame?

37

SERAPHINA

Corri – ok, andei bem devagar – até o quarto para pegar meu telefone.

Não é à toa que os olhos de Caím brilharam com terror momentâneo quando ele viu a faca ensanguentada na minha mão.

Lembrei-me de seu lampejo de medo e soube de fato que foi assim que ele foi preso na primeira vez. Lilith de alguma forma usou esse athame para prendê-lo, e se pudéssemos localizá-lo, poderíamos fazer o mesmo. Respirei fundo e depois outro.

Finalmente, algumas boas notícias.

Como se vê - obrigado, Google - um athame era uma faca cerimonial, usada como ferramenta elementar durante rituais mágicos. Percorri centenas de fotos de tipos diferentes e cheguei à conclusão: poderia parecer com qualquer coisa.

Podia fazer praticamente qualquer coisa.

— Quando não encontrei você na biblioteca, comecei a me preocupar. — Olhei para cima da tela do meu telefone. Luthor estava na porta do quarto, braços apoiados no batente da porta, parecendo que ele estava lá há algum tempo.

— Esqueci isso. — Eu levantei meu telefone. — Eu precisava fazer algumas investigações.

Olhei para o rosto dele, então cuidadosamente coloquei meu telefone de lado na cama. Ele tinha notícias, e não eram boas.

— Silas acabou de voltar. Ele não encontrou Marie.

Do jeito que Luthor estava pairando na porta, eu sabia que havia mais.

— O que você encontrou? — Eu perguntei, me preparando para o que ele estava prestes a dizer a seguir.

— O lugar dela estava em ruínas. — Luthor entrou na sala, uma mão apoiada na coronha de sua arma. — Ela lutou bem. Silas encontrou sangue no chão, sangue de vampiro. Ela o machucou.

— Ele está evoluindo. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo, e ainda assim... — Meus ombros caíram. —Esperava que não chegasse a isso.

— Ela se foi por horas. O sangue secou. Parecia que ela estava trabalhando quando foi interrompida.

Ela provavelmente estava fazendo meu tônico nas primeiras horas da manhã, se preparando para vir ao palácio e me curar, quando ele a surpreendeu.

— Eu não acho que Caím vai matá-la, — eu disse com cuidado, rezando para estar certa. — Pensei muito sobre o que vai acontecer quando ele começar a atacar as pessoas que eu amo, e não acho que ele vá matá-la.

—Concordo. Se Caím fosse matá-la, ele a teria deixado em sua casa, usado o incidente para espalhar o medo pelo coven e pelo subsolo da cidade. Ele a levou e a está mantendo em algum lugar.

Nossos olhos se encontraram. Havia apenas um lugar onde Caím a seguraria. Luthor atravessou o quarto, ocupando o lugar ao meu lado na cama, o colchão afundando sob seu peso.

— Se ela está em casa, nós sabemos onde ela está, — eu disse com cuidado. — Nós poderíamos tentar tirá-la de lá. — Eu relutava em sugerir uma missão de resgate quando sabia que seria inútil. Uma coisa era ser capaz de me controlar; era uma coisa completamente diferente enviar pessoas com quem eu me importava para a batalha enquanto eu me sentava à margem.

—Nós estamos muito à sua frente. Cyrus e Caene já estão a bordo. Tenho quarenta homens treinados ansiosos para enfrentar aquele bastardo. Luthor estalou o pescoço com um estalo audível.

— E eu não vou descansar até que ele esteja no subsolo novamente.

— Claramente, nenhum de nós vai. — Olhei para o meu telefone, para as fotos da ferramenta que precisávamos para conseguir isso.

— Eu sei com o que você está preocupada, Seraphina, e eu quero que você pare agora. Esta não é apenas a sua luta. É a luta de todos. Se alguém se machucar, não é sua culpa e não é sua responsabilidade.

Inclinei-me para Luthor, deitei minha cabeça em seu ombro. — Eu entendo isso, mas não posso deixar de sentir que tenho que manter todos seguros, de alguma forma.

— Silas não encontrou o tônico, mas também não sabia o que estava procurando. — A voz de Luthor assumiu aquele ritmo duro e preocupado quando ele estava prestes a dizer algo que desejava não ter que dizer. —Você tem que ter esse tônico, Seraphina.

Novamente, Luthor hesitou, como se isso fosse contra seu melhor julgamento. —Vou pegar uma equipe e ir atrás de Marie.

Seus olhos azuis saltaram para os meus. — Cyrus vai pegar meus três melhores homens e ir até a casa de Marie, ver o que eles podem encontrar. — O braço de Luthor serpenteou em volta da minha cintura e me puxou para mais perto. — Você vai com eles. Você reconhecerá a mistura, se ela estiver lá.

Você pega e volta direto para o palácio.

— Não apenas me deixando fora de sua vista, mas me enviando em uma missão, — eu o beijei, puxando seu lábio inferior até que eu tirei um sorriso dele. — Este é um grande passo para nós, comandante Fontaine.

— Não me faça me arrepender disso, Seraphina, — Luthor advertiu suavemente. —Não bisbilhote, ou investigue, ou sequer dê um passo para fora daquela casa. Cyrus vai materializar você direto na sala de trabalho de Marie e depois de volta aqui.

Todos os sinais de humor deixaram seu rosto enquanto ele esperava ansiosamente pela minha resposta. Isso era difícil para Luthor, e eu sabia disso.

— Eu prometo. Eu tomarei cuidado.

— Se você não estivesse sem as ervas, eu não deixaria você ir, — Luthor disse severamente. — Vamos nos certificar de manter Caím ocupado por tempo suficiente para que ele nem pense em voltar para a casa de Marie.

— Traga ela de volta, Luthor, — eu disse a ele. — Ela salvou nossas bundas muitas vezes. Vamos salvar a dela de uma vez.

— Estarei fazendo o salvamento, — ele me lembrou, — e você vai fazer a recuperação, minha rainha.

—E quanto a Deston? — Eu perguntei. —Você teve notícias dele hoje? — Nem pele nem cabelo.

Uma sensação assustadora de rastejar começou no meu intestino. Aquela que me disse que as coisas não estavam bem.

— Eu também não. — Estendi a mão pelo laço, mas o que encontrei do outro lado estava abafado, como quando ele foi mantido prisioneiro na Romênia. Ele não tinha me bloqueado propositalmente, mas era como se um oceano nos separasse.

— Onde quer que ele tenha ido, o que quer que ele esteja procurando, vamos torcer para que ele encontre.

Luthor sugeriu cuidadosamente. — Pelo menos sabemos que ele não está enfrentando Caím.

Luthor beijou o topo da minha cabeça. — Além disso, é dia e Caím está escondido em sua casa segura.

Por favor, não o deixe machucar Marie. Ele veria o valor em mantê-la viva, mas Caím tinha uma veia cruel e sádica, e Marie era seu alvo mais próximo para sua raiva.

Eu segurei o olhar de Luthor, deixei ele ver o medo no meu. — Caím sabe a quão fraca eu sou. Sem Marie, sem o tônico, não sei quanto tempo me resta.

A raiva cintilou em seu rosto para ser substituída por aquela força estoica e firme em que eu confiava. — Eu vou trazê-la de volta, Seraphina. Eu juro que vou. — Eu sabia que ele iria. Ou ele morreria tentando.

Suprimi um estremecimento, e Luthor olhou para o meu telefone, franzindo a testa em confusão.

— Você está olhando para athames? — Ele perguntou curioso, pegando o telefone e percorrendo as fotos. — Pensando em enfiar uma no coração daquele bastardo?

— Só se isso realmente o matasse. — Eu balancei minha cabeça, meus dedos cavando em seu braço. — Oh, espere, não podemos fazer isso, ou todos nós vamos morrer.

Eu sufoquei minha risada. — O bastardo realmente tem tudo planejado, não é? Nossas mãos estão bem e verdadeiramente atadas. Mesmo que soubéssemos como matá-lo, não podemos e não sabemos como prendê-lo.

— É uma pena que não podemos matá-lo, mas sua magia tem que viver para que possamos sobreviver. Olhei em seu rosto, firme e sábio, sua voz segurando a mesma calma desesperança que a minha tinha.

— Se pudéssemos encontrar uma maneira de separar a magia da carne, então poderíamos matá-lo e acabar com isso.

Isto.

Era exatamente isso que tínhamos que fazer.

— Você já ouviu falar do athame de Lilith? — Eu não esperava que Luthor soubesse sobre uma arma que desapareceu há centenas de anos. Eu esperava que se tal coisa existisse, já havia desaparecido há muito tempo.

Luthor balançou a cabeça. — Não. Houve armas de poder nas lendas dos vampiros, mas nunca ouvi falar dessa. Por que? — Ele perguntou curioso. — Parando para pensar, como você sabe quando é um athame?

Acenei para o meu telefone. — Eu pesquisei, é claro. Há um livro na biblioteca que menciona a faca, então pensei em perguntar. Acho que se alguma vez existiu, já se foi.

Seus olhos brilharam, um pouco da escuridão se esvaindo. — Sua tarde de leitura foi produtiva, então?

— Se você chama a pesquisa de um beco sem saída produtivo, então sim, acho que foi.

Eu me aconcheguei contra ele, sem saber se queria expressar minha descoberta em voz alta, quando provavelmente não era nada. — Houve uma citação que me chamou a atenção. Eu li várias vezes, tentando entender. — Eu balancei minha cabeça. — Eu tenho aquela sensação de esperança, do tipo que você tem quando está se agarrando ao escuro.

— E qual foi essa citação que deixou suas esperanças?

— Na verdade, era de seu antepassado, a rainha Clementia Fontaine.

Ele riu quando ouviu o nome. — Ah, aquele. Eu gostaria de conhecê-la, embora tenha ouvido histórias que teriam enrolado o cabelo em seu peito.

Luthor balançou a cabeça. — Acho que não houve mais ninguém na minha família que fosse tão cruel quanto ela.

— Você está certo. Ela sobreviveu a praticamente todos. Ela sabia que Caím estava nas masmorras, — eu disse a ele. — Ela faz referência a Martine, disse que meu ancestral sabia como transferir poder de um vampiro para outro. Mas Clementia precisava do athame de Lilith e nunca o encontrou.

— Eu nunca ouvi falar de transferência de poder...— O rosto de Luthor ficou especulativo. — Mas foi exatamente isso que Lyra fez com você, não foi?

— Ela fez. Veja como isso acabou para mim.

Eu quis dizer isso como uma piada, mas o rosto de Luthor ficou nublado. Eu o puxei para baixo e o beijei com força. — Pare de pensar nisso. Quando começa nossa operação de resgate? Vai escurecer em breve.

A escuridão significava que Caím estaria em movimento, e o esconderijo estaria vazio.

A escuridão significava que enquanto ele estivesse nos caçando, nós o caçaríamos de volta.

— Assim que escurecer, nós entramos. — Luthor me colocou de lado com um beijo casto que logo se tornou abrasador. Lambi meus lábios quando ele se afastou. — Os recrutas devem estar lá embaixo. Cyrus já está preparado. Pegue uma jaqueta, está chovendo.

— Se você conseguir trazer Marie de volta, Caím virá atrás de nós. — Luthor assentiu sombriamente. — Ele vai.

— Nós nunca mais iremos ter outra chance de invadir o esconderijo. Depois disso, ele tomará precauções.

— O que você está perguntando, Seraphina? — Luthor correu os dedos pelo meu rosto, descansou-os na minha clavícula enquanto eu respirei rápido e nervosa.

— Luthor... Caím tem os diários roubados. Eu odeio até perguntar, mas quando você estiver lá, se você se deparar com eles...— Eu balancei minha cabeça com a impossibilidade do que eu estava perguntando. —Eles podem estar em qualquer lugar.

— É uma casa grande, Seraphina. A voz calma de Luthor estava cheia de dúvidas, e eu tinha que dar a ele uma boa razão para arriscar. Uma lasca de esperança, que um diário roubado possa nos ajudar a enjaular um monstro.

— Caím se arriscou, roubando aqueles diários. O diário de Martine conteria a resposta para a transferência de poder de um vampiro para outro. Se soubéssemos como a transferência funcionava, poderíamos descobrir como detê-lo.

— Está deveria ser uma missão de entrada e saída. — Sua mão deslizou para baixo, pressionada contra meu coração acelerado. — Não posso prometer que teremos tempo para olhar.

— Eu sei, — eu disse miseravelmente. — Mas esta é a única pista que tenho. Se Caím tem uma fraqueza, está naquele diário.

— Nós temos quase uma centena de mercenários e cavaleiros, além de alguns membros das casas reais de prontidão esta noite. Achei melhor fortalecer nossas defesas porque quando ele sequestrou Marie, tornou nossa guerra pública.

Luthor passou os dedos pelo meu rosto mais uma vez, como se estivesse memorizando.

— Entrar e sair, Seraphina, — ele disse calmamente. — Não se arrisque, e eu vou encontrá-lo de volta aqui, esta noite.

38

SERAPHINA

Luthor não estava brincando. A casa de Marie foi destruída.

Ela ia ficar seriamente chateada quando visse sua sala de trabalho.

O chão estava coberto de cacos de vidro, líquidos misturados com ervas criando um cheiro acre no ar. Apertei o nariz, tentando respirar pela boca, mas não foi muito melhor.

Cyrus havia colocado dois guardas na frente e dois atrás, para o caso de Caím estar de olho no prédio. Passei meu pé pelos escombros. Era perfeitamente possível que os ingredientes do meu tônico estivessem aqui em algum lugar, mas seriam irrecuperáveis.

— Cinco minutos, Seraphina, embora eu já possa ver que isso é uma perda de tempo.

— Você não sabe disso, — eu disse olhando ao redor, mas meu coração afundou. — Se ela estava trabalhando no meu tônico quando Caím a tomou, não havia sinal disso.

Nós oferecemos refúgio a Marie no palácio, ofereceu-se para mandá-la embora, e ela riu na nossa cara. — Se você acha que estou colocando meu rabo entre as pernas e fugindo porque algum vampiro velho está vagando pelas ruas, então você não me conhece, Seraphina.

— Agora, aposto que ela desejou ter ouvido.

— Deixe-me verificar os armários. Suponho que há uma chance de ela ter tido tempo de esconder isso.

Nós vasculhamos todas as prateleiras, todos os armários, todas as dispensas, todos os armários da cozinha. Nada.

Olhei com satisfação para a longa mancha de sangue seco ao longo de uma parede, os respingos no chão, a faca ensanguentada perto da porta dos fundos. Marie lutou, e ela o machucou, mas ele a dominou, de qualquer maneira.

— Seraphina, estamos saindo. — Cyrus me pegou pela cintura, e a cozinha bagunçada de Marie estava sumindo de vista, quando tudo parou.

— Você é como um pônei de um truque, — eu murmurei, me afastando de Cyrus. — Pelo menos você é previsível, suponho.

Caím apareceu no ar, como se passasse por uma porta invisível. Tranquei todas as barreiras mentais que tinha no lugar, lutando contra minha vontade de correr. Dei outro passo saudável para o lado, colocando distância entre Cyrus e eu. Havia também os quatro guardas para se preocupar. Eu sabia que Caím iria machucá-los, só para deixar claro.

— Morrer não amorteceu seu espírito. Admiro isso. — Caím parecia um louco. Longe estavam as roupas extravagantes, as maneiras, sua máscara de civilidade. Em seu lugar havia cabelos desgrenhados e emaranhados, uma mancha de sangue de uma bochecha até o pescoço, metade da gola da camisa encharcada com sangue agora seco.

Pelo menos ele não estava mais fingindo – eu só queria ter visto através do verniz antes.

— Ela te pegou bem, pelo que parece. — Deslizei meus pés pelos escombros, colocando mais espaço entre mim e Cyrus. — Aposto que isso doeu.

Quanto mais eu o mantivesse falando, mais tempo Luthor teria para resgatar Marie e encontrar aqueles diários. Como Caím adorava se vangloriar tanto quanto adorava matar, imaginei que seria fácil.

— Então, é assim que vai ser de agora em diante? Você está saindo do nada para esfregar na minha cara?

Sua testa franziu, e ele hesitou, como se tentasse decifrar o que eu disse. Então eu descobri o porquê. — Você estava usando meu pai para traduzir, não estava?

— Também pena que você é mesquinho e o matou. — Eu assobiei com uma maldade que não me incomodei em esconder.

— Eu não preciso do seu pai, — ele disse com altivez. — Eu não preciso de ninguém.

— Claro que não. Você está indo tão bem sozinho, não está? — Soltei uma risadinha maligna. — O Escuro, Rei de todas as Coisas, não consegue nem entender o idioma.

Achei que ele ia estender a mão e me estrangular. Eu sabia que ele queria, seu peito arfando, olhos brilhando com ódio. Por um

momento, ele considerou, então olhou para mim, nada além de desprezo em seu rosto.

— Não vale a pena, quando você estará morta em poucos dias.

— Isso é verdade? — Ele sentiu meu distúrbio sanguíneo muito antes de qualquer outra pessoa. Ele poderia realmente sentir o cheiro da morte?

— Você estará morta, e então eu posso limpar a bagunça que você criou.

A confusão. Meus amantes. Meu companheiro. Meus amigos e o próprio clã.

— Você nunca sabe. Eu posso surpreendê-lo. — Eu mantive meus olhos nele e meus pensamentos em branco como pude. — Isso é entre você e eu Caím, então deixe Marie fora disso. Ela é inocente.

— Ela se envolveu no momento em que curou você.

— Ela ainda está viva? — Eu perguntei, sabendo que sua resposta provavelmente seria uma mentira.

— Ela está viva, e vou mantê-la assim, enquanto me convém. — Caím me lançou um olhar especulativo. — Não que isso importe, quando você está diminuindo a cada hora.

— E eu suponho que é por isso que você a levou? Pobre Caím, não estou morrendo rápido o suficiente para você, estou?

Seus olhos brilharam em concordância, mas um músculo trabalhou em sua mandíbula. — Talvez eu tenha sido muito rápido em matar seu pai.

Minhas mãos se fecharam em punhos. — Meu pai ajudou você. E ele não merecia o que recebeu em troca.

— Seu pai só ficou porque acreditava que poderia mantê-la segura. Ele nunca deveria ter ficado entre nós. Ele deveria ter sido obediente e ainda estaria vivo.

— Suponho que o mesmo vale para todos nós? Se formos obedientes, você não vai nos matar.

Pelo menos não até você se cansar de sermos obedientes e decidir matar todos nós, de qualquer maneira.

— Você me dá tão pouco crédito, Seraphina.

— Eu lhe dou exatamente a quantidade de crédito que você merece. Psicopata, — eu murmurei baixinho.

Caím se eriçou. — Você me acha louco?

— Acho que já estabelecemos o que penso de você. Não vamos refazer as coisas.

— Em dois dias, cada centímetro de seu precioso palácio será tomado por minha magia. Vou encher os corredores de sua casa com veneno, inundar todos os cômodos com podridão negra.

— Suponho que essa será sua peça de resistência, — eu disse a ele, mantendo meus olhos em seu rosto. — Eu juro, você é como uma criança de dois anos em uma caixa de areia, derrubando os castelos de todos os outros porque você não consegue construir um sozinho.

Um tique começou em sua mandíbula.

— Meu companheiro pode, no entanto, — eu cantarolei, o prazer enchendo cada centímetro de mim enquanto seus olhos escureceram com ódio. — Deston pode construir o que quiser. Ele é muito bom nisso. Aposto que você não consegue nem fazer um sanduíche.

— Se você veio aqui procurando seu precioso tônico, eu o tenho — disse Caím em tom de provocação, e um saco com zíper surgiu, girando no ar entre nós. Parecia bastante com o que Marie tinha misturado antes, mas este era Caím. — Isso pode ser uma mistura de temperos italianos, pelo que sei.

— Seu tônico que você tanto deseja, — Caím me disse. — A bruxa fez isso antes que eu a levasse. O suficiente para três dias. O suficiente para evitar as veias negras para que você possa ver seu precioso palácio sendo consumido. Então você pode me ver destruir tudo que você construiu antes de morrer.

Eu fiquei quieta. Alguma parte teimosa e orgulhosa de mim queria morrer antes que isso acontecesse, apenas para negar-lhe o prazer. Mas isso foi apenas rancoroso. Eu era um sobrevivente, e os sobreviventes não deixavam passar uma segunda chance.

— E depois?

Eu já sabia em meu coração o que aconteceria. Mas eu queria ouvir o bastardo dizer isso. Eu queria ouvi-lo se gabar porque sua arrogância me daria forças para lutar mais, viver mais e talvez se eu tivesse sorte, amar mais profundamente.

— Eu matarei meu irmão – seu precioso companheiro – primeiro. Então seus amantes, então seus amigos. Vou caçar cada membro deste clã até os confins da terra até que não haja mais nenhum vampiro de

Darkfell. Então eu darei à luz uma nova raça, uma que é mais forte e mais implacável.

— Soa como um plano. — Eu bufei em escárnio. — Espero que tudo dê certo para você.

Caím deslizou o olhar de mim e pousou em Cyrus, a avareza e a crueldade acendendo em seus olhos. Eu me mexi um pouco até ficar entre eles.

Caím deu uma risada que encheu a cozinha inteira. — Como se você pudesse me parar. Você não tem mais mágica. Mais alguns dias e você não terá nada.

— Nós iremos, prefiro morrer em dois dias do que passar a eternidade presa a pessoas como você. Isso, meu amigo, seria um inferno.

Caím abriu a boca para dizer algo conciso, sem dúvida, quando ele enrijeceu, seu rosto escurecendo de raiva. Sua cabeça inclinou, como se estivesse ouvindo uma conversa distante.

— Sua putinha esperta.

— Sim, sou mais inteligente do que você jamais será. Você não passa de um instrumento contundente, batendo o mundo em uma polpa. — Pouco antes de ele desaparecer, peguei o saco de ervas no ar com uma mão e me joguei contra Cyrus enquanto ele se desmaterializava.

Reaparecemos no palácio com todos os quatro Cavaleiros da Guarda.

— Que diabo é isso? — Cyrus arrancou as ervas da minha mão. — Onde você conseguiu isso?

— Um presente de Caím. — Empurrei Cyrus em direção à porta. — Ele sabe. Ele sabe que Luthor está no esconderijo, que estamos atrás de Marie.

Virei-me para os quatro recrutas, ignorando o medo que vislumbrei em seus olhos. — Todos vocês vão a Caím. Vá até lá e ajude Luthor.

39
LUTHOR

Guerra está vindo.

Isso é tudo em que pensei quando ordenei à Guarda de Cavaleiro que cercasse o esconderijo, coordenando uma incursão perfeitamente executada.

A guerra está chegando, e estamos lutando contra um inimigo que não podemos derrotar.

Os novos recrutas trabalhavam perfeitamente com os mercenários, e parte de mim esperava que alguns dos maus hábitos dos mercenários passassem para os jovens. Eles eram muito verdes para o meu gosto agora, eles precisavam aprender a lutar sujo.

Eu balancei minha cabeça com a ideia, observando o próximo time se posicionar.

Eu era um homem muito diferente do que era cem anos atrás. Diferente do escoteiro que eu tinha sido, antes de ser trancado e torturado. O velho eu nunca consideraria lutar sujo, mas o velho eu tinha muitas noções antiquadas – como honra e princípios e jogar limpo.

O velho eu nunca tive tanto a perder como, agora.

— Nós estamos bem para ir. — Winston Newcastle se aproximou, a barba grisalha do velho mago se contorcendo. — Eu larguei minha ala original. A magia de Sebastian se foi, deve ter morrido com ele. Deve ser tranquilo daqui para frente.

— Bom. — Examinei a casa escura, claramente visível agora que a barreira protetora havia desaparecido. —Algum sinal de um escudo secundário?

Winston balançou a cabeça. — Para que conste, não estou fazendo isso porque gosto de você, Fontaine. Eu fiz isso por Sebastian. Eu disse ao velho tolo que não…

— Isso será o suficiente, Winston.

O velho mago resmungou sobre boas maneiras baixinho.

— Fique perto, mas fora de vista, — eu o avisei. — Se Caím voltar, podemos precisar de sua ajuda.

As ruas estavam quietas esta noite, como se os humanos soubessem que ser pego depois do anoitecer era uma sentença de morte. Eu estava monitorando a mídia social dos humanos. Eu sabia em quais bairros Caím caçava e, juntamente com os relatórios policiais noturnos, quão alta era sua contagem de corpos.

Caím poderia pensar que ele era invencível, mas assim que fôssemos embora, e ele corresse desenfreado, ele descobriria o quão vulnerável ele era. Os humanos nos superavam em um milhão para um, e de jeito nenhum eu aceitaria essas chances se eu fosse ele.

Mas agora, eu tinha um trabalho a fazer.

Assim que trouxermos Marie de volta, estaríamos nos preparando para o ataque de Caím.

Eu só esperava que Cyrus e Seraphina estivessem tendo sorte. Sem o tônico, ela poderia durar mais alguns dias, com o tônico... talvez uma semana. Meu coração se apertou com o pensamento.

— Agora ou nunca, comandante — murmurou Winston. —Pare de sonhar acordado por aí.

Meu medo momentâneo foi substituído por uma explosão de adrenalina, e eu estava me movendo meus átomos voando pelo ar e se reagrupando no centro do esconderijo de Caím. Testei o ar e, quando os primeiros recrutas apareceram, apontei-os para o andar de cima.

— Ela está viva e no lado sudoeste da casa. — Eu nunca tinha estado lá em cima e estava relutante em me materializar em algum lugar onde nunca estive, então procurávamos a pé.

Era uma das desvantagens de poder se desmaterializar. Você poderia reformar metade dentro de uma parede, e então se colocaria nas mãos de um curandeiro, tentando acertar novamente.

— Eu vou primeiro.

Senti as objeções do recruta e as ignorei. Esses jovens nunca estiveram nas masmorras. Eles não conheciam o tipo de magia negra que protegia a prisão e provavelmente guardava a sala em que Marie estava presa.

Magia que quase matou Caím. Engoli em seco, tentando tirar essa memória da minha mente. Eu tinha cinco recrutas comigo e pretendia tirá-los todos vivos.

— Eu lhe darei a ordem para se mover assim que essa área estiver segura.

Seraphina absolutamente me mataria se soubesse o que eu estava fazendo. Não que eu estivesse mais feliz com ela bisbilhotando a sala de trabalho de Marie, procurando a mistura de ervas que a manteria viva um pouco mais.

Virei meu olhar para o longo corredor que levava até onde Marie estava sendo mantida.

Eu coloquei minhas sombras caindo pela escuridão, desencadeando feitiço após feitiço, o ar ficando enevoado com fumaça e magia gasta. Armadilhas mortais e feitiços de ligação, um feitiço de fogo de dragão que teria escaldado a carne dos meus ossos.

Minhas sombras serviam para outra coisa além de camuflagem. Eles podiam desencadear magia – até mesmo a magia negra de Caím – sem serem feridos, e eu os recobrei em minhas mãos, sentindo a lavagem fria enquanto eles eram reabsorvidos em meu corpo.

— Deve estar claro, mas eu vou primeiro. Fique aqui, proteja as escadas. Não toque em nada. — Meu tom era um que comandava obediência; dois mantinham os olhos fixos no corredor escuro que se estendia diante de nós e os outros três, na escadaria abaixo.

— Luthor Fontaine? É você aí fora bisbilhotando? — A pergunta baixa de Marie foi um sussurro quase inaudível, mas não muito baixo para a audição de um vampiro captar.

— A porta está com armadilha? Alguma outra surpresa que devamos saber?

— Ele colocou um feitiço na maçaneta, então não toque nela. Fora isso, acho que você tem tudo, pelo que posso cheirar aqui.

Ela não estava brincando. Este cheiro fresco de ozônio saturava o ar, meus olhos lacrimejando, a desvantagem de ter sentidos hipersensíveis.

Eu levei meu tempo trabalhando meu caminho pelo corredor. Alguns segundos extras de cautela seriam um tempo bem gasto se houvesse uma armadilha que eu não tivesse detectado. Cheguei à porta ileso, meu coração batendo furiosamente no meu peito.

— Marie? — Ouvi a respiração do outro lado da porta, forte e rápida, incomum para a Rainha das Bruxas de Nova Orleans. Mas nenhum de nós jamais enfrentou alguém como Caím antes, então seu medo era compreensível.

— Ele colocou um feitiço de supressão na sala. Não posso acessar minha magia até sair daqui. Mas uma vez que eu estiver, eu estarei chutando alguns traseiros.

— Eu abrirei a porta, e então...

Seraphina queria aqueles diários roubados. Parte de mim não via sentido nisso.

Caím os manteria escondidos, e quanto mais rápido partíssemos, mais seguros todos estariam. Mas Seraphina estava convencida de que os diários eram a chave para derrotar Caím, e ela geralmente estava certa sobre essas coisas.

— Use suas sombras para abrir a porta, Luthor. Não sei que tipo de magia Caím usou, mas espero que isso o mate se você o tocar.

Eu meio que sorri. Marie nunca mediu palavras, e eu estava feliz com isso. Minhas sombras envolveram a maçaneta, giraram-na e, embora fossem imunes a danos, senti o formigamento ardente da magia de Caím entorpecer meu braço, até meu ombro.

Estava uma bagunça, mas muito viva e muito, muito zangada. Seu torso estava manchado de sangue, uma manga foi arrancada de seu vestido e ela estava descalça.

— Espero que seja o sangue seja de Caím? — Eu perguntei, correndo minhas sombras ao redor da porta para ter certeza que eu não tinha perdido alguma coisa.

— Cada última gota. Consegui pegar uma faca da minha mesa de trabalho e cortá-lo de orelha a ombro. — Sua voz gotejou com satisfação viciosa. Ela esperou que eu terminar e, em seguida, revestiu a porta com sua magia branca cintilante. Ela piscou, — Não é que eu não confie em você Luthor, é só que eu gosto de ter certeza.

Estendi a mão pela abertura e ela pegou minha mão. —Sempre o cavalheiro, não é?

— Não, nem sempre.

Meu trabalho geralmente exigia o oposto de ser um cavalheiro, mas esta era Marie e ela merecia cada grama de respeito que eu mostrava a ela. Ela também era a chave para manter Seraphina viva, e agora, isso era tudo que me importava.

Uma vez que ela terminou, os olhos sagazes de Marie procuraram meu rosto. — Você está hesitando Luthor, o que é?

— Um mês atrás, Caím invadiu o palácio, roubou algo da biblioteca de Seraphina. — Olhei para o corredor, para onde a Guarda dos Cavaleiros esperava por nós.

Eles provavelmente estavam se perguntando por que já não estávamos voando em direção ao palácio, porque, agora, eu certamente estava.

— O que ele levou? — Marie perguntou baixinho. —Você acha que está aqui, não é? — Seraphina acha.

— Diga-me o que estamos procurando, e eu vou ajudá-lo a encontrá-lo.

— Três diários, embora eu não tenha a menor ideia de como eles se parecem. — Eu estava pensando em cortar nossas perdas e desmaterializar, os diários que se danem, mas eles eram importantes para Seraphina, o que significava que eu tinha que pelo menos tentar encontrá-los.

— Eu nem sabia que Seraphina tinha uma biblioteca, — Marie observou, fechando os olhos enquanto o ar estalava com eletricidade. — Eu gostaria de ver, algum dia.

— Os diários são de três rainhas Marvelle, — murmurei, nem mesmo certo de que a informação ajudaria.

— Quais três?

— Martine, Colette e Alix.

— Eu posso rastrear Alix. Eu a conhecia bem o suficiente. — Os olhos de Marie se abriram, seu olhar acusador. Quanto tempo Luthor os teve?

— Um mês, — eu admiti, procurando em seu rosto por pistas sobre se nós cometemos um erro por não ir atrás deles imediatamente. Seraphina não tinha me contado imediatamente, e eu não pensei que eles fossem uma prioridade. Talvez nós dois estivéssemos errados.

— O diário privado de uma rainha guarda seus segredos mais profundos, Luthor. É por isso que eles são mantidos para a posteridade. Reinos foram derrubados do que está contido nessas páginas. O fato de Caím ter tomado aqueles em particular... Marie balançou a cabeça, e meus pulmões esvaziaram.

Marie fechou os olhos novamente, inclinou a cabeça para trás. A eletricidade encheu todo o corredor, empurrando a Guarda dos

Cavaleiros um passo para trás enquanto seus olhos se arregalavam, rios de magia fluindo por eles. Tentei não rir.

Minutos se passaram enquanto Marie vasculhava a casa, sua testa franzida em concentração, suas mãos cerradas em punhos. Minha mão estava estendendo para afastá-la quando seus olhos se abriram.

— Eu os encontrei, — ela disse sem fôlego. — No final do corredor, segunda porta à esquerda. Eles estão em uma gaveta – uma cômoda ou escrivaninha.

Nós passamos apressados pelos guardas no topo da escada. — Segure sua posição e mantenha seus olhos naquela porta da frente. Protejam-se.— Instantaneamente, um brilho azul de magia os envolveu.

— Marie, talvez você devesse ficar com eles, — eu disse a ela, meu olhar fixo naquela porta fechada.

— Os homens nunca encontram nada. Você passará uma hora caçando-os. — Ela riu. — Não, obrigado. Além disso, você realmente acha que eu deixaria passar a chance de deixar Caím alguns dos meus próprios truques perversos? Ela bufou. — Você não é tão imaginativo quanto eu pensava, Fontaine.

Ela passou pela cômoda imponente em pernas curvas, passando pela cama e as mesinhas de cabeceira e a escrivaninha. Na penteadeira do banheiro, ela abriu a gaveta de baixo, levantou a pilha de toalhas e tirou três diários gastos, todos vermelhos escarlates.

Nós saímos com a mesma rapidez - eu esperando que ela dissesse eu avisei - e ela parando apenas o tempo suficiente para tecer sua magia pela sala. Eu vi o feitiço de Marie brilhar antes de desaparecer na cama, nas portas do armário, na cômoda.

— Apenas algumas guloseimas, — ela disse, seu sorriso perverso. — Eu pagaria um bom dinheiro para estar aqui quando ele tentasse abri-los, e quando ele se deitasse para dormir…

O sorriso dela ficou mais largo.

— Ele não vai dormir depois disso.

Quando cheguei ao corredor, fiz contato visual com um dos guardas e dei-lhe um aceno tranquilizador quando seu olhar se arregalou. Seu rosto se contorceu de medo enquanto a escuridão saturava o ar, sombras girando ao nosso redor.

Caím estava aqui.

— Evacuar, — eu ordenei. — Certo, porra, agora.

Marie enfiou os livros debaixo do braço, agarrou minha cintura e estávamos no vento.

40

SERAPHINA

O ar ficou borrado segundos antes de Luthor aparecer, segurando Marie em seus braços. Seu rosto estava pálido quando ela se soltou do aperto de Luthor e correu em minha direção, puxando algo debaixo do braço.

— Caím estará logo atrás de nós — ela me disse rapidamente, empurrando os diários em minhas mãos. — Esconda isso agora mesmo.

— Não. Espere. — Ela me puxou de volta para ela, agarrou meus ombros com firmeza com as duas mãos e me envolveu em uma camada de sua magia de cura. Imediatamente me senti melhor, minhas dores desaparecendo, meus lábios rachados se curando.

— Mais uma vez. — Seus dedos apertaram com mais força enquanto ela colocava toda a sua magia dentro de mim de uma vez, e desta vez doeu. — Desculpe, eu sei que é muito para você tomar, mas quando os efeitos passarem, isso deve durar um pouco.

Ela colocou as mãos sobre os diários, e um leve brilho azulado os envolveu. — Esconda isso em algum lugar que Caím não vai olhar. Esse feitiço irá protegê-los por alguns dias, tempo suficiente para você conseguir o que precisa deles.

— Quanto tempo temos? — Eu perguntei, abrindo a armadura no hall da frente e colocando-os dentro . Luthor parecia positivamente chocado.

— Minutos, talvez — disse Luthor antes que dois de seus cavaleiros reaparecessem, ambos sangrando, um caindo no chão no segundo em que pousaram.

Outro se materializou um segundo depois, jogando suas entranhas nas pedras. — Os seguramos enquanto pudemos, senhor. Dois de nós não conseguiram.

— Juro por Deus que matarei aquele bastardo com minhas próprias mãos. — Luthor rosnou.

— Ele está atrás de você? — Os homens se entreolharam antes de balançar a cabeça, incerteza escrita em seus rostos.

— E quanto a Cyrus? — Eu perguntei apressadamente. — Onde ele está?

— Ele estava com você... porra, — Luthor amaldiçoou, —Você o mandou atrás de nós, não foi?

—Eu sinto muito. Caím estava na casa de Marie, esperando por mim. Ele queria me provocar, me dizer que levou você porque você me curou. Eu me virei para Marie. — Mas então ele congelou, como ele sabia... e desapareceu. Assim que voltamos, enviei Cyrus como reforço.

A culpa me consumia, como sempre acontecia quando percebia que tinha cometido um erro terrível. — Sinto muito, Luthor. Achei que você estivesse em apuros.

— Cyrus não vai confrontá-lo. Ele vai jogar com inteligência. — Mas havia dúvida na voz de Luthor. A mesma dúvida que eu senti. Nenhum de nós deveria estar perto de Caím.

— O que nós devemos fazer então? — Eu perguntei. — Voltar atrás deles?

— Espero que Winston ainda esteja fora do perímetro. Cyrus avaliará a situação antes de confrontar Caím. Ele levou alguém com ele?

— Os quatro guardas que você enviou conosco. — Eu assisti as linhas do rosto de Luthor apertarem em frustração, e eu praticamente podia ler sua mente. Mais cinco vidas em risco. E apesar de terem jurado, mesmo sabendo dos riscos, meu sangue gelava toda vez que eu pensava em mandar pessoas para a morte.

— Eles conheciam os riscos, — disse ele calmamente, ecoando meus próprios pensamentos. — Mas talvez devêssemos...

Qualquer que fosse a ideia que eu tinha na minha cabeça desapareceu no segundo em que Caím se materializou no saguão, seu antebraço em volta do pescoço de Cyrus, meu amante lutando com tudo o que tinha, parando apenas quando Caím pressionou a ponta de uma faca abaixo de seu olho.

— Vou arrancar os olhos dele das órbitas — ameaçou Caím. — Devolva-me o que você pegou, Fontaine, e talvez eu o deixe viver.

Caím não tinha intenção de deixar nenhum de nós viver. Mas havia regras em seu jogo doentio, e uma dessas regras era que eu morria primeiro.

Minha intuição me disse que Caím não mataria Cyrus agora. Mas ele o cegaria. Iria machuca-lo. E eu não podia tolerar que isso acontecesse. Olhei para Marie, olhei para Luthor, encontrei os olhos verdes furiosos de Cyrus.

Não dê a ele o que ele quer, Cyrus gritou o vínculo. Não dê a ele porra nenhuma.

Respirei fundo, depois de novo. O relógio no corredor marcando os segundos enquanto todos nós nos encarávamos, nenhum de nós disposto a ceder um centímetro.

Luthor não entregaria Marie a esse monstro, nem eu. Se o fizéssemos... Cyrus nos odiaria por isso. Mas em algum momento, alguém iria quebrar, e meu aposta estava em Caím.

— Deixe o menino ir. — Marie deu um passo à frente, olhando para Caím como se ele fosse um cão raivoso que deveria ser sacrificado. — Eu voltarei se você deixá-lo ir.

— Tão fácil? — Caím perguntou, a faca deslizando mais perto do olho de Cyrus. Minha respiração estava apertada na minha garganta, meu coração batendo tão forte que eu sabia que todos estavam ouvindo.

— Tão fácil, — Marie repetiu, como se isso não importasse para ela de uma forma ou de outra. —Você entende que eles tiveram que tentar?

— Eu sabia que eles iriam, — disse Caím com um sorriso, mas a ponta da faca recuou o suficiente para que eu respirei. — Eu não achei que eles passariam pelas minhas defesas.

— Liberte Cyrus e acabaremos com isso. — Marie endireitou os ombros, como se estivesse enfrentando um pelotão de fuzilamento —, mas ela virou a cabeça o suficiente para bloquear a piscadela que me deu - uma sugestão de sorriso em seu rosto.

O que quer que ela tivesse na manga, ela estava ansiosa por isso.

Caím hesitou, então rasgou a lâmina no rosto de Cyrus e o empurrou para longe. Ao mesmo tempo, os olhos de Marie ficaram brancos. A mesma cegueira leitosa que infectou Caím e o colocou em coma.

— Para que a bruxa não escape de novo — explicou Caím com indiferença enquanto eu procurava no rosto de Marie algum sinal de que ele a estivesse machucando. Rezei para que ela não sentisse nada.

Caím acenou para o sangue escorrendo pelo pescoço de Cyrus. — Esse é o preço por sua hesitação, Seraphina. Quando peço algo, espero ser obedecido. Imediatamente. — Minhas mãos se apertaram, mas por outro lado, mantive minha reação para mim mesma.

— Você tem o que você veio buscar. — Minha voz saiu sem tom. —Agora dê o fora da minha casa.

— Não por muito mais tempo. — Seu sorriso frio me disse tudo o que eu precisava saber.

Caím poderia voltar aqui quando quisesse. A única coisa que o mantinha fora era esse jogo que ele estava jogando, e eu esperava que sua paciência estivesse se desgastando.

— Amanhã a praga romperá suas proteções. Vou enviar minha magia para o seu palácio e permitir que ela consuma tudo o que você ama e transforme-o em apodrecimento. — Assim como o que ele faria com a espécie que ele gerou.

A exaustão tomou conta de mim enquanto eu olhava entre nós.

Luthor, lutando para se manter sob controle e não se lançar em Caím.

Cyrus não se dignou sequer a levantar a mão para deter o fluxo de sangue, tão consumido pelo seu ódio.

Marie, olhos fixos, mente em branco, completamente sob o controle de Caím.

E o próprio bastardo, tão certo de que havia vencido esta guerra, virou as costas para todos nós, agarrou o braço de Marie e desapareceu.

No segundo que ele estava fora de vista, soltei a respiração que estava segurando.

Achei que ele viesse buscar os diários, e o fato de ele nem os mencionar significava que ele não sabia que eles tinham ido embora. Ainda. Tirei minha camisa, corri e a pressionei contra a bochecha de Cyrus.

— Marie ficará bem, — eu assegurei a eles. — Ela sobreviveu a muito tempo e sobreviverá a isso também.

—Mas agora ela se foi, e seu...— Os olhos de Cyrus se encheram de tristeza. — Ela era a única coisa que mantinha você viva.

— Ela teve tempo suficiente para me infundir com magia – uma dose dupla – antes que Caím aparecesse. O suficiente para durar mais

alguns dias, ela disse. Eu dei a ele um sorriso torto. — Aposto que ele não contava com isso. E eu tenho um saco cheio de ervas. Tudo pronto.

— Isso é insuficiente. — Os olhos de Cyrus ficaram frios. — Estamos encurralados, e você sabe disso, Seraphina. Todos nós sabemos disso. É apenas um jogo de espera agora.

— Ah, eu não diria exatamente isso. — Eu encontrei o piscar lento de Cyrus com um sorriso cremoso.

— Luthor E Marie encontraram os diários. Eu pensei que era isso que Caím estava procurando agora, mas ele não estava. Eu nem acho que ele sabe que eles se foram.

— E você acha que os livros vão nos salvar?

— Eu tenho certeza . Estamos procurando duas coisas. O diário de Martine, que esperamos detalhar como transferir o poder de um vampiro para outro. E o athame de Lilith, que é a ferramenta que precisamos para fazer isso acontecer. — Tentei não deixar aquela pequena chama de esperança acender dentro de mim, mas também não consegui esmagá-la.

— Nós temos o diário, o que significa que só está faltando a faca.

Eu tive uma ideia maluca. Louco o suficiente que eu não poderia expressar em voz alta, mas não tão louco que não funcionasse. Luthor, na verdade, havia sugerido isso. Se pudéssemos separar a magia de Caím de seu corpo e transferi-la para mim, então a raça vampira não morreria.

Porque tecnicamente, o poder de Caím não morreu.

Eu só tinha que descobrir como juntar todas as peças.

— Há três de nós e três diários. — Afastei minha camisa ensanguentada do rosto de Cyrus. O corte já estava cicatrizando, embora lentamente, já que ele estava se alimentando de humanos.

— Deixe-me dizer o que estou pensando, para que todos saibamos o que procurar. Com um pouco de sorte, talvez encontremos.

41

DESTON

Eu estava na varanda alta do Castelo de Brasov, na Romênia, examinando o enorme foyer abaixo de mim.

Uma bela vista - e uma que Katarina desfrutava com bastante frequência - até que quebrei seu pescoço como um galho. A mesa redonda que dominou o espaço estava tombado de lado, o vaso de cristal quebrado, restos de rosas mortas espalhadas pelo chão.

O bilhete que Seraphina havia deixado para ela estava feito em pedaços, e eu gostaria de ter visto isso. Ela gostava de seus pequenos dramas, e pelo que parecia, ela rasgou o cartão e partiu para a América.

Ela nunca voltou.

Katarina encontrou seu fim atrasado porque Seraphina a alimentou para o espectro - meu irmão, como se viu - que usou sua carne para reconstruir sua nova forma.

Agora eu estava de volta à minha antiga prisão, procurando o Santo Graal das armas mágicas – o athame de Lilith, uma faca capaz de separar a magia de um vampiro de seu corpo, deixando o corpo indefeso e a magia livre para ser tomada.

Tantos pequenos passos me trouxeram até aqui.

Cada um daqueles pequenos passos selando o destino de Seraphina.

O castelo tinha o mesmo cheiro, o fedor fétido de podridão, sangue velho e magia corrupta. Este lugar já foi lindo antes que o mal de Katarina o transformasse em algo obsceno. Esta manhã, eu tinha visto movimento nas montanhas escarpadas, algumas de suas criações horríveis ainda vagando livremente. Então, não conseguimos matar todos eles.

Eu estava aqui há dois dias, vasculhei este lugar monstruoso desde a torre mais alta até a masmorra mais profunda, e ainda não encontrei o que estava procurando. Meu instinto me disse que Katarina – Lilith – teria mantido a faca por perto, no caso de Caím escapar de sua prisão.

No final, nem a faca a teria salvado.

A faca pode ser um mito. Eu flutuei no purgatório tempo suficiente para perder muitos acontecimentos importantes, incluindo a ascensão de Katarina ao poder.

E como ela conseguiu prender meu irmão em primeiro lugar.

Mas algo me dizia que não tinha sido esperteza ou sorte, e certamente não era força. Katarina teve ajuda do tipo mágico – o que significava que a faca existia.

Eu tinha procurado o athame antes. Eu esperava que isso pudesse me libertar da minha existência infernal, me dar poder sobre Katarina, o suficiente para quebrar o vínculo de alma entre nós. Mas eu nunca tinha visto nada remotamente parecido com uma lâmina de ouro, magicamente imbuída.

Examinei a grande entrada, depois o teto abobadado. Eu começaria no topo novamente e trabalharia meu caminho para baixo. Eu poderia ter perdido alguma coisa nas primeiras três vezes que eu procurei.

Houve um zumbido no vínculo de acasalamento, um roçar dos dedos de Seraphina em meu couro cabeludo, e a leve sensação de mel de jasmim substituiu o fedor por alguns breves segundos. Eu a senti antes, mas remotamente, apenas abrindo o vínculo por tempo suficiente para garantir que ela estivesse segura.

Se minha companheira soubesse onde eu estava, ela ficaria chateada, e eu não estava aumentando seus fardos.

— Deston? — A voz dela estava longe, ou da distância entre nós, ou da magia negra que protegia este lugar. Deston? — Ela disse com mais urgência. Você pode me ouvir?

— Eu te escuto. Por muito pouco. Está tudo bem?

Minhas mãos apertaram o balaústre. Luthor e Cyrus deveriam tratá-la como a coisa mais importante do mundo, ou eu mataria os dois.

— Onde você está? Você está perto do palácio?

Eu ri baixinho. — Não muito. Mas posso estar lá em algumas horas. Você está bem?

Houve uma pequena hesitação, o suficiente para eu duvidar do que ela disse em seguida. — Estou bem. Mas temos um problema. Bem, não tanto um problema como uma situação.

— Eu já estava me movendo, indo para as muralhas, que eram o melhor lugar para me desmaterializar. Eu andava de amarelinha pela Europa e, assim que chegasse à Irlanda, faria o salto em distância para a Islândia, outro para a Groenlândia, e depois desceria pelo Canadá até chegar em casa.

Uma façanha impossível para qualquer outra pessoa. Mas eu não.

— Aonde você está? — Desta vez, sua pergunta foi tingida de frustração. — E juro que se me disser Nova York, chutarei seu traseiro quando voltar.

Não, minha companheira não gostava que eu mentisse para ela. Eu aprendi essa lição muito bem.

— Estou na Romênia, eu admiti, subindo as escadas estreitas e circulares.

O vento cortava os buracos entre os tijolos, trazendo consigo o cheiro de pinho e xisto.

— Como no castelo de Katarina? — Agora sua frustração esfriou em preocupação.

— A primeira E a mesma. Eu quase cheguei ao topo. Dê-me algumas horas, Seraphina, três no máximo, e estarei lá. Luthor e Cyrus estão com você?

— Não me deixando fora de sua vista, — ela disse com uma ponta de irritação.

— Bom. Eles não deveriam. Você se importa em explicar essa... situação? Ou estamos esperando até eu chegar em casa?

— Posso estar esperando por isso. — Uma pitada de humor flutuou pelos laços, e a faixa apertada ao redor do meu coração relaxou.

— O que você está fazendo no castelo? — Ela perguntou curiosa. Porque, por sorte, eu estava pensando naquele lugar horrível.

Eu estava na muralha aberta, examinando o xisto escarpado que se projetava da densa floresta de pinheiros. Do outro lado do desfiladeiro, algo saltou de pedra em pedra, e eu captei o brilho vermelho dos olhos.

— Por que diabos você estaria pensando neste lugar?

— Porque há algo que precisamos encontrar, Deston. E há uma chance de ser no castelo.

— O que diabos você está procurando que poderia estar aqui?

— Uma faca, chamada athame, que pertencia a Lilith.

Fiquei atordoado em silêncio. Eu só sabia sobre a arma através de rumores que juntei ao longo dos séculos, e mesmo assim, meu instinto me disse que isso era uma busca tola.

— Como você sabe sobre a faca?

— Seu grande livro de rainhas menciona isso, e recuperamos os diários perdidos.

Claro, meu livro mencionaria isso. Quando conjurei aquela coisa – por capricho, mais do que qualquer coisa – minha magia tomou todo o meu conhecimento e o transformou em um guia para Seraphina. Era para ser uma piada, mas por sorte, o livro se tornou um recurso valioso.

Houve uma pausa antes de Seraphina acrescentar: — De acordo com Martine, a faca separa a magia do hospedeiro. Se for verdade, pode torná-lo mortal o suficiente para matar. Alguma chance de você poder dar uma olhada ao redor?

Desmaterializei-me no andar de baixo, onde o vento não estava me cortando.

— Já procurei em todos os lugares. Nenhum sinal disso. — Eu estremeci, apenas imaginando o olhar no rosto da minha companheira.

Desta vez a pausa durou uma eternidade. — Isso é o que você deixou de fazer. Você sabia o tempo todo que existia. A raiva escorria pelo laço. Todo esse tempo, tentamos descobrir uma maneira de prender Caím, e você sabia como fazer isso?

Estremeci com o temperamento de Seraphina. Não que eu a culpasse nem um pouco; isso parecia suspeito, especialmente quando eu ainda estava ganhando meu caminho de volta para suas boas graças.

Achei que o athame de Lilith fosse apenas um mito. Ouvi falar disso ao longo dos anos, mas nunca nenhuma prova real. Eu não queria aumentar suas esperanças, não antes de encontrá-lo.

Não que eu tenha localizado, mas a maldita coisa tinha que estar em algum lugar. Minha companheira raramente estava errada, e se ela achava que estava aqui, então estava. Mas onde?

Marie lançou um feitiço no esconderijo e localizou os diários. Você poderia fazer algo parecido?

Agora a longa pausa estava do meu lado, e eu esfreguei minha testa, debatendo se deveria ir para casa neste minuto. — Diga-me,

Seraphina, que você não vasculhou a casa de Caím procurando aqueles malditos diários?

— Claro que não. Luthor foi. Ele realmente foi resgatar Marie, mas eles encontraram os diários também. O problema é que Caím levou Marie de volta e, assim que descobrir que os diários desapareceram, ele também virá atrás deles.

Andei até a varanda, então passei a mão pelo meu cabelo. — Apenas uma vez, seria bom para a minha companheira ficar longe de problemas enquanto eu estivesse fora, mas aparentemente, isso era pedir demais. Eu estava chutando as bundas de Luthor e Cyrus no segundo em que voltasse.

— Ninguém está chutando a bunda de ninguém, Seraphina repreendeu. Fizemos o que tínhamos que fazer. Claro, se você tivesse me dito para onde estava indo...

— Se eu lhe dissesse para onde estava indo, você teria me convencido a não ir. E eu provavelmente teria deixado porque, antes dessa conversa, eu me convenci de que a maldita coisa nunca existiu.

— Eu quebrei meu cérebro, tentando descobrir o que eu tinha perdido. Eu revirei todos os quartos, revirei todos os móveis, as passagens secretas e os cofres escondidos. Vou fazer outra passagem pelo castelo. Eu não conheço um feitiço de localização, e eu procurei em todos os lugares neste maldito lugar.

— Bem, obviamente você não olhou em todos os lugares.

— Obviamente, você está certa. Não que isso ajude, Seraphina.

—Não, mas estou morrendo de vontade de dizer isso há um tempo. — Um traço de risada escorreu pelo laço, e eu não pude deixar de sorrir.

— Ela o teria guardado com ela, desde que aprisionou meu irmão, mantido por perto, só por precaução.

Examinei as tapeçarias surradas que cobriam as paredes. Talvez um deles tenha escondido um esconderijo, ou Katarina pode ter escondido a faca nas montanhas, caso em que nunca a localizaríamos a tempo.

— O que a no castelo que é antigo? Quero dizer, como mil e quinhentos anos? Algo que ela teria trazido com ela, como um móvel ou uma caixa. Eu suponho que se eu soubesse o tamanho dessa faca, poderia ajudar. Eu sei que é ouro, e há um rubi, do tamanho de um ovo.

— Onde você está conseguindo todas essas informações?

— Diário de Martine. Mas espere até ver o que encontrei no diário de Clementia Fontaine. É uma verdadeira mina de ouro.

Eu soltei uma risada. — Clementia tinha sido uma peça de trabalho. Possivelmente a rainha mais implacável que já encontrei, depois de Katarina, é claro. Era difícil acreditar que Luthor descendia do mesmo sangue.

— Se Clementia tivesse conseguido encontrar a faca, teria sido desastroso. Inferno, meu irmão a teria matado ou se casado com ela. Eles eram tão parecidos.

— Eu posso ver isso muito bem, disse Seraphina. Não sei quão grande é, mas acho que seria como a pintura de mamãe. Katarina nunca deixaria isso fora de sua vista. Então, procure algo muito, muito antigo, talvez algo com dourado ou vermelho?

Caminhei até a beirada da sacada, examinei o castelo vazio, as tapeçarias desbotadas, até que meu olhar pousou no brasão de Katarina dominando uma das paredes de pedra. Quantas vezes eu tinha olhado para ele com desgosto? Agora, prestei mais atenção.

Assim como Katarina, o escudo era ridiculamente espalhafatoso de grifos, dragões e unicórnios misturados com flores e folhas, bandeiras e armas. Uma bagunça confusa, se você me perguntasse, mas... era vermelho. E ouro.

Apertei os olhos para os machados cruzados – quase três metros de comprimento – e o escudo abaixo deles, cortado em quadrantes. Uma das seções continha um par de pequenas facas cruzadas. Eles eram de ouro, cravejados de joias, os rubis brilhando na luz fraca.

O escudo estava coberto com uma barreira protetora, que eu contornei facilmente.

Lancei minha magia e a soltei da parede, então baixei a coisa pesada para o chão.

O brasão era de ouro maciço, os dragões tinham rubis nos olhos e as escamas do grifo eram pérolas. O unicórnio tinha sido esculpido em pedra da lua. Eu me agachei, inclinei minha cabeça para ter uma visão melhor das facas.

Eram duplicatas exatas, mas enquanto uma delas estava fundida ao brasão, a outra era mantida no lugar por um suporte inteligente, invisível a menos que você estivesse de perto.

Estendi a mão, deixei minha mão pairar sobre a arma, minha magia procurando por uma armadilha final. O athame foi protegido por um dos terríveis feitiços de Katarina, criado para desfigurar quem o violasse. Eu desvendei o feitiço até que a faca estava diante de mim, brilhando na luz fraca.

— Eu encontrei, — eu disse a Seraphina baixinho, meu coração batendo na garganta.

— Encontrei e estou voltando para casa.

42

SERAPHINA

Exatamente três horas depois, Deston entrou na biblioteca, o rosto queimado de vento, o cabelo grosso emaranhado. Seu rosto estava pálido de exaustão, e não se alimentando adequadamente, e fazendo Deus sabe o que para chegar em casa a tempo.

Quando acabei de folhear os diários. Martine prossegue sendo uma mina de ouro. Markus fotografou cada página com seu telefone e estava reconstruindo o feitiço quando Deston apareceu.

Eu pulei do sofá e me joguei nos braços do meu companheiro. — Deixe-me ver. Eu quero vê-lo.

— E aqui eu pensei que você estava feliz em me ver — brincou Deston, mas entregou a faca. —Estava enfeitiçado, mas eu removi todos os vestígios da magia de Katarina, então é seguro.

A faca era de tirar o fôlego - bonita demais para uma arma - mas a lâmina longa e curva era cruelmente afiada e, apesar do enorme rubi no punho, estava perfeitamente equilibrada. A esperança me bombardeou. Uma sensação vertiginosa que eu não experimentava há muito tempo. Pela primeira vez, agarrei-me à perspectiva de que poderíamos deter Caím.

Para fazer isso, eu tinha um milhão de ideias, nenhuma delas baseada em fato, apenas no feitiço que encontramos no diário de Martine e na arma em minha mão. Um plano para salvar umas espécies da extinção. Talvez eu fosse uma tola.

— Cuidado, — Deston advertiu enquanto eu corria um dedo ao longo da lâmina. — Um pequeno corte e sua magia não será mais sua. — Eu não tive coragem de dizer a ele que não tinha magia suficiente para me incomodar.

— Foi astutamente feito, — eu notei, virando-o na minha mão. — Até a lâmina está gravada, e acho que nunca vi uma joia tão grande quanto está.

— Exceto pelos olhos daquela serpente em sua biblioteca, — Cyrus apontou. —Maldita coisa está sempre olhando para mim.

— A arma é feita de bruxa, e a gravura é um encantamento pagão, isso eu descobri, — Deston cortou suavemente, seus braços me segurando mais apertado. —Marie saberá mais.

— A faca sempre foi a peça que faltava, e Markus reconstruiu o feitiço.

— Então nós temos o que precisamos, — concordou Deston, mas as palavras soaram frias quando seu corpo endureceu contra mim com raiva. — Você está congelando, — ele murmurou.

Deston segurou meu braço e me levou para uma cadeira perto do fogo, então me puxou para seu colo. — Você está pálida, Seraphina, — ele apontou calmamente. — Quando foi a última vez que você dormiu? Ou se alimentou, por falar nisso?

— Um dia.— Inspecionei a faca. Quando corri meus dedos pela parte de trás da lâmina brilhante como o espelho, o metal zumbiu. — Talvez dois, no máximo.

Deston chicoteou a cabeça para Luthor e Cyrus. — Vocês dois bastardos deveriam estar cuidando dela. O que diabos aconteceu?

—Caím aconteceu, — eu disse a ele com firmeza, uma pitada de repreensão na minha resposta. — Caím levou Marie porque ela estava me mantendo viva. Aparentemente, eu não estava morrendo rápido o suficiente por ele. Ele a tirou da equação.

— Então vocês três decidiram ir em uma missão de resgate?

— Claro, nós fizemos — eu rebati uniformemente. — O que você esperava que fizéssemos? Deixá-la lá?

— Eu fui atrás de Marie, — Luthor interveio, erguendo-se a toda sua altura e estalando o pescoço, como se convidasse Deston a dar um soco nele. — Conseguimos libertá-la, mas procurar os diários levou um tempo valioso. Quando encontramos os livros, Caím já estava atrás de nós.

— Como isso aconteceu?

— Ele estava me esperando na casa de Marie.

Deston praticamente vibrou de raiva, e eu mexi minha bunda mais fundo em seu colo, efetivamente calando-o. — Nós nos dividimos em duas equipes, e só para você saber, Cyrus e eu entramos e saímos da casa da Marie em menos de cinco minutos. Caím só queria esfregar isso, — eu disse rapidamente. — O fato de que ele pegou minha amiga e removeu minha última chance de sobreviver a essa doença.

Passei por uma rápida explicação de como Caím poderia congelar o tempo, algo que eu já havia descrito para Luthor e Cyrus várias vezes. Markus se animou, pois era a primeira vez que ouvia a história.

— Você já esteve sozinha com meu irmão duas vezes agora? — Deston perguntou lentamente. — Ele tentou entrar na sua cabeça?

Dei de ombros. — Ele está sempre na minha cabeça. — Eu fiz uma pausa. — O que será um verdadeiro problema, seguindo em frente, não é?

Deston acariciou seu dedo na parte de trás do meu pescoço, e eu estremeci. —Eu posso ajudar. Colocar um escudo em torno de seus pensamentos, um que meu irmão não possa penetrar.

— Faça isso — eu ordenei, não me importando com o custo. Um fio de frio estremeceu através de mim, um escudo de preto envolvendo meus pensamentos. Ao meu redor. Permanente e reconfortante e protetor. Assim como ele. Como nós.

Consegui dar uma risada fraca. — Caím acha que me derrotou. Mas a piada é dele porque Marie me infundiu com magia suficiente para durar alguns dias, o que nos dá algum espaço para respirar.

— Então...— Deston disse cuidadosamente, seu olhar fixo na faca. — Você tem a faca e o feitiço. Você se importa em nos deixar entrar em seu plano?

Uma risada rápida e nervosa saiu de mim. — Que plano?

— Aquele em que você já descobriu exatamente como usar a faca em Caím e aprisioná-lo no subsolo. — Agora foi a vez de Deston rir. — Eu te conheço muito bem, companheira. Você já decidiu como vai fazer isso. Mas, ao contrário de seus esquemas anteriores, desta vez, você nos dirá exatamente o que planeja fazer, passo a passo.

Eu respirei fundo. — Eu tenho uma ideia, mas prender Caím não faz parte disso. — Todos os traços de humor deixaram o rosto de Deston enquanto ele esperava que eu continuasse.

— Eu me perguntei... e se eu pegasse um pedaço do plano de Martine, um pouco de Clementia e a faca de Katarina – se eu os combinasse, poderia criar um novo tipo de magia?

Eu mordi meu lábio, então estendi a mão e puxei o fichário azul grosso da mesa ao lado de Cyrus.

— Este era o diário pessoal de Clementia. Caím não aceitou com os outros porque achava que não havia nada de valor, mas eu discordo.

Acredito que a chave para o deter está neste livro. Só não sei se é possível.

— Diga-nos o que você está pensando, — Luthor disse firmemente. —Faça isso para nós, e talvez possamos fazer isso acontecer.

— Se falharmos, então é o fim. Acho que essa é a nossa única opção.

— Nós não falharemos, — Deston disse firmemente. — Agora, diga-nos o que você está planejando e não deixe nada de fora.

ENQUANTO DESTON apertava os braços em volta da nossa Rainha, Luthor e eu ficamos parados, esperando para ouvir o que Seraphina estava planejando. Ela tocou a faca, como se mal pudesse esperar para passá-lo pelo pescoço de Caím. E isso, bem ali, era o meu problema.

De alguma forma eu sabia que, para seu plano funcionar, ela teria que se aproximar do bastardo.

Perto o suficiente para usar a faca nele, e ela mesma faria isso porque nunca colocaria nenhum de nós em perigo.

Atrás de seus olhos dourados, eu vi as rodas girarem. Eles estavam se virando há dias enquanto ela tentava descobrir uma maneira de sair dessa bagunça. Eu queria ajudá-la, mas minha especialidade era intrigas e manobras na corte, não matar semideuses.

Seu olhar deslizou sobre nós, e ainda assim, ela ficou quieta. Eu sabia por quê.

No início, fomos rápidos em descartar suas ideias. Nós pensamos que elas eram muito perigosas, muito impulsivas, muito imprudentes. Mas ela provou que estávamos errados ao derrotar Viktor e retomar o reino. Atrair Katarina aqui e libertar seu companheiro do vínculo da alma.

Seraphina era inteligente, e eu confiava nela para encontrar uma saída para isso.

O que quer que ela estivesse planejando, era uma combinação de mil informações que ela reunira nos últimos meses, tudo isso culminando em um plano bem pensado com poucas desvantagens.

E, conhecendo-a, colocando apenas a si mesma em risco.

— Martine escondeu um feitiço em seu diário. Não é óbvio, a menos que você goste de fazer quebra-cabeças. Markus percebeu primeiro. Se você pegar a primeira palavra de cada parágrafo… você explica melhor do que eu, Markus.

— A primeira palavra de cada parágrafo soletra um encantamento desvinculaste, mas é mais longo do que qualquer outro que já vi. — Ele estendeu suas páginas manuscritas. — Só percebi porque minha mãe gostava de brincar com feitiços e reconheci as primeiras palavras.

Markus entregou o papel a Deston, que o examinou rapidamente. — Eu não sei muito sobre feitiços, mas eu diria que está completo, dado o que eu sei deles. A pessoa que deveríamos perguntar é Marie.

— Isso é a próxima parte do meu plano. — Seraphina suspirou. —Precisamos de Marie para lançar o feitiço.

— O feitiço requer magia diferente, magia de bruxa, — Markus explicou.

— O que explica por que Caím tentou acabar com as bruxas. Ele sabia que a magia delas o afetava. Quando Katarina o aprisionou, ela deve ter pedido a ajuda de uma bruxa.

Seraphina ergueu a faca. — Leia a primeira parte, Markus.

Dividir a casa de carne viva,

Uma lâmina de ouro, você deve possuir. Engula o poder preso dentro…

Seraphina o interrompeu. — Katarina usou a faca e pegou sua magia, virando ele no espectro, que ela aprisionou. Ela fez uma pausa, encontrando meus olhos. — Ela não conhecia um feitiço para tirar o poder de Caím, ela só queria que ele saísse do caminho.

Seraphina fechou os olhos, como se estivesse debatendo a sabedoria do que ela estava prestes a dizer em seguida.

— Se o feitiço pode transferir poder, se a faca é o que acreditamos que é, preciso chegar perto o suficiente de Caím para usar a faca. Marie tem que ser consciente o suficiente para lançar o feitiço.

— E então o que você planeja fazer, Seraphina?

Ela tomou um poção de ar. — Se eu sou uma concha vazia, então posso absorver a magia de Caím. Todo esse poder estará procurando um lar, e eu lhe darei um.

Horror estremeceu através de mim, e eu me movi atrás dela, deslizei minha mão ao redor de sua nuca, embora Deston assobiasse

com a intrusão. — Se você está planejando absorver o poder de Caím, deixe-me lembrá-la do que é esse poder. É magia negra e corrupta, e absorvê-la irá corromper você.

— Eu sei o que é isso. Quando eu estava indo para a escola, estagiei em uma clínica especializada em transplantes de medula óssea. — Sua garganta balançou. — Quando um humano tem câncer, há um processo chamado transplante de medula óssea. Eles fazem quimioterapia para matar sua medula doente, então infundem células saudáveis em você. Uma vez que o transplante é concluído, o corpo assume o controle e começa a produzir novas células sanguíneas saudáveis.

— Parece horrível, — eu disse suavemente, mas ela relaxou enquanto eu a alimentava com magia um pouco de cada vez até que seu coração acelerado desacelerou.

— Estou falando de um transplante mágico. Eu teria que me livrar da minha magia e da magia de Lyra – a combinação que está me matando. Quando eu absorver a magia de Caím, esse será o único poder dentro de mim. Teoricamente, esse distúrbio sanguíneo deve desaparecer, embora eu espere que leve meses para me adaptar à sua magia.

—Você está sugerindo que você enfrente Caím, sem uma gota de magia em seu corpo, use a faca para abri-lo e depois absorva sua magia? Minha voz saiu mais dura do que eu pretendia, mas só de ouvir isso enviou um novo choque de medo através de mim.

— É a única maneira, Cyrus, — ela disse com firmeza. — Mas há um efeito colateral que nenhum de vocês considerou. — Seu sorriso iluminou seu rosto inteiro. — O que vai vendê-lo no meu plano.

Eu duvidava que eu seria vendido em qualquer coisa.

— Pensamos que matar Caím significaria o fim de nossa raça. — Ela balançou a cabeça.

— Mas estaríamos apenas matando a casca, aquela que ele moldou com a carne e o sangue de Katarina. É a magia dele que criou os vampiros. Uma vez que esse poder seja transferido para mim, a espécie estará segura. — Uma pequena risada nervosa escapou de seus lábios ao mesmo tempo em que percebi aonde ela queria chegar.

— Em vez De ter um pai de nossa raça, haverá uma mãe.

Seu olhar era inabalável quando ela acrescentou, com lágrimas brilhando em seus olhos: — Alguém que garantirá que nossa espécie viva para sempre.

43

SERAPHINA

Na manhã seguinte, o cheiro me acordou. O cheiro doce e enjoativo de putrefação que permeava tudo no quarto, até minha pele.

Eu nem precisei olhar pela janela para saber o que aconteceu.

A infestação havia rompido as barreiras e estava abrindo caminho em direção ao palácio.

Metade do motivo pelo qual ele sequestrou Marie foi para acelerar essa guerra entre nós. Para ele, tudo isso era apenas um jogo. Mas para mim…

Essas pessoas eram meus amigos, minha família — e esta era minha casa.

Olhei pela janela e segurei um suspiro. As proteções estavam a quase um campo de futebol do palácio, e a podridão não apenas os havia alcançado, mas estava consumindo a magia que os mantinha juntos. Um mofo preto e pegajoso subiu pelas barreiras mágicas como uma parede macabra, com quase seis metros de altura.

Vesti as roupas e desci as escadas correndo, encontrei todos já reunidos ao redor da mesa da cozinha, rostos tão sombrios quanto eu.

— Bom Dia, minha rainha. — Luthor disse rispidamente, cedendo sua cadeira enquanto ia buscar uma xícara de café para mim.

— Isso é discutível. — Notei que todos estavam aqui, até Renard. Seus olhos estavam sóbrios quando ele inclinou a cabeça para mim. Todos sabiam o que isso significava. Estaríamos evacuando. Em breve.

— Nós temos tentamos atirar, mas ao contrário das outras aberrações da magia de Caím, não está respondendo. Na verdade, parece acelerar o crescimento, — disse Renard.

— Eu sabia que isso aconteceria, eventualmente. — Olhei com gratidão para Luthor quando ele deslizou a xícara fumegante na minha frente. — Não pensei que avançaria tão rapidamente.

Caím estava cansado de esperar. Estávamos operando na linha do tempo dele, não na nossa.

— Comece a fechar o palácio. Mova qualquer coisa de valor para fora do prédio, incluindo a biblioteca. — Eu pulei de pé. —

Especialmente a biblioteca. Essa sala contém registros que remontam ao início de nossa espécie. Não vamos perdê-los, não no meu turno.

— O palácio pode sobreviver, especialmente se nós...

Eu cortei Renard. — Caím já me disse que destruiria este lugar. Suponho que, como ele não poderia tê-lo para si mesmo, ninguém o faria.

— Caene, — Luthor ordenou, — Você e Silas coordenam esse esforço. Consiga quantos homens precisar. Markus, você está encarregado da biblioteca. Quero todos os livros fora dessa sala, até o último panfleto.

Cadeiras chiaram pelo chão enquanto as pessoas se preparavam para sair.

— Nós estamos em sua linha do tempo agora, — eu disse a eles. — Esta é uma vingança por nós resgatarmos Marie. Assim que ele perceber que seus diários se foram, ele virá, e desta vez, duvido que ele vá se conter.

— Vamos ver o que podemos fazer em duas horas, — disse Luthor, trocando olhares comigo. — Tire o máximo que pudermos nesse tempo, mas concentre-se na biblioteca. Concordo que esses livros são as coisas mais valiosas aqui.

—Eu gostaria de ter minha magia, — eu murmurei, então balancei minha cabeça. — Mas eu não tenho. — Tomei um poção de café e torci o nariz; algo que Luthor não perdeu.

— É o seu tônico, Seraphina. Eu sei que tem um gosto horrível, mas é bom para você. Uma sugestão de um sorriso brincou em seus lábios. — Tome seu remédio, como uma boa menina. — Um pouco de calor aqueceu seu rosto antes que ele o escondesse.

— Não é você que tem que beber.

Marie me encheu de magia na noite passada, mas os efeitos estavam desaparecendo. Eu meio que me perguntei se Caím tinha feito algo comigo quando ele pegou sua magia de volta.

Talvez tenha custado um pouco mais, como seguro, então não tive chance.

Em pouco tempo, os vampiros entupiram o foyer, que estava sendo usado como área de preparação.

— Para onde estamos enviando tudo? — Perguntei a Luthor curiosamente. — Se Caím descobrir para onde tudo está indo, ele destruirá isso também.

— Hugh Cormier possui uma instalação de armazenamento do outro lado da cidade. Metade disso vai para lá, mas os livros…

Luthor olhou para Deston incisivamente.

— Os livros vão para Ravenswood, ma chérie, — meu companheiro me assegurou. —A menos que você conheça um lugar melhor?

— Não, isso vai ser perfeito. — Suspirei. — Eu não posso acreditar que chegou a isso. E eu não posso acreditar que eu causei isso.

— E eu nunca pararei de dizer a você, isso não foi culpa sua. — Deston me acomodou contra ele, minha cabeça aninhada na curva de seu pescoço enquanto observamos as pessoas empacotando tudo o mais rápido que podiam. Voluntários carregados de livros desapareceram, depois voltavam para outra carga. — Isso é culpa do meu irmão, e de mais ninguém, — ele murmurou em meu ouvido.

Dificilmente me fez sentir melhor.

— Mesmo sem sua magia, você é a adversária mais forte que ele já enfrentou. Mais forte que Katarina. Vamos salvar tudo que valha a pena salvar deste lugar, e quando Caím estiver morto, construiremos um novo palácio que não contém nenhum traço do mal.

Ele balançou sua cabeça. — Não como este lugar. Começaremos com uma nova lousa e você finalmente terá uma casa própria.

— Isso é um bom sonho, Deston, — eu disse suavemente, sabendo que enquanto ele cumpria cada palavra, as chances que eu teria de construir minha casa dos sonhos eram quase nulas.

— Eu quero ir lá fora. — Eu não podia mais ficar aqui, esperando o fim. Senti como se estivéssemos cedendo um terreno que nunca recuperaríamos. Eu odiava ser colocada nessa posição, mas pior ainda, eu odiava que todo o clã estivesse nessa posição.

Até os clãs europeus estavam lutando agora, todos os olhos sobre nós, observando para ver a rapidez com que Caím me esmagava sob seu calcanhar.

— Você não quer ver isso, — Deston disse com firmeza. —Nem você quer sentir o cheiro, confie em mim.

— É melhor do que nos ver fazer as malas como vagabundos. Eu gostaria de ver o terreno, uma última vez, antes que eles desapareçam.

— Então você deve — meu companheiro disse suavemente, colocando um casaco em volta dos meus ombros.

Ele agarrou minha mão e me puxou em direção à porta. —Se prepare. Se você acha que o fedor está ruim aqui, não é nada parecido com o que está lá fora.

Ele estava certo.

O cheiro de podridão escorria do ar, que havia adquirido uma umidade gordurosa, como se as proteções estivessem prendendo o veneno dentro. — Precisamos baixar as proteções, — eu disse a ele, segurando meu casaco sobre o meu nariz. — Ou então tudo aqui vai sufocar, incluindo nossos voluntários.

— As proteções nos mantêm seguros, Seraphina. Se os baixarmos…

— As proteções são inúteis. Todos no clã estão com muito medo por suas próprias vidas para me atacar. E eles nunca mantiveram Caím fora. Largue-os agora, antes que sejamos forçados a sair porque o ar é irrespirável.

— Vou buscar Luthor, — Deston capitulou, me puxando de volta para a porta. Eu não me mexi, observando com uma antecipação doentia o mofo viscoso preto rastejando cada vez mais alto nas alas, sufocando os carvalhos.

— Fique aqui, e eu farei Luthor baixar as proteções. Já que eles são uma mistura de magia dele e de Marie, espero que ele tenha o poder de desfazer o trabalho de feitiço de uma bruxa.

Eu não iria a lugar nenhum.

Não até que a terrível praga de Caím chegasse às portas da frente, e eu não tivesse escolha a não ser ir embora. Eu ficaria até o amargo fim e me certificaria de que Caím soubesse disso. Ele queria me empurrar? Bem, eu só poderia ser empurrado até agora; algo que ele estava prestes a aprender.

Desde que ele ressuscitou dos mortos, eu não tinha sido nada além de uma tarefa fácil, comprometendo-me constantemente para encontrar uma solução pacífica, um terreno comum, alguma maneira de trabalharmos juntos.

Eu o avisei que havia um outro lado meu, e vendo sua escuridão se aproximar, me ocorreu que Caím tinha cometido um erro fatal.

As chances eram de que eu estaria morta em alguns dias.

No segundo em que eu fosse embora, Caím iria exterminar qualquer um que fosse leal a mim. Isso incluía meus amantes, meu companheiro, os Cormiers e todos os outros que tinham sido meus aliados.

Pela primeira vez na minha vida, eu realmente não tinha nada a perder.

Eu estava matando aquele bastardo. A única coisa que eu tinha que descobrir era onde.

Brinquei com a prisão, mas isso parecia óbvio demais. A casa segura na cidade era um não definitivo porque haveria baixas humanas, e eu não podia arriscar isso. Não podíamos fazer isso aqui, mas a localização era a única coisa que eu podia controlar em toda essa situação.

Tinha que ser remoto, em algum lugar que Caím não conhecia. Tinha que acontecer à noite, já que era a única vez que ele podia sair. Teríamos que atraí-lo para lá, embora isso não fosse um grande problema.

Uma vez que ele sentisse que eu estava perto da morte, ele teria que me ver morrer.

— Você é, uma menina má.

Como se meus pensamentos o conjurassem, a voz de Caím soou na minha cabeça, uma mistura de humor escaldante, repreendedor e raiva real.

Eu lutei para erguer todas as barreiras mentais que eu tinha, secundárias às que Deston ergueu ontem. Eu sabia há quanto tempo Caím estava aqui, me observando, nem senti sua presença rastejante na minha cabeça, mas era fundamental que ele não descobrisse o que já sabíamos.

Você não apenas recuperou a bruxa. Você roubou outra coisa.

A brisa havia parado no ar, mas o fedor se intensificou. Obviamente, o tempo de congelamento não fez nada sobre o cheiro.

Eu estava esperando Caím, mas em vez disso, Marie se materializou do nada, seus olhos brancos leitosos e fixos, seus braços soltos ao lado do corpo.

Ele me enviou um mensageiro que eu não faria mal. Caím era mais esperto do que eu pensava.

— Na minha época, cortamos as mãos dos ladrões. — A voz de Caím saiu da boca de Marie, e ela olhou incisivamente para a minha. — Mas suponho que tais coisas não são mais feitas, não é?

— Nem tanto, — eu disse a ele, tentando dar uma olhada melhor em Marie. Ela parecia ilesa, mas estava definitivamente encantada. — Pela sua lógica, eu deveria ter cortado suas mãos há um mês quando você roubou aqueles diários da minha biblioteca.

— Você não tem espaço para conversar, Seraphina. Você me apunhalou pelas costas.

— Tirando uma página de sua cartilha, — eu disse rigidamente. —O que você quer, Cain? — Fiz um gesto para a infestação que avançava. —Veio ver como seu plano maligno está progredindo?

— O palácio terá desaparecido até o final do dia. — Sua ameaça rosnou da boca de Marie, seu rosto ainda inexpressivo. Estremeci com a justaposição, me perguntando se ela percebeu o que ele estava fazendo com ela. —Então, você não terá para onde ir.

Ele estava com raiva, apesar de sua tentativa de escondê-lo.

— O que você quer? — Eu coloquei uma pitada de exaustão em minhas palavras, e um sorriso cruel torceu a boca de Marie. — Quero dizer, você é provavelmente a criatura mais forte deste planeta inteiro, e ainda assim você passa seus dias jogando esses joguinhos, se divertindo torturando uma mulher moribunda. Parece muito patético para mim. — Inspecionei minhas unhas com fingido desinteresse.

Marie inclinou a cabeça. — Estou apenas mostrando aos meus filhos o que acontece com aqueles que me desagradam. E que melhor exemplo do que a Rainha Darkfell? Quando eles virem a facilidade com que você cai, eles se curvarão para mim.

— Sim, a reverência. Aposto que você gosta disso.

A brancura nos olhos de Marie rodou e, por um breve segundo, sombras estreladas brilharam em suas profundezas. Bom. Eu queria provocar Caím agora. Inimigos raivosos cometiam erros, e eu precisava que Caím ficasse zangado.

Eu precisava que ele estivesse confiante demais, sem dúvida em sua mente que ele iria ganhar.

Eu bocejei. — Bem, suponho que eu deveria começar a pensar sobre onde ir a seguir, não deveria? Você provavelmente mal pode esperar para contar a todos os seus aliados que você venceu esta rodada. — Joguei minha cabeça para trás e ri, o som ecoando pelo campo lamacento.

— Ah, isso mesmo, você não tem nenhum. Você nunca vai. Você tem inimigos e pessoas que o temem. Você será um rei estelar.

Os olhos de Marie olhos se estreitaram. —Dê-me o diário, Seraphina. Ou vou arrasar o palácio aqui e agora, junto com todos que estão nele.

Um arrepio de medo passou por mim. Eu tinha noventa por cento de certeza de que ele estava blefando, mas sempre há a chance de ele seguir em frente. Caím ansiava por derramamento de sangue; eu vi em seus olhos.

Bem, aos olhos de Marie.

— Tudo bem, eu vou buscá-los. — Eu me virei. —Dê-me cinco minutos e eu vou trazê-los para você.

Verifiquei novamente minhas barreiras mentais antes de me virar. Mantendo minha mente cuidadosamente em branco enquanto me afastava, a parte de trás do meu pescoço ainda formigando com o aviso.

Uma vez lá dentro, caminhei entre grupos de vampiros congelados, como se o mundo inteiro tivesse parado. Eu não sabia como Caím conseguia congelar o tempo.

A magia dele afetou apenas esta pequena área ou toda a cidade? Ou o estado?

Ou o mundo inteiro?

Tirei os diários da mesa da biblioteca e, quando voltei, as mãos de Marie estavam estendidas, prontas para aceitá-los.

— Eu não sei por que ele pegou isso em primeiro lugar, — eu sussurrei para Marie. — Quero dizer, ele não sabe que havia livros que valem mil vezes mais na biblioteca?

— Valor está nos olhos de quem vê, — Marie disse vagamente, balançando os dedos para me apressar, mas eu os afastei.

— Já que você gosta tanto de pechinchas, eu tenho uma para você. Vou devolver isso, mas quero Marie em troca.

— Você não está em posição de pedir nada. Isso está quase no fim.

— Então não deveria importar onde Marie está. — Fiz um gesto para a praga que avançava.

— Assim como você disse, minha casa terá desaparecido até o final do dia. Você quase ganhou, então o que importa agora?

Procurei no rosto inexpressivo de Marie algum sinal de que ela pudesse estar ouvindo, mas não encontrei nada.

— Deixe Marie conosco e leve seus preciosos diários. — Por um longo minuto ficamos ali, eu tentando descobrir se ele tinha causado danos permanentes a minha amiga, e Marie, com aquele vazio horrível em seu rosto normalmente vibrante.

O vampiro que entregou a nota de Sebastian apareceu do nada, e eu quase pulei para fora da minha pele.

— Dê-me os diários, Seraphina, — disse o homem, aproximando-se. Eu me perguntei se ele estava sob o controle de Caím naquele dia na sala do trono. Sua boca se abriu, e a voz de Caím ecoou,

— Eu terminei com a bruxa de qualquer maneira. Ela serviu ao seu propósito.

Hesitei, depois coloquei os livros nas mãos do homem. Agarrei o pulso de Marie com firmeza. Não havia razão para Caím deixar Marie, e nós dois sabíamos disso.

Mas imaginei que com a vitória tão perto, ele estaria disposto a deixá-la ir.

O homem se inclinou para mais perto, e algumas faíscas errantes saíram de sua boca. — Estou ansioso para ver você morrer. Para sentir a agonia do meu irmão quando seu coração para de bater, e a luz diminuir de seus olhos. E então, minha doce pequena rainha, reconstruirei este mundo do jeito que deveria ser.

Eu não queria ver aquele mundo. Eu com certeza não queria viver nele.

Minha mão se entrelaçou com a de Marie. Eu a levei de volta ao palácio e a entreguei aos cuidados de Markus, permiti que Deston me examinasse e, quando ele me declarou ilesa, fui direto para a sala do trono. Quando cheguei ao trono propriamente dito, passei a mão sobre o metal frio, coloquei as palmas das mãos nas cabeças dos animais e sentei-me, de cabeça baixa.

Por favor ,Não rezei para ninguém em particular. Por favor, se você está ouvindo, me ajude.

Dê-me força suficiente para fazer isso. Eu tenho que salvá-los. E eu não sou forte o suficiente.

O metal sob minhas mãos esquentou, mas mantive meus olhos bem fechados.

Começou com um formigamento, então a magia residual fluiu para mim. Nada como o que eu tinha antes, mas o suficiente – talvez – para o que estava por vir.

O trono que eu odiava empurrou a magia de volta para mim, uma estranha mistura de diferentes tipos, todos eles com um leve sabor de ganância e um traço de enxofre, me lembrando de quem nós descendemos.

Eu me perguntei se os deuses tinham senso de humor, afinal. Porque isso era o que eu usaria para acabar com ele.

44

SERAPHINA

O rato bastardo não estava brincando.

Nós nem chegamos até o anoitecer quando Caím - evidentemente sem paciência - enviou uma onda de escuridão em direção ao palácio.

Fleur Trahan estava na cozinha, desfazendo o aperto de Caím sobre Marie quando a infestação atravessou as portas da frente, inundando o saguão com alcatrão grosso e pegajoso, o fedor insuportável.

Quase não consegui salvar o conteúdo mais valioso, e a biblioteca estava vazia, embora os belos animais esculpidos no teto estivessem perdidos para sempre. Fazendo uma verificação final, corri pelos corredores, xingando Caím a cada passo. Não era para terminar assim. Devíamos ser felizes.

Nós deveríamos viver por cem anos, juntos - aqui. Eu estava me aproximando da biblioteca quando Cyrus saiu correndo.

— Estenda suas mãos, Fina. — O sorriso de Cyrus era ofuscante quando ele deixou cair duas enormes esmeraldas facetadas em minhas palmas. — Os olhos da serpente na biblioteca, — ele explicou, dobrando meus dedos ao redor deles. — Não faz sentido perdê-los. Além disso, quando você reconstruir seu novo palácio, imaginei que você poderia incorporá-los à sua nova biblioteca.

Dei-lhe um abraço rápido. — Obrigado Cyrus, — eu disse baixinho, embora eu tivesse certeza que não estaria reconstruindo nada. —Você é o melhor.

— Veja, isso é o que eu continuo dizendo a todos. Não sei por que eles se incomodam em discutir.

— Nem eu. — Enfiei as joias de valor inestimável em meus bolsos e os fechei, então deslizei minhas mãos sob o casaco de Cyrus, apertando meus dedos atrás de suas costas.

A única coisa boa era que eu era mais forte, cheia de uma estranha combinação de poder que parecia e tinha gosto estranho. Uma mistura das cem rainhas que vieram antes de mim, uma fusão de

magia de Darkfell que eu rezei que fosse suficiente para o que eu tinha que fazer a seguir.

— Pronta, minha rainha?

Eu balancei a cabeça, mas eu não estava vendo nada. Dei uma última olhada nas paredes nuas, na praga horrível de Caím fluindo pelo corredor em nossa direção, e fiz um voto.

Caím morreria. Eu fiz a essas pessoas uma promessa de protegê-los, e eu faria. Mesmo que fosse da criatura que os criou.

Nós nos materializamos no antigo cemitério em frente à cripta de Fontaine.

Fleur chegou segundos depois, afastou-se de Deston e olhou em volta, desconfiada, para o antigo cemitério cheio de criptas cobertas de musgo e lápides tombadas. Deston manteve Marie em seus braços, embora eu duvidasse que ela fosse a qualquer lugar, seus olhos ainda brancos como leite e fixos.

— Está tudo bem, — eu assegurei a Fleur. — Eu tive a mesma reação, a primeira vez que estive aqui. Este lugar é nosso backup para quando as coisas dão errado. Caím não sabe que isso existe.

Eu esperava que isso ainda fosse verdade.

— Vamos, devemos ficar no subsolo. É difícil dizer quem ele tem trabalhando para ele agora, — eu insisti. Caím tinha escravos à sua disposição e, embora tivéssemos feito vários saltos para tirá-lo de nosso rastro, era possível que tivéssemos sido seguidos.

Luthor e Caene estavam indo para o muro de pedra onde as proteções começavam, e uma vez que verificassem isso, eles varriam a floresta, então colocariam guardas para nos vigiar.

Cyrus liderou o caminho para a cripta, enquanto Fleur e eu conduzimos Marie pelos degraus de pedra. Cyrus acendeu as luzes e nós a acomodamos no sofá.

— Isso é inesperado. — Fleur soltou um longo suspiro, olhando em volta para a moderna e atualizada caverna que se tornou um esconderijo. — Você tem certeza de que estamos seguros aqui?

— Tão seguro quanto podemos estar, — eu assegurei a ela, não querendo que ela se preocupasse. — Caím se concentrará em destruir o palácio esta noite, já que a ruína parece estar no topo de sua agenda.

— Eu não posso desfazer a magia dele. — Fleur parecia irritada. — É como se ele a estivesse segurando com a mente cativa.

— Deixe-me ver se Deston pode ajudar. — Eu cuidadosamente coloquei a mão flácida de Marie de volta em seu colo. A Rainha das Bruxas estava em algum lugar lá, lutando para escapar, eu sabia disso. Tínhamos que descobrir uma maneira de ajudá-la.

Voltei para fora e encontrei Deston. — Você pode ajudar Fleur? — Eu perguntei baixinho, procurando na floresta por sinais de movimento. Ou olhos vermelhos. — Ela não pode quebrar o domínio de Caím sobre Marie.

— Verei o que posso fazer. Meu irmão provavelmente usou alguma magia arcana que Fleur nunca encontrou antes. Com um aceno de cabeça, ele foi ajudar enquanto eu olhava entre as árvores, certa de ter visto algo se movendo.

As pilhas de folhas secas foram substituídas por um exuberante crescimento de verão, flores roxas pontilhando a vegetação emaranhada. As trepadeiras venenosas que sufocavam a cripta e as lápides estavam cobertas de folhas verdes brilhantes que tive o cuidado de não tocar. A última coisa que eu precisava era carvalho venenoso.

— Você deveria entrar, Seraphina. Luthor correu até mim. —Está quase escuro, e Caím estará em movimento.

Acenei com a mão no ar. — Ele passará horas se regozijando com o palácio destruído e nos forçando a recuar. Quando ele tiver certeza de que não há nada para salvar, ele seguirá em frente.

Eu não sabia qual seria seu próximo alvo. Estávamos correndo com o rabo entre as pernas. Para ele, não éramos mais uma ameaça.

— Todas as casas reais foram evacuadas, certo? — Eu pedi pela décima vez. — As chances são de que ele vá atrás de um deles em seguida, começando com sua maior ameaça. Estou pensando que Renard é o alvo mais provável, agora que estou fora.

— Pode ser, mas Renard não se mexeu, — Luthor murmurou, frustração densa em sua voz. — O velho bastardo era da opinião de que ninguém o expulsaria de sua casa.

— Caene? — Eu chamei na escuridão. — Eu preciso que seu pai evacue. Lembre-o de que Caím fez a bruxa mais forte da cidade como refém, e ele fará o mesmo com sua família. Não quero que membros da corte sejam usados como fichas de troca.

Deston emergiu da cripta, balançando a cabeça. — Consegui quebrar o bloqueio mental de Marie, mas ela está trêmula e sua magia

não é confiável. Levará algumas horas para ela se orientar. A magia do meu irmão a deixou confusa, e acho que ela não dorme há alguns dias.

— Obrigada, — eu disse a ele calmamente. —Eles devem ficar aqui? —Eu olhei em volta. Este lugar tinha sido criado para nós quatro, mas nós nos espremíamos.

— Fleur se ofereceu para levar Marie para a casa dela. Penso que é uma boa ideia. Caím pode atacar esta noite, e não quero colocá-los no meio de um tiroteio, especialmente com Marie impotente.

— Ok.

— Vou me certificar de que eles cheguem em casa em segurança. Não sei como, mas Fleur disse que protegeu sua casa contra Caím, especificamente.

— Quando o vampiro mais poderoso do mundo bate à sua porta, você toma precauções. Eu consegui prender um de seus cabelos, naquela noite ele trouxe você para mim, — Fleur explicou, entrando pela porta, apoiando Marie. — Estou confiante de que ele não conseguirá entrar. Enviarei uma mensagem quando ela estiver recuperada.

— Dê-me algumas horas, — Marie resmungou irritada, —e eu voltarei para chutar a bunda daquele bastardo.

Eu tive que sorrir.

Enquanto Deston devolveu as duas bruxas à cidade, Caene partiu para convencer seu pai a abandonar a casa da família, ele não achava que teria sucesso e Cyrus partiu para fazer mais uma varredura no perímetro. Luthor e eu ficamos lado a lado enquanto eu lutava com o que viria a seguir.

E todas as maneiras pelas quais isso poderia dar errado.

Havia uma razão para o ditado, Silencioso como a sepultura.

Este lugar era completamente desprovido de som. Até a brisa parecia evitá-lo, e minha voz parecia incrivelmente alta quando eu falava.

— A única coisa que escolhemos nesta batalha é a localização. Não podemos enfrentar Caím no palácio, está impregnado de sua magia agora. O mesmo vale para a prisão. Ele foi enterrado lá por muito tempo, e eu suspeito que ele deixou alguns vestígios para trás. Precisamos de um lugar que ele nunca esteve, um lugar que ele não conhece. O que nos dará uma pequena vantagem.

Luthor fez um som baixo de aprovação.

— Ainda há mortos enterrados aqui. — Olhei em volta, contando as lápides.

— Eu poderia criá-los e teríamos um exército à nossa disposição, um que não poderia ser morto. Prefiro arriscá-los a qualquer um de vocês.

O olhar ardente de Luthor fixou-se em mim.

— Este seria um bom lugar para enfrentá-lo. Você não acha? — Eu perguntei suavemente.

— Se você tivesse magia suficiente para ressuscitar os mortos, — Luthor me lembrou. — O que você não tem.

— Eu teria que me livrar de toda a minha magia para absorver o poder de Caím — expliquei suavemente. — Ressuscitar os mortos faria isso. — Luthor balançou a cabeça, e eu dificilmente o culpei. Eu queria que houvesse outra opção também.

— Quando eu despejar toda a minha magia, não demorará muito para eu morrer, — eu disse a ele suavemente. — Quando Caím sentir que estou morrendo, ele vai querer se gabar. Ele vai direto para mim. — Eu indiquei o cemitério silencioso ao nosso redor.

— Marie tem que memorizar o feitiço e estar pronta para lançá-lo. Haverá apenas um minuto, talvez menos, enquanto Caím chega perto o suficiente para me olhar nos olhos. Perto o suficiente para eu esfaqueá-lo. Uma vez que a faca penetre em sua pele, Marie começará o encantamento e a magia deve começar a ser transferida.

O que eu não disse foi... com sorte, eu sobreviveria.

— Cronometragem será um problema e posicionamento. Eu sei que você não quer ouvir isso, mas Caím terá que se aproximar. E uma vez que Marie comece, duvido que qualquer um de nós possa parar o que acontece a seguir.

FLUTUEI NUA na piscina subterrânea, a água morna lambendo meu corpo, o som ecoando fracamente no teto de pedra lavrada acima. Este foi o mais pacífico que senti em dias, apenas eu, a água e pensamentos sobre matar meu inimigo.

Eu não tinha reservas. Sem dúvidas. Sem segundas intenções.

Caím tinha que morrer para o resto de nós viver, e essa era uma troca que eu estava perfeitamente confortável em fazer.

Ouvi a porta se abrir, senti o cheiro de Deston, o toque macio de seus pés, o som de roupas caindo antes que a água mudasse enquanto ele deslizava na piscina.

Suas mãos estavam tão quentes quanto a água quando deslizaram sob mim, traçaram meus lados, então seguraram meus seios, seus dedos beliscando meus mamilos suavemente.

Suspirei, então deixei meus pés caírem no chão. — Eu estava perfeitamente feliz, apenas flutuando — eu disse a ele, procurando seus olhos escuros, salpicados de estrelas que ele não se incomodava mais em esconder.

— Eu teria permitido que você flutuasse para o conteúdo do seu coração, companheira, até que eu vi isso. — Ele me levantou até que ele pudesse chupar um dos meus mamilos em sua boca, seus dentes pressionando até que eu assobiei. — Você sabe muito bem que não posso resistir a você, mon amour.

— Eu sei. — Suspirei, deixando-me deslizar para baixo em seu corpo musculoso. — Não mais do que eu posso resistir a você. — A magia que eu havia absorvido do trono estava diminuindo, embora eu estivesse tentando conservá-la da melhor maneira possível. Mas Deston era muito lindo para negar, e minha mão se arrastou mais para baixo, acariciando seu comprimento duro até que ele gemeu.

— Eu tenho que estar dentro de você, — ele murmurou, me levantando mais alto, então eu montei em seus quadris e ele deslizou para dentro. Meu canal se apertou ao redor dele enquanto eu afundava mais e mais até me sentir impossivelmente cheia.

— Mas eu quero meu sangue em você também. — Ele inclinou a cabeça para trás, sua garganta apertada muito tentadora para resistir. Minhas presas deslizaram lentamente, meu corpo sem energia para se alimentar, mas consegui perfurar a pele de Deston, sangue enchendo minha boca como o melhor vinho.

Bebi profundamente enquanto ele me segurava ali, empalada, meu clitóris pressionado contra os músculos duros de seu abdômen. Suas mãos acariciaram minhas costas, demorando-se na base da minha coluna antes de subir novamente.

— Olha o que estamos perdendo, Luthor. — O tom indignado de Cyrus me fez sorrir, sangue fluindo por toda parte antes de fechar

minha boca ao redor da ferida e dar outro poção. — Sexo na piscina, sem nós. O que eles estavam pensando?

— Eu deveria saber que vocês dois idiotas iriam arruinar isso, — Deston assobiou, mas não havia calor em suas palavras. Seu corpo ficou tenso embaixo de mim. — Não se atreva…

Ele praguejou logo antes do respingo, e uma onda nos atingiu por trás. Eu mal o havia lambido antes de Deston e eu afundarmos.

— Vocês idiotas de merda, — ele gaguejou, mas ele estava rindo, e então eu comecei a rir, e então Luthor fez uma bala de canhão, sua cabeça roçando o teto.

Desta vez, a onda encharcou todos nós, e Deston me puxou para cima, xingando Luthor em francês.

Agarrei meu companheiro e afundei de volta em seu pau, gemendo quando ele empurrou para cima, um braço em volta das minhas costas, um escudo de sua magia negra entre nós e Cyrus e Luthor.

As sombras de Luthor penetraram a barreira, envolvendo meu torso, acariciando meus seios, subindo pelo meu pescoço, as carícias sussurrantes me fazendo estremecer, apesar da água aquecida.

— Deixe-nos entrar – exigiu Cyrus. — Nós também queremos jogar.

— Deixe-os entrar, Deston — eu disse, assobiando quando ele beliscou meu pescoço, meus calcanhares cavando na parte baixa de suas costas. — Nós deveríamos estar juntos esta noite.

— Você sabe que não gosto de compartilhar, — Deston argumentou baixinho, puxando quase todo o caminho para fora antes de empurrar lentamente, seu olhar travado com o meu, uma pitada de desafio brilhando em suas profundezas. A cada golpe lento, a pressão crescia em meu núcleo. Meus olhos ameaçaram rolar para trás na minha cabeça, mas eu puxei seu ombro.

Esta foi - potencialmente - nossa última noite. Eu não diria isso em voz alta, no entanto, mesmo quando eu não conseguia parar de pensar nisso.

— Deixe-os entrar, companheiro. Agora mesmo.

— Ok. — O escudo desapareceu, e as mãos de Cyrus substituíram as sombras de Luthor, seus dedos espertos puxando e deslizando ao longo da minha pele molhada, deixando arrepios em seu rastro. Sua mão prendeu na parte de trás do meu pescoço, mas ele não mordeu.

Em vez disso, ele aproximou minha boca da garganta de Deston.

— Alimente, Seraphina. Beba até não poder mais, — Deston assobiou quando eu o mordi novamente, já sentindo os efeitos de seu sangue, minhas entranhas formigando com poder.

Ele me fodeu lentamente, seu pau deslizando para dentro e para fora, a água espirrando ao nosso redor, a mão de Cyrus encontrando meu clitóris e esfregando suavemente no ritmo dos golpes de Deston.

Mais forte, eu pensei, puxando outro bocado de sangue, mais forte, vocês dois.

Eu estava inundada com a necessidade, querendo-os dentro de mim tão profundamente, eu carregaria a marca deles para sempre. Mesmo se eu os consumisse até a última gota, não seria suficiente. Não para mim, não para eles, não com o que estava diante de nós.

Por favor, eu implorei em silêncio. Por favor, dê-me tudo. Eu quero mais. Lágrimas deslizaram pelo meu rosto. Eu nem sabia por quê, só que nosso tempo estava se esgotando. Nós lhe daremos o que você precisa, Seraphina, mas devemos ter cuidado.

— Porra, eu não quero cuidado. — Eu joguei minha cabeça para trás. — Eu quero todos vocês, porra.

Com um gemido, Cyrus empurrou a cabeça de seu pau contra minha bunda, fez uma pausa, então afundou em mim, a queimadura rápida de dor desaparecendo quando Deston saiu. Ele nunca parou de esfregar meu clitóris enquanto eles me fodiam em conjunto, tudo desaparecendo, tudo exceto o deslizar de seus paus dentro e fora, a pressão deliciosa e ardente aumentando cada vez mais.

Luthor agarrou meu queixo e me beijou, seus lábios provocando os meus, sua língua lambendo a fenda da minha boca, engolindo meu grito quando gozei com tanta força que vi estrelas. Abaixo de mim, Deston estremeceu, e então Cyrus o seguiu, seu pau latejando na minha bunda, eu me contorcendo entre eles.

A última onda do meu orgasmo estava desaparecendo quando Deston me transferiu para Luthor, que me carregou até a borda, me virou, então me empurrou para frente, então minha bunda estava no ar, minhas pernas abertas.

—Você terá o melhor segurar minha rainha, — ele advertiu suavemente, sua voz rouca com necessidade. — Assistindo vocês três juntos... tentarei ser gentil.

Ele plantou a mão entre minhas omoplatas, e eu assobiei quando ele me pressionou, empurrando minhas coxas mais largas enquanto ele se colocava entre as minhas pernas, posicionado na minha entrada. —Você está molhada pra caralho, — Luthor murmurou, girando seu pau em minhas boceta.

— Eu estava na água, — eu apontei, pegando meu lábio entre os dentes quando ele empurrou na minha boceta inchada.

— Quando tudo isso estiver feito, e você estiver curada, eu baterei nessa sua linda bunda por ser tão tagarela — ele repreendeu suavemente. —Mas, por enquanto, vou me contentar em ouvir você gritar meu nome quando gozar.

Eu não conseguia pensar no que dizer a seguir enquanto ele empurrava para dentro e para fora, seu pau sendo impossivelmente grande, mesmo que ele estivesse se segurando, tentando o seu melhor para ser gentil.

Cyrus deslizou na pedra ao meu lado, virando minha cabeça para capturar minha boca em um beijo ardente antes de deitar de costas, apresentando sua garganta para mim.

— Alimente, minha rainha. Você tem que ser forte para amanhã. — Eu o bebi, saboreando risadas e travessuras, lágrimas grudadas em meus cílios, mesmo quando meu corpo se apertou em torno de Luthor, mesmo quando senti Deston passar os dedos pelo meu cabelo.

Eu queria mais.

Eu queria todos eles dentro de mim, sangue e semente, porque quando eu morresse, eu os levaria comigo onde quer que eu fosse. Se eu não pudesse nos salvar, se este fosse o fim, eu não queria que desaparecessem completamente, nenhum vestígio de nós no mundo reconstruído de Caím.

As palavras selvagens de Luthor sibilaram em meu ouvido. —Você é tudo que eu sempre penso, Seraphina. — Ele empurrou mais fundo, sua mão tremendo onde ele me prendeu, seu corpo tenso de se segurar. —Tudo que eu sempre quis. Você já me salvou. Salvou a todos nós.

Eu sabia que Luthor queria me foder violentamente, mas ele não queria, e foi esse pensamento que me quebrou. Com um grito suave, eu gozei, caindo sobre ele, minhas pernas tremendo enquanto ele parava, sua semente pulsando em mim.

Ele me soltou, e então Deston me pegou, me envolveu em uma toalha macia e me carregou para a cama.

Horas depois, no escuro, Luthor me puxou para sua garganta. — Uma última vez, Seraphina, — ele murmurou, e eu tive energia suficiente para morder seu pescoço grosso e musculoso, seu sangue com gosto tão rico quanto da primeira vez que eu o tive.

Você foi meu primeiro, você se lembra?

Eu nunca esquecerei aquela noite, não enquanto eu viver.

Achei que teríamos para sempre, pensei que teríamos...

Calma, amor, o amanhã ainda não está escrito.

Mas cheirei sua mentira na escuridão pouco antes de seus braços me envolverem, e quando me alimentei dele, chorei, por todas as coisas que queríamos, mas nunca teríamos.

45

SERAPHINA

Eu passei uma hora no telefone, discutindo com uma teimosa Tessa, tentando fazê-la ver a razão, quando me ocorreu.

Eu era a maldita Rainha.

Ela jurou que ficaria até o amargo fim, mas quando lhe dei uma ordem direta, ela obedeceu. Oba por ser rainha.

Eu não estava perdendo minha melhor amiga, e seu bebê – meu afilhado – era importante demais para arriscar. Agora ela estava indo para o norte com Rafael enquanto o resto dos Cormiers estava indo para o oeste. As outras casas reais se espalharam pelo país para evitar o expurgo de Caím, incluindo Renard.

Dei um suspiro de alívio.

Eles não tinham saído um momento tão cedo. Pouco antes do amanhecer, Caím demoliu a mansão Cormier, assim como todos os prédios do complexo da Casa Gauthier.

Então ele começou a queimar casas no Bairro Francês, eliminando meus aliados com eficiência e enviando uma mensagem clara para qualquer pessoa disposta a me ajudar.

Ajude a Rainha, e eu destruirei tudo o que você tem.

Agradeci, ao sol que nasceu antes que ele causasse muito dano, mas as pessoas estavam fugindo da cidade. Pelo menos, aqueles que podiam se dar ao luxo de sair.

—Houve duas mortes, Seraphina. — Cyrus observou meu rosto enquanto dava a notícia. Ele parecia um inferno, seus olhos vazios o suficiente para eu saber que ele mesmo tinha visto o dano, falado com os sobreviventes. — Mas não temos nomes. Ainda não.

— Mal posso esperar para enfiar essa faca na barriga dele — murmurei, querendo dizer cada palavra cruel. Cyrus me observou, seu olhar inabalável.

— Eu não permitirei que ele tire mais uma vida, — estendi a mão e agarrei sua mão suja. — Use a Guarda de Cavaleiro. Espalhe pela comunidade mágica que Caím estará à solta ao pôr do sol.

E isso era tudo que eu era capaz de fazer agora.

Envio de avisos inúteis.

Eu deveria estar caçando o bastardo e matando-o, mas em vez disso... eu estava me escondendo enquanto pessoas inocentes - aquelas que não podiam escapar - estavam firmemente presas.

A mira de Caím.

— Enquanto você estava com Tessa, Fleur ligou. Marie dormiu por quase dez horas, sua magia foi restaurada, e pelo que eu ouvi, ela está pronta para liberar até o último pedaço daquele bastardo com presas – suas palavras, não minhas. Um leve sorriso curvou os lábios de Cyrus, e eu concordei.

Um pouco de boa notícia.

— Então estaremos tão prontos quanto jamais estaremos. Terminamos isso esta noite, Cyrus. Vesti roupas leves de verão - mesmo que mostrassem meus braços machucados -lutando contra o medo subindo pela minha espinha. — Nova Orleans não aguenta mais uma noite de guerra. Amanhã de manhã, haverá corpos nas ruas.

— O amanhecer é em meia hora. Caím vai passar o dia no esconderijo, mas...— Seu olhar deslizou para o meu. — Você tem razão. Esta noite, ele terminará o que começou.

— Então nós o atraímos para fora da cidade antes que ele tenha a chance de machucar alguém. Nós o atraímos aqui. — Apontei para as escadas, para o cemitério além da porta. — Temos até o anoitecer para colocar tudo no lugar. — Suspirei, vendo a dúvida em seus olhos. — Nós nunca estaremos prontos, Cyrus, não realmente. Este lugar é longe da cidade, e Caím não sabe disso. Temos que tentar antes que não haja mais nada para salvar.

— Nós deveríamos seguir os outros e sair de Louisiana, — Cyrus finalmente disse, sua voz falhando enquanto seus olhos mergulhavam em meu braço machucado. — Eu não posso suportar perder você, Seraphina. Eu só... não consigo suportar.

Olhei para seu lindo rosto, procurando aqueles olhos verde-garrafa, desejando poder dizer que sim. Desejando que eu tivesse em mim apenas ir embora.

— Nós terminamos isso juntos. Assim como sempre. Como uma família.

— Você tem que chegar muito perto, Fina. A voz de Cyrus era áspera, prata brilhando em seus olhos. — Não haverá nenhuma maneira de eu chegar até você, nada entre você e ele.

— Eu tenho que fazer isso, Cyrus. — Eu odiava a dor dele, odiava ser eu quem estava causando isso. Eu não permitiria que Caím destrua qualquer outra coisa. — Eu não permitirei que aquele bastardo tire tudo de nós.

Cyrus soltou um suspiro frustrado, mas não me empurrou para isso. Ele caminhou até a cozinha, então me entregou meu café. Eu afundei em uma cadeira, envolvendo minhas mãos ao redor da caneca quente enquanto ele me dava um resumo.

— Luthor está guardando o perímetro, Deston foi avaliar os danos no Cormier's e Gauthiers, então ele vai se encontrar com Silas e Caene no centro da cidade. — Cyrus se inclinou para mais perto, seu olhar firme segurando o meu. — A cidade estará segura até o meio da manhã.

— Não necessariamente, — eu apontei baixinho. — Caím usou um escravo quando veio buscar os diários. Ele foi capaz de controlar Marie, e ela é forte. Ele poderia ter qualquer vampiro sob seu controle, então diga a eles para não confiar em ninguém.

Enquanto Cyrus fazia a ligação, peguei meu telefone e liguei para Fleur. Eu mesma queria falar com Marie. Se ela tivesse alguma dúvida sobre suas capacidades, deixaríamos isso para outro dia, embora não pudéssemos pagar. Dada mais uma noite, Caím poderia exterminar todo o clã. Ele era brutal o suficiente.

— Seraphina? — A voz de Fleur tremeu quando ela respondeu. — Você ouviu o que aconteceu no bairro Francês?

Meu coração afundou. — Ouvi dizer que foi ruim, casas foram queimadas.

— Ele matou dois dos membros mais poderosos do nosso clã. — A voz de Fleur tremeu. — Um deles era meu primo.

— Sinto muito, — eu disse, mesmo sabendo que as palavras eram completamente inadequadas.

— Isso não é o pior. Os covens votaram para entrar em guerra com os vampiros. — Houve uma breve hesitação, e sua voz foi abafada, como se alguém pudesse estar ouvindo. —Estou proibida de ajudá-la.

— E Marie? Eles a proibiram também?

Houve um som de luta, e então Marie resmungou: — Ninguém me proíbe de fazer nada, muito menos os covens. Eu faço o que diabos eu quero, o que inclui chutar a bunda daquele idiota com presas.

Eu sorri, apesar das lágrimas brotando em meus olhos. — Bom, porque eu não posso esperar para tomar cada gota de sua magia, então vê-lo morrer. Não sou uma pessoa violenta, mas só de pensar nisso fico feliz.

— Caím voltou a se esconder, e o clã está falando sobre atacá-lo enquanto ele está no esconderijo, — Marie explicou, sua voz sombria. — Fleur aconselhou contra isso, mas eles estão com raiva e querem vingança. Eu planejava ajudar a evacuar nosso povo, mas ela disse que você vai precisar da minha ajuda?

— Estou mandando uma mensagem de texto para você de um dos diários. Eu não sei como você chamaria isso, mas teoricamente, deveria transferir o poder de Caím para mim.

— Sua magia? — Marie perguntou, seu tom pensativo. —Já ouvi falar desses feitiços. Eles exigem magia de sangue para funcionar.

— Não se preocupe, haverá muito sangue se isso acontecer do jeito que deveria.

Sua voz era sombria, quase temerosa, quando ela sussurrou: — Envie-me o feitiço. Vou usar a sala de trabalho de Fleur para juntar o encantamento, ver se consigo desvendar a magia por trás dele.

— Se você acha que o feitiço vai funcionar, pedirei a Cyrus que venha e traga você aqui antes de escurecer.

— Talvez você explique melhor o que está fazendo, Seraphina.

— Nós temos o feitiço para transferir poder e o athame de Lilith. Usaremos a faca para cortar a magia de Caím de seu corpo. Se eu me esvaziasse de cada gota de magia, então usasse a faca para abrir Caím enquanto você recitava o feitiço, a magia dele seria transferida para mim? Eu mordi meu lábio inferior, me perguntando se eu tinha entendido errado.

— Acreditávamos que se Caím morresse, o resto de nossa espécie morreria com ele. Mas se eu tiver a magia de Caím dentro de mim quando eu o matar, isso manteria o resto do clã vivo?

Marie não respondeu por um longo tempo, como se já estivesse formulando seu contra-argumento.

— Teoricamente, sim, porque o que morreu seria a casca mortal de Caím, que nunca foi dele. Mas seria uma questão de tempo, Seraphina.

Eu não poderia descrever o alívio que enfraqueceu meus membros. —E sorte. — Esfreguei as lágrimas dos meus olhos. — Ainda estamos trabalhando nos detalhes, mas você tem uma ideia geral.

— Como você está planejando se esvaziar da magia? Você deve estar acabando agora.

— Estou, mas tenho conservado o poder da melhor maneira que posso. Vou usar necromancia para levantar o cemitério. Não só isso vai me drenar da minha magia restante, eu vou convocar um exército para lutar.

— Você tem que chegar perto, — Marie disse calmamente. — Muito perto, e sem magia, você ficará completamente vulnerável, Seraphina.

Só de pensar nisso me deu vontade de vomitar. Mas ela estava certa. Eu teria que estar praticamente tocando Caím para esfaqueá-lo, e eu seria quase humana.

— Isso é a beleza deste plano. Caím vai querer se aproximar e não vai se importar com mais nada, exceto me ver morrer e saber que é por causa dele.

DESTON VOLTOU horas depois com notícias sombrias.

Os humanos chamaram seus militares e a cidade foi fechada. Eles atribuíram a violência da noite passada a gangues de rua e estabeleceram um toque de recolher.

Eu quase ri. Quando Caím acordasse, ele teria uma grande surpresa. Ele nunca lidou com humanos militarizados, superando-o em dez milhões para um.

O problema era quantos ele mataria antes que eles o derrubassem.

Se eles pudessem derrubá-lo.

A boa notícia era que Marie tinha ligado e estava confiante de que o feitiço funcionaria. Ela fez alguns ajustes, mas seu entusiasmo reforçou minha coragem.

— Vamos, Seraphina. — Cyrus se levantou do sofá. — Vai escurecer em breve. — Ele empurrou a cabeça em direção à porta.

— Vamos descobrir como fazer isso.

Deston saiu da piscina, seu cabelo pingando. —Eu tive que lavar o fedor da magia de Caím de mim. Em todos os lugares que eu pousava, era tudo o que eu cheirava. Enxofre e mal. Juro, não sei como meu irmão cobriu tanto terreno ontem à noite.

— Ele tem escravos o ajudando. Ele provavelmente os usou para atear fogo. — Passei a mão em seu peito nu, sentindo o poder enrolado dentro. — Vamos descobrir como jogaremos isso. Encontre-nos do lado de fora quando estiver vestido.

Segui Cyrus para fora da cripta, esperando no patamar até que ele me desse autorização para sair.

— Estou pensando que devemos fazer isso por lá. — Cyrus apontou para o centro do cemitério, a estreita faixa de grama entre duas fileiras de criptas pontilhadas de lápides. — Marie pode usar runas de sangue para prendê-lo aqui. — Ele fez uma pausa, suas próximas palavras guturais. — Contigo. O espaço apertado tornará mais difícil para ele manobrar. Ele não tem uma linha de visão clara, não mais do que três metros.

— Muitos mortos para eu trazer de volta à vida, — observei, contando pelo menos vinte túmulos na pequena área. —Mesmo que minha magia não penetre muito profundamente.

— Se pudermos atraí-lo aqui, ele estará cercado. — Cyrus apontou para um lugar no chão, o rosto congelado de raiva. Ou pela situação ou pelo fato de eu estar presa no espaço apertado, junto com Caím.

— Eu tenho racionado minha magia, — eu admiti já que éramos apenas nós dois.

— Eu tenho conservado isso, e ainda assim, eu não sei se tenho o suficiente, — eu disse a ele, expressando meu medo mais profundo. — Não tenho nenhum problema em usar a faca, mas se não tiver poder suficiente para trazer esses esqueletos à superfície…

Cyrus fez um som, e eu coloquei meus braços em volta dele, passei meu dedo por seu cabelo dourado enquanto ele deitava sua cabeça em meu ombro. — Você tem que me prometer algo. — Eu segurei, mesmo quando ele tentou se afastar, como se soubesse o favor que eu estava prestes a pedir.

— Se isso der errado, tire todo mundo. Luthor ficará e lutar até a morte, assim como Deston e a guarda da noite. Minha ordem final para você, como Rainha, é esta.

Tire todo daqui. Markus tem um avião esperando na pista caso eu falhe. Vá para a Irlanda, trabalhe com Maeve para parar Caím.

Ele levantou a cabeça e seus olhos verdes brilharam - em dor e desafio - então esfriou, quando passei a mão pelo braço dele. — Se eu falhar, deixe-me morrer sabendo que você fará isso, Cy. Salve-os e nunca olhe para trás, entendeu?

Não é uma solução, mas uma garantia de que o clã pode sobreviver um pouco mais.

Cyrus hesitou, um músculo trabalhando em sua mandíbula, seu rosto queimando com raiva, frustração e amor. — Eu juro, — ele finalmente murmurou. As palavras lhe custaram, embora seus olhos brilhassem com compreensão.

— E se Marie te curar de novo, e então...

— Marie precisa de seu poder para o feitiço. Espero que seja necessário tudo o que ela tem para lançá-lo. — A esperança no rosto de Cyrus se esvaiu, a luz deixando seu rosto.

— Isso é uma loucura. — A voz de Cyrus era um sussurro rouco: — Eu não entendo como você ainda está de pé, muito menos falando sobre ir contra Caím.

— Eu sentei no trono — expliquei calmamente. — Pouco antes de sairmos do palácio. O trono... me deu poder. Não sei explicar, mas pedi ajuda.

Entendeu.

— Mas como...

— O trono é um objeto de poder. — Deston veio atrás de mim e examinou o espaço fechado com aprovação. — Eu não sei quem fez isso, mas quando eu renasci, Lilith estava sentada nele. Talvez o trono soubesse que os dias do clã estavam contados e decidiu ajudar.

— Sou uma estranha mistura de poder, — eu sussurrei, me perguntando se eu tinha um pouco da magia de Lilith dentro de mim. — Mas deve ser suficiente para esta noite. — Apertei os olhos através do murro, e das árvores além dela, para o sol deslizando mais baixo no céu.

— Se meu irmão não for desviado, — Deston apontou secamente. —Eles têm tanques no centro da cidade.

Cyrus encontrou meus olhos e soltou uma risada amarga. — Caím não entende o mundo moderno. Se ele tiver uma briga com os militares…

Eu balancei a cabeça em concordância. — Vamos tentar evitar isso, Ok? Traga Marie, traga-a de volta enquanto ainda está claro. Não quero que ela se cruze com Caím.

— Deixe um rastro, Cyrus – sugeriu Deston. — Faça parecer que você tentou encobrir seus rastros, mas não tão bem que ele não possa te seguir até aqui. Não quero arriscar que ele termine o que começou na cidade. — Suas mãos se fecharam em punhos.

— Marie deve deixar um rastro de sua própria magia também. Ele espera que nos reagrupamos e vai se divertir com nossa tentativa, pensando que pode acabar conosco de uma só vez.

— Eu cobrirei nossos rastros bem o suficiente. Ele não vai desconfiar.

— Eu sei que você vai. Tenha cuidado com os escravos, — eu o lembrei. — Meu palpite é que Caím está de olho em Fleur, observando qualquer atividade.

Os próximos vinte minutos se estenderam por horas, e eu não respirei livremente até que Cyrus aterrissou na minha frente, Marie apertada em seus braços. A bruxa estava vestida para a batalha, seu cabelo puxado severamente para trás, uma jaqueta de couro surrada cobrindo uma velha camiseta de banda.

Ela examinou nossos arredores, como se aterrissar em um cemitério abandonado não fosse nada fora do comum, e não estávamos prestes a enfrentar um monstro.

— Isso vai fazer muito bem-disse ela com aprovação. —Mostre-me onde você me quer, Seraphina.

Apontei para a pequena área entre as criptas. — Bem aqui. Ele não terá uma linha de visão clara, e há pelo menos vinte esqueletos que posso levantar.

Ela fixou seu olhar penetrante em mim. — Você tem magia suficiente para isso? — Não havia julgamento em sua voz, apenas uma simples pergunta. Quando eu não respondi, ela se aproximou e agarrou minha mão. Sua magia fluiu em mim, reforçando o que eu já tinha.

— Isso não vai te enfraquecer?

— Não sou eu quem precisa de magia para ressuscitar os mortos. Recitar o feitiço requer magia, mas eu tenho o suficiente para isso.

— Ok, é isso que estamos pensando. — Apontei para o centro da pequena área aberta onde uma passarela de cascalho estava coberta de grama espessa. — Nós atraímos Caím aqui, e pouco antes de ele chegar, eu empurro toda a minha magia para o chão.— Ignorei Deston quando ele fez um som de desacordo. — O que deve me colocar o mais perto da morte que eu conseguirei.

Encontrei os olhos de Marie, e ela assentiu levemente, nós duas sabendo que isso era uma conjectura. Qualquer coisa poderia e iria dar errado. — Precisarei estar perto o suficiente para que a magia afete vocês dois para que a transferência ocorra.

— Vai servir? — Apontei para a sombra escura entre duas criptas combinando. — Você deveria apenas se encaixar.

— Isso vai funcionar, mas vai ser apertado. — Marie olhou para a fina rachadura especulativamente. — Ele saberá que estou lá.

— Luthor irá escondê-la com suas sombras. Caím sentirá você, mas não poderá vê-la.

— Cyrus explicou sobre as runas de sangue. — Marie examinou os fundos das criptas, puxou uma lâmina fina, cortou o dedo e fez uma marca complicada no mármore sujo. — Vou trancar esta seção com força. Uma vez que ele cruzar a fronteira, ele não poderá sair.

— Tem certeza? — Eu a segui de cripta em cripta, cada marca diferente, e no segundo que o sangue secou, eles desapareceram, deixando um leve brilho para trás.

— Por que você acha que ele odeia bruxas tanto? Nossa magia pode resistir a ele, mesmo desativá-lo por um curto período de tempo. Se não o determos esta noite, ele vai varrer as bruxas da face da terra.

Apontei para a pequena seção de grama. — É aqui que estarei. Ele vai chegar perto o suficiente para assistir. Para me provocar, uma última vez. Vou esconder a faca…

— Ah, eu me perguntei o que eu estava sentindo. — Seu olhar mergulhou para o meu bolso, onde minha mão estava em volta do cabo da faca.

— Ele vai sentir isso também, — Marie interrompeu, olhando para Deston, que assentiu. — É um objeto de poder. Ele reconhecerá sua assinatura mágica e, quando o fizer, sua armadilha não funcionará.

Eu não tinha pensado nisso, e meu coração disparou com o descuido. — Você pode enfeitiçar isso para que seja indetectável? Mascarar seu poder, de alguma forma?

Marie desenhou sua marca final, e quando ela desapareceu no mármore, o ar ficou mais apertado, formigando com magia antes de desaparecer. Mas eu jurei que podia ver os limites brilhando no pôr do sol, e rezei para que fosse forte o suficiente.

— Eu posso. Mas esses tipos de objetos... o athame lutará contra minha magia e lutará contra você, Seraphina. Muitas são as bruxas que perderam a vida tentando usar magia que estava além de suas capacidades. — Ela empurrou o queixo para a área aberta.

— Ele vai se perguntar por que você está aqui, ao ar livre.

—Ele vai, — eu disse, lutando contra essa sensação de total futilidade, suor escorrendo pelas minhas costas. — Mas eu sou uma boa atriz, e mesmo o bom senso não o impedirá de chegar perto o suficiente para se vangloriar.

— Eu não tenho que te dizer o quão perigoso isso é, Seraphina, — Marie disse, um traço de tristeza em sua voz. — Mas Claire ficaria orgulhosa de você. Ela admiraria a mulher que você se tornou, pouco antes de chutar sua bunda.

—Você provavelmente está certa. — Suspirei, meus ombros caindo. — Mas isso...— Eu indiquei Cyrus encostado em uma das lápides, Deston me observando, seus olhos escuros brilhando de pavor. — Tudo isso vale a pena lutar. Esta é a minha família, e eu morreria por eles como eles morreriam por mim. — Passei o dedo pela faca, sentindo as facetas afiadas do rubi.

— Caím não tem nada pelo que lutar. Ele não tem nada para viver. Nós temos. Assim que eu o matar, todos nós podemos voltar a viver.

Peguei a faca e ofereci a Marie. — Encante para que ele não saiba que existe, e então eu vou orientá-la sobre isso.

Ela não a pegou no começo, apenas olhou para ela, fascinada e um pouco temerosa.

— Já ouvi falar do athame de Lilith, é claro. — Marie pegou a faca, pesou-a na mão e passou o dedo pelo cabo. A coisa desapareceu em nada.

— Nunca pensei que existisse, para falar a verdade. — Quando ela o colocou de volta na minha mão, tudo o que senti foi um peso frio antes de colocá-lo de volta no bolso, meu dedo traçando a pedra preciosa.

Observando o sol cair mais baixo, apontei para Cyrus. — Cyrus estará fora do esconderijo com Winston. No segundo que Caím for embora, o mago saberá. Cyrus vai nos alertar, e eu vou afundar até a última gota de magia na terra. Então esperamos.

Com um aceno de cabeça, Cyrus se desmaterializou para ficar em posição com Winston, e rezei para que ele passasse. Não é que eu não confiasse no velho mago, mas ele geralmente colocava a segurança pessoal acima de manter sua palavra. Autopreservação básica, ele diria.

Por um instante, Deston e eu nos entreolhamos, seu rosto pálido. Se eu sentir que sua magia está falhando, se eu vir algum sinal de que isso está dando errado, Seraphina, eu estou te mandando embora. Pisquei uma vez e continuei.

— Quando Caím aparecer, e eu espero que ele não tenha problemas com a ala externa, ele irá direto para mim. Assim que ele chegar perto o suficiente, eu ordenarei aos mortos que se levantem e o segurem. Isso me dará a oportunidade de enfiar a faca nele. Se a arma funcionar, você lançará o feitiço e então a magia será transferida dele para mim.

Eu não me permitiria pensar em nenhum resultado diferente.

Eu não me permitiria pensar em todas as maneiras pelas quais isso poderia dar errado, nem como Caím era imprevisível. Eu sabia, em meu coração, que ele tinha que me ver morrer. Seu ego exigia isso, assim como o meu exigia que eu defendesse meu povo até meu último suspiro.

— Não é seu último suspiro, Seraphina. — O aviso mortal de Deston soou na minha cabeça.

— Você sangrou o suficiente por essas pessoas. Você não está morrendo por eles.

Lancei lhe um olhar afiado. Estou morrendo, de qualquer maneira. Eu não deveria fazer minha morte valer por alguma coisa? Eu senti o medo do meu companheiro através do vínculo como se fosse meu. Embora eu tivesse gostado de dizer a ele que tudo ficaria bem, eu não tinha ilusões.

Marie avaliou a área, olhando para as fileiras de criptas, as lápides inclinadas e depois de volta para mim. — Esse é um bom plano como qualquer outro. Espero que você não espere que tudo dê certo. —Você está brincando comigo? Nada nunca dá certo. — Todos trocamos sorrisos sombrios. — Ainda assim, é um bom plano, mas se errarmos uma coisa, estamos todos mortos.

— Oh, não se preocupe, — eu brinquei debilmente, rezando para que Cyrus cumprisse sua palavra e tirasse todos eles. — Ele não vai te matar até depois que ele terminar comigo.

46

SERAPHINA

Caminhei pelo perímetro da pequena área, uma última vez, imaginando o que havia perdido.

Meus ombros se curvaram com o pensamento, mas eu os forcei a se endireitar novamente. Ninguém mais mostrava sinais de medo, e eu também não. Todos nós tínhamos as mesmas coisas na linha.

Nossas vidas. Família.

Eu não iria cair sem lutar. Eu era mais inteligente que Caím – talvez não tão desonesta – mas mais inteligente. Eu estava lutando por algo maior, além de salvar o que eu amava. Um mundo melhor, onde todos pudessem prosperar, algo que Caím esmagaria sob seu calcanhar se prevalecesse hoje.

Não, se ele ganhasse, nossa espécie morreria, junto conosco.

— Vou ficar à vista, ma cherie. — Deston disse baixinho, pegando minhas mãos, não escondendo a dor que estava sentindo. Não, estava gravado em seu rosto, e ele deixou que ele ondulasse o vínculo entre nós, fazendo meu coração doer.

— Você não está sozinha, mon amour. Não vamos deixar você, não importa o que aconteça, — ele jurou calmamente, procurando meus olhos, como se pudesse suplantar meu medo com coragem. — Caene e Silas estão guardando o perímetro, junto com uma centena de Cavaleiros da Guarda. Estamos com você, nunca se esqueça disso.

Desviei o olhar, para que ele não visse as lágrimas na tábua de salvação que ele tinha acabado de me jogar.

— Mesmo que tudo dê certo, mesmo que a faca funcione, se a magia for transferida... A magia pode me corromper, como aconteceu com Caím. Assim como Katarina.

Apesar das minhas dúvidas, senti uma pequena e miserável faísca de esperança, a oscilação mal forte o suficiente para suportar uma brisa fraca, muito menos a batalha vindo em nossa direção.

Marie caminhou até uma das criptas, um grande e esculpido objeto, e leu a placa sobre a entrada. — Então, o que é esse lugar, afinal?

— Um cemitério antigo. — Eu olhei em volta. — Para vampiros, eu presumo. A família de Luthor foi enterrada naquela cripta lá.

Deston varreu os destroços de uma das lápides, — Daniel Fontaine. 1749 a 1880.

Eu esfreguei meu cotovelo em outro. — Este também é Fontaine, mas é tão antigo que não consigo ler o primeiro nome ou a data. — Eu queria me bater na testa.

— Eu não sabia que este era o cemitério da família Fontaine.

— Pelo número de sepulturas, eu diria que a casa inteira de Luthor está enterrada aqui. Eu me pergunto...— Deston me puxou para baixo da linha de criptas enquanto eu inclinava minha cabeça para trás para ler os nomes. Ele finalmente parou diante de uma cripta imponente, encimada por uma coroa de mármore preto, uma das pontas quebrada.

— Aqui está ela. Clementia Fontaine, a infame Rainha Darkfell.

Eu balancei minha cabeça. — Impossível. Ela morreu há muito tempo. Muito antes de Nova Orleans ser acordada. Eu não entendo como ela pode estar aqui?

— Porque quando viemos para a América, trouxemos nossos mortos conosco. Nós os enterramos em cemitérios familiares, perto de nossas casas. — Diante da minha expressão horrorizada, Deston apenas deu de ombros, com um leve sorriso no rosto. — Não deixamos nosso povo para trás. Não é tão horrível quanto você pensa. Alguns ossos em uma caixa que são reenterrados em um local diferente.

— Excelente. Isso significa que quando eu fizer minhas coisas, ela provavelmente será reanimada.

— Provavelmente, — Deston concordou, mas havia uma ponta de desconforto em sua voz, e eu me perguntei por quê.

— Do que você tem medo, Deston? Eu perguntei, minha voz sumiu quando vislumbrei seu rosto.

— Clementia era tão ruim quanto Caím. Bêbada de poder, nem um fragmento de alma deixado em seu corpo enrugado no final. Seu olhar ficou distante, como se ele estivesse se lembrando de algo. — Mas há uma coisa sobre ela que você deveria saber, Seraphina.

Deston acenou para o mausoléu manchado, — Ela consideraria você parente por causa de Luthor. Isso pode funcionar a nosso favor.

— Vou dar vida a alguns ossos Deston, não a uma pessoa. Ela não terá livre-arbítrio.

— Não tenha tanta certeza sobre isso. — Paramos, e ele deu um passo lento e deliberado em minha direção, prendendo-me entre seu corpo e a cripta. Estávamos sozinhos; pelo menos, eu não senti Marie por perto, nem Luthor assistindo da floresta.

Silêncio zumbiu entre nós, palavras não ditas que nenhum de nós queria expressar.

— Eu te amo, mon amour, mais do que eu jamais pensei que poderia amar. — Eu deslizei minhas mãos para cima e sobre seus ombros poderosos, aqueles que poucas horas atrás tinham estado sobre mim, sua boca tão exigente quanto seu corpo.

— Eu te amo de volta. — Meus joelhos vacilaram no ritmo do tremor na minha barriga.

Apesar de todas as nossas ligações, sempre houve uma ponta de confiança no meu companheiro, mas desta vez, as coisas foram diferentes. Desta vez, nós dois estávamos em desvantagem, e sabíamos disso.

— Quando meu irmão estiver morto, e isso acabar, — Deston prometeu, cada palavra dura como gelo, — nós construiremos um novo palácio. Construiremos seus bairros e educaremos todas as crianças e realizaremos tudo o que você deseja realizar. — Ele me beijou, o leve roçar de seus lábios nos meus, e quando ele se afastou, seus olhos brilharam com estrelas, tantas que eu não poderia contar.

Os raios finais do sol desapareceram e o canto dos sapos encheu o ar enquanto as sombras se arrastavam pelo chão.

Deston tomou seu tempo, seu beijo vagaroso e lento, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. — Você terá tudo o que sempre sonhou, minha rainha.

Tudo.

47

SERAPHINA

Calma, Seraphina.

As palavras confiantes de Luthor – a voz forte e uniforme do comandante da Guarda dos Cavaleiros – ecoaram na minha cabeça. Minha magia já havia desaparecido, infundida no chão ao meu redor, esperando por mim para comandá-la e trazer os mortos à vida. Meu corpo era pouco mais que uma concha vazia. Tão fraco, eu não fui capaz de respondê-lo de volta.

O chão estava encharcado, molhado o suficiente para que minha camisa e a frente do meu jeans estivessem encharcadas, minha pele grisalha gelada, enquanto eu estava aqui, fingindo de morta.

Isso aumentou a ilusão, assim como a porta escancarada da cripta, os arranhões na grama, como se eu tivesse rastejado para fora para morrer. Luthor estava de joelhos ao meu lado, a cabeça enterrada nas mãos.

Uma adição de última hora, e eu lutei até que o aviso de Cyrus ecoou em nossas cabeças: — Ele está vindo. — Então, eu não tive tempo para discutir.

Eu mal tinha chegado à posição quando a proteção se quebrou em pedaços, cuspindo pedaços de gelo por toda parte, os fragmentos voando como projéteis letais. O ar no cemitério ficou gelado, a geada brilhando na grama recém-brotada enquanto Caím entrava como se fosse o dono do lugar. Uma dúzia de escravos se posicionou ao longo do perímetro, onde costumava estar a ala.

Silas estava esparramado no chão, uma lasca de gelo com infusão de magia saindo de seu peito, sangue brotando onde se projetava através de sua camisa. Seus membros estavam flácidos e emaranhados, mas daqui eu vi o subir e descer de seu peito e sabia que ele estava vivo.

Marie esperou nas sombras pelo meu sinal, enquanto Deston e Cyrus observavam da floresta com o resto da Guarda dos Cavaleiros.

Eu tinha certeza de que Caím sabia, porque ele fez uma pausa, seus olhos percorrendo a área apertada e fechada, procurando as sombras do perímetro antes de se mover novamente.

Minhas barreiras mentais estavam trancadas, reforçadas por Deston e Cyrus. Eles eram impenetráveis, mas eu estava com dor de cabeça e manchas flutuavam diante dos meus olhos.

Luthor se abaixou, colocou a mão no meu ombro e apertou apenas uma vez.

Calma, Seraphina.

Luthor não olhou quando os pés de Caím esmagaram o gelo em nossa direção, mas meus olhos se moveram para cima, marcando sua aproximação. Seu sorriso se tornou feroz quando percebeu que eu estava observando, e seus passos diminuíram.

— Seraphina. Finalmente, fora de segundas chances.

A cabeça de Luthor virou para ele, o peso de sua mão ainda no meu ombro, firme e sólido, seu rosto uma máscara de raiva. De sua posição agachada, Luthor saltou, movendo-se rapidamente, sem esforço. Qualquer outro vampiro estaria morto, mas Caím evitou o ataque, e quando Luthor se virou, seu lado estava pintado de vermelho de sangue.

Eu não conseguia me mexer.

Eu só podia assistir meu macho - aquele que nunca me decepcionou, aquele tão disposto a morrer ao meu lado - investindo novamente, e desta vez, quando ele se virou, Caím levou a mão ao rosto, enxugando o vermelho jorrando abaixo de sua bochecha. Antes de Luthor atacar novamente, seu rosto estava completamente curado, e desta vez, ele pegou Luthor no ar, segurando-o como uma boneca de pano.

Por favor, eu implorei através do vínculo, rezando para que Caím me ouvisse, por favor, poupe-o.

— Você ouviu o quão docemente ela implora? — Caím cuspiu no rosto de Luthor. — Como uma mulher fraca e chorona, incapaz de governar.

O olhar que Caím me lançou não prometia misericórdia; garantiu retribuição.

— Você está errado. — Meu coração partido cantou com a convicção na voz de Luthor, com sua total fé em mim. — Ela é nossa rainha. E ela sempre será.

Houve um grunhido, e Caím jogou Luthor para longe. Sua cabeça atingiu uma das criptas com um estalo audível que fez a dor ecoar pelo laço. Lutei para respirar, lutei para me impedir de desmoronar. Minha mão livre se contraiu, meus dedos mal se movendo enquanto eu me esforçava para alcançar Luthor.

Ele estava mesmo respirando? Não consegui ver…

— Por favor — eu disse, as palavras pingando da minha boca enquanto eu queria Caím mais perto. — Por favor…

Eu lutaria esta batalha com nada além de minha astúcia e a lâmina dourada apertada na palma da minha mão suada. Eu teria uma chance, e eu teria que cronometrar perfeitamente. Um arrepio percorreu minha espinha quando os pés calçados de Caím apareceram.

— Um final tão patético, — Caím falou lentamente. — E pensar, você poderia ter governado ao meu lado e ter tudo.

Ele se agachou, e eu abri um olho.

Eu mal tinha energia suficiente para fazer isso, e eu esperava que Caím não sentisse minha magia, rolando no chão abaixo de nós, despertando os mortos de seu sono.

— Você me aborrece. — Minhas palavras eram laboriosamente lentas. —Já que você veio aqui para se vangloriar, continue com isso.

Caím soltou uma gargalhada, como se essa fosse a piada mais engraçada que ele já tinha ouvido.

Ele ainda estava a um metro de distância, muito longe. Seu olhar escuro percorreu meu corpo, estreitando em minha mão livre, jogada na grama, meus dedos se contraindo.

Nuvens flutuaram pela lua, lançando o cemitério na sombra, depois iluminando mais uma vez.

Ridículo.

Esse nosso plano era ridículo, e nunca funcionaria, e todos nós íamos morrer. Esse pensamento foi o suficiente para plantar uma semente de raiva dentro de mim, piscando fracamente antes de sair.

— Ainda tão desafiadora, mesmo na morte. Você daria uma adorável Rainha, Seraphina. Na verdade, a única que já conheci, digna

de mim. Mas em vez disso...— Ele se inclinou para mais perto. — Você escolheu morrer na lama.

Minha mão agarrou a faca com mais força, mas ele ainda estava fora de alcance, aquela expressão divertida e distante em seu rosto enquanto esperava para trazer o machado para baixo no meu pescoço.

— Antes de morrer, deixe-me dizer quais são meus planos para o clã. Primeiro, matarei todos aqui e deixar seus corpos para os comedores de carniça. Então exterminarei todas as casas reais, desde o senhor mais velho até o bebê mais novo. Então começarei com aqueles que foram feitos por vampiros menores, pois são aberrações.

Eu flexionei meus dedos ao redor do cabo da faca, desejando que ele desse apenas um passo mais perto. Fiz a pergunta para a qual não queria a resposta, mas tive que mantê-lo falando.

— E depois?

— E então, minha doce Seraphina, acabarei com as bruxas, os trocadores de pele, todos os outros erros de magia. Quando eu terminar, começarei com os humanos.

— Nós tivemos boa sorte com isso. Você se foi há muito tempo. Os humanos evoluíram. Você não tem chance contra eles.

Ele riu. — E aqui eu pensei que você fosse um vampiro, Seraphina. Você já está ansiando por sua antiga raça?

— Nós evoluímos, todos menos você. Você deveria ter passado mais tempo aprendendo sobre o mundo, Caím, e menos tempo se escondendo.

Suas mãos se fecharam em punhos, os nós dos dedos ficaram brancos. — Não me escondo de ninguém.

— Quem você está enganando? Você se esconde de todos. Porque se você não fizer isso, eles vão perceber o quão fraco você é. — Caím caiu de joelhos ao meu lado, as mãos plantadas na grama, o impacto sacudindo o chão abaixo de mim. — Eu. Não. Sou. Fraco.

— Você é totalmente.

Eu não tinha nenhuma magia real para combatê-lo. Eu não tinha energia para nada, exceto um golpe final, mas o lampejo de dúvida nos olhos de Caím me estimulou.

— Você não passam de um macho fraco. Ainda bem que Katarina o manteve trancado, ou todos saberiam.

Faíscas picaram meu rosto quando ele se inclinou, perto o suficiente eu vi cada pelo em seu rosto, o sangue descamando seco em sua bochecha. Sombras flutuavam em seus olhos, mascarando as estrelas, as infinitas profundezas de sua magia.

Por um segundo, deixei o medo me parar, medo do que eu me tornaria se tomasse essa magia em mim.

A dor lancinante atingiu minha palma, como se a faca lutasse para ser usada, assim como Marie avisou. Firmei meu aperto naquele punho dourado e ignorei o calor que ameaçava queimar minha mão. Eu nem estremeci, embora parecesse que o ouro estava sendo marcado em minha carne.

— Não sou eu quem está morrendo na lama — sibilou Caím, seus olhos escuros cheios de fúria exultante. — Eu não sou o…

Eu rolei para trás e girei a faca em direção ao seu estômago, o alvo mais suave. A lâmina brilhante cortou sem esforço a camisa rasgada, ainda mais fácil através de seu torso ensanguentado. O ponto afundou, mais fundo do que deveria, dada a pouca força que eu tinha.

Levou as duas mãos para arrastar a lâmina afiada de sua barriga para cima até que a lâmina parou com um baque contra seu esterno. Como Cyrus advertiu, sangue jorrou sobre minhas mãos, o calor escorregadio obsceno enquanto escorria pelos meus braços, encharcando as mangas do meu casaco.

Com um rosnado, Caím se jogou para trás, deixando a faca na minha mão, a ponta da lâmina brilhando com magia residual, e o sangue pingando de Caím. Seu rosto ficou frouxo quando ele vislumbrou o que eu segurava na minha mão, e toda a certeza se esvaiu de seu rosto.

Agora. Venha agora. Eu preciso de ajuda.

Mãos esqueléticas surgiram do chão ao redor de Caím, envolvendo seus tornozelos, seus pulsos, puxando-o para trás até que ele estivesse deitado de costas. Ele lutou, chutou-os para longe, gritando de dor e fúria.

Mais mortos-vivos se juntaram, mas ele os pisoteou até virar pó, seu olhar negro e odioso fixo em mim, suas mãos flexionadas, ansiosas para envolver minha garganta. Ele fez isso em dois passos quando dois braços ossudos envolveram sua cintura e o puxaram para trás, puxando-o para o chão. Ele balançou o cotovelo, e eu ouvi um poderoso

crack, vislumbrou uma coroa de joias azuis rolar pela grama, parar contra uma lápide.

Clemência.

Marie saiu das sombras e começou a cantar. Caím lançou uma explosão de poder em seu caminho. Ela ergueu um escudo branco de magia, mas tropeçou um passo para trás enquanto o bloqueava. Ela nunca parou de recitar o feitiço.

Deston apareceu à esquerda, Cyrus à direita. Cyrus colocou uma algema

– Os amortecimentos mágicos da prisão – em torno de um dos pulsos de Caím antes que meu companheiro envolvesse um chicote preto de sombra ao redor da garganta de seu irmão e começasse a apertar.

Eu teria rastejado para mais perto, mas não tinha controle sobre meus braços, nem sobre uma arma, já que a faca havia caído dos meus dedos dormentes. Meu corpo vazio e drenado estremeceu, então se rebelou completamente, e eu me esparramei, a menos de três metros de onde Caím estava, meu olhar frenético examinando a grama coberta de gelo.

Caím se livrou de suas amarras esqueléticas, os ossos se quebrando como palitos de fósforo, a magia de Deston se esvaindo em fiapos de fumaça preta. Ele se elevou a toda a sua altura.

Um balanço dos braços de Caím fez Cyrus voar. Ele arrancou as algemas de seu pulso como se fossem papel, os restos dobrados retinindo quando atingiram o mármore.

Eles foram todos reduzidos às dragas de nossa magia, até mesmo o canto de Marie ficou lento, vacilante. Meus olhos se ergueram para os dela, e ela firmou sua postura, ergueu as mãos e continuou, a magia faiscando em seus dedos.

— Você acha que pode pegar o que é meu por direito? — Ele rugiu, presas quase no queixo, sombras saindo de seus olhos e boca enquanto ele se concentrava em mim. —Vou torcer sua cabeça do seu corpo.

Sua mão se ergueu, a magia estalando na ponta dos dedos, mas Deston se colocou entre nós e recebeu o golpe, suas costas se curvando para fora quando Caím o atingiu com uma explosão mágica poderosa o suficiente para dividi-lo em dois. Náusea espessa e oleosa passou por

mim quando Deston sibilou de dor, a explosão agonizante pelo laço quase me fazendo vomitar.

Deston ficou de pé, vacilando ligeiramente, usando seu corpo como escudo.

Eu queria desviar o olhar. Eu não podia assistir, mas eu tinha que assistir. Eu tinha que estar lá para o meu companheiro, como ele estava lá para mim. Nós enfrentaríamos nosso fim juntos, como teríamos enfrentado o resto de nossas vidas, se tal presente tivesse sido concedido a nós.

Deston deu outro golpe duro, sangue espirrando quando sua cabeça virou para o lado, seus olhos vazios quando ele caiu na lama. — Basta, — Caím rugiu, e desta vez, Deston não se levantou.

Marie foi a próxima, desmoronando em uma pilha, olhos castanhos fixos.

Acabou eu pensei quando Caím agarrou as lapelas da minha jaqueta e me puxou do chão, meus pés balançando. Esmagado contra ele, eu não tive escolha a não ser olhar diretamente em seus olhos.

As estrelas se foram, substituídas por uma escuridão cheia de ódio.

Todos nós morreríamos aqui, e Caím erradicaria todos os outros, e logo suficiente, ninguém saberia que existimos. Qualquer raça de ser que Caím nos substituiu seria faminta e sombria, tão perversa quanto o Escuro que os gerou.

— Você pensou em me prender? — Caím sibilou, faíscas queimando meu rosto. — Você pensou que poderia me matar, como se eu fosse um vampiro comum?

Sangue encheu minha boca, escorreu pelos lados do meu rosto, encharcando a minha frente. Pisquei e tudo ficou vermelho. Eu estava bem e verdadeiramente morrendo.

As bordas da minha visão ficaram escuras, e eu me confortei com o conhecimento de que, embora não pudéssemos matá-lo, os militares dos Estados Unidos poderiam. Eles tinham armas nucleares, certo?

— Admita que falhou. — Claro, ele pediria isso porque, mesmo na morte, ele ainda queria mais.

— Nós não falhamos, — eu sussurrei, engasgando com meu sangue. — Você fez.

Caím me derrubou no chão quando uma dor ardente me atravessou, esculpindo-me tão profundamente quanto minha faca perfurou o intestino de Caím.

48

SERAPHINA

Eu queria uivar quando o poder de Caím disparou através de mim.

Cada respiração tinha gosto de cobre, cada lufada de ar doía, a dor torcendo meus ossos enquanto a magia negra de Caím inundava meu corpo.

Com cada piscada, estrelas brilhavam na parte de trás das minhas pálpebras, meu sangue fervendo com o calor nuclear fervendo em minhas veias. Uma vez que o fluxo começou, não pude pará-lo, nem o retardar. Sua magia surgiu em mim sem controle, com gosto de corrupção e cinzas de Caím magia tinha profundidades que eu nem sabia que existiam. Eu estava caindo direto, sem fundo à vista. Meu mundo inteiro se inclinou de lado enquanto a escuridão me levava

Não o gelo de Lyra — não o meu próprio fogo — mas algo contaminado, uma escuridão que deslizava e se contorcia com raiva contida. Se eu permitisse que esse poder me corrompesse, eu me transformaria em outra coisa.

Algo como Caím.

Eu empurrei de volta contra essa ideia, contra a magia suja, infundi-a com estrelas, então empurrei o poder rugindo de volta para dentro de mim, forçando-o a seguir, a obedecer.

Então a próxima onda começou. E o próximo.

Toda vez que eu tentava me levantar, a magia de Caím me derrubava. Toda vez que eu conseguia respirar trêmula, ela era arrancada de mim. Eu não sabia quanto tempo fiquei assim, de joelhos na lama, mas parecia durar para sempre. Foi pior do que qualquer coisa que eu já suportei.

Pior que Lyra, pior ainda que morrer.

A Magia de Caím transformou minha boca em cinzas, faíscas voando entre meus lábios, e ainda assim, eu o chupei até secar.

Cada gota amarga de sua magia fluiu em mim, enchendo minhas veias com poder, me enchendo de fogo. Eu tomei o controle de sua magia, então eu cravei meus calcanhares e fiz com que ele se comportasse.

Quando acabou, fiquei de joelhos, sem forças suficientes para fazer mais do que isso. Não se eu quisesse manter o controle sobre o que estava dentro de mim. Caím estava esparramado de costas, seus olhos olhando para todos os lugares - para mim, o cemitério, Marie se aproximou.

Olhos marrons, uma cor comum e normal. Talvez a cor que tinham antes dele se tornar... isso. Ele ficou pálido, sua pele manchada de sangue quase cinza enquanto a vida se esvaía dele, seu torso inteiro brilhando ao luar enquanto ele sangrava. Eu balancei para trás em meus calcanhares, mãos apoiadas em meus joelhos, e o vi morrer.

— Eu tirei seu poder de você — murmurei baixinho, observando seu rosto mudar. Furioso, surpreso, horrorizado ao perceber que tinha sido espancado por uma fraca e patética quase humana.

— Vou aprender a controlá-lo. Vou aprender a manejá-lo. — Eu levantei a mão, curiosamente observando o círculo de sombras girando acima da minha palma. Eles encheram o ar com poeira estelar até que todo o cemitério brilhou com uma luz sobrenatural.

— Eu queria ser a única a acabar com você. — Eu disse a ele, olhando para Deston, para Luthor, para Cyrus. A minha família, que nunca saiu do meu lado, a quem tanto pedi e dei tão pouco.

— Mas você não tirou de mim. — Eu disse a ele. — Não como você tirou do meu companheiro.

Mais rápido do que eu podia ver, Deston varreu um arco escuro de poder sobre seu irmão, e quando as sombras desapareceram, os olhos cegos de Caím olharam para o céu noturno.

Lamentamos muito, mas estávamos vivos.

A magia de Caím tinha propriedades curativas que eu nunca tinha imaginado, e logo todos estavam inteiros novamente. Luthor estava de pé novamente. O corte de Deston era uma linha fina e rosada. Alguns cavaleiros da Guarda examinaram o corpo de Caím com admiração antes de eu levantar a mão e transformá-lo em cinzas.

Não arriscando com isso.

— Você conseguiu, Fina. Cyrus me esmagou em seus braços, e eu me perguntei se ele planejava me deixar ir tão cedo. Não que eu me importasse.

— Nós fizemos isso, — corrigi-o, alto o suficiente para que todos ouvissem. Luthor esfregou a nuca, como se estivesse verificando se estava inteiro. —Todos nós, não só eu.

— Sim, bem, foi seu plano ridículo,— Cyrus murmurou em meu ouvido. — Mas, novamente, geralmente é.

— Algum dia, talvez você confie em mim. — Eu ri. — Mas espero que esta seja a última vez.

Eu não me mexi dos braços de Cyrus quando encontrei o olhar ardente de Deston, o azul gélido de Luthor e, os olhos escuros de Marie que estavam rindo, junto comigo.

— Obrigada — eu disse a eles. — Obrigada por me salvar. Por salvar minha família.

— Obrigada por salvar nosso mundo. — Os braços de Cyrus se apertaram ao meu redor enquanto eu olhava para meus amigos. Minha família. Meu povo.

— Assim como você lutou por mim, eu lutarei por você. Juro. — Sorri para Cyrus. — Agora vamos para casa.

EPÍLOGO
DESTON

Seis meses depois...

Os olhos dourados de Seraphina riram quando encontraram os meus, mas o nervosismo zumbiu nela como eletricidade, traído pelo jeito que ela continuava olhando para mim, o jeito que seus dedos puxavam suas mangas.

Você pode fazer isso, mon amour. Tenho total fé em você.

Quando Tessa colocou o bebê em seus braços, fechei os olhos e balancei quando as emoções da minha companheira me atingiram como um maremoto, oprimido por tudo o que ela sentia.

Temor, claro, mas muito mais do que isso. Um tipo de felicidade contente que varreu todo o resto, e quando o bebê abriu seus olhos azuis brilhantes...

— Oh meu Deus, ela está olhando diretamente para mim.

Seraphina ainda não estava pronta — ela me confidenciou isso ontem à noite, — mas algum dia ... algum dia, ela disse, gostaria de aumentar nossa família. Eu também não estava com pressa, mas só de pensar nela grávida... eu não conseguia decidir se isso me aterrorizava ou emocionava.

Eu ficaria muito honrado, se ela decidisse carregar um de nossos bebês, mas havia tanta coisa que ela queria fazer primeiro, e eu queria garantir que ela explorasse este mundo para o desejo de seu coração. Montamos uma corte de verão na Romênia, no Castelo de Brasov.

Ela se encontrou com a rainha Maeve na Irlanda para comparar notas, e passamos semanas em Dublin, explorando e fodendo e

apenas... vivendo. Vivendo. Isso é o que todos nós precisávamos, agora que Caím ficou para trás. Isso, e temos tempo para curar.

Agora que todos nós percebemos quão precária a vida pode ser, e quão rápido as coisas poderiam mudar.

— Olhe, Deston. Ela não é simplesmente... perfeita? Havia um tom de admiração na voz de Seraphina. O mesmo que eu sentia toda vez que olhava para a minha companheira.

O bebê começou a choramingar, e aquele trinado de nervosismo voltou. — Ok, Tessa, acho que terminei. — Seraphina entregou o cobertor rosa para uma Tessa rindo.

— Quase um minuto inteiro. Muito bom para o seu primeiro passeio como madrinha, — Tessa provocou. — Embora eu esperasse que você aparecesse com uma tiara e uma varinha.

— Sim, bem, você não me deu muito tempo para me preparar, estando duas semanas adiantada e tudo.

O riso flutuou do lado de fora, e eu olhei para fora, onde Luthor e Cyrus estavam com os machos de Tessa, fumando charutos. Beijei minha companheira na bochecha antes de sair para me juntar a eles.

— Sobre a porra da hora. — Silas tirou a embalagem de um charuto e me entregou. — Estávamos apostando se você sairia do lado dela.

— Eu debati ficar. — Peguei o isqueiro de Luthor, puxei um bocado de fumaça rica. — Às vezes, não posso deixá-la fora da minha vista. Espero que demore um pouco antes de me sentir confortável com isso.

— Depois de eras me escondendo atrás de uma máscara, eu estava tentando algo diferente.

Honestidade.

Eu decidi que mentiras eram mais fáceis, mas guardar segredos quase nos destruiu uma vez antes, e eu não permitiria que isso acontecesse novamente.

A mão de Luthor pousou no meu ombro, fumaça saindo da minha boca. — Nenhum de nós, meu irmão, nenhum de nós.

— Irmãos. Depois de uma vida inteira sozinho, tentando reconstruir uma família, eu tinha um. Irmãos, uma companheira e uma vida a ser vivida, estendendo-se à nossa frente.

— Mais do que eu jamais sonhei.

— E exatamente o que você merece.

Virei-me para as janelas da grande casa para encontrá-la me observando com lágrimas nos olhos. Minha companheira, minha amiga, minha amante.

Só por sua causa, eu disse a ela.

Só por sua causa.

Fim ...